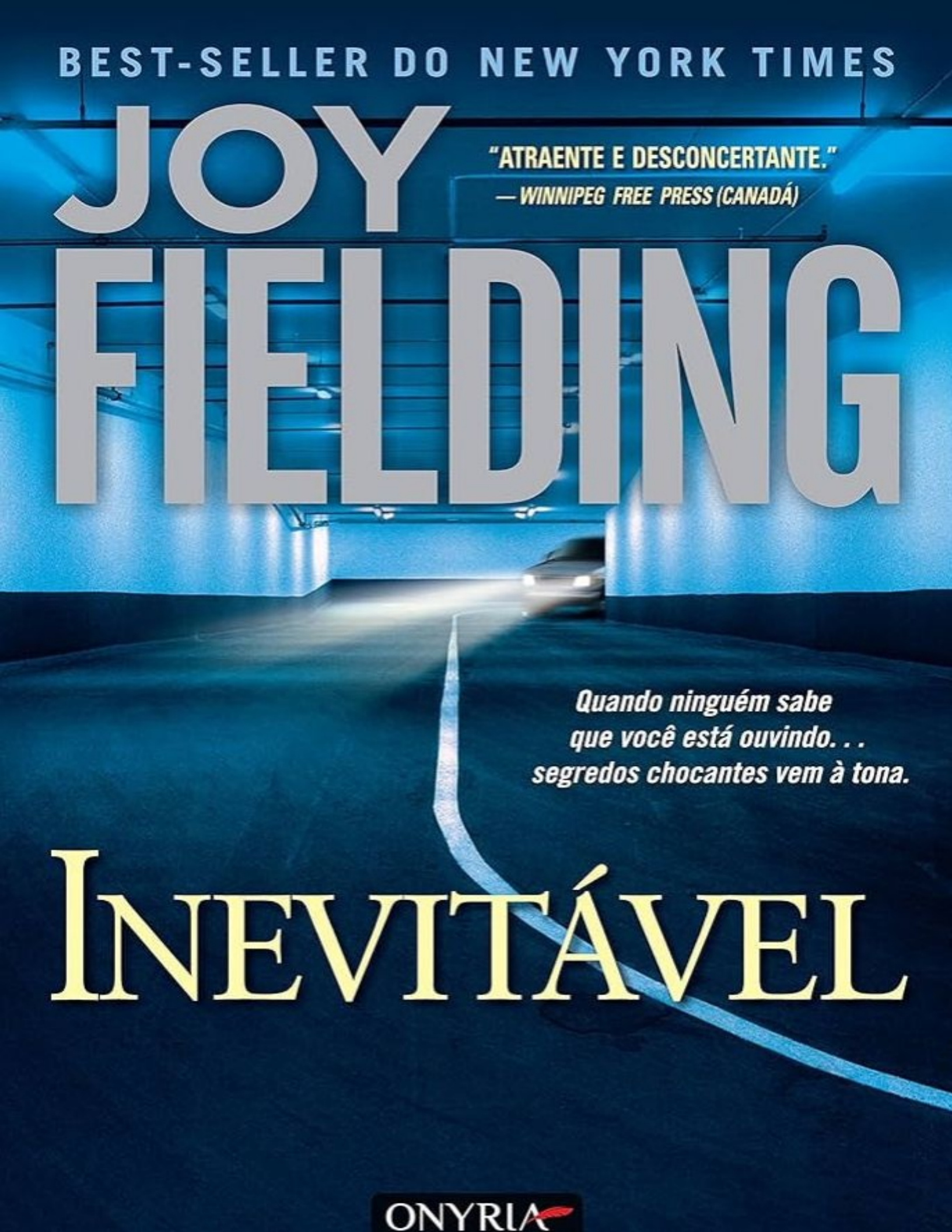
BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JOY FIELDING

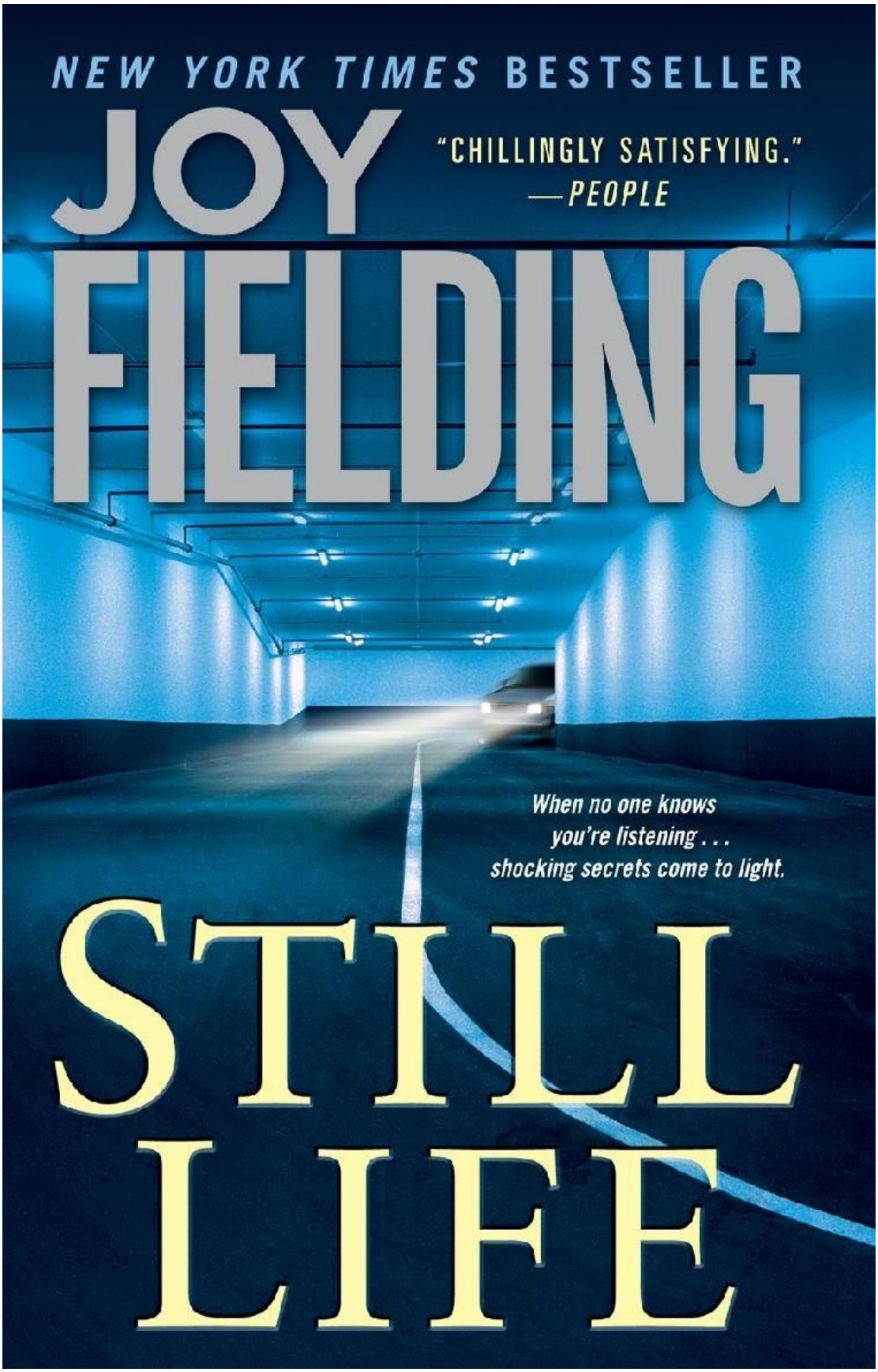
"ATRAENTE E DESCONCERTANTE."
—WINNIPEG FREE PRESS (CANADÁ)



Quando ninguém sabe que você está ouvindo. . . segredos chocantes vem à tona.

INEVITÁVEL

ONYRIA


NEW YORK TIMES BESTSELLER
JOY FIELDING
"CHILLINGLY SATISFYING."
—PEOPLE
When no one knows
you're listening . . .
shocking secrets come to light.
STILL LIFE

Índice

Dedicação

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Sobre Joy Fielding

Direitos autorais

Ninguém aumenta o suspense de um "thriller suburbano tenso " (Kirkus Reviews) como ele.

Joy Fielding

. . . o New York Times Autora best-seller que "se destaca por sua capacidade de compreender a fundo seus personagens — e seus leitores" (The Calgary Herald)!

Elogios para Joy Fielding e

NATUREZA MORTA

“Fielding proporciona reviravoltas arrepiantes e satisfatórias.”

-Pessoas

“Joy Fielding construiu uma sólida carreira escrevendo sobre mulheres inteligentes e bem-sucedidas que acordam um dia e descobrem que suas vidas estão em ruínas. Still Life é o livro mais ambicioso dela.”

—The Globe and Mail (Toronto)

“Impactante… A força de uma jovem mulher, tentando se comunicar e sobreviver, é fascinante. Este é um livro que você não conseguirá largar.”

— Guelph Mercury (Ontário, Canadá)

“Verdadeiramente fascinante. . . . De tirar o fôlego. . . . Uma premissa intrigante.”

—Lista de livros

“Joy Fielding é uma escritora talentosa, hábil tanto na construção da trama quanto na criação de personagens.”

—O San Diego Union-Tribune

“Envolvente. . . . [Fielding] mantém o suspense até a última página do thriller.”

—Winnipeg Free Press (Canadá)

Natureza Morta Também está disponível como eBook.

“Joy Fielding manipula com maestria nossas expectativas” (The Washington Post) nestes aclamados best-sellers!

A TEIA DE CHARLEY

"Uma tensão arrepiante."

—Lista de livros

“Uma ótima leitura, especialmente para fãs de Cold Squad e CSI , mas também para qualquer pessoa que aprecie um romance de suspense emocionante.”

— Winnipeg Free Press (Canadá)

PARADA CARDÍACA

"Emoções e arrepios com substância... Um drama familiar inteligente, um thriller tenso."

-Pessoas

"Leitura compulsiva... você ficará acordado a noite toda."

— Kirkus Reviews

“Uma reviravolta surpreendente... Emocionante e inesperadamente tocante.”

— Lista de livros

ESTRADA DO RIO LOUCO

"Suspense de roer as unhas... [Essas] mulheres em perigo excitam e encantam."

—Publishers Weekly

"Repleto de suspense... Cativante, de primeira qualidade... Fielding é um escritor magistral."

—Romantic Times (Uma das melhores escolhas, 4 estrelas e meia) FANTOCHE

“Quando é Joy Fielding quem está no comando, nós realmente não nos

importamos.”

—O Calgary Herald

PERDIDO

“Cativante à maneira de Um Olhar do Paraíso, de Alice Sebold .”

—Clube do Livro RT

Sussurros e mentiras

“Um livro que prende o leitor do início ao fim... com um final digno de Hitchcock... Aqueles familiarizados com o estilo peculiar de narrativa sinistra de Patricia Highsmith reconhecerão o caos que Fielding desencadeia com tanta astúcia.”

—Publishers Weekly

“Muito satisfatório. . . . Um desfecho totalmente inesperado.”

—Sun-Sentinel (Ft. Lauderdale, FL)

AVENIDA GRAND

“É difícil sentar e ler algumas páginas de um dos romances de [Fielding] e não querer ler o resto. Agora mesmo.”

—The Knoxville News-Sentinel (TN)

“Envolvente... fascinante.”

—Houston Chronicle

A PRIMEIRA VEZ

“Cada frase soa verdadeira.”

—The Orlando Sentinel (FL)

“Dramático e comovente... as emoções são quase palpáveis.”

—Richmond Times-Dispatch

Obrigado por adquirir este e-book da Atria Books.

Inscreva-se em nossa lista de e-mails e receba novidades sobre lançamentos, ofertas, conteúdo bônus e outros ótimos livros da Atria Books e da Simon & Schuster.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

ou visite nosso site para se inscrever em

eBookNews.SimonandSchuster.com

JOY FIELDING

STILL LIFE

ATRIA BOOKS

New York • London • Toronto • Sydney

Conteúdo

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Sobre Joy Fielding

A todas as mulheres verdadeiramente maravilhosas da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Desta vez, tenho muitas pessoas a agradecer. Como sempre, agradeço a Larry Mirkin e Beverley Slopen, que leram meus primeiros rascunhos com olhar crítico e coração generoso. Seus conselhos são inestimáveis. Agradeço também a

Judith Curr, Emily Bestler, Sarah Branham, Laura Stern, Louise Burke, David Brown e a todos os outros da Atria Books, que trabalham arduamente para que meus livros sejam um sucesso nos Estados Unidos, e a John Neale, Brad Martin, Maya Mavjee, Kristin Cochrane, Val Gow, Lesley Horlack, Adria Iwasutiak e à equipe da Doubleday Canada, uma divisão da Random House no Canadá.

Meus sinceros agradecimentos a todos os meus editores, revisores e tradutores ao redor do mundo. Sou muito grata a todos vocês. Agradeço também a Corinne Assayag, do

worldexposure.com , que fez um trabalho excepcional com meu site. E a Tracy Fisher e sua assistente, Elizabeth Reed, da William Morris Agency. Você tinha uma tarefa difícil pela frente, Tracy, e tenho certeza de que Owen está muito orgulhoso do trabalho que você está fazendo. Eu sei que estou.

As pessoas costumam me perguntar quanta pesquisa eu faço para meus livros, e sempre sou obrigado a admitir que detesto pesquisar, preferindo "inventar meus próprios fatos".

Mas existem Há momentos em que a pesquisa aprofundada se faz necessária, e eu não teria conseguido escrever Still Life sem a ajuda das seguintes pessoas: Dr. Alan Marcus, que me forneceu horas de anotações sobre o que pode acontecer a uma pessoa atropelada, incluindo os diversos exames hospitalares, cirurgias e procedimentos que podem ser realizados; Dr. Keith Meloff, que detalhou o que acontece com o cérebro de alguém em coma e os tipos de exames que podem ser feitos; e Dr. Terry Bates, que respondeu a muitas das minhas perguntas mais informais. Esses três senhores foram extremamente gentis e prestativos, e agradeço-lhes novamente.

Um agradecimento especial ao Dr. Eddy Slotnick e sua esposa, Vicki, que me forneceram muitas informações sobre Filadélfia e seus arredores. Consultei frequentemente as anotações que fiz durante nossas muitas conversas e espero ter reproduzido os detalhes corretamente.

E, claro, meus agradecimentos — além de abraços e beijos — vão para meu marido e minhas filhas. Um agradecimento especial à Shannon pela ajuda com meus e-mails. E à Aurora, por tornar minha vida mais fácil e por garantir que eu esteja bem alimentada. E, por fim, a vocês, leitores. Seu apoio e suas cartas de incentivo são uma fonte constante de alegria e satisfação. Continuem lendo, e eu

continuarei escrevendo.

1

Menos de uma hora antes de o carro a atingir em cheio a quase oitenta quilômetros por hora, arremessando-a a três metros de altura, quebrando quase todos os ossos do seu corpo e batendo sua cabeça contra o concreto duro, Casey Marshall estava sentada na elegante e estreita sala de jantar do Southwark, um dos restaurantes mais populares e sofisticados da Filadélfia, terminando o almoço com suas duas melhores amigas e lançando olhares furtivos para o belo e isolado pátio atrás delas. Ela se perguntava quanto tempo duraria o clima anormalmente quente de março, se teria tempo de correr antes do seu próximo compromisso e se deveria contar a Janine a verdade sobre o que realmente achava do seu último corte de cabelo. Ela já havia mentido e dito que gostou. Casey sorriu ao pensar em uma primavera antecipada e deixou seu olhar vagar por cima do ombro direito, passando pela luminosa pintura de natureza-morta de um buquê de enormes peônias rosas de Tony Scherman, em direção ao magnífico bar de mogno que era a peça central da sala principal do restaurante.

"Você odeia isso, não é?", ela ouviu Janine dizer.

“A pintura?” perguntou Casey, embora duvidasse. Janine até tinha reparado nisso. Janine costumava gabar-se de ser alheia ao que a rodeava. Dito isto, parecia sempre escolher apenas os restaurantes mais requintados e caros para almoçarem. "Acho fabuloso."

“Meu cabelo. Você acha que está horrível.”

“Não acho que seja horrível.”

“Você acha que é muito severo.”

Casey olhou diretamente nos intensos olhos azuis de Janine, vários tons mais escuros que os seus. "Um pouco, sim", concordou, pensando que os ângulos retos e geométricos do corte que emoldurava o rosto longo e fino de Janine enfatizavam demais o queixo já pontudo, especialmente quando combinados com o tom quase preto-azulado do cabelo.

"Eu estava simplesmente cansada da mesma coisa o tempo todo", explicou Janine, olhando para a amiga em comum, Gail, em busca de confirmação.

Gail, sentada ao lado de Janine e em frente a Casey na pequena mesa quadrada, assentiu com um aceno de cabeça. "Uma mudança é tão boa quanto um descanso", disse ela meio segundo depois de Janine, de modo que suas frases se sobrepuseram, como uma canção cantada em cânone.

“Quer dizer, nós não estamos mais na faculdade”, continuou Janine. “Já passamos dos trinta.

É importante se manter atualizado...”

“É sempre bom se manter atualizado”, concordou Gail.

“Já estava na hora de me livrar daquele penteado de Alice no País das Maravilhas.” O olhar de Janine se fixou nos cabelos naturalmente loiros que caíam suavemente sobre os ombros de Casey.

"Eu gostava do seu cabelo comprido", respondeu Casey, com um tom de deboche.

“Eu também”, concordou Gail, colocando algumas mechas castanhas encaracoladas atrás da orelha direita. Gail nunca teve problemas. com o cabelo dela. Parecia sempre que ela tinha acabado de pisar num choque elétrico. "Embora eu também goste assim", acrescentou.

“É, bem, era hora de seguir em frente. É o que você sempre diz, não é?” A pergunta veio acompanhada de um sorriso tão doce que era difícil saber se devia ou não se sentir ofendida. O que não foi difícil para Casey perceber foi que eles não estavam mais falando de cabelo.

“Está na hora de mais café”, anunciou Gail, fazendo um sinal para o garçom.

Casey decidiu ignorar as implicações mais profundas do comentário de Janine. Qual era o sentido de reabrir feridas antigas? Em vez disso, ofereceu sua xícara de porcelana branca com borda dourada ao garçom bonito e moreno, observando o líquido marrom quente escorrer graciosamente do bico da cafeteira de prata. Embora Casey soubesse que Janine nunca havia superado completamente sua decisão de deixar a agência de recrutamento jurídico que haviam cofundado logo após a faculdade para abrir seu próprio negócio no ramo totalmente diferente de design de interiores, ela se convenceu de que, depois de quase um ano, Janine pelo menos havia feito as pazes com isso. O que complicava as coisas era o fato

de que o novo negócio de Casey havia decolado, enquanto o de Janine havia parado completamente. E quem não se ressentiria disso? "É incrível como tudo que você toca vira ouro", Janine costumava observar, sempre com o sorriso deslumbrante que acompanhava o tom vagamente desagradável em sua voz, fazendo Casey questionar a validade de seus instintos. Provavelmente é só a minha consciência pesada, pensou Casey agora, sem ter certeza do que deveria se sentir culpada.

Ela tomou um longo gole de seu café preto, sentindo-o queimar a garganta. Ela e Janine eram amigas. Desde o segundo ano na Brown. Janine tinha acabado de trocar o curso de Direito pelo de Literatura Inglesa Avançada; Casey cursava Literatura Inglesa e Psicologia simultaneamente. Apesar das óbvias diferenças em suas personalidades — Casey geralmente a mais suave e flexível das duas, Janine a mais reservada e extrovertida; Casey a mais conciliadora, Janine a mais confrontadora — elas se deram bem imediatamente.

Talvez fosse um caso de opostos que se atraem, de uma mulher sentindo algo na outra que lhe faltava. Casey nunca se esforçou muito para analisar as forças que as uniram, ou por que sua amizade perdurou por uma década após a formatura, apesar das inúmeras

mudanças que esses dez anos trouxeram, mudanças que incluíram o fim da sociedade comercial e o recente casamento de Casey com um homem que Janine descreveu — com um sorriso radiante — como “perfeito pra caralho, é claro”. Casey preferiu ser grata.

Assim como era grata por sua outra amiga próxima, Gail, uma jovem muito menos complicada do que Casey ou Janine em praticamente todos os aspectos. Casey conhecia Gail desde o ensino fundamental e, embora mais de vinte anos tivessem se passado, Gail era essencialmente a mesma garota ingênua e de rosto aberto de sempre. Com Gail, o que você via era o que você tinha. E o que você tinha era uma mulher de trinta e dois anos que, apesar de muitas dificuldades, ainda terminava quase todas as frases com uma risadinha, como uma adolescente tímida, ansiosa para ser querida. Às vezes, ela até ria no meio de uma frase, ou mesmo enquanto falava, um hábito tão desconcertante quanto encantador.

Casey considerava isso o equivalente auditivo de um filhote oferecendo a barriga para ser acariciado.

Ao contrário de Janine, não havia fingimento por parte de Gail. Ela se preocupava, sem segundas intenções, sem pensamentos particularmente profundos. Geralmente, esperava até saber como você se sentia sobre algo antes de dar sua própria opinião. Ocasionalmente, Janine resmungava sobre a ingenuidade e o "otimismo implacável" de Gail, mas até ela havia sido obrigada a concordar que Gail era uma pessoa tão agradável que era bom estar perto dela. E Casey admirava a habilidade de ouvir os dois lados de uma discussão e fazer com que cada parte acreditasse que você estava do seu lado. Provavelmente era isso que a tornava uma vendedora tão boa.

"Está tudo bem?", perguntou Casey, voltando sua atenção para Janine e torcendo por um simples "sim" como resposta.

“Está tudo bem. Por quê?”

“Não sei. Você parece um pouco... não sei.”

“Claro que sim. Você sabe de tudo.”

“Veja bem, é exatamente isso que eu quero dizer.”

"O que você quer dizer?"

"O que você quer dizer?"

"Será que estou perdendo alguma coisa?", perguntou Gail, com seus grandes olhos castanhos alternando nervosamente entre as duas mulheres.

"Você está com raiva de mim?", perguntou Casey diretamente a Janine.

“Por que eu ficaria com raiva de você?”

"Não sei."

“Sinceramente, não sei do que você está falando.” Janine tocou o medalhão de ouro em seu pescoço e ajeitou a gola de sua impecável blusa branca Valentino. Casey sabia que era Valentino porque tinha visto em uma capa recente da Vogue . Ela também sabia que Janine não tinha condições de pagar quase dois mil dólares por uma blusa, mas, bem, Janine se vestia acima de suas possibilidades desde que Casey se lembrava. “É "É muito importante usar roupas bonitas",

disse Janine quando Casey questionou uma de suas compras mais extravagantes. E acrescentou: "Talvez eu não tenha nascido em berço de ouro, mas sei a importância de me vestir bem."

"Certo", disse Casey, pegando a colher de prata ao lado da xícara de café e girando-a na mão antes de deixá-la cair. "Isso é bom."

“Talvez eu esteja um pouco irritada”, admitiu Janine, sacudindo os cabelos recém-cortados em um corte geométrico. Várias mechas pretas e lisas roçaram o canto de sua boca generosa, e ela as afastou com impaciência. “Não com você”, acrescentou rapidamente.

“Qual é o problema?” Casey apertou o botão de repetição instantânea em sua mente, repassando rapidamente os últimos sessenta minutos. As mulheres haviam apreciado suas diversas saladas e taças de vinho branco; fofocaram e colocaram a conversa em dia sobre tudo o que acontecera nas duas semanas desde o último encontro. Tudo parecia bem. A menos que Janine ainda estivesse obcecada com o cabelo...

"É só aquele pirralho, Richard Mooney... você se lembra dele?", perguntou Janine a Casey.

“O cara que contratamos na Haskins, Farber?”

“O único e inigualável. O idiota se formou entre os piores da turma”, explicou ela para Gail.

“Não tem nenhuma habilidade social. Não consegue emprego nem por um decreto.

Ninguém, absolutamente ninguém, quer contratá-lo. Ele vem até nós. Eu digo para a Casey que ele é um perdedor, que não deveríamos contratá-lo, mas ela sente pena dele e diz que devemos dar uma chance. Claro. Por que não? Ela vai embora em breve, aliás.”

"Uau!", exclamou Casey, erguendo as palmas das mãos em sinal de protesto.

Janine dispensou a objeção de Casey com um sorriso radiante e um gesto com suas longas unhas francesas. "Estou só brincando. Além disso, nós o contratamos , e alguns meses depois você já tinha ido embora. Não é verdade?"

“Bem, sim, mas...”

“Então é só isso que estou dizendo.”

Casey estava tendo dificuldade para entender exatamente o que Janine estava dizendo. Ela teria sido uma ótima advogada, pensou Casey, se perguntando por que estavam falando de Richard Mooney.

“Então, voltando ao Richard Mooney”, disse Janine, como se Casey tivesse expressado sua confusão em voz alta. Ela voltou sua atenção para Gail. “E não é que conseguimos fazer algo por aquele pirralho? Acontece que uma das sócias da Haskins tinha uma queda pela Casey.

Ela piscou os cílios para ele algumas vezes a mais e ele concordou em dar uma chance ao Mooney.”

“Essa não era a razão”, interrompeu Casey.

“De qualquer forma, Mooney começa a trabalhar na Haskins, dura pouco mais de um ano e é demitida. Claro que, a essa altura, Casey já está em seu novo cargo como decoradora das estrelas. E quem sobra para lidar com as consequências?”

“Que consequências?”, perguntou Gail.

“Que estrelas?” perguntou Casey.

“Bem, não consigo imaginar a Haskins, a Farber está muito satisfeita”, disse Janine. “Não os vejo batendo à minha porta tão cedo, procurando um substituto. Mas adivinhem quem aparece na minha porta logo de manhã? O próprio pirralho! Ele quer um emprego, diz que erramos da primeira vez ao mandá-lo para a Haskins, que deveríamos ter sabido que não daria certo e que cabe a mim encontrar uma posição mais adequada para ele. Quando sugeri que ele procurasse outro lugar, ele ficou bastante chateado.” " Ele exigiu saber onde estava o responsável. Presumo que seja você." Janine acenou com a cabeça na direção de Casey. Uma mecha oblonga de cabelo preto-azulado caiu sobre seu olho esquerdo. "Ele causou um alvoroço danado. Quase precisei chamar a segurança."

“Isso é horrível”, disse Gail.

“Sinto muito”, Casey se desculpou. Janine tinha razão — fora ideia dela aceitar Richard Mooney; ela sentira pena dele; talvez tivesse piscado os cílios para Sid Haskins algumas vezes a mais. “Sinto muito”, repetiu, embora soubesse que essa não era a única vez que um advogado que elas haviam recomendado para um determinado escritório não dera certo. A própria Janine fora responsável por pelo menos duas parcerias que se provaram longe do ideal. Era como namoro online: pessoas que pareciam perfeitas no papel muitas vezes se mostravam tudo menos isso. Nunca se podia prever a química. Casey entendia — assim como Janine — que essas coisas aconteciam. No entanto, não achava que aquele fosse o momento apropriado para apontar isso.

"Não é sua culpa", admitiu Janine. "Não sei por que deixei ele me afetar. Devo estar de TPM."

“Falando nisso… bem, não, não exatamente”, disse Casey, parando para ponderar se deveria ou não continuar, antes de prosseguir. “Warren e eu temos conversado sobre ter um bebê.”

"Você está brincando", disse Janine, abrindo os lábios finos e inclinando o queixo comprido em direção à mesa.

"Não acredito que você esperou até o final da refeição para nos contar uma notícia tão emocionante", disse Gail, pontuando a frase com uma risada.

“Bem, até agora não passou de conversa.”

"E agora não é mais?" perguntou Janine.

“Vou parar de tomar a pílula no final do mês.”

“Isso é fantástico!” disse Gail.

"Tem certeza de que este é o melhor momento?", perguntou Janine. "Quer dizer, vocês não estão casados há muito tempo e acabaram de abrir um novo negócio."

“Os negócios vão muito bem, meu casamento não poderia estar melhor e, como você mencionou antes, não estamos mais na faculdade. Vou fazer trinta e três anos no meu próximo aniversário. O que deve coincidir com o nascimento do bebê. Se tudo correr conforme o planejado, é claro.”

"E quando é que não aconteceu?", perguntou Janine com um sorriso.

“Que bom para você.” Gail estendeu a mão por cima da mesa para dar um tapinha no dorso da mão de Casey. “Acho ótimo. Você será uma mãe incrível.”

“Você acha mesmo? Eu não dei um bom exemplo.”

“Você praticamente criou sua irmã”, observou Gail.

“É, e veja só como ficou bom.” Casey olhou para a pintura de natureza-morta por cima do ombro e respirou fundo, como se tentasse inalar o perfume das peônias rosa-claro.

"Como está o Drew, afinal?" perguntou Janine, embora o tom de sua voz indicasse que ela já sabia a resposta.

“Não tenho notícias dela há semanas. Ela não telefona, não responde às minhas mensagens.”

"Típico."

"Ela vai ligar", disse Gail. Desta vez, nenhuma risadinha suave acompanhou suas palavras.

Janine fez um gesto para o garçom pedir a conta, mexendo os dedos no ar, como se já fosse assiná-la. "Tem certeza de que quer abrir mão desse corpo perfeito?", perguntou a Casey enquanto o rapaz trazia a conta à mesa. "Nunca mais será a mesma coisa, sabia?"

“Está tudo bem. É...”

"...hora de seguir em frente?", ironizou Janine.

“Seus seios vão ficar maiores”, disse Gail.

"Isso será ótimo", disse Casey enquanto Janine dividia o valor.

“Cinquenta e cinco para cada um, incluindo a gorjeta”, anunciou Janine após alguns segundos. “Por que você não me dá o dinheiro e eu pago com meu cartão de crédito para agilizar as coisas?”

Casey sabia que o pedido de Janine não tinha nada a ver com economizar tempo e sim com deduzir o almoço de hoje como despesa comercial. "Então, o que você vai fazer neste fim de semana?", perguntou ela, entregando a Janine a quantia de dinheiro necessária.

"Tenho um encontro com aquele banqueiro com quem saí semana passada." Os olhos azuis de Janine já estavam ficando opacos de tédio.

“Que bom”, disse Gail. “Não é?”

"Na verdade não. Mas ele tem ingressos para Jersey Boys, e você sabe como é difícil conseguir ingressos, então como eu poderia recusar?"

“Ah, você vai adorar”, disse Casey. “É fabuloso. Eu vi a versão original na Broadway há alguns anos.”

“Claro que sim.” Janine sorriu enquanto se levantava da cadeira. “E esta semana você estará com seu marido maravilhoso, fazendo bebês maravilhosos juntos. Desculpe”, disse ela em seguida. “Estou sendo uma verdadeira chata. Com certeza estou de TPM.”

"Para onde você vai agora?", perguntou Gail a Casey enquanto pegavam seus casacos com o maître.

“Acho que vou ficar por aqui mesmo. Estava pensando em ir correr, mas acho que não tenho tempo suficiente antes do meu próximo compromisso.” Casey olhou para o relógio.

Era um Cartier de ouro, um presente do marido no segundo aniversário de casamento deles, no mês passado.

“Guarde suas energias para hoje à noite”, aconselhou Janine, inclinando-se para dar um beijo na bochecha de Casey. “Vamos, Gail, eu te levo de volta para o trabalho.”

Casey observou suas duas amigas caminhando pela South Street de braços dados, pensando nelas um interessante estudo de contrastes: Janine alta e contida, Gail mais baixa e expansiva em todas as direções ao mesmo tempo; Janine com uma taça cara de champanhe, Gail com uma caneca de chope.

O que a fazia... o quê? Casey se perguntou. Talvez devesse experimentar um corte de cabelo mais moderno. Embora, quando é que cabelo loiro comprido já tinha saído de moda? E

combinava com o formato oval suave do seu rosto, sua tez clara e traços delicados. "Nem tente me dizer que você não foi a rainha do baile", Janine dissera pouco depois de se

conhecerem, e Casey riu e permaneceu em silêncio. Afinal, o que ela poderia dizer? Ela tinha sido a rainha do baile. Também fora capitã dos times de debate e natação, e tirara notas quase perfeitas no SAT, mas as pessoas sempre se interessavam menos por isso do que por sua aparência e seu patrimônio. "Alguém me disse que seu pai vale uma fortuna", Janine comentara em outra ocasião. Novamente, Casey permaneceu em silêncio. Sim, era verdade que sua família era quase obscenamente rica. Também era verdade que seu pai fora um notório mulherengo, sua mãe uma alcoólatra egocêntrica e sua filha mais nova... A irmã de Casey era uma festeira viciada em drogas, a caminho de se tornar uma completa fracassada. Quatro anos depois de se formar na faculdade, seus pais morreram quando o jato particular em que viajavam caiu na Baía de Chesapeake durante uma tempestade, tornando oficialmente sua irmã uma completa fracassada.

Eram esses pensamentos que absorviam a atenção de Casey enquanto ela caminhava pela South Street, a versão da Filadélfia para Greenwich Village, com sua coleção de cheiros fortes, estúdios de tatuagem decadentes, lojas de couro descoladas e galerias de vanguarda.

Verdadeiramente um mundo à parte, pensava ela enquanto cruzava para o sul da Filadélfia e se dirigia para o grande estacionamento coberto na Washington Avenue. Esse era o problema de almoçar nessa área: era quase impossível encontrar uma vaga para estacionar, e assim que você se afastava da South Street, a linha divisória entre o centro da cidade e o sul da Filadélfia, você estava praticamente em território do Rocky .

Casey entrou no estacionamento e pegou o elevador até o quinto andar, retirando as chaves do carro de sua enorme bolsa de couro preta enquanto caminhava em direção ao seu Lexus esportivo branco, estacionado no final da plataforma. Ela ouviu o ronco de um motor à distância e olhou por cima do ombro, mas não viu nada. Além das fileiras de carros multicoloridos, o lugar estava deserto.

Ela só ouviu o carro quando ele já estava quase em cima dela. Estava se aproximando do seu Lexus, braço direito estendido, polegar no botão do controle remoto para destravar a porta do motorista, quando um SUV prateado surgiu em alta velocidade na esquina, vindo em sua direção. Ela não teve tempo de ver o rosto do motorista, de determinar se era um homem ou uma mulher ao volante. Não teve tempo de sair da frente. Num instante estava caminhando em direção ao seu carro, no seguinte estava sendo arremessada. Ela foi arremessada pelo ar, com braços e pernas se estendendo em quatro direções diferentes ao mesmo tempo. Segundos depois, caiu com estrondo, um amontoado de ossos quebrados, a cabeça batendo com força no asfalto.

Pouco tempo depois, o SUV desapareceu nas ruas do sul da Filadélfia, e Casey Marshall caiu no esquecimento.

2

Ela abriu os olhos para a escuridão.

E não era uma escuridão qualquer, pensou Casey, esforçando-se para captar ao menos um vislumbre de luz. Era o preto mais profundo que ela já vira, uma parede de densidade impenetrável que a impedia de enxergar por cima ou ao redor, sem oferecer sequer um vislumbre de sombra ou penumbra. Como se tivesse caído em uma caverna subterrânea profunda. Como se tivesse tropeçado acidentalmente no buraco negro do universo.

Onde ela estava? Por que estava tão escuro?

“Olá? Tem alguém aí?”

Ela estava sozinha? Alguém conseguia ouvi-la?

Não havia resposta. Casey sentiu uma pequena bolha de pânico se materializar em seu peito e tentou controlar seu crescimento com uma série de respirações profundas e ritmadas. Tinha que haver uma explicação lógica, assegurou a si mesma, recusando-se a ceder ao medo, sabendo que, se o fizesse, ele se expandiria até não haver mais espaço para nada, e então a bolha, agora monstruosa, estouraria, espalhando seu veneno por suas veias e circulando por todo o seu corpo.

“Alô? Alguém consegue me ouvir?”

Ela abriu bem os olhos, depois os apertou, ao ouvir Janine. Uma repreensão soou em sua mente, lembrando-a de que franzir a testa causa rugas. "Janine", Casey sussurrou, vagamente se lembrando do almoço que tiveram juntas... Quando? Há quanto tempo?

Não demoraria muito, concluiu Casey. Ela não a tinha deixado ali há pouco tempo? Sim, era isso mesmo. Ela tinha almoçado com Janine e Gail na South Street — comido uma deliciosa salada morna de frango com mamão e tomado uma taça de Pinot Grigio — e depois ido até a Washington Street buscar o carro. E depois?

E então... nada.

Casey se imaginou subindo a ladeira de concreto do antigo estacionamento em direção ao seu carro, ouviu o som dos saltos de seus sapatos Ferragamo pretos batendo no pavimento irregular e, em seguida, outro som, um estrondo, como um trovão distante. Estava se aproximando. O que era aquilo? Por que ela não conseguia se lembrar?

O que estava acontecendo?

Foi naquele exato momento que Casey percebeu que não conseguia se mexer. "O quê... " ela começou, e então parou, a sensação de aperto no peito se espalhando instantaneamente para sua garganta, roubando-lhe a voz. Por que ela não conseguia se mexer? Será que estava amarrada?

Ela tentou levantar as mãos, mas não as sentia. Tentou chutar, mas também não conseguiu encontrar os pés. Era como se não existissem, como se fosse uma cabeça sem tronco, um corpo sem membros. Se ao menos houvesse alguma luz. Se ao menos pudesse ver alguma coisa. Qualquer coisa que lhe desse uma pista sobre sua situação. Ela nem sabia se estava deitada ou sentada, percebeu, tentando virar a cabeça; quando não conseguiu, fez um esforço para levantá-la.

Fui sequestrada, pensou ela, ainda tentando entender a situação. Algum lunático a raptou.

Ele a tirou do estacionamento e a enterrou viva no quintal. Ela não tinha visto um filme assim há muito tempo? Era estrelado por Kiefer Sutherland como o herói e Jeff Bridges como o vilão, e Sandra Bullock não tinha feito uma pequena participação como a namorada de Kiefer, a pobre coitada que foi drogada com clorofórmio em um posto de gasolina e acordou em um caixão subterrâneo?

Ai, meu Deus, ai, meu Deus. Será que algum lunático viu esse filme e resolveu imitá-lo?

Mantenha a calma. Mantenha a calma. Mantenha a calma.

Casey lutou para recuperar o controle de sua respiração agora irregular. Se ela havia sido sequestrada, se estava deitada em um caixão sob o chão frio, isso significava que seu suprimento de ar era limitado e era imprescindível que não o desperdiçasse. Embora não sentisse falta de ar, percebeu. Nem sentia frio. Nem

calor. Nem nada.

Ela não sentiu absolutamente nada.

"Está bem, está bem", sussurrou ela, esforçando-se para ver algum vestígio de sua respiração na escuridão. Mas, novamente, não havia nada. Casey fechou os olhos, contando silenciosamente até dez antes de abri-los novamente.

Nada.

Nada além de uma escuridão profunda e infinita.

Ela estava morta?

“Isso não pode estar acontecendo. Não pode ser.”

Claro que não estava acontecendo, ela percebeu com um súbito alívio. Era um sonho. Um pesadelo. O que havia de errado com ela? Por que não tinha percebido isso antes? Ela poderia ter se poupado de muita angústia desnecessária e energia desperdiçada. Ela deveria ter sabido desde o início que estava sonhando.

Agora tudo o que ela precisava fazer era acordar. Vamos lá, boba. Você consegue. Acorda, droga. Acorda.

Só que ela não se lembrava de ter ido para a cama.

“Mas eu devo ter feito isso. Eu devo ter feito isso.” Obviamente, o dia inteiro tinha sido um sonho. Ela não tinha se encontrado com Rhonda Miller às nove da manhã para discutir suas ideias para decorar o novo apartamento dos Miller à beira do rio. Ela não tinha passado algumas horas conferindo a grande variedade de tecidos na Rua dos Tecidos. Ela não tinha encontrado suas amigas para almoçar em Southwark. Elas não tinham falado sobre o cabelo de Janine ou sobre seu encontro desagradável com Richard Mooney. Aquele pirralho, Janine o havia chamado.

Desde quando ela conseguia se lembrar dos seus sonhos com tantos detalhes? Casey se perguntou. Principalmente enquanto ainda estava sonhando. Que tipo de pesadelo era esse? Por que ela não conseguia acordar?

"Acorda!", ela insistiu. Depois, repetiu em voz alta: "Acorda!". E então, ainda mais alto:

"Acorda!". Ela tinha lido em algum lugar que às vezes era possível acordar com um grito alto, um grito que literalmente a impulsionaria de um nível de consciência para outro.

"Acorda!", ela gritou com toda a força dos pulmões, esperando não assustar Warren, que sem dúvida dormia tranquilamente ao lado dela na cama king-size, com os braços levemente em volta dela.

Talvez fosse por isso que ela não conseguia se mexer. Talvez Warren tivesse adormecido com o corpo estendido sobre o dela, ou talvez o edredom de plumas tivesse se enrolado ao redor dela, como um casulo, impedindo-a de se mover ou sentir os braços e as pernas. Só que Casey sabia, mesmo enquanto pensava nisso, que não fazia sentido. Ela sempre conseguia sentir quando o marido estava por perto. Agora, não sentia nada.

Warren Marshall tinha quase 1,83 m de altura e 84 kg de músculos bem definidos, graças a treinos três vezes por semana. Os treinos aconteciam na pequena academia boutique no sofisticado bairro de Rosemont, na região de Main Line, onde moravam. Casey não conseguia detectar nenhum vestígio de sua presença, nenhum cheiro de seu aroma limpo e masculino.

Não, ela percebeu, enquanto uma nova onda de medo se instalava em seu estômago.

Warren não estava ali. Ninguém estava ali. Ela estava completamente sozinha.

E ela não estava sonhando.

"Alguém", ela gritou. "Alguém, por favor, me ajude."

Suas palavras ecoavam em seus ouvidos, causando apenas algumas ondulações no silêncio opressivo que a envolvia. Casey jazia em seu buraco negro, esperando em vão que seus olhos se acostumassem à escuridão, e chorava no vazio.

• • •

Ela adormeceu e sonhou que era uma criança jogando golfe com o pai. Ela tinha apenas dez anos quando ele a levou pela primeira vez ao Merion Golf Club, o exclusivo campo particular do qual ele era sócio, e ele passou horas no driving range com ela, pacientemente trabalhando para aperfeiçoar seu swing, proclamando orgulhosamente a qualquer um que estivesse por perto que ela era um talento nato. Ela tinha doze anos quando fez menos de cem tacadas pela primeira vez, quinze quando fez menos de noventa, vinte quando conseguiu o primeiro de seus dois hole-in-ones. Ela se lembrou de ter se oferecido para ajudar a irmã mais nova com o jogo, mas Drew recusou categoricamente, preferindo se debater desamparadamente, jogando os tacos no chão e saindo do campo furiosa. "Deixe-a ir", ela ouviu o pai dizer. " Você é a atleta da família, Casey." Ele não a havia nomeado em homenagem a Casey Stengel?, ele a lembrou. “Então, tudo bem, escolhi o esporte errado”, ele dizia, rindo, e a mãe dela revirava os olhos azuis claros e se virava para conter um bocejo, já tendo ouvido a anedota também. Muitas vezes, ela já não achava aquilo minimamente engraçado. Se é que algum dia achou.

"Certo, alguém pode me atualizar, por favor?" Casey ouviu seu pai dizer naquele momento.

Casey sentiu o ar ao redor de sua cabeça começar a girar, como se alguém estivesse chacoalhando um pandeiro perto de seu rosto.

“Sim, Dr. Peabody”, disse o pai dela.

Quem era o Dr. Peabody? O Dr. Marcus era o médico da família, desde que ela se lembrava.

Então, quem era esse tal de Dr. Peabody? E o que ele estava fazendo no sonho dela?

Foi então que Casey percebeu que não estava mais dormindo e que a voz que ouvira não pertencia ao seu falecido pai, mas a alguém vivo e bem, que estava a poucos metros de distância. Ela abriu os olhos. Ainda estava tudo escuro, então ela não conseguia ver ninguém. Mas pelo menos não estava sozinha, pensou, agradecida. E as vozes estavam definitivamente perto. Certamente, mais cedo ou mais tarde, alguém a encontraria. Tudo o que ela precisava fazer era usar a própria voz para guiá-los.

"Estou aqui!", ela gritou.

“A paciente”, respondeu alguém, ignorando seu desabafo, “é uma mulher de trinta e dois anos que foi vítima de um atropelamento com fuga ocorrido há aproximadamente três semanas. Mais precisamente, em 26 de março.”

"Ei, você aí", chamou Casey. "Dr. Peabody, presumo! Estou aqui."

“Ela está em suporte de vida, tendo sofrido múltiplos traumas, incluindo múltiplas fraturas na pélvis, pernas e braços, que exigiram cirurgias extensas”, continuou o médico. “Os fixadores externos em seus ossos permanecerão no local por pelo menos mais um mês, assim como os gessos em seus braços.” Mais grave ainda, houve uma hemorragia

abdominal maciça, que levou a um sangramento na cavidade abdominal. Os médicos realizaram uma laparotomia exploratória e descobriram uma ruptura do baço. Em seguida, foi realizada uma esplenectomia.

Do que diabos ele estava falando? Casey se perguntou. De quem ele estava falando? E por que a voz dele ficava oscilando, forte num minuto e fraca no seguinte? Será que era mesmo a voz de um homem? Ela se perguntou. E por que soava tão pesada, como se estivesse coberta por uma grossa camada de melaço? Será que eles estavam debaixo d'água? "Ei", ela chamou. "Você acha que poderia conversar sobre isso mais tarde? Eu realmente gostaria de sair daqui."

“Felizmente, uma ressonância magnética determinou que não havia nenhuma fratura na coluna cervical ou lombar, o que poderia ter levado à paralisia dos membros inferiores...”

“'Sorte' seria uma escolha de palavras estranha neste caso, não acha, Dr. Peabody?”

interrompeu a primeira voz. “Considerando que a paciente pode ficar em coma pelo resto da vida.”

Que paciente? Casey se perguntou. Quem eram aquelas pessoas? Estaria ela no túnel subterrâneo de um hospital? Seria por isso que estava tão escuro? Como ela tinha chegado ali? E por que ninguém conseguia ouvi-la? Estariam eles mais longe do que ela imaginara?

“Sim, senhor. Não quis sugerir isso—”

“Dr. Benson, gostaria de continuar?”

Dr. Benson? Quem era o Dr. Benson?

“Constatou-se que o paciente apresentava uma hemorragia subdural”, continuou outra voz, embora estivesse ficando difícil distinguir uma voz da outra, “e o Dr. Jarvis fez um orifício no crânio para remover o sangue de logo abaixo do osso craniano, a fim de permitir que ele drenasse.”

“E qual é o prognóstico?”

“Geralmente bom na maioria dos casos, especialmente quando o paciente é jovem e está em tão boas condições físicas quanto a Sra . Marshall...”

Sra. Marshall? Sra. Marshall? "Com licença, mas esse é o meu nome." De quem eles estavam falando? Existia outra Sra. Marshall? Ou era algum tipo de farsa elaborada pela Janine? "Ok, pessoal. Vocês já se divertiram o suficiente. Chega. Alguém pode, por favor, me dizer o que está acontecendo?"

“...Mas o paciente também sofreu uma concussão cerebral grave, que o levou ao coma.

Realizamos várias ressonâncias magnéticas nas últimas três semanas, que mostram que a hemorragia subdural está se dissolvendo e desaparecendo, mas o choque no cérebro continua, então é muito cedo para saber se o dano é permanente ou não.”

“Então me diga, Dr. Rekai”, disse o médico responsável. “Qual é o prognóstico final?”

“É impossível saber com certeza neste momento”, foi a resposta. “O cérebro do paciente foi abalado, como se costuma dizer.”

"Quem disse isso?", perguntou Casey, indignada com a brutalidade casual da avaliação. Uma pobre mulher estava em coma e eles estavam sendo insensíveis e levianos em relação à sua condição.

"Por quanto tempo vocês estimam que ela permanecerá em suporte de vida?", perguntou alguém.

“É muito improvável que a família dela considere desligar os aparelhos que a mantêm viva neste momento. O hospital também não aprovaria nenhuma tentativa nesse sentido. A paciente tem um coração forte e seu corpo está funcionando, então sabemos que seu cérebro está funcionando, embora com um nível de atividade reduzido. Casey Marshall pode ficar no respirador por anos, ou pode acordar amanhã.”

“Casey Marshall?” Casey repetiu incrédulo. Do que ele estava falando? Da possibilidade de haver mais de um Casey Marshall...

"O fato de ela ter aberto os olhos ontem tem alguma importância?", perguntou alguém.

“Infelizmente não”, veio a resposta imediata. “Não é incomum uma paciente em coma abrir os olhos. Como você sabe, é uma ação involuntária, assim como piscar. Ela não consegue ver nada, apesar de suas pupilas estarem reagindo à luz.”

Casey sentiu movimento ao seu redor novamente, embora não conseguisse entender o que era. De que luz estavam falando?

“E o tubo de traqueostomia?”

“Vamos realizar uma traqueostomia amanhã à tarde.”

"Uma traqueostomia?", perguntou Casey, indignado. "Que diabos é isso?"

“Dr. Benson, o senhor poderia nos explicar o que envolve uma traqueostomia?”

"Você me ouviu?" Uma onda de euforia invadiu Casey. "Você realmente ouviu minha pergunta! Graças a Deus. Oh, graças a Deus. Eu não sou a mulher de quem você está falando, aquela pobre mulher em coma. Você me deixou tão preocupada."

“Uma traqueostomia normalmente é realizada em um paciente após ele estar com o tubo de traqueostomia por mais de algumas semanas”, respondeu o Dr. Benson. “Se o paciente não estiver sofrendo de insuficiência respiratória e estiver relativamente confortável, como parece ser o caso deste paciente, então uma traqueostomia deve ser realizada, caso contrário, o tubo irá corroer a traqueia.”

“E o que exatamente está envolvido nesse procedimento, Dr. Zarb?”

Dr. Dr. Dr. Dr. Peabody? Como Havia muitos médicos lá? Por que ela não podia ver nenhum deles? E por que continuavam a ignorá-la? Ela não era a mulher de quem estavam falando, essa pobre infeliz em coma. Possivelmente por anos. Não, não podia ser. Possivelmente para o resto da vida. Meu Deus, não! Não pode ser. Era horrível demais até para pensar nisso. Preciso sair daqui. Preciso sair daqui agora mesmo.

“Fazemos uma incisão no pescoço, chamada ostium”, explicou o Dr. Zarb sem que lhe fosse perguntado mais nada, “por meio da qual a cânula de traqueostomia é inserida diretamente no pescoço, em vez de pela boca. Se, posteriormente, o paciente conseguir respirar sem a ajuda do ventilador, removemos a cânula e deixamos que ela se feche sozinha.”

“Há muita chance disso acontecer neste caso, Dr. Ein?”

“Impossível dizer neste momento. A paciente tem vários fatores a seu favor: Casey Marshall é jovem. Ela está em ótima forma física. Seu coração está funcionando perfeitamente...”

Não. Não vou dar ouvidos a isso. Não pode ser verdade. Simplesmente não pode ser. Eu não sou a mulher de quem vocês estão falando. Eu não estou em coma. Não estou. Não estou.

Por favor, Deus. Me tire daqui.

“...E não se esqueça que ela é filha de Ronald Lerner.”

Eu consigo te ouvir! Como posso estar em coma se consigo te ouvir?

Para aqueles que são muito jovens para se lembrarem, Ronald Lerner era um empresário de caráter moral duvidoso que fez fortuna no mercado de ações e morreu em um acidente de avião há alguns anos. Ele deixou a maior parte de sua considerável herança para a jovem que vocês veem em coma diante de si, provando não apenas que o dinheiro não compra a felicidade, mas também que não protege contra os caprichos do destino. Embora pelo menos Casey Marshall poderá arcar com os melhores custos de atendimento médico particular assim que receber alta do hospital.”

Isso não está acontecendo. Não está acontecendo.

"Mais alguma pergunta?", perguntou alguém. Casey achou que poderia ser o Dr. Ein, mas as vozes estavam ficando cada vez mais difíceis de distinguir umas das outras.

"Quando é que o tubo de alimentação pode ser retirado?", ela achou ter ouvido alguém perguntar — o Dr. Peabody? O Dr. Zarb? Que diabos é um tubo de alimentação?, ela se perguntou freneticamente.

"Só quando a paciente conseguir se alimentar sozinha", foi a resposta, então Casey concluiu que deveria haver algum tipo de sonda de alimentação conectada ao estômago dela.

Quero ir para casa. Por favor, me deixem ir para casa.

“E o soro com antibiótico?”

“Não antes de pelo menos mais uma semana. A paciente está muito suscetível a infecções devido a todos os procedimentos pelos quais passou. Esperamos poder iniciar a fisioterapia assim que os gessos forem removidos. Certo? Alguma outra pergunta antes de prosseguirmos?”

Sim! Você tem que começar tudo de novo, do começo. Explique tudo o que aconteceu: o acidente, como cheguei aqui, o que vai acontecer comigo agora. Você não pode simplesmente me deixar sozinha no escuro. Você não pode ir embora e fingir que eu não existo. Você tem que voltar. Eu consigo te ouvir! Isso não significa nada?

“Doutor Ein”, disse alguém.

“Sim, Dr. Benson.”

“A paciente parece estar em sofrimento. Ela está fazendo caretas e sua frequência cardíaca está aumentando.”

O que está acontecendo?

“É possível que ela esteja sentindo alguma dor. Vamos aumentar a dose de Dilaudid, Demerol e Ativan que ela está tomando.”

Não, eu não preciso de drogas. Não estou com dor. O que eu preciso é de drogas? É preciso que você me ouça. Por favor, alguém me ouça!

“Isso deve te deixar mais confortável, Casey”, disse o médico.

Não. Não me sinto confortável. Não me sinto nada confortável.

“Muito bem, vamos em frente.”

Não. Espere—não vá. Por favor, não vá. Houve um grande engano. Eu não posso ser a mulher de quem você está falando. Eu não posso. Nada disso está acontecendo. Você precisa voltar. Eu preciso fazer você entender que eu não estou em coma. Deus, por favor.

Você precisa fazer essas pessoas entenderem que eu consigo ouvi-las. Se você fizer isso, eu prometo que serei uma pessoa melhor. Serei uma esposa melhor, uma amiga melhor, uma irmã melhor. Por favor. Você precisa me ajudar. Estou com tanto medo. Eu não quero passar o resto da minha vida deitada aqui, sem poder ver, me mexer ou falar. Eu quero abraçar meu marido de novo e rir com meus amigos. Eu quero me reconciliar com o Drew.

Por favor. Não deixe isso acontecer. Não pode estar acontecendo. Não pode.

Casey sentiu seus pensamentos começarem a vacilar e se dispersar. De repente, ficou muito tonta. Dilaudid, Demerol, Ativan, pensava ela enquanto sentia os olhos se fecharem.

Segundos depois, ela já estava dormindo.

3

“ Casey”, ela ouviu alguém dizer baixinho. E depois, de novo, com mais firmeza. “Casey.

Acorde, querida.”

Relutantemente, Casey sentiu-se sendo trazida à consciência pela voz do marido. Abriu os olhos e viu Warren pairando sobre ela, seus belos traços distorcidos pela proximidade do rosto, de modo que ele parecia inchado e grotesco. "O que está acontecendo?", perguntou, tentando se livrar do estranho sonho que tivera, e notando que o rádio-relógio ao lado da cama king-size marcava 3h da manhã.

"Tem alguém na casa", sussurrou Warren, lançando um olhar preocupado por cima do ombro esquerdo.

Casey seguiu o olhar dele através da escuridão, seu pulso acelerando enquanto ela se sentava.

“Acho que alguém pode ter entrado por uma janela do porão”, continuou ele. “Tentei ligar para o 911, mas as linhas estão mudas.”

“Ai, meu Deus.”

“Está tudo bem. Eu tenho a arma.” Ele a ergueu, o cano brilhando no reflexo da meia-lua do lado de fora da janela.

Casey assentiu com a cabeça, lembrando-se da discussão que tiveram. sobre a insistência dele em manter uma arma em casa. "Para nossa proteção", ele dissera, e agora parecia que ele estava certo. "O que fazemos?", ela perguntou.

“Nós nos escondemos no armário e trancamos a porta. Se alguém abrir, eu atiro primeiro e pergunto depois.”

“Meu Deus, isso é horrível”, disse Casey, imitando a voz de Gail. “Será que alguém realmente fala assim?”

“Eles aparecem na TV”, respondeu Warren.

O quê? O que está acontecendo? Que canal de TV?

“Acho que não vi essa”, disse Gail.

O que Gail está fazendo em nosso quarto? Por que ela invadiu nossa casa?

"Acho que ninguém fez isso. Parece um daqueles filmes feitos para serem lançados diretamente em vídeo. Mas os médicos acreditam que manter a TV ligada pode ajudar a estimular o cérebro de Casey e, francamente, ajuda a passar o tempo."

“Há quanto tempo você está aqui?”, perguntou Gail.

“Desde por volta das oito horas.”

“Já são quase uma hora. Você já almoçou?”

“Uma das enfermeiras me trouxe uma xícara de café há cerca de uma hora.”

"Isso é tudo?"

“Não estou com muita fome.”

“Você precisa comer alguma coisa, Warren. Precisa manter suas forças.”

“Estou bem, Gail. De verdade. Não quero nada.”

“Eles estão se aproximando. Eu os ouço na escada. Não temos tempo.”

Do que você está falando? Quem está na escada? O que está acontecendo?

“Entre debaixo da cama. Rápido.”

“Não vou a lugar nenhum sem você.”

Quem são essas pessoas?

“Chega dessa besteira”, disse Warren.

Um estalo. Depois, silêncio.

O que estava acontecendo? Casey se perguntou, surpresa ao perceber que não sabia se seus olhos estavam abertos ou fechados. Ela havia dormido? Por quanto tempo? Ela havia sonhado? Por que não conseguia distinguir entre o que era real e o que não era? Aquelas pessoas eram seu Warren, sua Gail? Onde ela estava?

“A cor dela está melhor”, comentou Gail. “Houve alguma mudança?”

“Na verdade, não. A não ser que a frequência cardíaca dela tem oscilado mais do que o normal...”

Isso é bom ou ruim?

“Os médicos não sabem.”

“Parece que eles não sabem muita coisa, né?”

“Eles acham que ela pode estar sentindo mais dor—”

“O que não é necessariamente uma coisa ruim”, interrompeu Gail. “Quer dizer, pode ser um sinal de que ela está voltando para nós.”

“Pacientes em coma profundo ainda podem sentir dor”, disse Warren, com a voz monótona.

“Quão justo é isso?”, acrescentou.

Casey quase podia vê-lo balançando a cabeça. Este era definitivamente o seu Warren, pensou ela, reconhecendo o ritmo familiar de sua voz, a cadência suave de seu tom. Oh, Warren. Você me encontrou. Eu sabia que encontraria. Eu sabia que você não me deixaria ficar neste lugar horrível e escuro.

"Não acredito que seja a Casey", dizia Gail. "A última vez que a vi, ela estava tão linda, tão cheia de vida."

“Ela continua linda”, disse Warren, e Casey percebeu um tom defensivo em sua voz. “A garota mais linda do mundo”, disse ele, com a voz falhando.

Casey imaginou seus olhos se enchendo de lágrimas e sabia Ele lutava para impedir que caíssem. Se ao menos ela pudesse enxugar aquelas lágrimas, pensou. Se ao menos ela pudesse beijá-lo e fazer tudo ficar bem.

"Afinal, sobre o que vocês conversaram naquele dia?", perguntou ele. "Vocês nunca me contaram muito sobre o almoço."

“Não havia muito o que contar”, disse Gail, com uma risadinha no início e no final de sua breve resposta. “Para falar a verdade, não me lembro bem do que conversamos. O de sempre, eu acho.” Ela riu novamente, embora o som suave fosse mais triste do que alegre.

“Não percebi que deveria dar mais importância a isso do que o normal. Não percebi que poderia ser nossa última vez juntas. Ai, meu Deus.” Um soluço alto cortou o ar, como um trovão repentino.

Oh, Gail. Por favor, não chore. Vai ficar tudo bem. Eu vou melhorar. Prometo.

"Desculpe. Eu sempre esqueço", dizia Warren. "Isso deve trazer à tona lembranças dolorosas."

Casey imaginou Gail dando de ombros, com delicadeza, e ajeitando algumas mechas rebeldes atrás da orelha direita. "O Mike ficou dois meses em um centro de cuidados paliativos antes de falecer", disse Gail, falando do marido que perdera para a leucemia cinco anos antes. "Não havia nada que pudéssemos fazer além de vê-lo definhar. Mas pelo menos tivemos alguns anos para nos preparar", continuou. "Embora a gente nunca esteja realmente preparado", acrescentou em seguida. "Não quando a pessoa é tão jovem."

“Casey não vai morrer”, insistiu Warren.

Ele tem razão. Os médicos diagnosticaram meu problema de saúde incorretamente. Tudo isso é um grande engano.

"Nem cogitaria desligar os aparelhos que a mantêm viva."

"Desligá-la dos aparelhos?" Desta vez foi Gail quem fez a pergunta. "Quando os médicos sugeriram desligá-la dos aparelhos?"

“Eles não pensaram nisso. Concordam que é muito cedo para pensar dessa forma.”

“Claro que sim. Então quem?”

“Em quem você acha?”

"Ah", disse Gail. "Não sabia que Drew tinha estado aqui ultimamente."

Minha irmã esteve aqui?

"Você está brincando? Ela não vem aqui desde logo após o acidente. Diz que não suporta ver a irmã nesse estado."

“Parece coisa do Drew”, disse Gail.

“Ela ligou ontem à noite para saber notícias”, continuou Warren. “Quando eu disse que não havia nenhuma mudança, ela exigiu saber por quanto tempo eu deixaria Casey sofrer desse jeito. Ela disse que a conhecia há muito mais tempo do que eu e que não havia a menor possibilidade de sua irmã querer ficar em estado vegetativo pelo resto da vida...”

Um vegetal? Não, os médicos cometeram um erro lamentável. Eles chatearam a todos desnecessariamente.

“...mantido vivo por uma série de tubos e ventiladores.”

“Isso só até ela começar a respirar sozinha de novo”, disse Gail com firmeza. Fazia muito tempo que Casey não ouvia a amiga falar com tanta intensidade. “A Casey vai superar isso.

Os ossos quebrados vão se curar. O corpo dela vai se recuperar. Ela vai recuperar a consciência. Você vai ver. A Casey vai ser a mesma de sempre. Esse coma é só o jeito que o corpo dela encontra para se curar. Devemos ser gratos por ela não estar acordada, por não saber o que está acontecendo...”

Mas ela sabia, Casey foi obrigada a reconhecer, quando a gravidade de sua situação repentinamente se reafirmou, espalhando-se pelo espaço escuro ao seu redor como uma mancha desagradável.

A paciente é uma mulher de 32 anos que foi vítima de um atropelamento com fuga há aproximadamente três semanas. Ela está em suporte de vida, com múltiplos traumas, passou por extensas cirurgias, utiliza fixadores externos e apresenta hemorragia abdominal maciça. Uma esplenectomia foi realizada. A paciente pode permanecer em coma pelo resto da vida.

Ela ficou em coma pelo resto da vida.

“Não! Não! Não!” Casey gritou, incapaz de ignorar a verdade por mais tempo. Nenhuma negação, nenhuma racionalização, nenhuma tentativa de fingir que seus médicos poderiam estar enganados seria capaz de esconder a terrível verdade sobre sua condição: ela era uma mulher de trinta e dois anos presa em um coma possivelmente irreversível, um coma que cruelmente a permitia ouvir, mas não ver; pensar, mas não se comunicar; existir, mas não agir. Inferno, ela nem conseguia respirar sem a ajuda de um aparelho. Isso era pior do que estar perdida em alguma caverna subterrânea úmida, pior do que ser enterrada viva. Pior do que a morte. Estaria ela condenada a passar o resto da vida nesse limbo escuro e flutuante, incapaz de distinguir entre o que realmente acontecia e o que era mera imaginação? Quanto tempo isso poderia durar?

Hemorragia subdural... trepanação no crânio para remover o sangue... concussão cerebral grave... Casey Marshall pode ficar em ventilação mecânica por anos, ou pode acordar amanhã.

Quantas horas, dias, semanas ela poderia ficar ali deitada, suspensa na escuridão, ouvindo uma sucessão de vozes flutuando sobre sua cabeça como nuvens passageiras? Quantas semanas, meses, anos — Deus me livre, anos! — ela poderia sobreviver, sem poder entrar em contato com aqueles que amava?

O cérebro do paciente foi abalado.

Aliás, quanto tempo levaria até que seus amigos parassem de visitá-la, e até mesmo seu marido? Seguir em frente? Gail raramente falava de Mike. E Warren tinha apenas trinta e sete anos. Ele poderia ficar por perto por mais alguns meses, talvez até um ou dois anos, mas eventualmente seria atraído para os braços de outra pessoa, ansiosa demais por ele. Os outros o seguiriam, voltando à rotina. Logo todos teriam ido embora. Até os médicos perderiam o interesse. Ela seria levada para alguma clínica de reabilitação, abandonada em um canto distante de um corredor com cheiro de mofo, apoiada em uma cadeira de rodas, e deixada para ouvir o arrastar de pés perdidos. Quanto tempo levaria para que ela enlouquecesse de frustração e raiva, de tanto tédio e previsibilidade?

Ou ela poderia acordar amanhã.

“Eu poderia acordar amanhã”, Casey repetiu, tentando se confortar com o pensamento.

Pelo que ouvira, o acidente acontecera três semanas antes. Então, talvez o otimismo de Gail não fosse totalmente infundado. Talvez o fato de agora conseguir ouvir fosse um bom sinal, um sinal de que estava a caminho da recuperação. Sua audição havia retornado. Seus olhos

haviam se aberto. Talvez amanhã a escuridão se dissipasse e ela pudesse enxergar. Talvez, assim que o tubo fosse retirado de sua boca — já havia sido retirado? Os médicos já haviam feito a traqueostomia de que tanto falavam... quando? Há quanto tempo? — ela recuperasse o uso das cordas vocais. Ela já estava conseguindo distinguir melhor as vozes externas. Elas não se misturavam mais nem soavam como se viessem do outro lado de uma parede grossa. Talvez amanhã estivesse ainda melhor. Ela poderia até piscar em resposta às perguntas que lhe fizessem. Ela poderia encontrar uma maneira de mostrar a todos que estava atenta e ciente do que estava sendo dito.

Talvez ela estivesse melhorando.

Ou talvez fosse o melhor que ela conseguiria, percebeu, sentindo seu ânimo de repente murchar, como o ar escapando de um balão meio vazio de criança. Nesse caso, sua irmã tinha razão.

Ela preferiria estar morta.

"A polícia tem alguma pista nova?", ela ouviu Gail perguntar.

“Que eu saiba, não”, disse Warren. “Nenhuma oficina mecânica na região da Filadélfia relatou ter recebido veículos com danos tão extensos quanto os que se esperaria em um acidente dessa natureza. Nenhuma testemunha apareceu, apesar de toda a repercussão.

Parece que o carro que a atingiu simplesmente desapareceu.”

“Como alguém pode fazer uma coisa tão horrível?”, perguntou Gail. “Quer dizer, já foi ruim o suficiente ele tê-la agredido, mas depois simplesmente deixá-la lá daquele jeito...”

Casey imaginou Warren balançando a cabeça. Ela viu seus cabelos castanhos macios caírem sobre a testa e sobre seus olhos castanhos mais escuros. "Talvez o motorista tivesse bebido.

Provavelmente entrou em pânico", teorizou Warren. "Quem sabe o que se passa na cabeça das pessoas?"

"Você pensaria que a consciência pesada dele já teria pesado na cabeça dele", disse Gail.

"Você imaginaria", concordou Warren.

Outro silêncio.

"Ah!", exclamou Gail de repente.

"O que?"

"Acabei de me lembrar de algo que conversamos no almoço", explicou ela, com a voz carregada de tristeza.

"O que é que foi isso?"

“Casey disse que vocês dois estavam conversando sobre ter um bebê, e que ela ia parar de tomar a pílula no final do mês.”

Casey sentiu uma pontada de culpa. Aquilo deveria ter sido um segredo, ela se lembrou. Ela havia prometido a Warren que não contaria nada a ninguém até que fosse um fato consumado. "Você quer que todos fiquem perguntando como está indo todo mês?", ele argumentou gentilmente, e ela concordou. Ele ficaria desapontado, talvez até bravo, por ela não ter cumprido sua palavra?

“Sim”, ela o ouviu dizer agora. “Ela estava toda animada. Um pouco nervosa também, claro.

Acho que por causa da mãe dela.”

“Sim, a mãe dela era uma figura e tanto.”

"É verdade. Eu tinha me esquecido. Você a conhecia, não é?"

“Acho que ninguém realmente conhecia Alana Lerner”, disse Gail.

“Casey quase nunca fala sobre ela.”

“Não havia muito o que dizer. Ela era o tipo de mulher que nunca deveria ter tido filhos.”

“E, no entanto, ela tinha duas”, observou Warren.

"Só porque o Sr. Lerner queria um menino. Ela não teve muito contato com eles depois que nasceram. Eles foram praticamente criados por babás."

“Pelo que entendi, as babás eram constantemente demitidas.”

“Porque a Sra. Lerner estava convencida de que seu marido estava dormindo com elas. O

que provavelmente era verdade. Ele certamente não fazia segredo de seus casos.”

“Alguns familiares.”

"É um milagre que Casey tenha se tornado uma pessoa tão boa", disse Gail, e então começou a chorar. "Sinto muito."

“Não se preocupe. Eu sei o quanto você a ama.”

“Você sabia que ela foi minha madrinha de casamento?”, perguntou Gail, continuando antes que Warren pudesse responder. “Casei com o Mike logo depois do ensino médio, acredite se quiser. Eu tinha dezoito anos. Dezoito anos, pelo amor de Deus. Uma criança. O Mike era Dez anos mais velho, e ele tinha acabado de ser diagnosticado com leucemia. Todo mundo me dizia que eu ia arruinar minha vida, que eu era louca de casar com ele. Todo mundo, menos a Casey. Ela disse: 'Vai em frente.' ” Mais uma vez, a voz de Gail se perdeu em uma série de soluços suaves.

“Ela vai melhorar, Gail.”

"Você promete?" perguntou Gail, repetindo a pergunta silenciosa de Casey.

Mas antes que Warren pudesse responder, houve uma repentina agitação. Casey ouviu o som de uma porta sendo aberta, a aproximação de vários pares de sapatos resistentes e diversas vozes. "Receio que precisaremos pedir que se retire por alguns minutos", anunciou uma voz feminina. "Precisamos dar um banho de

esponja na paciente e ajustar sua posição para evitar escaras."

“Não devemos demorar mais do que dez, quinze minutos”, acrescentou uma segunda voz, mais aguda.

“Por que não vamos comer alguma coisa na cantina?”, sugeriu Gail.

“Tudo bem”, concordou Warren.

Casey percebeu a relutância em sua voz, mesmo enquanto sentia que ele estava sendo afastado da sala.

“Não se preocupe, Sr. Marshall”, disse a primeira enfermeira. “Patsy e eu cuidaremos bem da sua esposa.”

"Volto logo, Casey", disse Warren.

Casey achou que o sentiu se aproximar, inclinar-se, talvez até mesmo dar um tapinha em sua mão por baixo do lençol. Será que ela estava imaginando coisas?

“Esse homem é realmente encantador”, exclamou Patsy, com a voz baixando meio tom assim que a porta se fechou atrás deles. “Sinto muita pena dele.”

“Sim. Eu certamente não gostaria de estar no lugar dele”, disse a outra enfermeira. “Por falar nisso, você por acaso deu uma olhada no dela?”

“O quê? Não, Donna. Não posso dizer que fiz isso.”

“Muito elegante. Muito caro.”

“Não reparei. Tudo bem, Sra. Marshall”, disse Patsy, voltando sua atenção para Casey.

“Vamos dar um trato na sua aparência para o seu lindo marido.”

Casey ouviu o farfalhar dos lençóis e, embora não sentisse nada, nunca se sentira tão exposta. Estaria vestindo um avental de hospital ou uma camisola do seu próprio guarda-roupa? Estaria vestindo alguma coisa? Estariam tocando nela? Onde exatamente?

“Afinal, quanto tempo você acha que ele vai ficar por aqui?” Donna perguntava,

ecoando os pensamentos de Casey. “Assim que ele perceber que ela não vai melhorar...”

“Shhh. Não diga isso”, advertiu Patsy.

“O quê? Ela não consegue me ouvir.”

Você não sabe disso com certeza. Ela abriu os olhos, não abriu?

“Isso não significa nada. Ouvi um dos médicos falando. Ele disse que quando eles abrem os olhos, geralmente é um mau sinal. Pode significar o início de um estado vegetativo profundo.”

“Bem, vamos torcer para que estejam errados.”

Casey se perguntava como seriam Donna e Patsy, imaginando uma alta e loira, a outra baixa e morena. Ou talvez alta e morena, teorizou, sua mente trocando um conjunto de traços por outro, alternando cabeças diferentes em tipos de corpo diferentes. Num instante, ela imaginava a enfermeira Patsy com seios à la Dolly Parton, e Donna tão plana quanto uma panqueca. Ou talvez Patsy fosse ruiva. Talvez a pele de Donna fosse um preto macio e aveludado. Independentemente de como fossem, elas estavam certas em uma coisa: Warren Marshall era um homem muito bonito.

Casey riu, sabendo que eles não podiam ouvi-la. Para eles, ela era um objeto inanimado.

Nada mais, nada menos. Um corpo que precisava ser virado regularmente para não desenvolver escaras e lavado para não começar a cheirar mal. Uma peça desinteressante de natureza morta. " É nisso que me transformei", pensou ela, o riso se extinguindo, desaparecendo em sua garganta.

“Olha só para o rosto dela”, disse Patsy de repente.

"Qual é o problema?", perguntou Donna.

"Ela parece tão triste de repente."

“Do que você está falando?”, perguntou Donna.

Você não acha que os olhos dela parecem tristes?

"Acho que os olhos dela estão abertos. Ponto final. Ok, chega de olhar para ela de frente.

Quer me ajudar a virá-la de lado?"

Casey sentiu seu corpo sendo manipulado, sua cabeça posicionada em um ângulo diferente, embora não tivesse certeza se aquilo estava realmente acontecendo ou se era apenas parte de sua imaginação.

“Ok, terminei”, disse Donna depois de mais alguns minutos. “E você?”

"Acho que vou ficar mais um pouco, pentear o cabelo dela, deixá-la bonita. Você não precisa ficar."

“Faça como quiser.”

“Vamos te arrumar toda para o seu lindo e dedicado marido”, disse Patsy enquanto Donna saía do quarto. Casey a imaginou passando uma escova delicadamente pelos seus cabelos.

“Mas, pensando bem”, continuou ela, a voz perdendo a suavidade com o fechar da porta, como uma cobra trocando de pele. “Afinal, ele é um homem. Um homem de tirar o fôlego, aliás. Sem falar que é um homem rico e de tirar o fôlego. Dá para imaginar que já tem um monte de mulheres fazendo fila. E ele sabe escolher mulheres, seu lindo marido sabe.”

Casey imaginou Patsy Largando a escova e inclinando-se para frente, ela sussurrou em seu ouvido: "Eu sei, porque o peguei olhando para a minha bunda." Ela riu. "Quanto tempo você acha que vai levar para eu levá-lo para a cama?" Ela riu novamente. "O quê? Você não acredita que eu consigo? Quer apostar? Quanto? Dez dólares? Cem? Que tal mil? Você pode pagar."

A porta se abriu. "Patsy", chamou Donna da porta. "Eles precisam de nós na cela 307."

"Claro", respondeu Patsy alegremente. "Terminei por aqui."

4

Ela tinha três anos quando descobriu que a bela mulher com a longa cabeleira loira natural que cheirava a chiclete e algodão-doce era sua mãe e não apenas uma mulher misteriosa chamada Alana, que sempre tinha um copo na mão e dormia na cama de seu pai.

“Aqui, Casey, querida. Você pode levar essa bebida lá para cima para sua mãe? Estou ao telefone com a companhia de TV a cabo e eles me deixaram em espera.”

"Minha mãe?" perguntou a criança. De quem Maya estava falando? Maya não morava com eles há muito tempo. Era possível que ela ainda não conhecesse todos.

“A loira bonita que é casada com o seu pai?”, disse Maya, como se Casey devesse saber.

“Aquela que fica na cama o dia todo?”, acrescentou, rindo. Então, imediatamente, seu rosto normalmente pálido corou: “Nem pense em contar para a sua mãe que eu disse isso.”

Casey pegou o copo com o líquido transparente da mão estendida de Maya e o levou ao nariz. "O que é isso?"

"Água."

Casey levou o copo à boca.

Maya rapidamente recuperou o copo. Pouco menos Com um metro e oitenta de altura, ela era uma jovem imponente cujos olhos escuros não admitiam contestação. "O que você está fazendo?"

"Estou com sede."

"Eu vou pegar sua bebida." Maya foi imediatamente até a pia, com o telefone pressionado entre o ombro e a orelha, enquanto servia a Casey um pequeno copo de água morna.

"Por que eu não posso beber um pouco dessa água?" Casey apontou com o queixo para o outro copo que Maya segurava. Estava bem gelada e tinha até alguns cubos de gelo flutuando na superfície.

“Porque não é bom beber no copo de outra pessoa”, disse Maya com firmeza.

Mesmo com apenas três anos de idade, Casey sabia que estavam mentindo para ela. Assim como sabia que Maya estava inventando o que tinha dito sobre a bela mulher no andar de cima, na cama do pai, ser sua mãe. Não que Casey soubesse exatamente o que era uma mãe.

Sua única experiência com mães tinha sido no parque algumas semanas antes, quando uma mulher com cabelos castanhos despenteados e calças jeans largas e desbotadas se sentou

em um canto da caixa de areia e começou a brincar com um menininho cujo nariz era coberto por uma série de grandes manchas laranjas que Maya mais tarde identificou como sardas.

"Você é nova por aqui", disse Maya à mulher, conduzindo Casey até a caixa de areia, sentando-se e iniciando uma conversa com a mesma naturalidade de quem a conhecia há anos.

“Sim. Nos mudamos semana passada. Ainda estamos explorando o bairro.” A mulher estendeu a mão para Maya cumprimentá-la. “Meu nome é Ellen Thomas. E este é o Jimmy.”

“Prazer em conhecê-lo. Igualmente, Jimmy”, disse Maya ao menino, que estava ocupado demais cavando na areia. Para retribuir o cumprimento, ela disse: "Eu sou Maya, e esta é Casey. Ela recebeu o nome em homenagem a Casey Stengel."

Ellen Thomas sorriu, revelando uma fileira superior de dentes desalinhados. "O pai dela obviamente é fã de beisebol."

"Ah, basta dizer um esporte. O Sr. Lerner gosta. Então, para quem você trabalha?", perguntou Maya em seguida.

Ellen Thompson pareceu confusa. "Ah, eu não sou a babá do Jimmy. Eu sou a mãe dele."

"Sério?" Maya pareceu muito surpresa. "Isso é muito incomum por aqui."

Os olhos de Casey imediatamente se voltaram para as árvores que cercavam os hectares de parque, tentando descobrir onde ficavam seus pescoços, quando Maya soltou outra bomba.

“Acho que você é a primeira mãe de verdade que eu já vi neste parque”, disse ela.

"O que é uma 'mãe de verdade'?", perguntou Casey mais tarde, tentando acompanhar a babá enquanto subiam a colina em direção à casa dela. Maya riu e não disse nada, então Casey deixou a pergunta morrer, já que, depois de assistir Ellen Thomas por quase uma hora, ela havia decidido que mães de verdade eram mulheres com cabelos castanhos despenteados e dentes tortos, que brincavam com meninos na caixa de areia.

A mulher que dormia na cama do pai não podia ser sua mãe de verdade. Ela tinha cabelos loiros e perfumados que estava sempre penteando, e dentes brancos e perfeitamente alinhados. Casey tinha quase certeza de que ela nunca tinha pisado num tanque de areia, porque raramente saía do quarto, e quando saía, era à noite, quando o parque estava fechado. "Venha dar um beijo de boa noite na Alana", o pai pedia enquanto se preparavam para sair à noite, e Casey obedecia de bom grado.

“Você está bonita”, ela dizia para a mulher que oferecia o produto. Subiu até sua bochecha macia para receber um beijo. Certa vez, Casey cometeu o erro de abraçar o pescoço da mulher e afundar o nariz em seus cabelos macios e perfumados com aroma de doce, e a mulher deu um suspiro e a empurrou rapidamente para o lado.

“Cuidado com o cabelo”, ela havia advertido, e Casey passou o minuto seguinte observando atentamente o cabelo da mulher, esperando para ver o que aconteceria. “O que há de errado com essa criança?”, a mulher chamada Alana perguntou ao pai de Casey enquanto saíam pela porta. “Por que ela está sempre me olhando desse jeito?”

“O que você está esperando?” Maya perguntou. “Leve isso lá para cima.” Mais uma vez, ela colocou o copo gelado na mão de Casey. “Cuidado para não derramar nada. E não beba nada. Entendeu?”

Casey assentiu com a cabeça, caminhando lentamente em direção à enorme escadaria circular no meio do hall principal. Estava muito silencioso na casa naquele dia. Ela ouvira Maya reclamando ao telefone mais cedo que a governanta havia ligado dizendo que estava doente naquela manhã, e por isso ela estava sendo obrigada a fazer o trabalho duplo de cozinheira e lavadora de mamadeiras — embora Casey não tivesse visto Maya lavando nenhuma mamadeira, pensou enquanto subia lentamente a escadaria acarpetada em tons de verde e bege. Uma gota de líquido transparente escorreu do copo e caiu no dorso da mão de Casey, que rapidamente a lambeu antes que pudesse cair no chão. Tinha gosto amargo, como remédio, e Casey fez uma careta, imaginando se Alana estava doente e se era por isso que ela não podia beber do copo.

Ela bateu levemente na porta do quarto.

"Já era hora", respondeu a mulher lá dentro, irritada. "Que diabos você esteve fazendo a manhã toda?"

Casey entrou. A mulher chamada Alana estava Sentada em sua cama de dossel de carvalho escuro, rodeada por almofadas de renda branca, Alana estava com as pesadas cortinas de brocado abertas em uma extremidade do quarto e fechadas na outra, dando ao amplo cômodo uma aparência ligeiramente assimétrica. Ela vestia uma camisola rosa e seus cabelos, presos por uma larga faixa rosa, caíam sobre os ombros, roçando o topo de seus seios.

“Ah”, disse ela. “É você.”

“Eu tenho sua água.” Casey estendeu o copo em direção a ela.

“Bem, traga isso para cá. Você acha que meus braços têm oito pés de comprimento?”

"Você está doente?" Casey entregou o copo para Alana, observando-a tomar um longo gole.

Alana olhou para Casey por cima do copo e continuou bebendo. Ela não disse nada, nem mesmo "Obrigada".

“Você é minha mãe?”

"O que?"

“Você é minha mãe?”

“É claro que sou sua mãe. Qual é o seu problema?”

Casey e sua mãe trocaram olhares preocupados.

“Nunca mais me chame assim em público”, instruiu Alana.

Casey não sabia o que significava "em público", mas tinha medo de dizer isso. "Como devo te chamar?", perguntou ela.

Sua mãe terminou o resto do líquido no copo num só gole. Depois, empurrou os cobertores para o lado e tirou os pés da cama, deixando a pergunta de Casey sem resposta. "Me ajude a ir ao banheiro", disse ela.

"Você está gorda!" exclamou Casey, dando uma risadinha, ao notar a barriga grande e redonda da mãe enquanto ela saía da cama.

“Não seja um espertinho.”

Casey pegou na mão da mãe e a conduziu até o banheiro privativo de mármore rosa. "O que é um espertinho?"

“São as meninas que dizem coisas estúpidas.”

Casey não tinha certeza do que havia dito de tão estúpido, mas sentiu-se magoada com a repreensão da mãe, então não disse mais nada.

Alana vomitou no vaso sanitário e depois voltou para a cama. "Mande Maya subir com outra bebida", disse ela, antes de puxar os cobertores rosa sobre a cabeça.

"Sua mãe vai ter um bebê", explicou Maya mais tarde. "Acho que ela não está muito feliz com isso."

"Por que não?"

“Acho que a maternidade não é exatamente a praia dela.”

"Qual é a dela?" perguntou Casey, sem ter certeza do que estavam falando, como costumava acontecer quando conversava com Maya. Mesmo assim, Maya era a

única adulta na casa que lhe dava atenção regularmente, então Casey esperava que a pergunta não fosse muito idiota. Ela não queria que Maya pensasse que ela era uma espertinha.

“Sua mãe é uma mulher muito complicada”, disse Maya, recusando-se a dar mais detalhes.

"Eu queria que você fosse minha mãe", disse Casey para ela.

E então, de repente, Maya desapareceu, sendo substituída pouco depois pela dupla não tão dinâmica de Shauna e Leslie. Shauna, uma adolescente morena da Irlanda, tinha a função de cuidar de Casey, enquanto Leslie era uma ex-barmaid londrina de seios fartos que deveria cuidar do bebê, mas passava mais tempo cuidando do pai de Casey. Leslie foi rapidamente substituída por Rosie, filha do jardineiro português. Ela também dedicava mais tempo ao pai de Casey do que à irmãzinha, e também desapareceu em pouco tempo. para ser substituída por Kelly, depois por Misha e, finalmente, por Daniela.

"Seu pai é bem mais velho que sua mãe", comentou Shauna um dia enquanto levava Casey para sua cara escola particular, que ficava a três quarteirões de distância.

“Dezessete anos”, explicou Casey. Ela não tinha certeza de como sabia disso, mas sabia.

Provavelmente, ouvira os adultos cochichando em voz alta acima de sua cabeça, como se ela não estivesse lá. Era assim que ela aprendia a maioria das coisas que sabia. Por exemplo, foi assim que soube que seu pai ficara desapontado por sua segunda filha ter se revelado “outra menininha”, para citar a efêmera Leslie, e como soube que sua mãe fizera uma cirurgia para garantir que não tivesse mais filhos. Foi com Kelly que descobriu que seu pai era um “canalha” que “transava com qualquer coisa que se mexesse”, e com Misha que sua mãe era uma “esposa troféu”, e que eles eram “podres de ricos”, apesar de tomarem banho todos os dias.

"Você não imaginaria que alguém em coma pudesse ficar tão sujo", Casey ouviu alguém dizer, o comentário a despertando bruscamente de seus devaneios. Quanto tempo ela havia dormido?

"É só pele morta", disse outra voz, e Casey reconheceu as vozes como sendo de

Donna e Patsy. Elas não tinham acabado de lhe dar banho? Quanto tempo atrás? Elas não tinham acabado de sair?

"Onde está seu lindo marido hoje?", perguntou Donna, quase como se esperasse uma resposta.

“Não o vejo há dois dias”, disse Patsy, respondendo por ela.

Dois dias? Casey repetiu em silêncio. Dois dias? Ela tinha perdido dois dias?

Melhor do que ficar deitada ali dia após dia, sem fim, ela reconheceu. Embora seus dias fossem melhores do que suas noites, pensou. Pelo menos os dias eram cheios de atividade

— pessoas entrando e saindo, cuidando dela, discutindo seu estado, ajustando seus tubos, fofocando sobre amigos e celebridades. As noites, por outro lado, eram quase sempre silenciosas, pontuadas apenas por risadas ocasionais vindas do posto de enfermagem ou um choro de um quarto próximo.

Um silêncio sepulcral, pensou ela, uma onda de depressão a invadindo enquanto o desespero diante de sua condição se reafirmava, e o pânico retornava. "Isso não pode estar acontecendo", gritou em silêncio. "Não pode ser real. Por favor, alguém me ajude. Me tirem

daqui. Eu não consigo viver assim. Eu não quero viver assim. Simplesmente desliguem os aparelhos . Façam alguma coisa para acabar com esse tormento. Por favor. Vocês precisam me ajudar."

“Cuidado com o tubo no pescoço dela”, disse Patsy.

“Para que serve isso?”

“Algo que colocaram para ajudá-la a respirar.”

Ok, calma. Calma, disse Casey para si mesma, percebendo que os médicos deviam ter feito a traqueostomia, e achando quase cômico que, mesmo agora, um quarto de século depois de sua infância, ela ainda recebia a maior parte das informações de adultos falando acima da sua cabeça, como se ela não estivesse ali.

“Não é a coisa mais atraente do mundo”, disse Donna.

"Acho que ninguém está muito preocupado com a aparência disso", advertiu Patsy, conseguindo soar como se realmente se importasse.

Casey se perguntou se seria possível que ela tivesse imaginado a cena anterior com Patsy, que a jovem não tivesse dito nenhuma daquelas coisas odiosas.

“Ela está em ótima forma, considerando tudo o que passou”, comentou Donna. “Olha esses bíceps.”

“Muito impressionante.”

“Ela precisa levantar pesos.”

"Quem me dera ter tempo para me exercitar", disse Patsy.

“Você não precisa se exercitar. Você tem um corpo ótimo.”

"Eu tenho um corpo ótimo?", repetiu Patsy, com um sorriso na voz. "Você acha mesmo?"

“Você está fantástica, e sabe disso.”

Casey imaginou Patsy girando em um pequeno círculo ao lado de sua cama. "Obrigada."

“Não precisa agradecer. Ok, estou quase terminando a minha parte. Como está indo você?”

Uma porta se abriu.

"Sinto muito, mas você não pode entrar aqui agora", disse Donna bruscamente.

"Posso ajudar?", perguntou Patsy na sequência.

"Estou procurando por Warren Marshall", respondeu um homem, enquanto Casey tentava

— sem sucesso — identificar a voz. "Me disseram que eu poderia encontrá-lo aqui dentro."

“Não o vi hoje”, disse Donna.

"Posso deixar um recado para ele", ofereceu-se Patsy.

"Não, obrigado", disse o homem bruscamente. "Vou esperar um pouco. Ver se ele aparece."

Quem seria? Casey se perguntou. O que era tão urgente?

“A sala de visitas fica no final do corredor”, instruiu Patsy.

"Que covinhas lindas", comentou Donna depois que ele se foi.

“Diga-me”, disse Patsy. “Existe algum homem na Terra que você não ache atraente?”

“Não muitos, não.”

Patsy riu. "Imagino o que ele quer com o Sr. Marshall."

“Não é da nossa conta.”

"Ele tem cara de encrenqueiro. Sabe o que eu quero dizer?"

“Não posso dizer que sim.”

"Eu não gostaria de vê-lo chateando o Sr. Marshall."

Você é sensível demais.

“Supõe-se que as enfermeiras sejam sensíveis”, lembrou Patsy.

“Nós não somos enfermeiras”, corrigiu Donna. “Somos auxiliares de enfermagem.”

“Tem a mesma coisa.”

“Diga isso para o homem que assina nossos contracheques. Ok, por aqui eu já terminei. E

você?”

“Dê-me mais alguns minutos.”

Será que Patsy estava se preparando para sussurrar mais segredos venenosos em seu ouvido? Casey se perguntou, contando os segundos. Ela parou em oitenta e cinco.

“Certo. Tudo pronto”, disse Patsy quando alguém bateu na porta. “Pode entrar”, ela gritou.

“Terminamos.”

Casey se perguntou se era o homem com as lindas covinhas, e o que ele queria com o marido dela, por que ele tinha ido ao hospital. O que Patsy quis dizer quando disse que ele parecia problemático?

“Ah, olá, Sr. Marshall”, disse Patsy, com a voz subitamente suave e baixa. “Como vai o senhor hoje?”

"Estou bem, obrigado", respondeu Warren, aproximando-se da cama. "Como está minha esposa?"

“Mais ou menos a mesma coisa.”

“Ela parece mais confortável”, disse Donna, “desde que colocaram aquele tubo na garganta dela.”

“Sim. Espero que ela comece a respirar sozinha em breve, e que eles possam remover o cateter.”

“Estamos torcendo por ela”, disse Patsy.

Sim, claro.

"Obrigado."

Casey sentiu as mulheres juntando suas coisas e indo em direção à porta.

“Ah, havia um homem aqui procurando por você há alguns minutos”, disse Donna. “Nós o encaminhamos para a sala de visitantes.”

"Posso dizer a ele que você está aqui, se quiser", ofereceu Patsy.

“Não gostaria de lhe causar nenhum problema.”

“Não é nenhum incômodo. Ah, e Sr. Marshall”, ela continuou, e então fez uma pausa. “Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa mesmo...”

“Obrigado. Você é muito gentil.”

"Terei todo o prazer em oferecer os meus serviços, caso necessite de alguma ajuda quando a sua esposa sair do hospital."

Ah, você é bom. Você é bom.

“E quanto ao seu trabalho aqui?”

“É apenas temporário.”

“Então, muito obrigado. Certamente considerarei sua oferta...”

“Patsy”, ela disse para ele.

“Patsy”, ele repetiu.

"Você é o único bobo aqui!", Casey praticamente gritou.

“Bem”, respondeu Patsy com um sorriso discreto, enquanto Casey a imaginava abaixando o queixo e erguendo os olhos de forma sedutora. “Só posso imaginar o que você está passando...”

“Obrigada. Sei o quanto Casey apreciaria a gentileza que você demonstrou a ela.”

Eu não teria tanta certeza disso.

“Vou ver se consigo localizar esse senhor.”

Warren agradeceu-lhe novamente quando Patsy saiu da sala.

Nem pense em contratar aquela mulher, Casey. Avisei. Não a quero perto de mim. Não vê que a única coisa que ela quer é você? Até eu , em coma, consigo perceber isso !

O que havia de errado com os homens? Será que eles eram mesmo tão cegos quando se tratava de mulheres? "Os homens são criaturas basicamente muito simples", Janine comentara certa vez, e Casey descartara a ideia como o cinismo de alguém que já tivera suas esperanças frustradas vezes demais. Será que ela tinha razão?

“Nós nos casamos com nossos pais”, Janine também havia dito, um comentário que fez Casey hesitar quando ela se viu se apaixonando por Warren. Casey sabia que as mulheres davam em cima de Warren desde que se conheceram. Elas não faziam segredo da atração que sentiam por ele, esbarrando nele na rua ou sorrindo para ele do balcão de um restaurante lotado. Ela chegou a ver uma jovem particularmente atrevida colocar um pedaço de papel na palma da mão dele enquanto ele passava por ela a caminho do banheiro, e prendeu a respiração, pensando em seu pai e em todos os pedaços de papel perfumados com números de telefone desconhecidos que ela encontrava regularmente escondidos pela casa. Mas segundos depois, Casey viu Warren jogar aquele pedaço de papel em uma lixeira próxima sem nem se dar ao trabalho de olhar para ele. Então, Warren Marshall não era nada parecido com Ronald Lerner. Nada parecido com seu pai.

O que significava que mulheres como Patsy não tinham importância; elas não representavam nenhuma ameaça para ela.

“Vamos ligar a TV, então?” disse Warren, clicando no botão de ligar.

Imediatamente, outras vozes preencheram a sala.

"Você nunca me amou", dizia uma mulher. "Você vem mentindo para mim desde o começo."

"Talvez não desde o início ", respondeu um homem, com uma risada cruel na voz.

“Como você está, querida?”, perguntou Warren, voltando para o lado dela. Ela se perguntou se ele estava dando tapinhas em sua mão ou talvez acariciando seus cabelos. Ela se lembrou da delicadeza do toque dele e se perguntou se algum dia voltaria a senti-lo. “A enfermeira disse que você parece mais confortável desde que colocaram o tubo.”

Elas não são enfermeiras. São auxiliares de enfermagem. E aquela ali se chama Patsy.

Cuidado com ela.

“Ela parece ser muito simpática”, disse ele com um suspiro.

Ele parecia exausto, pensou Casey, como se alguém tivesse arrancado seu coração do peito.

Como era diferente da primeira vez que entrara no pequeno escritório da Lerner, Pegabo, no centro da cidade, vestindo um terno cinza-escuro com uma camisa rosa-clara e uma gravata de seda bordô, com um ar bronzeado e esguio, exalando confiança e energia.

"Tenho uma consulta com Janine Pegabo às onze horas", anunciara, espiando pela porta da sala dela.

“Você é Warren Marshall?” perguntou Casey, tentando ignorar a aceleração do pulso e engolindo em seco. “Desculpe, mas Janine teve que sair de repente. Quebrou um dente comendo um bagel, acredite se quiser, e o único horário disponível no dentista era...” Por que ela estava falando desse jeito? “Sou Casey Lerner, a parceira dela. Ela me pediu para substituí-la. Espero que não se importe.”

“Mais do que perfeito”, disse Warren, acomodando-se na poltrona de veludo vermelho em frente à escrivaninha dela. “Quarto interessante”, comentou, seus penetrantes olhos castanhos percorrendo casualmente o tapete com estampa de leopardo, a escrivaninha de nogueira escura e as paredes cor de taupe revestidas de... Com fotografias em preto e branco de frutas e arranjos florais. "É... peculiar."

"Peculiar?"

“Isso é um elogio. Sempre gostei de coisas peculiares. Quem você contratou?”

"Desculpe?"

“O decorador”, explicou ele com um sorriso.

“Ah. Sem decorador. Só eu. Eu mesma decorei o escritório inteiro, na verdade. O quarto da Janine também. Ela não se interessa muito por esse tipo de coisa, e sempre foi meio que um hobby meu...” Casey percebeu que ela estava divagando

de novo e parou. “Como posso ajudá-lo, Sr. Marshall?”

“Bem, como expliquei à Sra. Pegabo por telefone outro dia, trabalho na Miller, Sheridan há cinco anos e estou procurando uma nova oportunidade. Enviei uma cópia do meu currículo por fax...”

“Sim, é muito impressionante. Bacharel em finanças por Princeton, diploma em direito por Columbia. Não imagino que teremos muita dificuldade em encontrar uma nova posição para você. Posso perguntar por que você quer sair da Miller, Sheridan?”

“Estou procurando uma firma com mais visão, mais coragem”, disse ele com naturalidade.

“A Miller, Sheridan é uma firma boa e competente, mas também um pouco antiquada, e eu prefiro...”

“Mais excêntrico?”

Ele sorriu. "Não quero esperar os dez anos necessários para me tornar sócio pleno."

“Um homem com pressa”, observou Casey.

“Prefiro me considerar um homem que conhece o seu próprio valor.”

Casey deu uma olhada rápida no currículo dele, embora já tivesse memorizado todos os fatos relevantes: Warren Marshall havia estudado em Princeton com uma bolsa integral e se formado em Columbia entre os melhores alunos da sua turma. classe; sua área de especialização era direito empresarial e comercial; ele já ganhava um salário de várias centenas de milhares de dólares por ano. "Não tenho certeza se consigo arranjar para você mais dinheiro do que você ganha agora, pelo menos para começar."

“Claro que pode”, disse ele com um sorriso.

Ele era um pouco arrogante, concluiu Casey. Mas tudo bem. Nas mãos certas, a arrogância podia ser muito atraente. Desde que houvesse algo para se orgulhar. Seu pai fora arrogante.

Ela se pegou observando o dedo anelar da mão esquerda de Warren Marshall e ficou feliz ao ver que estava vazio, embora isso não significasse necessariamente nada. O que ela estava fazendo? Isso não era típico dela.

“Veja bem. Ninguém se torna advogado para ficar rico”, dizia Warren. “Você ganha um salário decente, sim. Ok, mais do que um salário decente. Mas leve em conta as despesas, os impostos e os custos fixos, e certamente você não vai se aposentar aos quarenta anos.”

“É isso que você quer fazer? Aposentar-se aos quarenta?”

“Não, esse não sou eu. Mas sessenta anos não me parece tão absurdo. Velho”, continuou ele, rindo. “Mas não absurdo.”

Casey também riu. Passaram a meia hora seguinte conversando sobre as preferências e opiniões políticas dele, seus gostos e desgostos, seus objetivos e sonhos, tudo compatível com os dela. Mais de uma vez, completaram as frases um do outro. Casey ficou surpresa com a facilidade com que se entendiam, como se já se conhecessem há anos. " Ele me entende", pensou ela, desejando poder encontrar uma maneira de prolongar a entrevista.

“Então, você acha que pode fazer algo por mim?”, perguntou ele, empurrando a cadeira para trás e se levantando.

“Não consigo imaginar que terei muitos problemas”, disse Casey. respondeu honestamente.

Warren Marshall era uma dádiva, pensou ela, a comissão mais fácil que ela já havia recebido.

"A propósito, você quer casar comigo?", perguntou ele em seguida.

"O que?"

“Desculpe. É o homem com pressa falando. Podemos começar com o jantar, se preferir.”

"O quê?", repetiu Casey.

"Não acredito!", exclamou Janine, ao retornar ao escritório meia hora depois.

"Eu quebro um dente; você ganha um encontro."

Ela conseguiu mais do que isso, pensou Casey naquele momento. Ela encontrou seu cavaleiro de armadura brilhante, seu príncipe encantado, o homem dos seus sonhos. Dez meses depois, ela e Warren se casaram.

A porta do quarto do hospital onde ela estava internada abriu-se de repente.

"Eu o encontrei", anunciou Patsy, com um tom irritantemente agudo na voz.

“Sr. Marshall”, disse uma voz masculina. “Sou o detetive Spinetti, do departamento de polícia da Filadélfia.”

"Você já encontrou o responsável pelo acidente da minha esposa?", perguntou Warren imediatamente.

“Não”, respondeu o detetive prontamente. “Mas há algo que precisamos discutir.”

"Obrigado, Patsy", disse Warren, dispensando a auxiliar de enfermagem.

“É só ligar se precisar de alguma coisa.”

A porta se fechou atrás dela.

Casey não sabia porquê, mas tinha certeza de que, se não estivesse ligada a um respirador, estaria prendendo a respiração.

5

“ Como está sua esposa ?” perguntou o detetive.

“Mais ou menos a mesma coisa”, respondeu Warren. “Você tem alguma notícia sobre o acidente dela?”

"Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se não se importar."

“Que tipo de perguntas?”

"O senhor sabe o que sua esposa estava fazendo no sul da Filadélfia no dia do acidente, Sr.

Marshall?", perguntou imediatamente o detetive Spinetti.

“O que ela estava fazendo no sul da Filadélfia?”, Warren repetiu, como se tentasse entender a pergunta. “Ela ia encontrar amigos para almoçar. Por quê?”

Você se lembra do nome do restaurante?

Por que você quer saber isso?

“Acho que foi em Southwark, na South Street. Qual a relevância disso?”

"Se você pudesse me dar um pouco de paciência."

Houve uma pequena pausa. Casey imaginou Warren dando ao policial sua concordância silenciosa.

“Você disse que ela ia encontrar amigos para almoçar”, continuou o detetive. “Você sabe quem eram esses amigos?”

“Claro que sim.”

“Posso saber os nomes deles?”

“Janine Pegabo e Gail MacDonald.”

“Essa é a Peg...”

“...abo”, Warren completou rapidamente, enquanto Casey ouvia o rabisco de uma caneta.

“MacDonald, escrito Mac”, acrescentou, sem que lhe perguntassem mais nada. “São os melhores amigos dela. Mais uma vez, preciso perguntar: qual a relevância disso para o acidente da minha esposa?”

Uma pausa mais longa. Então, "Na verdade, já não estamos convencidos de que tenha sido um acidente."

O que?

"O que?"

O que você quer dizer?

“O que você está dizendo?”

“Temos motivos para acreditar que sua esposa possa ter sido alvo de um ataque deliberado.”

Eu não entendo.

“Qual o motivo?”

“Ao rever novamente as gravações das câmeras de segurança da garagem—”

Gravações de vigilância? Existiam gravações de vigilância?

“Você conseguiu ver melhor o rosto do motorista?”, interrompeu Warren. “Era alguém que você reconhecia?”

“Não, receio que não. O motorista usava um casaco com capuz e óculos escuros, e mantinha a cabeça baixa. Somado à má qualidade da fita, não havia como fazer qualquer tipo de identificação positiva.”

“Então eu não entendo. O que te faz pensar que alguém teria escolhido minha esposa como alvo deliberadamente?” A voz de Warren falhou, e ele tossiu para disfarçar o som.

Alguém me atropelou de propósito?

“Talvez o senhor devesse se sentar, Sr. Marshall”, disse o detetive Spinetti. “O senhor está um pouco pálido.”

“Não quero me sentar. Quero saber por que você não acha mais que isso foi um acidente.”

“Por favor, Sr. Marshall. Eu entendo que isso seja perturbador...”

"Você está me dizendo que alguém tentou assassinar minha esposa, pelo amor de Deus? É

claro que estou chateado."

Espere um minuto. Você está dizendo que alguém tentou me assassinar? É isso mesmo que você está dizendo?

“Se me permitirem explicar”, começou o detetive.

Deve haver algum engano. Quem, em sã consciência, desejaria me matar?

"Desculpe. Claro. Pode falar. Me desculpe", Warren se desculpou novamente.

Casey ouviu o som de cadeiras sendo ajustadas e ocupadas, Warren em uma delas, com o policial ao lado. Ela imaginou o detetive como alto e moreno, com cabelos escuros, ralos e ondulados, e um rosto profundamente marcado por rugas. Sua voz, forte e objetiva, indicava que ele estava acostumado a estar no comando. Ela concluiu que ele provavelmente tinha por volta de quarenta anos, embora pudesse facilmente estar errada por uma década para mais ou para menos. As vozes enganam, pensou ela.

“Como eu estava dizendo, revisamos as gravações das câmeras de vigilância.” O detetive Spinetti fez uma pausa, como se esperasse ser interrompido novamente, e continuou quando nenhuma interrupção ocorreu. “Infelizmente, o estacionamento existe há muito tempo e as câmeras de segurança estão no fim da vida útil. Então, tudo o que sabíamos com certeza era que o veículo que atropelou sua esposa era um SUV Ford de modelo recente, provavelmente prateado. Melhoramos as imagens.” e conseguiram uma placa parcial. Mas você já sabe disso.”

“Claramente há algo que eu não sei.”

“Depois de verificarmos as placas, descobrimos que eram falsas. Isso, somado ao fato de sua esposa ser filha de Ronald Lerner, e Ronald Lerner ter sido um homem que causou muita polêmica em sua época...”

“Esse tempo já passou. O homem está morto há anos”, zombou Warren. “Por que alguém iria atrás da filha dele agora?”

“Não estou dizendo que foi isso que aconteceu. Estou apenas dizendo que isso nos fez pensar que talvez não fosse o simples caso de atropelamento com fuga que presumimos inicialmente. Então, voltamos e analisamos as gravações novamente, tanto da entrada quanto da saída da garagem, logo pela manhã, para ver se conseguíamos identificar o SUV

quando ele chegasse. Infelizmente, as câmeras em cada andar da garagem estavam sem filme, então não nos ajudaram em nada.”

“E o que você descobriu?”

“Vimos sua esposa chegar de carro pouco antes do meio-dia...”

Outra pausa. Será que ele estava se esforçando para criar um efeito dramático? Casey se perguntou, impaciente. Desembucha logo.

“Continue”, disse Warren.

“...e o carro que a atropelou chegou logo depois.”

“Em quanto tempo?”

“Em segundos.”

Em segundos. O que isso significa?

“Você está dizendo que acha que ela estava sendo seguida?”

“Seria uma coincidência enorme se ela não estivesse lá. Pense bem, Sr. Marshall. Sua esposa entra no estacionamento pouco antes do meio-dia, e logo em seguida é atropelada pelo mesmo SUV algumas horas depois.”

“Mas pode ser uma coincidência”, disse Warren, claramente. com dificuldade para entender o que estava se tornando óbvio até mesmo para Casey.

Alguém a seguiu até a garagem, esperou lá até que ela voltasse e então tentou matá-la.

"Pode ser", concordou o detetive, sem muita convicção.

"Meu Deus", sussurrou Warren, enquanto Casey o imaginava escondendo o rosto nas mãos.

“O senhor consegue pensar em alguém que pudesse ter tido a intenção de machucar sua esposa, Sr. Marshall?”

“Ninguém”, respondeu Warren sem hesitar. “Casey é uma mulher maravilhosa. Todos a adoram.”

“Talvez um ex-namorado ciumento...”

Casey sentiu Warren balançar a cabeça, imaginou várias mechas de cabelo castanho macio caindo sobre sua testa.

“Sua esposa tem emprego, Sr. Marshall?”

“Ela é decoradora de interiores. Por quê?”

“Algum cliente insatisfeito?”

“Se você está insatisfeito com o seu decorador, demite-o, detetive. Não se fala mal dele.”

Mesmo assim, eu gostaria de ter uma lista de todos os seus clientes.

“Terei para você logo pela manhã.”

“E quanto às pessoas que trabalham para ela? Quaisquer funcionários insatisfeitos, alguém que ela teve que demitir recentemente... ”

“Casey trabalhava sozinha. O negócio era relativamente novo. Ela costumava...” Ele parou de falar.

“Ela costumava... ”, repetiu o detetive Spinetti.

“Ela costumava administrar uma agência de recrutamento de advogados com sua amiga Janine.”

“Essa seria Janine Pegabo?”

Casey o imaginou consultando suas anotações.

"Sim."

“Eles eram parceiros?”

"Sim."

“Mas eles não trabalham mais juntos.” A observação era em parte uma afirmação, em parte uma pergunta.

“Não. Eles seguiram caminhos separados há cerca de um ano.”

“Por que isso aconteceu?”

“A Casey só queria experimentar coisas novas. Ela sempre teve interesse por design...”

“E qual foi a reação da Sra. Pegabo a isso?”

“Ela ficou compreensivelmente chateada, pelo menos inicialmente. Mas ela se acalmou. Ela fez as pazes com a situação. Com certeza ela não teria tentado matar Casey por causa disso.”

“O senhor sabe que tipo de carro ela dirige, Sr. Marshall?”

“Hum, um Toyota, eu acho.”

É um Nissan. E é vermelho, não prateado.

“E é vermelho”, disse Warren. “Janine sempre dirige um carro vermelho.”

“E quanto a Gail MacDonald?”

“Não faço ideia de que tipo de carro ela dirige.”

É um Ford Malibu, e é branco.

“Gail é a pessoa mais gentil do mundo”, disse Warren. “Eu já a vi pegar uma formiga com um lenço de papel e levá-la para fora em vez de matá-la. De jeito nenhum ela machucaria Casey.”

Isso é ridículo. Nem Gail nem Janine tiveram nada a ver com o que me aconteceu.

"Não dá para acreditar que alguma dessas mulheres tenha tido algo a ver com isso", disse Warren, ecoando seus pensamentos.

“Estou apenas me precavendo”, respondeu o detetive de forma indireta. “Você disse que, até cerca de um ano atrás, sua esposa administrava uma agência de recrutamento de advogados.”

"Sim."

“Ela possa ter irritado algum advogado?”

“Os advogados, por natureza, estão sempre irritados com alguma coisa”, respondeu Warren. “Mas Casey tinha um jeito especial...”

Espere um minuto. Havia um advogado... Aquele pirralho, como Janine o chamou no almoço.

"Sinceramente, não consigo imaginar ninguém que estivesse com raiva o suficiente para tentar matá-la."

Droga, qual era o nome dele mesmo? Moody? Money? Não. Mooney. Isso. Richard Mooney.

“Talvez você devesse conversar com a Janine sobre isso.”

Mas será que Richard Mooney realmente tentaria me matar porque sua colocação profissional não deu certo?

“Diga-me”, disse o detetive Spinetti, “há alguém que lucraria com a morte de

sua esposa?”

O que você quer dizer?

"Lucro?"

“Não é segredo que sua esposa é uma mulher muito rica, Sr. Marshall. Em caso de falecimento dela, quem herdará seus bens?”

"Provavelmente a irmã dela", respondeu Warren após pensar um pouco. "Para falar a verdade, não tenho certeza."

“Você não tem certeza? Você é advogado...”

“Eu não sou o advogado de Casey, detetive.”

“Você mencionou uma irmã...”

“Drew, a irmã mais nova de Casey.”

“Eles eram próximos?”

“Não particularmente.”

"Posso perguntar por quê?"

Após mais um momento de reflexão, Warren disse cuidadosamente: "Embora ela tivesse tido uma vida extremamente confortável, Drew sempre se ressentiu do fato de seu pai ter nomeado Casey como executor de seu testamento."

“Isso, na prática, dá a Casey o controle sobre suas finanças?”

“Drew não é a pessoa mais responsável do grupo.” planeta”, explicou Warren. “Ela já teve seus problemas com drogas e álcool.”

“Você sabe que tipo de carro ela dirige?”

“Não faço ideia. Ela troca de roupa quase tão frequentemente quanto troca de namorado.”

Casey quase podia ver as sobrancelhas do detetive Spinetti se arquearem.

"Entendo", observou ele.

“Você não vê nada”, disse Warren categoricamente. “Drew pode ser meio instável. E com certeza tem problemas. Mas não tem a menor chance de ela machucar a Casey.”

"Tem alguma ideia de com quem ela está saindo agora?", perguntou o detetive, ignorando o protesto de Warren.

“Acho que o nome dele é Sean. Desculpe, não me lembro do sobrenome.”

“Então você não saberia que tipo de carro esse Sean dirige.”

“Desculpe, não. Você teria que perguntar ao Drew. Mas, de novo, você não pode pensar...”

“Estou apenas reunindo informações, Sr. Marshall.”

Warren respirou fundo audivelmente e soltou o ar lentamente. "Nesse caso, imagino que você queira saber onde eu estava na tarde em que minha esposa foi atropelada", disse ele.

O quê? Não!

“Você entende que eu preciso perguntar.”

Não entendo nada disso.

“Eu sei como funciona, detetive. Também entendo que o marido é sempre o principal suspeito em casos como este. Mas você precisa entender que estou prestes a me tornar sócio de um dos escritórios de advocacia mais renomados da cidade e que tenho uma renda

muito boa. Nunca me interessei pela fortuna da minha esposa. E eu estava no meu escritório, conversando com um cliente, quando ela foi atropelada. Terei prazer em lhe fornecer uma lista de Pelo menos uma dúzia de pessoas com quem você pode conversar confirmará que eu não saí da minha mesa o dia todo, nem mesmo para almoçar. Eu estava lá quando o hospital ligou...” Sua voz falhou novamente. Ele tossiu novamente, tentando disfarçar.

“O senhor possui algum seguro de vida em nome de sua esposa, Sr. Marshall?”

"Não."

“Isso não soa muito profissional”, observou o detetive Spinetti.

“Advogados são notoriamente negligentes quando se trata de seus próprios assuntos pessoais. Além disso, Casey é jovem, estava com excelente saúde e não temos filhos. Acho que ambos presumimos que teríamos muito tempo para conversar sobre essas coisas.” Sua voz se perdeu no ar, pairando por alguns segundos antes de se dissipar. “Eu não me casei com minha esposa por dinheiro, detetive. Eu me casei com ela porque a amo. Eu a amo muito.”

Oh, Warren. Eu também te amo. Mais do que você jamais poderá imaginar.

“Se eu pudesse trocar de lugar com ela, eu trocaria.” Sua voz falhou pela terceira vez. Desta vez, ele não fez nenhum esforço para disfarçar o som.

A porta se abriu de repente.

"Ah, desculpe", disse alguém. "Acho que devia ter batido na porta."

“Dr. Ein”, reconheceu Warren, empurrando a cadeira para trás. Ela arrastou-se pelo chão e bateu na lateral da cama. “Aqui é o detetive Spinetti, da polícia da Filadélfia.”

“Eles prenderam a pessoa que...? ”

“Ainda não”, respondeu o detetive Spinetti. “Mas vamos conseguir.”

“Negócio terrível”, disse o médico.

"Sim", concordou o detetive. "Olha, por que eu não saio daqui e deixo você ter um pouco de privacidade?"

Não. Você não pode simplesmente entrar aqui, anunciar que alguém tentou me matar, apontar o dedo da suspeita para praticamente todos que eu conheço e depois ir embora.

O som de outra cadeira sendo empurrada para trás.

"Você vai me manter informado?", disse Warren.

“Pode apostar.”

"Está tudo bem?", perguntou o médico assim que o detetive saiu.

“Diga-me você”, respondeu Warren.

Casey sentiu o médico se aproximar da cama e o imaginou olhando para ela.

“Bem, considerando tudo, sua esposa está muito bem. Ela se recuperou muito bem da traqueostomia. O tubo de traqueostomia está ótimo. Não deve deixar muita cicatriz. E a respiração dela está estável, com quatorze respirações por minuto.”

“O que isso significa exatamente?”

“O que significa que, com sorte, poderemos começar a retirá-la do respirador muito em breve.”

“Será que isso é sensato?”

“Garanto-lhe que não faremos nada até que o momento seja oportuno.”

“E quando o respirador for retirado? Quando Casey estiver respirando sozinha, o que acontecerá?”

“Então removemos o tubo de traqueostomia.”

“E depois disso?”

"Não sei", admitiu o médico após uma longa pausa. "Olha, eu gostaria de poder te dar algo mais concreto para se basear. Mas teremos que ir um dia de cada vez."

Um dia de cada vez, pensou Casey depois que todos foram embora. Um dia de cada vez, ela repetia silenciosamente enquanto... Os ruídos do dia se dissiparam nos murmúrios da noite.

Alguém me atropelou de propósito, pensou ela enquanto o sono começava a girar em sua mente, como um helicóptero procurando um lugar para pousar.

Alguém está tentando me matar.

Alguém quer me matar.

Quem?

"Onde você estava na noite em questão?", perguntou um homem de repente.

Detetive Spinetti?

“Passei a noite toda em casa”, respondeu outro homem.

Quem é? Tem alguém aqui?

“Havia alguém com você?”

“Não. Eu estava sozinho.”

Não entendo. Quem é você? Do que você está falando?

E então, de repente, ela entendeu. Não havia ninguém na sala. Ela estava sozinha, assim como o homem que estava sendo interrogado na TV, na noite em que sua esposa fora cruelmente assassinada a tiros.

Ela havia imaginado tudo.

Todo o episódio não passara de uma mistura de sonhos e reprises de programas de televisão, algo que sua mente inventara para passar o tempo e evitar que enlouquecesse de tédio. Ninguém tentara matá-la. Não existia ninguém chamado Detetive Spinetti. Seu cérebro fora abalado! Era o que os médicos haviam dito. Ou não? Talvez fosse mais uma invenção de sua imaginação. Como ela poderia saber?

Como ela poderia ter certeza de alguma coisa?

Acorde. Acorde. Acorde. Este sonho já não tem mais a menor graça. Perdeu o sentido há muito tempo.

Um carro não me atropelou. Não estou mentindo, estou quebrado e Em coma, em uma cama de hospital estreita. Minha respiração não depende de aparelhos; não há tubo na minha traqueia. Não ouvi nenhuma auxiliar de enfermagem

confidenciar que pretendia seduzir meu marido. Com toda certeza, não ouvi nenhum detetive da polícia especular que meu estado seja resultado de um ato deliberado e que todos que me são queridos, meus amigos e colegas, minha irmã, até mesmo o marido que adoro, sejam suspeitos.

Eu não fiz. Eu não fiz. Eu não fiz.

Acorde. Acorde. Acorde.

Casey estava deitada na cama, com os olhos semicerrados voltados para o teto. O céu está caindo, pensou ela, lembrando-se da clássica história infantil do Galinho Chicken Little e tentando recordar o desfecho. Será que o céu realmente desabou, ou foi apenas o caso de um galo estúpido correndo por aí, batendo as asas, causando alvoroço sem motivo aparente, apenas por conta de sua crescente histeria? O que teria acontecido com aquele galo maluco? Casey ainda se perguntava isso quando finalmente adormeceu.

6

“ Tudo bem, então você perdeu o festival de cinema este ano”, disse Janine, trazendo Casey de volta à consciência.

Quanto tempo ela havia dormido? Quando Janine chegou? Sobre o que ela estava falando?

“Mas não se preocupe. Você escolheu uma boa hora para ficar com o cérebro desligado. Os filmes estavam horríveis. Eu vi um ontem à noite, e você não acreditaria no quão ruim era.

Acho que se não tivesse legendas, as pessoas teriam rido dele na hora. Mas as pessoas sempre presumem que só porque é francês...” Janine respirou fundo.

Casey tentou se concentrar. A modesta tentativa da cidade de organizar um festival de cinema acabara de terminar, o que significava que ainda era abril. Quanto tempo ela havia perdido desde a última visita de Janine?

“De qualquer forma, eu trouxe um jornal. Os médicos disseram que seria uma boa ideia lermos para você, que isso poderia ajudar a estimular seu cérebro, ou algo assim. Mas não parece haver muita coisa acontecendo que seja muito estimulante.”

Não se preocupe com isso. Meu cérebro já parece estar trabalhando em ritmo acelerado.

Tenho tido alucinações extraordinárias.

“Vamos ver. Você sabia que, desde a década de 1960, Filadélfia perdeu aproximadamente seiscentos mil moradores devido a algo chamado degradação urbana, que, se me permite dizer, soa suspeitosamente como uma DST, e que existem cerca de sessenta mil prédios abandonados ou em ruínas por toda a cidade, apesar de todos os novos empreendimentos?

Isso é suficientemente instigante? Pisque duas vezes se a resposta for sim.”

Estou piscando. Uma vez. Duas vezes. Você viu isso?

“Ok, não estou vendo nenhum piscar de olhos, então não é muito estimulante.”

Droga, estou piscando. Olhe de novo, estou piscando. Estou piscando. Por que não consigo fazer você enxergar?

“Vamos ver o que mais tem por aqui. Que coisas incríveis você vai perder durante o próximo mês de maio se não sair desse coma ridículo?”

Casey ouviu o farfalhar de papéis. Ou será que sua imaginação estava apenas criando os efeitos sonoros apropriados? Será que Janine estava mesmo ali?

"Certo, então tem a Regata Dad Vail, que, como você sabe, é a maior regata universitária dos Estados Unidos, atraindo milhares de remadores e espectadores para o Rio Schuylkill todos os anos. Algo que você com certeza não gostaria de perder. E tem o Philadanco!, que parece nome de DST, mas na verdade é um grupo de dança do oeste da Filadélfia, que se apresentará no Kimmel Center por apenas uma semana, ainda há bons lugares disponíveis.

Vou ligar para reservar os ingressos. E por último, mas não menos importante, maio é o mês em que a Filadélfia abre suas casas históricas para visitação pública. Sua casa é bem histórica, não acha? Já pensou em abri-la para o público entrar? Não, acho que não. Embora eu ache que atrairia bastante gente. Todas aquelas pessoas querendo ver exatamente onde e como Ronald Lerner viveu." Embora a verdade nunca seja tão emocionante quanto a nossa imaginação, não é mesmo?

Acredite em mim, Janine. Você não faz ideia.

“De qualquer forma, falei com aquele detetive da polícia novamente ontem.”

O que?

"Como é que os policiais na TV se parecem com o Chris Noth, enquanto na vida real se parecem com o detetive Spinetti?"

Ele é real? Eu não sonhei com ele?

“De qualquer forma, ele me disse que interrogou Richard Mooney depois que eu lhe contei sobre nosso encontro, e que Mooney alega que estava visitando sua mãe na hora do seu acidente. Embora Spinetti claramente não acredite que tenha

sido um acidente.”

Ok, hora de um novo sonho. Este está se transformando em um verdadeiro pesadelo.

“Aparentemente, a mãe de Mooney o apoia, embora Spinetti diga que a polícia não confia muito nas mães quando se trata de fornecer álibis.”

Não posso dizer que confio nas mães em quase nada.

“De qualquer forma, eles ainda não o descartaram como suspeito, principalmente porque

— acredite se quiser — o cara tem um SUV prateado. Embora, francamente, quem não tem?

Além disso, você pensaria que, se ele fosse tentar matar alguém, teria sido eu. Eu sou aquele com quem ele brigou naquela manhã. Mas, afinal, você sempre foi o escolhido, não é?”

Casey imaginou o sorriso deslumbrante que acompanhou a pergunta de Janine.

“De qualquer forma, parece que Mooney não é o único suspeito. Spinetti fez um milhão de perguntas sobre Drew. Aparentemente, ele deixou pelo menos uma dúzia de mensagens na caixa postal dela, mas ela não respondeu a nenhuma. Eu disse Bem-vindo ao clube, Drew é notório por não retornar ligações. Ele perguntou o quanto eu a conhecia, se eu achava que

ela era capaz de tentar te matar. Eu disse que honestamente não sabia. Quer dizer, quem sabe alguma coisa sobre o Drew? E, claro, ele fez um monte de perguntas sobre o Warren.

“Você está falando daquele detetive da polícia?”, perguntou Gail da porta.

“Ah, oi”, disse Janine, sua voz diminuindo enquanto ela se virava na cadeira. “Há quanto tempo você está aí?”

Só alguns segundos. Como está Casey hoje?

“Pouca coisa mudou.”

O som de passos se aproximando, o ar ficando pesado sobre a cabeça de Casey, uma risada suave, como uma brisa delicada, acariciando seu rosto.

“A cor dela é bonita.”

"Se você gosta da cor do leite desnatado", disse Janine secamente. "Ele também tem falado com você?"

"Quem?"

“Aquele detetive da polícia. Spinetti.”

“Imagino que ele esteja conversando com todos os amigos próximos de Casey.”

“Ele te perguntou sobre Warren?”

“Eu disse a ele que ele estava completamente enganado”, insistiu Gail. “Eu disse que Warren adorava Casey, que não havia a menor possibilidade de ele ter qualquer envolvimento nisso.”

“Você realmente acredita nisso?”

“Não é?”

"Eu acho."

O que você quer dizer com isso, você imagina?

"O que você quer dizer com 'acho que'?", disse Gail no lugar de Casey.

“Bem, não é sempre o marido que culpa nesses casos?”

“Não neste caso ”, disse Gail categoricamente.

“Ele poderia ter contratado alguém.”

Você tem assistido muita televisão.

“Você tem razão”, disse Janine.

“Warren é um homem maravilhoso.”

“Sim, ele é.”

“Ele adora a Casey.”

“Sim, ele faz.”

“Então por que você diria uma coisa dessas?”

“Não sei. A culpa é daquele detetive e das perguntas idiotas dele.”

“Na verdade, ele fez várias perguntas sobre você”, disse Gail.

“Sobre mim? O que você quer dizer? Que tipo de perguntas?”

“Sobre seu relacionamento com Casey, o quanto você ficou chateado quando ela optou por sair da sociedade, se você sentiu ciúmes ou ressentimento pelo sucesso dela...”

“Aquele idiota. O que você disse para ele?”

“A mesma coisa que lhe disse sobre Warren: que ele estava completamente enganado.”

Casey sentiu Janine balançar a cabeça em sinal de raiva e percebeu que quase estava gostando do desconforto da amiga. Bem feito para ela pelas reservas que havia expressado sobre Warren.

“Que idiota. Por acaso você lembrou a ele que eu estava com você quando o Casey foi atropelado?”

“Ele disse que você tinha bastante tempo para me deixar em casa e voltar para a garagem.”

"Ele também tinha alguma explicação para como eu consegui transformar meu pequeno Nissan vermelho em um SUV Ford prateado? Ele acha que eu sou o David Copperfield, pelo amor de Deus?"

"Você poderia ter contratado alguém", disse Gail, repetindo o comentário anterior de Janine.

“Muito engraçado. Enfim, vamos falar de algo mais agradável. Como foi seu

encontro ontem à noite?”

Gail tinha tido um encontro? Com quem?

"Foi legal", disse Gail timidamente, com risinhos suaves emoldurando sua resposta.

“Defina a palavra 'legal'.”

“Foi simplesmente agradável. Sabe?”

“Não sei. 'Legal' não faz parte do meu vocabulário.”

“Foi tudo bem.”

"Tudo bem? Você se divertiu?"

“Sim, eu me diverti. Você é pior que o detetive Spinetti.”

"Que momento maravilhoso?", insistiu Janine.

"Foi muito bom." Gail suspirou. "Meu Deus, me sinto uma verdadeira traidora."

“Por que você se sentiria um traidor?”

“Porque nosso melhor amigo está aqui em coma...”

“Você acha que Casey gostaria que ficássemos em casa sem fazer nada?”

“Não, acho que não.”

“Você não precisa adivinhar. Estou lhe dizendo”, disse Janine, como se conhecesse os pensamentos mais secretos de Casey. “A última coisa que Casey queria era que ficássemos aqui nos lamentando. No mínimo, o que aconteceu com Casey prova que nunca sabemos quanto tempo temos nesta Terra e que temos o dever de aproveitar a vida quando temos a oportunidade.”

Foi isso que provou? Casey se perguntou, antes de concluir que Janine provavelmente estava certa.

“Então, me fale sobre esse cara. Como ele é?”

“Ele é apenas um cara.”

“Ele tem um nome?”

“Isso importa? Você não o conhece.”

“Eu conheço todo mundo.”

"Você não o conhece", repetiu Gail, sem que nenhuma risada acompanhasse a frase.

“Você está sendo muito evasivo.”

Janine tinha razão, pensou Casey, com a curiosidade aguçada. Era incomum Gail ser tão discreta.

Você o conheceu no trabalho?

"Não."

“Como vocês se conheceram?”

Casey sentiu Gail dar de ombros, e seu risinho nervoso retornou.

“Por que você não me diz quem ele é?”

"Porque . . ."

"Porque você gosta dele, não é?" Janine disparou.

Casey sentiu o rubor nas bochechas de Gail, como se ela mesma estivesse corando. "Não sei.

É muito cedo. Só tivemos um encontro. Ele provavelmente nem vai me ligar de novo."

Por que ele não te ligou de novo? Você foi muito fácil? Você já dormiu com ele?

“Claro que não. Sinceramente, Janine. Podemos falar de outra coisa?”

“Você é tão puritana às vezes”, disse Janine.

“Não sou puritano.”

“Também”, disse Janine.

“Não sou.”

As duas mulheres riram, e a tensão no ar se dissipou imediatamente.

“Bem, eu preciso ir”, disse Janine, levantando-se de um salto. “Talvez da próxima vez que eu vier, eu traga um livro para ler para a Casey.”

“Essa é uma boa ideia.”

“Bom, vai ser melhor do que ficar com aquela maldita TV ligada o tempo todo. Acho que vou trazer Middlemarch . Ela odiava esse livro na faculdade.”

"Então, por que diabos você o traria?", perguntou Gail, com lógica.

"Porque talvez, se ela tiver que ouvir isso de novo, ela acorde só para me mandar calar a boca."

“Você está louco.”

“Sem discussão. Enfim, estou indo. Te vejo amanhã, Casey.”

"Eu te acompanho até o elevador", ofereceu Gail, seguindo Janine para fora da sala.

Casey ouviu os passos deles enquanto se afastavam pelo corredor, repassando mentalmente os detalhes da visita. Como era estranho ser uma observadora passiva daquelas discussões, estar ali... e, ao mesmo tempo, não estar presente. Isso a entristeceu, percebeu, lembrando-se de repente de um incidente da época da faculdade. Dois estudantes foram flagrados se pegando no chão da seção de livros raros da biblioteca.

Foram imediatamente levados à sala do reitor. "Você não adoraria ser uma mosca na parede?", perguntou Janine enquanto eles passavam, com um sorriso malicioso no rosto. E

Casey assentiu com entusiasmo. O que poderia ser melhor?, pensou ela na

época, do que ser invisível? Poder ir e vir quando quisesse, sem que ninguém percebesse, ou sequer notasse sua presença. Poder ouvir às escondidas, escutar conversas privadas, descobrir o que as pessoas realmente pensavam, desvendar seus segredos mais profundos, testemunhar o que faziam quando presumiam estar sozinhas.

"Cuidado com o que você deseja", pensou Casey naquele momento.

Porque invisível era exatamente o que ela havia se tornado. Apesar de todos os fios, tubos, ventiladores, gesso, parafusos e porcas que a mantinham unida, apesar dos médicos, enfermeiros e funcionários do hospital que rondavam sua cama, apesar de toda a máquina que a mantinha viva, ninguém realmente a via. Ninguém sabia que ela estava ali.

Ela era invisível.

E não foi nada divertido. Não foi nada divertido. Nem por um segundo.

Foi um inferno.

• • •

“Oi, querida. Como você está se sentindo hoje? Dormiu bem?”

Casey sentiu a voz aveludada de Warren roçando seu tímpano, como um gatinho em uma cesta. Quanto tempo ela havia dormido dessa vez?, pensou, despertando completamente, com o coração disparado no peito enquanto o pânico familiar a dominava, embora ela permanecesse imóvel por fora. Ela o ouviu se movimentando inquieto pelo quarto por alguns segundos antes de puxar uma cadeira para perto da cama, claramente tentando se acomodar em um lugar que não oferecia tal luxo.

Ela tentou imaginar o quarto para se acalmar, concluindo que provavelmente era pequeno e de um tom esverdeado doentio, com persianas venezianas pesadas penduradas precariamente em uma única janela lateral, e talvez uma ou duas cadeiras de encosto reto, estofadas em vinil, enfiadas em um canto. Talvez um esboço desbotado em tons pastel de uma paisagem bucólica indefinida decorasse a parede acima de sua cama de hospital, a

própria cama dominada pela mais recente tecnologia médica. Sem dúvida, havia

um criado-mudo de metal ao lado dela, assim como a pequena televisão suspensa no teto.

Os médicos acham que você pode estar pronto para começar. "Você está respirando sozinho", disse Warren, com voz suave e tranquilizadora. "Eles vão começar a tentar retirá-lo do respirador esta tarde, o que é uma notícia realmente maravilhosa."

Será? Casey se perguntou, voltando à consciência com dificuldade e tentando entender tudo o que estava acontecendo. Mas como ela poderia entender alguma coisa se não sabia de nada, se não sabia se era noite ou dia, escuro ou claro, maio ou junho, este ano ou o próximo, se não tinha ideia de quanto tempo havia passado desde a última vez que estivera consciente? E que diferença fazia se ela estava respirando sozinha ou com a ajuda de um aparelho, se ainda não conseguia ver, se mover ou se comunicar?

“Todo mundo não para de ligar. Amigos, vizinhos, colegas de trabalho. Você não tem ideia de quanta gente gosta de você.”

Com exceção de uma questão bastante gritante.

“Acho que você, sozinho(a), está mantendo as floriculturas desta cidade em funcionamento.”

Eu tenho flores?

“Janine e Gail mandam um arranjo novo toda semana, claro”, continuou Warren. “Esta semana é um buquê de tulipas brancas e rosas. E tem um vaso com flores de primavera espetaculares dos sócios da minha empresa. Infelizmente, as únicas flores que eu conheço pelo nome são os narcisos e as íris, então não posso ajudar muito nesse quesito, mas tem um monte de flores brancas e volumosas que eu acho que você ia adorar. Ah, e alguns salgueiros-gatinho. Acho que é esse o nome. Sem falar de uma dúzia de rosas vermelhas que eu dei, que são muito bonitas, mesmo que não tenham perfume. Lembra de como as rosas costumavam cheirar? E agora não cheiram mais”, disse ele, com tristeza.

Casey vagamente se lembrava de ter lido algo sobre por que as rosas não tinham mais aroma, mas não conseguia se lembrar do quê. Além disso, que diferença fazia se ela não tinha olfato? Nenhuma, concluiu, enquanto sua mente arrumava as flores da primavera no parapeito da janela e colocava as rosas sem perfume na

mesa de cabeceira ao lado da cama.

Ouviram-se batidas suaves na porta.

"Desculpe interromper", Patsy se desculpou gentilmente. "Eu vi você entrar e pensei em dar uma passada para ver como você estava."

“Estou bem, obrigado”, disse Warren.

Agora que você sabe, pode ir embora.

Você parece um pouco cansado(a).

“Não tenho conseguido dormir muito ultimamente.”

“Acho que você não está acostumado a dormir sozinho.”

Ah, que legal. Boa, Patsy. Bem sutil.

“Acho que não.”

“Desculpe. Não foi essa a minha intenção ao falar.”

É mesmo?

“Está tudo bem. Eu sei o que você quis dizer.”

"Não fica mais fácil, né? Vê-la assim...", continuou Patsy, enquanto Casey sentia a auxiliar de enfermagem entrando no quarto, com o aroma de lavanda a seguindo.

Será que ela realmente sentia cheiro de lavanda? Casey se perguntou, farejando o ar freneticamente. Seria possível? Ou seria apenas toda aquela conversa sobre flores despertando sua imaginação já hiperativa?

“Aquele detetive Spinetti estava de volta”, disse Patsy, “fazendo um monte de perguntas”.

"Como?"

“Quem nos visita, quanto tempo ficam, se observamos algo incomum ou

suspeito.”

“E você?”

"Vou lhe dizer exatamente o que disse ao detetive: a única coisa que vi foram muitas pessoas realmente tristes, mas com muito amor no coração. Casey devia ser uma mulher muito especial."

“Ela ainda é”, corrigiu Warren.

“Claro. Me desculpe. Eu não queria dizer...”

“Eu sei que você não fez isso. Me desculpe. Não queria ser grosseira com você. É que tudo isso já estava ruim o suficiente quando pensamos que foi um acidente. Pensar que alguém poderia ter feito isso de propósito...”

“Não consigo imaginar...”

“É simplesmente inacreditável vê-la tão imóvel. Casey era sempre tão animada, tão cheia de vida.”

"Conte-me sobre ela", disse Patsy, conseguindo soar como se realmente se importasse.

Não. Não conte nada a ela. Para ela, isso é apenas preliminar.

Warren deu uma risada suave, um som terno que irradiava calor e amor. Envolveu Casey como um par de braços fortes e reconfortantes. "Bem, ela é linda. Dá para ver isso, mesmo na condição em que ela está. E não me refiro apenas à aparência externa. Ela é linda por dentro também. E ela é engraçada. A gente ria tanto juntas."

É verdade, pensou Casey. A gente costumava rir o tempo todo.

“E ela é sensível”, continuou Warren, como se uma torneira tivesse sido aberta em seu cérebro, liberando uma enxurrada de adjetivos. “Forte, inteligente, sexy. Sinto tanta falta dela”, sussurrou Warren.

Casey sentiu Patsy se aproximar e a imaginou colocando uma mão delicada no ombro de Warren. "Se ela for metade tão forte e inteligente quanto você pensa,

ela encontrará o caminho de volta para você."

“Obrigado”, disse Warren.

"A qualquer hora. Posso lhe oferecer algo? Uma xícara de café? Algo para comer?"

“Um café seria ótimo. Aqui, deixe-me lhe dar algum dinheiro.”

“Não, não seja boba. Eu pago. Já volto.”

Casey imaginou Patsy caminhando em direção à porta, com um rebolado exagerado. Ela se perguntou que tipo de uniforme Patsy estaria usando, se o tecido favorecia sua figura, se seus quadris eram largos ou estreitos. Ela se perguntou quantos anos ela tinha e se Warren a achava bonita.

“Uma moça simpática”, disse Warren depois que ela se foi. “Não é feia”, continuou ele, como se entendesse o que ela estava pensando. “Embora eu ache que você a consideraria bem comum. Talvez um metro e sessenta e dois de altura, cinquenta e dois quilos, dos quais pelo menos sete quilos são de maquiagem. Cabelo loiro-avermelhado, olhos castanhos e, claramente, a mãe dela nunca lhe ensinou a arte de aplicar rímel, que ela tem a infeliz tendência de usar em excesso, como se fosse creme de barbear. Eu diria que ela tem entre vinte e cinco e trinta anos. Ah, e acho que ela não usa calcinha.”

Casey ouviu-o girar na cadeira.

“Vamos ver. O que mais posso te dizer? Você está perdendo um dia lindo. Sol, uns 23 graus.

Todo mundo fica me convencendo a jogar golfe. O campo está aberto e, pelo que ouvi, está em ótimas condições. Eu ainda não fui lá conferir pessoalmente. Não consigo me animar para ir, com você aqui deitada desse jeito. 'Você não pode ficar no hospital o dia todo', todo mundo fica me dizendo. Mas o que eu devo fazer? Tudo parece tão... fútil. 'Você tem que

sair, viver a sua vida', eles dizem. Eu continuo dizendo a eles que a minha vida é aqui, neste hospital.”

Casey sentiu os olhos se encherem de lágrimas, embora duvidasse que alguma

lágrima tivesse de fato se formado. " Continuo dizendo a eles que minha vida está aqui, neste hospital", repetiu ela, tentando reproduzir a entonação exata de sua voz.

“Bem, o Ted Bates — você se lembra dele? Ele é advogado, jantamos com ele e a esposa alguns meses atrás — ligou algumas vezes, tentando me convencer a jogar uns buracos, fica dizendo que vai ser uma boa distração, que eu preciso fazer alguma coisa para relaxar. A vida continua, esse tipo de baboseira. Eu disse que ia pensar no assunto. Deus sabe que eu preciso me exercitar. Não vou à academia desde... Droga . Do que eu estou falando? Não vou chegar perto de um campo de golfe até você poder ir comigo. Embora este provavelmente seja um bom momento para eu praticar”, disse ele, e tentou rir. “Assim, quando você acordar, posso te surpreender com a minha nova habilidade.” O riso escapou de sua garganta antes de se transformar em um grito sufocado. “Meu Deus, Casey. Sinto tanta saudade de você.”

Também sinto saudade.

Outra batida suave na porta.

"Desculpe", disse Warren, enxugando as lágrimas. "Não percebi que você estava aí."

“Desculpe interromper. Eu não queria que seu café esfriasse”, disse Patsy.

Agora, até mesmo seus momentos mais íntimos com o marido não eram mais só dela, pensou Casey, sua mente absorvendo essa última perda, seu coração afundando com o peso dela.

"Eu encontrarei o caminho de volta para você", ela chorou silenciosamente.

Sim, eu vou. Sim, eu vou.

7

"EU "NÃO ACREDITO QUE VOCÊ DISSE PARA AQUELE POLICIAL QUE ACHA QUE EU

TENTAVA MATAR MINHA IRMÃ!" Drew gritou alto.

“Eu não lhe disse nada disso”, protestou Warren.

"Volto das minhas férias e encontro metade da polícia acampada no saguão do meu condomínio. Parecia que eu era o Osama bin Laden, pelo amor de Deus. E aí, praticamente, sou acusado de tentar matar minha própria irmã! Minha irmã! Como você imagina que eu me senti?"

“Sinto muito mesmo...”

“Como você pôde me acusar de tal coisa?”

“Acredite em mim, Drew. Eu não te acusei de nada.”

Casey percebeu a resignação na voz do marido. Nunca se ganhava uma discussão com Drew, ela compreendeu, lembrando-se daquele dia, três meses antes de seu quarto aniversário, quando sua irmã nasceu.

“Que tipo de nome é Drew, afinal?” Leslie zombou quando a trouxeram para casa do hospital. Leslie era a babá recém-contratada do bebê, uma jovem com forte sotaque inglês, bochechas redondas e rosadas e cabelos castanhos espetados que estavam constantemente... caindo em seus olhos, de modo que ela sempre parecia estar espiando você por baixo de um véu.

“Ela deveria ser o Andrew”, respondeu Shauna, a jovem irlandesa contratada para cuidar de Casey após a partida repentina de Maya, com um tom de quem já sabia de tudo. Casey não gostava muito de Shauna, cujo rosto estava sempre com uma expressão levemente contraída, como se estivesse sentindo dor constante, e cujas pernas pareciam pesadas sob as saias curtas demais.

"Em vez disso, eles contrataram outra garota fedorenta", comentou Leslie displicentemente, como se Casey não estivesse na sala.

Shauna fez um som estranho de estalo com a boca e assentiu em concordância. "Os meninos são muito melhores", disse ela.

Casey estava entre as duas jovens em frente ao trocador no quarto azul e branco de Drew, com o bebê resmungando à espera de uma fralda limpa. "Ela não está fedendo", protestou Casey.

“Não? Então você pode trocá-la.” Leslie enfiou a fralda usada nas mãos relutantes de Casey.

Casey jogou a fralda rapidamente na lixeira próxima. "Ela cheira melhor do que você."

Leslie riu. "Você está dizendo que não gosta do meu perfume?"

"Tem um cheiro horrível."

“Tem um cheiro almiscarado ”, corrigiu a babá. “E seu pai gosta bastante.” Ela riu baixinho, piscando para Shauna enquanto ajeitava uma fralda Pampers nova no bumbumzinho inquieto de Drew.

"Cuidado", alertou Shauna. "Esse tipo de conversa já fez uma garota ser demitida."

Leslie deu de ombros com desdém, pegou Drew no colo e a levou, ainda inquieta, até o berço, onde a deitou de costas. Casey observava os dois bracinhos. E as pernas dispararam imediatamente para o ar, como se a irmã fosse um inseto que alguém tivesse derrubado sem piedade. O rosto do bebê se contorceu em uma série de rugas e sulcos de raiva, e sua boca se abriu em um grito silencioso que rapidamente se encheu de fúria, seus gritos estridentes perfurando o ar como estilhaços de vidro voando. "Meu Deus, que som horrível", disse Leslie.

"Talvez ela esteja com fome", sugeriu Casey.

“Eu simplesmente dei a mamadeira para ela.”

“Talvez você não tenha lhe dado o suficiente.”

“Talvez esteja na hora da sua soneca.”

“Não tiro mais sonecas.”

"Que pena para você", disse Leslie para Shauna enquanto o choro do bebê aumentava. "Meu Deus, o que há de errado com essa criança? Ela chora o tempo todo."

"Eu estava conversando com a Marilyn", disse Shauna, referindo-se a uma babá que mora na mesma rua, "e ela acha que o Drew pode estar sofrendo de síndrome alcoólica fetal."

"O que é isso?" perguntou Leslie quando Casey estava prestes a responder.

“É algo que os bebês pegam quando ainda estão no útero. Por causa da bebida da mãe”, ela sussurrou, embora Casey não tivesse dificuldade em ouvir cada palavra.

"É, essa mãe é uma figura, não é? Não me admira que o marido dela fique me traindo."

“Shhh”, avisou Shauna, baixando o olhar na direção de Casey. “Crianças pequenas têm ouvidos grandes.”

Casey examinou rapidamente a sala. Ela não viu nenhum jarro.

“Além disso”, continuou Shauna, enquanto o bebê chorava histericamente, “é difícil saber o que veio primeiro: a bebida ou as brincadeiras.”

"Acho que ela quer colo", disse Casey, puxando o bolso da saia jeans de Leslie.

“Ah, é mesmo? Quer pegá-la no colo, então?” Ela tirou a criança que chorava do berço e a entregou para Casey sem mais delongas.

Casey carregou sua irmãzinha, cujo rosto molhado agora era uma bola vermelha e furiosa, para um canto do quarto e se deitou cuidadosamente no tapete azul macio, enquanto os altos choros de Drew subiam, como vapor, em direção ao teto. "Está tudo bem, meu bem", disse ela suavemente. "Estou aqui. Você não precisa chorar."

Em resposta, Drew chorou ainda mais alto.

“Isso aí, garota”, disse Leslie, e ela e Shauna riram, um som irritante que arranhava as paredes como unhas. “Você tem o toque de Midas.”

"Acha que consegue ficar aqui dentro por alguns minutos enquanto saímos para fumar um cigarro?", perguntou Shauna.

Casey observou as duas meninas saírem do quarto sem esperar por sua resposta. Assim que elas se foram, o choro de Drew diminuiu. "Eu também não gosto delas", confidenciou Casey, embalando Drew para frente e para trás até que o choro da bebê se transformasse em um choro constante. "Isso mesmo", sussurrou ela. "Você se sente melhor agora, não é?

Eu também. Meu nome é Casey. Sou sua irmã mais velha e vou cuidar de você. Você não vai precisar chorar mais."

Só que ela chorava. Constantemente. "De manhã, ao meio-dia e à noite", proclamou Leslie, cansada. E então, de repente, Leslie sumiu, e era uma garota de cabelos escuros chamada Rosie que estava reclamando.

“Acho que nunca ouvi um bebê chorar tanto”, disse Rosie, com as mãos grandes apoiadas nos quadris largos. “Cólica é cólica, mas isso, isso é...”

“É uma síndrome”, explicou Casey.

E Rosie riu, uma gargalhada sonora que fez Casey rir junto. Casey ficou feliz por Rosie ter vindo morar com eles, porque Rosie tinha um rosto bondoso. e aqueles olhos grandes e escuros que Casey ouvira o pai dizer que eram como duas grandes poças de calda de

chocolate. Rosie riu quando ele disse isso, e sempre que Rosie dava aquela risada maravilhosa e contagiante, Casey sentia uma breve onda de segurança e bem-estar.

“Que diabos está acontecendo lá embaixo?” gritou sua mãe do alto da escada, interrompendo abruptamente o riso de Rosie. “Ninguém pode fazer nada com essa gritaria infernal? Onde está... seja lá qual for o nome dela?”

“Estou aqui, Sra. Lerner”, respondeu Rosie da porta do berçário. “Estou prestes a amamentá-la.”

A resposta foi o som de uma porta de quarto batendo.

"Eu diria que alguém acordou com o pé esquerdo se..." Rosie começou.

Se ela se levantasse da cama, Casey terminaria a frase silenciosamente por ela.

“Afinal, qual é o problema dela?”

"É porque ela é popular", explicou Casey, tentando se lembrar do que seu pai havia dito a Leslie. Sua esposa era bipopular, ele dissera, e era por isso que ela agia daquele jeito.

"Como alguém pode ser popular se nunca sai do quarto?", perguntou Rosie.

Algumas noites depois, Casey ouviu barulhos estranhos no meio da noite e levantou-se para ver o que estava acontecendo. Seu quarto ficava na ala oeste da casa, no térreo, ao lado do berçário. ("Para não incomodarmos sua mãe", explicou seu pai.) O quarto de Rosie ficava mais adiante no corredor, ao lado do de Shauna. Casey seguiu a sequência de guinchos e risadinhas até a porta do quarto de Rosie e a empurrou, abrindo-a.

Seus olhos levaram alguns segundos para se ajustar à escuridão, e mesmo assim foi difícil discernir exatamente o que era. O que Rosie estava fazendo. Ela parecia estar sentada em algo, balançando violentamente para frente e para trás como se estivesse tendo algum tipo de ataque. No segundo seguinte, ela estava pulando para cima e para baixo, e um par de mãos grandes envolvia seus quadris nus. Ela parecia estar rindo e chorando ao mesmo tempo.

E então, de repente, o quarto se encheu de luz, e mãos ásperas empurraram Casey para o lado, e sua mãe estava atrás dela, gritando, e Rosie pulou da cama, lutando para cobrir sua nudez e gritando tão alto quanto a mãe de Casey, e seu pai estava sentado na cama, implorando a todos que mantivessem a calma. Enquanto Casey se perguntava o que seu pai estava fazendo na cama de Rosie e por que ele também parecia estar nu, sua mãe correu pelo quarto em direção a ele, chorando e arranhando seu rosto. E de repente, Drew gritou do quarto ao lado, e Shauna pegou Casey no colo e correu com ela pelo corredor, e na manhã seguinte, tanto Rosie quanto sua mãe haviam desaparecido.

“A Rosie conseguiu outro emprego”, disse Shauna durante o café da manhã. “Sua mãe ficará fora por um tempo.” Nada mais foi dito.

Dois dias depois, apareceu uma nova babá para Drew. Seu nome era Kelly, e ela foi demitida assim que Alana Lerner voltou de onde quer que estivesse, deu uma olhada nas pernas longas da garota, no sorriso sedutor e nos cabelos castanhos ondulados, e a mandou embora. Casey respirou aliviada quando a agência de empregos mandou Misha, que era mais velha, sem curvas e “apagada como uma gata”, segundo Shauna. “Não deve haver mais mudanças por um tempo”, ela havia proclamado. Enganada, como se viu, porque a própria Shauna foi demitida apenas algumas semanas depois por ter ligado para mais de trezentos funcionários. dólares em ligações internacionais. Eis que surge Daniela, uma mulher gorda, de quarenta anos e imperturbável. Ela permaneceu na família por quase dois anos e foi a última babá da família Lerner.

"O que aconteceu com Daniela?", perguntou Drew muitos anos depois.

“Eles a deixaram ir quando eu comecei o jardim de infância”, respondeu Casey.

“Eu gostava dela.”

“Como você se lembra dela? Você tinha o quê, dois anos quando ela foi embora?”

"Eu me lembro dela", insistiu Drew. "Ela faz parte da minha primeira lembrança."

Casey sabia exatamente a lembrança à qual sua irmã se referia: Drew correndo para o quarto da mãe, ansiosa para mostrar o novo ursinho de pelúcia que havia ganhado de aniversário, a mãe arremessando o urso com raiva para o outro lado do quarto e gritando:

"Alguém tire essa criança de perto de mim!". E Daniela entrando correndo, pegando Drew no colo e levando-a escada abaixo para o quarto de Casey, com Drew chorando alto.

"Não acredito que você contou para aquele policial que eu tentei matar minha irmã", Drew chorava naquele momento.

O que?

“Eu disse especificamente ao detetive Spinetti que não acreditava que você tivesse qualquer envolvimento com o que aconteceu com Casey.”

“Então o que ele está fazendo bisbilhotando, fazendo perguntas, insinuando que eu fugi da cidade... ”

Você não retornou nenhuma das ligações dele. Ninguém sabia onde você estava.

“Passei algumas semanas nas Bahamas. Podem me processar.”

“Você estava nas Bahamas”, repetiu Warren, sem ânimo.

“Eu precisava de uma pausa. Isso é crime?”

“Sua irmã está em coma, Drew.”

"Sim, e ela está em coma há quase dois meses", lembrou Drew, irritado.

“Durante esse período, quantas vezes você esteve aqui?”

“Eu já te disse, é muito difícil para mim vê-la assim.”

“É difícil para todos nós.”

“Pensei que os médicos tivessem dito que ela estava melhorando.”

“Ela está melhorando. Como vocês podem ver, os gessos foram retirados. As lesões dela praticamente cicatrizaram. Estão diminuindo gradualmente a necessidade de ventilação mecânica. Ela até já começou a fisioterapia.”

“Fisioterapia? Ora essa! Não é como se ela fosse a algum lugar.”

Silêncio.

"Desculpe", Drew se desculpou. "Estou apenas chateado. É aquele maldito detetive. Quer dizer, do que ele está falando, afinal? Quem iria querer matar Casey?"

“Não sei. Você tem alguma ideia?”

“Eu? Não. Por que eu faria isso?”

“Você a conhece há mais tempo do que qualquer outra pessoa, Drew. Há alguém do passado dela, alguém em quem você se lembre que... ”

“Não frequentávamos exatamente os mesmos círculos sociais.”

“Há alguém do seu círculo de amizades...? ”

“O que isso quer dizer?”

“Um dos seus amigos, talvez um conhecido...”

"Talvez um conhecido?", Drew repetiu em tom de deboche. "Você não estaria se referindo a um dos meus conhecidos escrotos e traficantes, estaria?"

“Só estou tentando entender as coisas, Drew.”

“Bem, você se enganou.”

“Olha, eu não quero discutir. Principalmente na frente da sua irmã.”

“Por quê? Você acha que ela consegue nos ouvir?”

“Não, claro que não.”

"Você consegue nos ouvir, Casey?" perguntou Drew, aproximando-se, pairando sobre ela, sua respiração roçando a bochecha de Casey como a língua áspera de um gato. Será que ela estava imaginando coisas? "Você entende o que estamos dizendo?"

Sim. Sim, eu entendo tudo.

"Não tem ninguém em casa", declarou Drew, afastando-se.

"Cuidado com o cotovelo", alertou Warren. "Ela já está bastante machucada."

Drew fez um som de desdém. "E agora, o que acontece?"

"Bem, espero que ela continue melhorando. Agora que começou a fisioterapia, seus músculos ficarão mais fortes. E os médicos continuarão reduzindo o número de respirações que o ventilador fornece. Eles estão otimistas de que, em uma ou duas semanas, ela poderá começar a respirar sozinha."

“Você está dizendo que ela vai recuperar a consciência?”

“Não. Ninguém está dizendo isso.”

“O que eles estão dizendo? Que ela pode ficar assim para sempre?”

Não, não. Isso não vai acontecer. Warren, diga a ela que isso não vai acontecer.

Silêncio.

“Então, repito, o que acontece agora?”, insistiu Drew.

Um longo suspiro escapou dos lábios de Warren. "Assim que Casey conseguir respirar sem o respirador, poderei começar a pensar em levá-la para casa, contratar as pessoas certas—"

"Quer dizer, o que vai acontecer comigo?", interrompeu Drew.

Casey talvez tivesse rido se pudesse. Ela achava estranhamente reconfortante que algumas coisas nunca mudava, independentemente das circunstâncias. Uma rosa é uma rosa é uma rosa, pensou ela. E Drew era Drew, era Drew. Ela sempre seria.

Ela poderia culpá-la?

Sua irmã aprendera desde muito cedo que a única pessoa que cuidaria dela era ela mesma.

Ocasionalmente, Casey tentava assumir o papel materno, mas Drew a lembrava veementemente: "Você não é minha mãe". E então ela se afastava.

Casey era, no entanto, o administrador do patrimônio de seus pais, quem tomava as decisões, quem assinava os cheques.

“O que vai acontecer com você ?”, repetiu Warren.

“Sim. É uma pergunta razoável, dadas as circunstâncias.”

“Uma pergunta que receio não poder responder.”

"Por que não?"

“Porque eu não tenho nenhuma resposta.”

“Você é advogado. Pensei que advogados devessem saber dessas coisas.”

"Eu não sou advogado especializado em direito sucessório." Casey percebeu o esforço que o marido fazia para manter a calma.

“Tenho certeza de que você estava falando com um deles.”

“Na verdade, não.”

“Você não conversou com ninguém sobre o que acontecerá com a fortuna de sua esposa caso ela permaneça em estado vegetativo persistente?”

Não estou em estado vegetativo. Não estou. Não estou.

“Acho isso muito difícil de acreditar”, continuou Drew.

“Tenho algumas outras coisas em mente, Drew.”

Casey sentia a irmã andando de um lado para o outro ao redor da cama. Ouvia o clique dos saltos e tentava imaginar o que ela estaria vestindo. Provavelmente uma calça legging preta e uma blusa folgada. Seus longos cabelos loiros escuros. Provavelmente, seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo alto, e um par de seus característicos brincos de argola prateados balançava em suas orelhas. Sem dúvida, seus olhos verde-escuros lançavam olhares fulminantes na direção de Warren.

"Eu pensava que, se algo acontecesse com Casey, a herança do meu pai seria automaticamente transferida para mim."

“Casey não está morto, Drew”, lembrou Warren a ela.

“Ela bem que poderia ser.”

Oh, Deus.

“Ok, já chega”, disse Warren, assim que o som dos sapatos de Drew cessou aos pés da cama.

“Receio que você terá que ter paciência.”

“Fácil para você dizer. Você não precisa se preocupar com dinheiro.”

“Talvez se você arrumasse um emprego”, sugeriu Warren.

"Preciso mesmo te lembrar que tenho um filho para cuidar?"

Casey sentiu um nó se formar no estômago ao ouvir falar de sua sobrinha de cinco anos, que era um clone minúsculo de sua mãe em quase todos os aspectos. Casey se perguntou se Lola seria a beleza que sua irmã previa que ela seria quando crescesse. Ela se lembrou de previsões semelhantes feitas sobre Drew. Mas, embora Drew tivesse amadurecido — se é que as palavras "amadurecido" e "Drew" podiam ser usadas na mesma frase — e se tornado uma jovem inegavelmente bonita, ela não chegava a ser bela; seus traços eram um tanto convencionais demais, seus olhos desfocados demais, desprovidos do mistério essencial que a verdadeira beleza exige.

“Onde está Lola?”, perguntou Warren.

“Sean a levou à cafeteria para tomar sorvete.”

“Afinal, quem é esse cara?”, perguntou Warren. “Há quanto tempo você o conhece, exatamente?”

“O que isso quer dizer exatamente ?”

“Não significa nada. Eu só estava curioso.”

"O que você está pensando, Warren? Está pensando se o Sean teve algo a ver com isso? Está pensando se eu pedi para o meu namorado atropelar a minha irmã? É isso que você está pensando?"

Claro que não. Você não pensa isso. Pensa, Warren?

"Mamãe!" chamou uma vozinha, enquanto passos animados corriam para dentro do quarto.

"Ai, meu Deus. Tira ela daqui. Não. Vai embora. Pensei que você ia levá-la para tomar sorvete", disse Drew tudo de uma vez.

"Ela comeu sorvete", protestou uma voz masculina.

“Então, dê mais para ela.”

"O que aconteceu com a tia Casey?", perguntou a menina. "Ela está dormindo?"

"Ela não está se sentindo bem", respondeu Drew impacientemente.

“Ela está doente?”

“Ela sofreu um acidente de carro”, explicou Warren.

“Ela vai ficar bem?”

“Espero que sim. Estamos torcendo muito.”

“Posso cruzar o meu também?”

“Acho que isso seria muito útil.”

“Ótimo. Viu, mamãe? Estou torcendo muito.”

“Ótimo”, disse Drew. “Agora, Sean, se você não se importa. Um quarto de hospital não é lugar para uma criança.”

“Eu posso ler para ela, mamãe.”

“Talvez em outra ocasião. Sean...”

“Está bem, está bem. Vamos lá, Lola. Pode ficar com aquele pedaço de bolo que você estava de olho.”

“Não estou mais com fome.”

“Sean, pelo amor de Deus—”

“Sabe de uma coisa?” Warren interrompeu. “Eu acho que eles Temos uma sala de jogos infantil no andar de baixo. Gostaria de vê-la?

“Posso, mamãe?”

“Sem dúvida.”

“Que tal eu te mostrar onde fica?”, disse Warren.

“Tenho certeza de que Sean consegue se virar sozinho”, disse Drew a ele. “Ainda há algumas coisas que precisamos discutir.”

“Acho que já discutimos o suficiente por esta tarde.”

Casey percebeu, pela forma como a voz de Warren ia se afastando, que ele já estava à porta.

"Você também pode ir, Sean", disse Drew, com desdém. "Warren, eu espero aqui até você voltar."

“Faça como quiser.”

A porta se fechou, deixando Casey sozinha com sua irmã. "Eu sempre faço isso", disse Drew.

8

“Então , aqui estamos nós de novo”, continuou Drew, enquanto Casey imaginava sua irmã caminhando até a janela. “Como nos velhos tempos. Só que naquela época, eu era quem estava praticamente em coma, e você era quem ficava andando de um lado para o outro, tentando descobrir o que fazer comigo.”

É verdade, pensou Casey, enquanto sua mente repassava todos os anos em que compartilharam a mesma casa, as noites que passou esperando ansiosamente a irmã voltar para casa, os dias que passou observando-a dormir após uma bebedeira, o aroma inconfundível de sexo velho e drogas leves ainda impregnado em suas roupas.

“Você ficava me dizendo que se eu não me endireitasse, não viveria para ver meu aniversário de trinta anos.” Drew riu, embora o som fosse oco. “E agora olha só para nós.”

Casey sentiu-se sentar na beirada da cama. “Acho que é isso que eles querem dizer com

'ironia'.” Ela respirou fundo e expirou lentamente pela boca. “Meu Deus, eu realmente não consigo olhar para você.”

Sinto muito que você tenha que me ver assim, pensou Casey, lembrando-se da aversão da irmã a qualquer coisa minimamente desagradável.

“Não que você esteja com uma aparência tão horrível. Não está. Na verdade, você está muito bem para um membro dos mortos-vivos. Sua cor está ótima, os hematomas sumiram e os médicos fizeram um ótimo trabalho. Olha, Casey”, disse Drew, irritado. “Já chega. Você já deixou claro o que queria. Eu sou um completo fracassado que não consegue se virar sem você. Eu entendi. Agora, saia desse coma ridículo e volte para nós. Vamos. Eu sei que você está aí dentro.”

Você acha mesmo? Acha mesmo?

“Você precisa acordar. Isso não é justo. O que você está fazendo simplesmente não está certo. E não venha com essa conversa fiada de que não temos escolha,

porque quantas vezes você já me disse que sempre temos uma escolha? Então não me diga que você não pode... o que foi que você disse uma vez? 'Comece a fazer mudanças positivas'? Isso mesmo.

Então, comece a fazer mudanças. Eu preciso que você melhore. E preciso que você melhore até sexta-feira, porque eu já escrevi vários cheques, e eles vão começar a voltar sem fundo se você não acordar e transferir um pouco de dinheiro — que, aliás, é meu por direito, caso você tenha esquecido — para a minha conta."

Ah, Drew.

"Quer dizer, lamento ter que lhe impor isso nesta situação, mas estou numa situação delicada — uma situação que, aliás, poderia ter sido facilmente evitada se o papai não o tivesse nomeado único executor do testamento, ou se você não tivesse concordado com isso."

Por favor, pare.

"O problema atual é", continuou a irmã, dando pulinhos nada delicados na beira da cama,

"que eu não recebo minha mesada desde que você entrou em hibernação, e entre levar o Sean para as Bahamas e comprar meu novo guarda-roupa de primavera, estourei todos os meus cartões de crédito, e praticamente Em breve, não vou conseguir alimentar minha filha. E eu sei o que você sente pela Lola, que você a ama demais, mesmo que não tenha ficado muito feliz com a minha gravidez. E sim, caso esteja se perguntando, eu sei quem é o pai. Ou pelo menos, reduzi a lista a três suspeitos. Brincadeirinha", acrescentou Drew rapidamente. "Dois", murmurou ela. "Então, o que eu devo fazer, hein? Preciso de dinheiro, seu marido diz que eu tenho que ter paciência, e a culpa é toda sua porque é você quem controla o dinheiro. Então, me diga você. Como saímos dessa enrascada?"

Quem me dera saber.

"Lamento dizer isso, mas toda essa situação teria sido muito mais fácil se você simplesmente tivesse morrido."

O que?

“Aí eu teria meu dinheiro. Os policiais não ficariam me enchendo o saco. Eu não precisaria implorar para o Warren...”

Oh, Drew. Você realmente me odeia tanto assim?

Casey sentiu Drew se levantar da cama. Ela nunca tinha conseguido ficar parada por mais de um minuto, pensou Casey, imaginando a irmã na janela. O que será que ela vê? Casey se perguntou, imaginando um sol brilhante e alaranjado sendo engolido por um grupo sinistro de nuvens negras.

A situação financeira atual de Drew era culpa dela, Casey foi obrigada a reconhecer. Como administradora do espólio de seu pai, fora sua decisão conceder a Drew uma mesada. Sua irmã se ressentiu das restrições impostas, protestando contra a injustiça do acordo, apesar da generosidade do valor, chegando a ameaçar processá-la, mas recuando ao saber que qualquer contestação ao testamento do pai poderia resultar em sua deserdagem total. Ela então Ela tentou argumentar com a irmã mais velha, defendendo que, ao lhe dar uma mesada, Casey, na verdade, não a deixava crescer. Estava infantilizando- a, disse Drew, e Casey ficou tão impressionada com a palavra e com o argumento que transferiu várias centenas de milhares de dólares para sua conta.

O dinheiro sumiu em menos de um ano, gasto em uma franquia mal planejada que faliu rapidamente, uma Ferrari amarela, algumas férias em ilhas paradisíacas e muito pó branco viciante. Depois disso, Casey passou a controlar rigorosamente a mesada da irmã. Drew vendeu a Ferrari, e o dinheiro sumiu rapidinho. Foi nessa época que Drew descobriu que estava grávida e decidiu ficar com o bebê, embora se recusasse a revelar o nome do pai. Ela concordou, no entanto, em se internar em uma clínica de reabilitação e conseguiu se manter sóbria até depois do nascimento de Lola.

Os últimos cinco anos tinham sido mais do mesmo. Casey mudara a irmã para um apartamento maior em Society Hill, contratara uma senhora mais velha e responsável para cuidar de Lola e pagara pelas repetidas tentativas de reabilitação de Drew. De vez em quando, parecia que Drew estava prestes a dar a volta por cima, apenas para desaparecer completamente, às vezes por semanas a fio. Pouco antes do acidente, pensou Casey, recusando-se por um momento a pensar nisso de outra forma, ela não falava com a irmã havia quase um mês.

Drew tinha razão, pensou ela novamente, sentindo a irmã voltar para o seu lado.

Ela não deveria tê-la colocado nessa situação, não deveria tê-la forçado a depender dela para o que era seu por direito. Ela deveria ter dividido a herança em duas metades iguais e deixado o destino decidir. O que Drew escolheu fazer. A questão de como ela ficaria com a parte da herança familiar era problema dela. Casey não tinha o direito de ditar regras para a irmã mais nova, nem de tentar impor seu próprio código moral a ela.

"Você não pode proteger alguém que se coloca deliberadamente em perigo", Warren lhe dissera mais de uma vez. Ele argumentara veementemente que a melhor coisa que Casey poderia fazer por sua irmã era mantê-la sob controle financeiro rigoroso, pelo menos até que ela provasse ser capaz de lidar com a responsabilidade de todo aquele dinheiro.

Talvez Drew tivesse percebido que esse momento nunca chegaria.

“Meus pés estão me matando”, disse Drew, e Casey a ouviu arrastando uma cadeira pelo chão em direção à cama. “Não deixe ninguém te dizer que Manolos são tão confortáveis que é como andar descalça. Quem disse isso, afinal? Provavelmente a Carrie de Sex and the City

. Você já assistiu a esse programa? Eu adorava. Ainda assisto às reprises. Passam o tempo todo. Provavelmente sei todos os episódios de cor, de tantas vezes que já vi. Ei, talvez esteja passando agora.” Ela clicou no controle remoto e começou a mudar de canal, continuando a falar por cima do desfile de vozes que mudavam constantemente na TV. “Enfim, você tem que admitir que esses sapatos são lindos.” Casey imaginou a irmã levantando os pés para exibir o calçado. “Sim, eu sei que setecentos dólares é um valor exorbitante para pagar por uma tira de couro marrom e um salto de oito centímetros, mas elas são realmente uma obra de arte, e quando foi a última vez que você pagou apenas setecentos dólares por uma verdadeira obra de arte?” Ela respirou fundo novamente. “Que pena que você não pode vê-las”, continuou. “Que pena que você não pode ver como elas ficam bem nos meus pés. Que pena que você não pode ver como eu estou bem, ponto final.” Ela riu, novamente sem nenhum prazer genuíno. "Na verdade, estou com uma aparência ótima ultimamente. Estou

bem bronzeada e comecei a me exercitar. Não corrida. Isso é coisa sua. Não, tenho feito aulas de dança e até comecei a fazer spinning. Agora sou oficialmente uma daquelas malucas que suam horrores naquelas bicicletas que

não levam a lugar nenhum, o que você provavelmente diria que é uma metáfora para o meu estilo de vida."

Será que ela diria isso? Casey se perguntou, sentindo-se imediatamente culpada. Será que ela diria isso mesmo? Será que ela era mesmo tão preconceituosa?

“De qualquer forma, eu estou realmente muito bem. Não tão bem quanto a Bela Adormecida aqui, é claro. Mesmo em coma, você ainda é a irmã mais bonita. Embora eu esteja vendo algumas linhas ao redor da boca que nunca tinha notado antes. Talvez você queira considerar o Botox quando acordar, mesmo que a ideia de injetar um veneno no seu corpo me assuste um pouco. E eu sei o que você está pensando, mesmo que, tecnicamente, você não esteja pensando. Mas você está enganada. Isso é uma coisa que eu nunca fiz.

Nunca usei agulhas. Você sabe que eu sempre odiei agulhas. Lembra daquela vez que iam nos dar aquelas injeções na escola, e todas nós tivemos que fazer fila, e eu comecei a gritar e saí correndo, e eles tiveram que te arrastar para fora da sala para me encontrar? Lembra disso? Você tinha, o quê... doze anos? Eu tinha oito ou nove.” Ela deu uma risadinha. “Bons tempos, né?”

Os bons e velhos tempos.

“Enfim, não faça isso. Botox me assusta, mesmo sabendo que é aprovado pelo FDA e que todo mundo usa. Mas ele paralisa o músculo, e isso é meio assustador. Quer dizer, e se algo der errado e seu corpo inteiro ficar paralisado? Droga”, Drew murmurou imediatamente.

“O que diabos eu estou dizendo? Desculpe. Não fui muito rápida. Tenho quase certeza de que não era isso que os médicos tinham em mente quando disseram para conversar com você como o máximo possível. Enfim, eu realmente sinto muito. Eu não queria... Por que estou me desculpando? Não é como se você pudesse me ouvir. Você consegue? Você consegue me ouvir? Às vezes tenho a sensação de que você consegue.

Sim. Você tem razão. Você tem razão.

"Não. Acho que é ridículo demais", disse Drew com um suspiro. "Então, o que você acha do Sean?", perguntou ela em seguida.

Sean?

“O cara que estava aqui agora mesmo”, ela respondeu, como se estivessem tendo uma conversa de verdade.

Será que Drew a ouviu? Casey se perguntou. Será que ela teria dito o nome dele em voz alta?

“Não me lembro se vocês dois já se conheceram. Cabelo loiro ondulado, narizinho arrebitado, lindos olhos castanhos. Mais baixo do que eu normalmente gosto, mas o que lhe

falta em comprimento, sobra em largura, se é que você me entende.” Ela deu uma risadinha.

“É, eu sei. Estou falando besteira. Papai não aprovaria. Embora ele também tivesse um gosto por besteira, o nosso papai tinha”, ela murmurou em voz alta. “Enfim, o Sean é legal.

Não muito inteligente. Eu até que gosto disso. Mas ele definitivamente não é para casar, então você não precisa se preocupar. Você já tem com o que se preocupar.”

Casey sentiu Drew se aproximar. "Casey?", ouviu-a perguntar, a voz baixando, carregada de preocupação. "Casey, o que está acontecendo aí dentro? Por que acho que você consegue me ouvir?"

Porque você me conhece melhor do que ninguém. Porque você é minha irmã e, apesar de tudo, existe uma conexão entre nós, um laço inquebrável.

“Ela não consegue te ouvir”, disse uma voz masculina suavemente.

Quem é aquele?

“Eu sei”, concordou Drew. “De repente, havia algo na expressão dela. Pensei por Um minuto que talvez... não sei. Você é o médico dela?

“Não. Eu sou o fisioterapeuta dela. Jeremy Ross.”

Casey tentou imaginar sua aparência. Ela o visualizou alto e loiro, com queixo quadrado e olhos profundos. Talvez com o nariz quebrado na juventude. Ele provavelmente tinha uns trinta e poucos anos, pensou ela, imaginando se ele

estava estendendo a mão para Drew.

“Drew Lerner”, disse Drew. “A irmã de Casey.”

“Sim, consigo ver a semelhança familiar. Prazer em conhecê-lo, Drew. Como está nosso paciente hoje?”

Casey sentiu Drew dar de ombros.

"Ela está se recuperando muito bem", comentou a terapeuta, aproximando-se da cama e pegando a mão de Casey na sua, apertando-a suavemente.

Será que ele estava mesmo? Ou será que ela estava apenas imaginando? Será que ela conseguia senti-lo manipulando seus dedos para cima e para baixo?

“Definitivamente sinto uma melhora.”

"Você pode?"

“Ela está ficando muito mais forte. Consigo sentir uma diferença nos dedos dela, mesmo em comparação com alguns dias atrás. E assim que os médicos removerem esse aparelho”, disse ele, obviamente se referindo ao ventilador que controlava a respiração de Casey,

“poderemos começar a movimentá-la muito mais.”

“E se ela não conseguir respirar sozinha?”

“Os médicos não vão retirar o respirador até terem certeza de que é seguro.”

Você acha que ela vai recuperar a consciência?

“É difícil dizer.” Jeremy soltou uma das mãos e ergueu a outra no ar. “Alguns sim. Outros não.”

“Quais são as chances?”

“Não sei.” Ele começou a manipular o pulso de Casey. girando-o em pequenos círculos.

"Geralmente, quanto mais longo o coma, menores as chances de uma

recuperação completa. Mas nunca se sabe. Não se pode perder a esperança."

Casey sentiu a força dos dedos dele enquanto aplicavam uma leve pressão nos seus. Ela sentiu um formigamento agradável subindo pelo braço e uma onda de excitação a invadiu.

Estariam seus sentidos voltando, aos poucos? Ou seu cérebro estava simplesmente projetando seu desejo de sentir essas coisas? Ela precisava ter cuidado para não criar expectativas antes de ter certeza.

Mas por que não?, ela se perguntou. Que diferença faria se suas esperanças fossem alimentadas apenas para serem frustradas? As coisas poderiam ficar piores do que já estavam?

“Isso aí, Casey. Você está indo muito bem”, disse Jeremy para ela.

"Você quer que eu vá embora?", perguntou Drew.

“Não, tudo bem. Não me incomoda que você esteja aqui. O que você está assistindo?”

“Hã? Ah, nada. Não tem mais nada que valha a pena assistir.”

As vozes na televisão foram abruptamente silenciadas.

“Nesse caso, você pode me observar”, disse Jeremy. “Aprenda a fazer algumas dessas coisas você mesmo, para que possa fazê-las com ela na próxima vez que vier visitá-la.”

“Ah, não. Eu ficaria com muito medo. Não gostaria de machucá-la.”

“Você não vai machucá-la. Aqui, deixe-me mostrar. Vamos, pegue a mão dela.”

“Não, não posso. De verdade.”

“Claro que pode. Vá em frente. Prometo que não a machucará.”

Casey sentiu sua mão direita sendo passada da mão firme de Jeremy para a palma menos firme de Drew. " Eu consigo sentir isso", pensou ela, tonta. " Eu consigo sentir isso."

“Isso é bom. Agora, devagar e com cuidado, comece a se mover.” Os dedos dela sobem e descem, um de cada vez, bem devagar, bem delicadamente. Isso mesmo. Viu? Você conseguiu. E agora gire o pulso, assim como eu estou fazendo. Bom. Bom. Viu? Você tem talento natural.

Drew zombou. "Acho que não."

“Eu sei disso. Não se subestime. Casey precisa de você agora.”

“Acredite em mim. Sou a última coisa de que ela precisa.” Ela rapidamente devolveu a mão de Casey à terapeuta.

"E por que será?" As mãos de Jeremy começaram a massagear os antebraços de Casey.

Isso não é imaginação minha. Eu realmente consigo sentir isso.

"A expressão 'ovelha negra da família' lhe soa familiar?", perguntou Drew.

Jeremy deu uma risadinha. "Entendo que haja algumas ovelhas negras nesta família em particular."

Drew riu junto com ele. "Você tem feito sua lição de casa."

“Gosto de me familiarizar o máximo possível com o histórico dos meus pacientes.”

"É, boa sorte com essa família. Somos uma família bem problemática. Exceto a Casey. Ela sempre foi perfeita."

"Acho que é difícil competir com a perfeição", disse Jeremy, manipulando o braço de Casey na altura do cotovelo.

“Ah, eu parei de competir cedo.”

“Provavelmente uma boa ideia.”

“E você?” perguntou Drew. “Tem irmãos ou irmãs?”

“Dois de cada.”

“Nossa! Que família grande! Você tem filhos?”

“Não. Minha esposa e eu estávamos pensando nisso, mas ela achou que preferia tê-los com outra pessoa, então nos divorciamos. E você?”

"Eu tenho uma filha. Não tenho marido", acrescentou Drew rapidamente.

“Olá, Jeremy”, disse Warren da porta. “Drew, talvez você devesse sair e deixar o terapeuta fazer o trabalho dele.”

“Tudo bem. Ela não está incomodando—”

“Sean e Lola estão esperando por você lá embaixo.”

“Precisamos conversar”, protestou Drew.

"Agora não."

“Tudo bem”, interrompeu Jeremy. “Posso voltar em alguns minutos. Foi um prazer conhecê-lo, Drew.”

"Você também."

"Por favor, me diga que você não estava flertando com a terapeuta da sua irmã", disse Warren assim que Jeremy saiu.

“Qual é o problema? Não é como se ela pudesse me ver.”

“Não vou ter essa discussão.”

“Ele se parece um pouco com Tiger Woods, não acha?”

“Não vou ter essa conversa. Olha, seu namorado está lá embaixo com a Lola. É melhor você não fazê-los esperar mais. Aqui está um pouco de dinheiro para você se virar.”

“O que eu vou fazer com quinhentos míseros dólares?”

“É todo o dinheiro que tenho comigo.”

“Eu não quero o seu dinheiro. Eu quero o meu dinheiro.”

“É o melhor que posso fazer por enquanto.”

“Até quando isso vai continuar?”

“Não sei, Drew. É uma situação complicada.”

“Então simplifique.”

“Estou de mãos atadas.”

“Desamarre-os.”

“Você não entende? Não depende de mim.”

Por favor. Não aguento mais ouvir isso.

"Meu Deus, olha só para ela", disse Drew de repente. "Olha para o rosto dela."

“O que há de errado com o rosto dela?”

“Ela consegue nos ouvir.”

"O que você está falando?"

“Ela consegue nos ouvir, Warren. Eu sei que consegue.”

Casey sentiu Warren se aproximar mais, sua respiração roçando seus lábios enquanto seus olhos a examinavam.

“Você está louco, Drew”, disse ele após uma longa pausa. “Agora, por favor. Faça um favor a todos nós e vá para casa.” Houve outra pausa, seguida de um suspiro profundo e cansado.

Quando Warren falou novamente, sua voz estava mais suave, mais conciliadora. “Olha. Vou conversar com alguém da minha empresa sobre a sua situação. Espero que possamos chegar a um acordo.”

"Eu agradeceria muito."

“Desculpe se eu disse algo que te chateou”, disse Warren.

"Desculpas aceitas. Então você me liga depois de falar com seu colega?"

“Eu ligo.”

Casey ouviu o clique dos Manolos da irmã enquanto ela saía apressadamente do quarto sem se despedir.

9

“Tudo bem, você está pronto, Casey?” perguntou o Dr. Ein.

O quê? Você disse alguma coisa?

“Este é um passo bastante importante que estamos dando.”

Do que você está falando? Que grande passo?

Casey sentia-se oscilando entre a consciência e o sono. Ela vinha sonhando com Janine, com os anos que passaram dividindo o quarto na faculdade. Não estava pronta para acordar, para deixar para trás sua versão mais jovem e despreocupada — ou melhor, menos despreocupada . Não estava pronta para dar nenhum passo importante.

“Assim que desconectarmos este último fio, você estará oficialmente respirando sozinho”, anunciou o médico.

Sinto muito. Você disse alguma coisa?

Casey se viu sentada na cama de Janine no pequeno apartamento de dois quartos que elas dividiam. O apartamento ficava no último andar de um prédio de três andares, a cerca de 800 metros do campus da Universidade Brown, em uma rua arborizada repleta de antigas casas imponentes que agora funcionavam como residências universitárias ampliadas, abrigando um fluxo constante de estudantes de graduação e pós-graduação.

"O que ele está dizendo?", perguntou Janine impacientemente ao lado dela. "Casey, o que ele está dizendo?"

Acho que ele disse algo sobre eu respirar sozinha.

“Casey, vamos lá”, insistiu Janine, enquanto Casey se rendia à força do passado. “Você não está fazendo direito. Deixe-me tentar.”

“Como assim eu não estou fazendo direito? Como posso estar fazendo errado?” Casey observou a jovem que ela costumava ser entregar o copo que segurava entre a orelha e a parede às mãos ansiosas de Janine. “Ele não está dizendo

nada.”

"Impossível", disse Janine. "Estão falando de mim. Eu consigo sentir."

Casey conheceu Janine três meses antes, quando respondeu a um anúncio de vaga para colega de quarto que Janine havia colocado no jornal do campus. "Não sei", disse Janine ao abrir a porta, olhando Casey de cima a baixo e dispensando cumprimentos como "Olá. Tudo

bem?". Ela deu um passo para trás para deixar Casey entrar, sem nem tentar disfarçar o olhar de cima a baixo que lançava para Casey. "Você é bonita demais. Nem tente me dizer que você não foi a rainha do baile."

Casey não tinha certeza do que dizer, então não disse nada, decidindo que provavelmente era melhor deixar a garota alta de olhos azuis penetrantes falar a maior parte do tempo. Ela já havia decidido que queria o apartamento — era luminoso e convidativo, apesar do tamanho pequeno, embora pudesse ter um toque de cor, pensou, imaginando algumas almofadas verde-limão no sofá bege sem graça e um tapete com estampa de zebra no piso de madeira clara. Um vaso de flores frescas também cairia bem, pensou enquanto Janine fazia um gesto para que ela o trouxesse. para se sentar. “Ok, então aqui está a história”, Janine começou sem se dar ao trabalho de se apresentar. “Sou barulhenta, mandona e tenho opinião forte. Odeio animais, inclusive peixinhos dourados, então animais de estimação estão fora de questão, e vou vomitar se você começar a falar com entusiasmo sobre o cachorrinho que você tinha quando tinha três anos. Estou procurando alguém organizado, quieto e inteligente, porque odeio gente burra.”

“Eu não sou estúpido.”

"Nem tão silencioso assim", veio a resposta imediata, seguida de um sorriso radiante. "Você não é nenhum psicopata assassino esquisito, é?"

"O que?"

“Você nunca assistiu ao filme Mulher Solteira Procura ?”

Casey balançou a cabeça negativamente.

“Você tem sorte. Foi terrível. Então, o que você está estudando?”

“Estou cursando dupla graduação em psicologia e inglês.”

"É mesmo? Inglês já era suficiente para mim. Mudei do curso preparatório para Direito quando decidi que odeio advogados. Exceto os bonitinhos, claro."

"Claro", concordou Casey, embora estivesse pensando que Janine tinha muitas coisas que odiava. Três em apenas três minutos.

A entrevista transcorreu relativamente bem a partir dali, com Casey tomando o cuidado de falar o mínimo possível, deixando Janine discorrer sobre qualquer assunto que escolhesse.

Meia hora depois, Janine entregou a segunda chave do apartamento. "Certo. Vamos tentar.

No mínimo, você pode ajudar a atrair homens de melhor nível."

“Então, ok, você ouviu alguma coisa?” Casey estava dizendo. Mais tarde, enquanto Janine deslizava o copo lentamente pela parede, procurando o lugar perfeito.

“Bastante movimentação.”

Janine ajustou sua posição na cama de casal, ajoelhando-se e reposicionando o copo em direção à orelha.

“Afinal, o que estamos tentando ouvir? Quem é esse cara?”

“Não sei o nome dele. Só sei que ele é lindo. Exatamente o meu tipo. Ele estava lá fora conversando com o Peter, que não faz o menor sentido para mim, apesar de praticamente babar toda vez que me vê. Enfim, o cara lindo me lançou um olhar quando eu estava subindo os degraus da entrada, como se tivesse gostado do que viu. Sabe qual é o olhar.”

Janine baixou os olhos e fez um biquinho para ilustrar. “Você sabe do que estou falando. E

acabamos entrando todos juntos, embora o Peter, o idiota, não tenha se lembrado de nos apresentar. Ou talvez tenha se lembrado, mas não quis. De qualquer forma, ouvi o Peter dizendo meu nome para ele enquanto subíamos as escadas,

então assim que cheguei lá em cima, corri para dentro e te disse para pegar um copo. Não acredito que essas paredes sejam tão à prova de som. Achei que as paredes desses prédios antigos fossem fininhas como papel."

"Deixe-me tentar novamente."

Alguém bateu à porta. "Está esperando visitas?", perguntou Janine em tom acusador.

Casey balançou a cabeça negativamente.

"Livre-se deles, seja quem for", ordenou Janine enquanto Casey saía da sala e se aproximava da porta da frente.

"Quem é?"

"É o Peter, o vizinho."

Casey se virou bruscamente e encontrou Janine atrás dela. "O que você está esperando?", sussurrou Janine com a voz rouca. Ela apertou a camiseta preta sobre os seios e ajeitou o cabelo enquanto fazia sinal para Casey abrir a porta.

Casey respirou fundo e abriu a porta do apartamento. Peter, o vizinho magérrimo de vinte anos, estava diante dela com um sorriso torto no rosto estreito e sem rugas, uma garrafa de vinho tinto na mão direita e, à esquerda, um jovem astutamente bonito de olhos azuis claros e um sorriso malicioso.

"Meu amigo e eu pensamos que você poderia estar interessado em compartilhar uma garrafa de vinho", aventurou Peter timidamente.

"Sua amiga tem um nome?", perguntou Janine, dando a volta em Casey e assumindo o controle da situação.

"Eric", disse o jovem bonito ao lado de Peter, entrando sem esperar que lhe perguntassem.

"E você é?", perguntou, olhando diretamente para Casey.

"Ela é Casey. Eu sou Janine", respondeu Janine. "O que você tem aí?"

“É um merlot”, respondeu Peter.

“Um merlot”, repetiu Janine, como se soubesse o que aquilo significava. “Casey, você poderia nos trazer uns copos?”

Casey se perguntou se havia algum copo limpo disponível, já que na noite anterior tinha sido a vez de Janine lavar a louça, e ela ainda não tinha tido tempo. O único copo limpo que tinham estava no quarto de Janine. "Vou ver o que posso fazer."

"Eu te ajudo", ofereceu Eric.

"Não precisa", disse Casey rapidamente, percebendo o olhar de Janine.

“Fique à vontade”, instruiu Janine, seguindo Casey até a pequena cozinha nos fundos do apartamento. “Maldito Peter”, sussurrou ela. “Ele provavelmente contou para o Eric que gosta de mim, então o Eric está praticamente sem saída.”

Casey enxaguou quatro copos enquanto Janine observava, preocupada. "Como vou fazer isso?"

“Fazer o quê?”

"Talvez você pudesse distrair o Peter por um tempo, fazê-lo conversar — se bem me lembro, ele é um verdadeiro cinéfilo — e assim eu poderia ter alguns minutos com o Eric, avisá-lo de que não vai rolar nada com o amigo dele."

Casey tentou. Sentou-se na cadeira bege em frente ao sofá, permitindo que Janine ocupasse o meio do sofá entre Peter e Eric, e tentou, com bom humor, puxar conversa com Peter sobre filmes, embora não gostasse nem de ficção científica nem de terror, gêneros que ele parecia preferir.

"Você está brincando comigo. Você nunca viu 'O Desaparecimento '?", perguntou Peter, incrédulo. "Como você pôde perder esse filme? É um clássico."

"O que é isso?" perguntou Eric, interrompendo o que quer que Janine estivesse lhe dizendo, deixando-a boquiaberta no meio de uma frase.

"Ela nunca viu 'The Vanishing '", disse Peter, balançando a cabeça negativamente.

“Ah, você precisa ver The Vanishing ”, repetiu Eric.

"Não é aquele filme com o Kiefer Sutherland e a Sandra Bullock?", perguntou Janine, inclinando-se para a frente e fingindo interesse.

“Jeff Bridges interpreta um assassino em série assustador que sequestra pessoas e as enterra vivas no quintal de casa”, disse Peter, como se Janine não tivesse falado nada.

“Mas você deveria mesmo ver a versão original holandesa”, interrompeu Eric. “É ainda melhor.”

"Se você conseguir encontrar", disse Peter. "Nem todas as locadoras de vídeo têm."

"Talvez eu consiga encontrar uma cópia para você", ofereceu Eric, baixando os olhos e franzindo os lábios, uma réplica exata do olhar que Janine havia lançado a Casey mais cedo, um olhar que demonstrava interesse. Casey fingiu não notar.

“Não sou muito fã de terror”, disse ela.

“É mais suspense do que terror. Não tem muito sangue e tripas. Ninguém está retalhando pessoas com uma motosserra.”

"Vamos enterrá-los vivos", disse Casey, e os dois meninos riram mais do que o necessário.

"Alguém aqui viu Halloween ?" perguntou Janine. "Ou Sexta-Feira 13 ? O primeiro, claro."

"Quem nunca viu isso?", disse Peter, com desdém.

“Não”, disse Casey.

"Sério?" perguntou Eric. "Eu tenho uma cópia. Posso trazer aí uma noite dessas. Seguro sua mão, caso você fique com medo."

Casey levantou-se de um salto. "Alguém quer queijo e biscoitos? Peter, por que você não me dá uma mãozinha?", disse ela em seguida.

"Eu te ajudo", ofereceu Eric, já ao lado de Casey antes que Peter tivesse a chance de responder.

"Acho que não temos queijo nem biscoitos", disse Janine com um sorriso.

"Tenho certeza de que podemos encontrar algo", disse Eric, pegando no cotovelo de Casey e conduzindo-a para fora do quarto. Assim que chegaram à cozinha, ele a envolveu em seus braços e a beijou.

"O que você está fazendo?", perguntou Casey, afastando-se, embora seu corpo inteiro estivesse formigando.

"Beijando você", disse ele, beijando-a novamente. "E acredito que, dessa vez, você pode ter retribuído o beijo."

"Encontrou alguma coisa brega?" A voz de Janine era agradável o suficiente, embora Casey pudesse sentir que nela transbordava acidez.

Casey se desvencilhou imediatamente do abraço de Eric. Ela sabia que qualquer coisa que dissesse naquele momento estaria errada, então não disse nada.

“Como eu disse, acho que ficamos sem salgadinhos”, continuou Janine, seguida de um sorriso radiante.

O encontro improvisado terminou minutos depois, quando Janine anunciou que tinha uma tarefa para concluir até a manhã seguinte.

"Que tal jantarmos no próximo sábado?", Eric sussurrou para Casey enquanto saía. "Eu te ligo", disse ele antes que ela pudesse responder.

“Então”, disse Janine, sorrindo enquanto fechava a porta do apartamento. “Correu tudo bem.”

"Sinto muito mesmo", Casey se desculpou imediatamente. "É claro que não vou jantar com ele."

“Do que você está falando? É claro que você vai. Você está louca? Ele é lindo. E você gosta dele. Por que você não iria?”

“Porque você gosta dele e foi você quem o viu primeiro.”

Janine afastou os cabelos escuros do rosto. "Não seja tão bobo. Só porque eu o vi primeiro não significa que ele me pertence. É óbvio que ele não está interessado em mim. Ele quer você. E é igualmente óbvio que você o quer."

“Não tenho certeza do que quero.”

"Ei, eu não sou cega. Eu vi aquele beijo que você deu nele na cozinha."

"Ele me beijou . Fui pega completamente de surpresa", protestou Casey.

“Talvez na primeira vez”, corrigiu Janine. “Não na segunda.”

Casey não disse nada. Janine tinha presenciado os dois beijos? Ela tinha visão de raio-X? Ou estava apenas fazendo uma suposição baseada em conhecimento prévio?

"Feche a boca", disse Janine, claramente se divertindo com o desconforto de Casey. "Uma mosca vai entrar."

Você realmente não se importaria se eu saísse com ele?

“Faz diferença se eu fizesse?”

“Sim”, insistiu Casey. “É claro que isso importaria.”

“Então você está sendo estúpida. E você sabe que eu odeio estupidez. Nossa, que vinho horrível.” Ela pegou a garrafa. “Acho que podíamos colocar uma vela dentro e fingir que estamos nos anos sessenta.”

Alguém bateu à porta.

“Não me diga que eles querem de volta.”

"Quem é?" perguntou Casey, prendendo a respiração e sem se mexer.

“Casey”, soluçou a voz familiar.

"Drew?" perguntou Casey, incrédula. Ela correu até a porta e a abriu. Sua irmã de dezesseis anos estava no corredor, com os olhos inchados e quase fechados de tanto chorar, o rosto molhado de lágrimas. "O que você está fazendo aqui?"

“Eu não sabia para onde mais ir. Posso entrar?”

“O quê? Claro que pode entrar. Meu Deus, olha só para você. Você está um desastre.” Casey conduziu a irmã até o sofá da sala, jogando as almofadas verde-limão no chão e sentando-se ao lado dela, passando os dedos para afastar os cabelos emaranhados do rosto. “O que está acontecendo? Achei que você estivesse em Nova York.”

“Eu estava. Fui para casa passar o fim de semana.” Ela olhou para Janine. “Você deve ser a Janine. Desculpe interromper assim.”

Janine sentou-se ao lado deles no sofá. "Está tudo bem. Você está bem?"

Drew balançou a cabeça negativamente. "Não."

"O que aconteceu?"

Drew enxugou algumas lágrimas teimosas. "Odeio aquela escola idiota onde papai e Alana me colocaram."

“Mas dizem que é muito bom”, disse Casey. “Muito melhor do que aquele em que eu fui.”

“Eu sei. É ‘a melhor escola particular do país’. Eu sei, eu sei. Mas eu odeio aquele lugar. É

horrível. Todo mundo é tão... estudioso.” Ela olhou para a garrafa de vinho na mão de Janine. “Posso beber um pouco?”

“Não”, disse Casey. “Caso alguém não tenha lhe dito, dezesseis anos não é a idade legal para beber em Rhode Island.”

“Vamos lá, Casey.”

“Conte-me o que aconteceu.”

Após uma breve pausa, ele disse: "Me meti em uma pequena encrenca na escola."

“Que tipo de problema?”

“Nada sério. Me pegaram fumando maconha no estacionamento dos professores.”

"Fumar maconha? Drew!"

“Casey, por favor. Me poupe do sermão. Estou cansada. Passei o dia todo viajando.” Ela olhou para o seu corta-vento manchado de poeira. “Meu Deus, estou um desastre.”

“Como assim, você passou o dia todo viajando? Como chegou aqui?”

“Peguei carona.”

"Você pegou carona? Você está louco? Você não sabe quantos malucos existem por aí? Você tem ideia do que poderia ter acontecido com você?"

"Casey", Janine advertiu em voz baixa. "Relaxa."

Casey respirou fundo. "Ok. Desculpe. Chega de sermões. Só me diga o que aconteceu."

“Eu fui suspenso.”

Casey mordeu o lábio inferior para não gritar "Suspenso!"

“Só por uma semana. Não é nada demais. De qualquer forma, decidi que era melhor voltar para casa.”

“E daí? Papai e Alana te deram trabalho?”

"Dificilmente."

“Eles não ficaram chateados?”

“Eles não estavam lá.”

Casey tentou se lembrar da agenda de viagens dos pais. Pelo que sabia, eles estavam na Filadélfia. "A governanta não deixaria você entrar?"

“Ela também não estava lá.”

“Não havia ninguém lá?”

“Ah, tinha alguém lá, sim”, disse Drew. “Um casal muito simpático chamado Lyle e Susan McDermott. Aparentemente, eles compraram a casa há alguns meses.”

Casey estava confuso. "Você foi até a casa na Avenida Brynmaur?"

“É claro que fui até a casa na Avenida Brynmaur. Era lá que estávamos morando da última vez que verifiquei.”

“Mas meu pai vendeu aquela casa há meses.”

Você sabia?

"Você não fez isso?"

“Como eu ia saber? Ninguém nunca me conta nada. Simplesmente me mandam para um internato, e quando decido voltar para casa, descubro que meus pais venderam a maldita casa sem me avisar e se mudaram sem dizer uma palavra. Quem faz uma coisa dessas?

Quem se muda e não conta para os filhos? Ah, esqueci”, ela chorou. “Eles te contaram.”

“Tenho certeza de que eles também pensaram que te contaram.”

“Afinal, onde diabos eles estão?”

“Eles compraram uma casa menor perto do campo de golfe. Menor é um termo relativo”, acrescentou Casey, imaginando a mansão de quase 930 metros quadrados para a qual seus pais haviam se mudado na Old Gulph Road. “Sinto muito, Drew. Presumi que você soubesse.”

"É, bom, da próxima vez, não presuma nada. Eu bem que poderia tomar um gole desse vinho."

"Não."

“Vamos lá, Casey”, insistiu Janine, entregando a garrafa a Drew. “Um gole não

vai matar ninguém.”

Drew tomou um longo gole antes que Casey pudesse protestar. "Ok, Drew, já chega", disse ela finalmente, quando parecia que Drew ia virar tudo de uma vez.

"Você acredita que existem pessoas assim?", perguntou Drew a Janine, tirando os tênis e trazendo os joelhos para perto do peito, balançando para frente e para trás. "Seus pais fariam uma coisa dessas?"

“Meus pais se divorciaram quando eu tinha sete anos”, respondeu Janine calmamente. “Meu pai nunca pagou um centavo de pensão alimentícia, apesar de ter um bom emprego e uma renda estável. Minha mãe o levava ao tribunal constantemente, mas nunca adiantava nada.

Então ele se casou de novo e teve outra família, e o tribunal perdoou o que ele nos devia e reduziu o valor que ele deveria pagar à minha mãe todo mês, o que, claro, ele não pagava de qualquer forma. Então minha mãe foi obrigada a trabalhar em três empregos, o que significava que eu quase nunca a via, e então ela ficou doente demais para trabalhar e

morreu de câncer três meses antes de completar quarenta e sete anos.” Janine virou o resto do vinho da garrafa.

"Você nunca me contou nada disso", disse Casey a Janine mais tarde, enquanto Drew roncava tranquilamente no sofá. "Isso deve ter sido muito difícil para você."

“Você sabe o que dizem, não é? A vida é uma droga.” Janine exibiu seu sorriso mais angelical. “E depois você morre.”

“Então, o que acontece agora?”, perguntou um dos médicos. Janine simplesmente desapareceu no ar, deixando para trás apenas seu sorriso, como o Gato de Cheshire em Alice no País das Maravilhas.

“Bem, parece que ela está respirando muito bem sozinha”, disse o Dr. Ein com evidente alívio quando Casey voltou ao presente, “então acho que só nos resta esperar para ver”.

Casey imaginou o médico balançando a cabeça. “Seu palpite é tão bom quanto o meu.”

10

“...MEU DEUS, ELA NÃO MORREU”, dizia uma voz. “Se eu fosse apostador, diria que a chance de sobrevivência dela era inferior a dez por cento.”

“Ela é uma lutadora, com certeza”, confirmou uma segunda voz.

Casey lutou contra a onda de pânico que sempre sentia ao acordar na escuridão total. Será que um dia se acostumaria? Será que um dia se acostumaria a acordar com vozes estranhas falando acima de sua cabeça, comentando sobre sua aparência e condição como se ela fosse um objeto inanimado? Como se ela não fosse nada mais do que uma peça de natureza morta, pensou. Decorativa, sem exigências, relegada a um lugar apropriado, para ser observada e limpa regularmente.

Só que alguém queria que a vida dela fosse completamente paralisada.

“Quando me pediram para dar minha opinião, bastou um olhar para ela para eu pensar:

'Consultar sobre o quê? Essa pobre mulher está condenada'”, continuou a primeira voz. “A extensão dos ferimentos dela era simplesmente horrível.”

“Ninguém achava que ela sobreviveria àquela primeira noite”, concordou a segunda voz.

Warren, Casey percebeu, a voz dele infiltrando-se em seu subconsciente.

“Mas ela surpreendeu a todos”, disse o primeiro homem, com a voz grave repleta de admiração. “E agora ela está respirando sozinha—”

“Mesmo assim...” Warren interrompeu, visivelmente em conflito com seus pensamentos. “A qualidade de vida dela...” Ele pigarreou. “Eu sei que não há a menor chance de ela querer passar o resto da vida nessa condição.”

“Eu sei o quanto isso deve ser difícil para o senhor, Sr. Marshall...”

“Não estou pensando em mim”, protestou Warren veementemente. “Estou pensando na Casey. Nós já tivemos essa conversa. Você se lembra daquela

mulher, esqueci o nome dela, aquela que ficou em coma por anos, cujo marido queria desligar o tubo de alimentação e acabar com o sofrimento dela, mas os pais dela estavam desesperados para mantê-la viva, e foram para o tribunal, e foi uma confusão, um verdadeiro circo midiático, e eu me lembro que a Casey disse que se, Deus me livre, algo assim acontecesse com ela, eu teria que prometer que acabaria com o sofrimento dela...”

Sim, lembro-me de ter dito isso.

“Você está dizendo que quer desconectar o tubo de alimentação dela?”

Não, você não deve fazer isso. Não agora. Pelo menos não até descobrirmos quem é o responsável pelo que aconteceu comigo.

“Não, claro que não estou dizendo isso.”

Preciso saber quem é o responsável.

“Para ser honesto, eu já não sei o que estou dizendo, Dr. Keith. Eu sei que Casey não gostaria de passar o resto da vida assim, e eu só quero fazer o que é certo. Não quero que ela sofra mais. Me sinto um traidor porque sei que estou sendo egoísta, que não estou pronto para deixá-la ir.”

O que ela faria se as situações fossem invertidas, Casey se perguntou de repente, se fosse Warren em coma? Naquele leito de hospital, sem ver e sem se mexer, semana após semana, e era ela quem o vigiava? Ela não estaria dizendo exatamente as mesmas coisas que ele estava dizendo agora? Ela não estaria ao menos considerando essas mesmas coisas?

“A situação aqui é muito diferente”, explicou o Dr. Keith com delicadeza. “A mulher a quem você se refere estava em estado vegetativo profundo. Ela jamais recuperaria a consciência.

Ainda não sabemos se esse é o caso da sua esposa.”

“Quando você vai saber? Daqui a um ano? Cinco anos? Quinze?”

Quinze anos? Meu Deus, não. Ele tem razão, Dr. Keith. Não há a menor possibilidade de eu viver assim por mais quinze anos. Nem mesmo cinco. Cinco meses é mais do que eu consigo suportar. Vou enlouquecer. Warren tem razão,

Dr. Keith. Prefiro estar morto a continuar vivendo assim.

Mas ainda não. Não até eu descobrir quem fez isso comigo.

Ela percebeu que era esse mistério, tanto quanto os vários tubos aos quais estava conectada, que a mantinha viva. Era mais envolvente do que qualquer coisa que tivesse assistido na TV, mais estimulante do que as conversas com os amigos, mais fascinante do que os inúmeros relatórios médicos. O fato de alguém ter tentado matá-la preenchia seus pensamentos e ocupava sua mente como um intruso teimoso. Que ironia amarga, pensou Casey, que sua principal razão para viver se resumisse a descobrir quem a queria morta.

“Eu sei que isso é difícil”, disse o Dr. Keith. “Mas há todos os motivos para sermos otimistas.

Sua esposa já superou todas as expectativas. Ela sobreviveu a um acidente que teria matado a maioria das pessoas. Seus ossos estão se recuperando bem. Seu coração está forte. Seu estado de saúde está melhorando a cada dia. Ela não precisa mais do respirador e está respirando normalmente. O cérebro está funcionando, embora com uma atividade mais lenta e reduzida.”

“Que tal fazer um EEG para determinar o nível exato de funcionamento cerebral?”

“Só fazemos um EEG se suspeitarmos de morte cerebral. Como o corpo da sua esposa está funcionando, sabemos que não é o caso. Precisamos apenas aguardar mais um pouco, Sr.

Marshall. Não temos certeza de nada...”

“Essa avaliação vem do melhor neurologista da cidade”, disse Warren com amarga resignação.

“O cérebro é um órgão tão complexo. Deixe-me desenhar para você.”

Casey ouviu o farfalhar do papel e o clique de uma caneta esferográfica.

“Este é o cérebro”, começou o Dr. Keith, enquanto Casey o imaginava desenhando um grande círculo no verso de sua ficha, “e esta área na parte inferior é o cerebelo”.

Ela se esforçou para se lembrar desses detalhes de suas aulas de biologia do ensino médio, repreendendo-se por não ter prestado mais atenção. Ela imaginou um círculo menor invadindo a metade inferior direita do primeiro.

“O cérebro está conectado à medula espinhal pelo tronco encefálico, que é repleto de nervos, doze para ser exato, que controlam os vários sentidos, bem como—”

"Existe alguma chance de minha esposa estar mais consciente do que pensamos?", interrompeu Warren. "De que ela possa ver ou ouvir?"

Casey sentiu que estava prendendo a respiração. Será que eles perceberam?

“Altamente improvável”, respondeu o médico. “Mas isso é relativamente fácil de descobrir.

Poderíamos fazer um teste de nistagmo óptico-cinético, comumente chamado de teste OKN...”

“Qual deles faz o quê, exatamente?”

“Utilizamos um instrumento em forma de cone com alternância quadrados de luz e escuridão, e os giramos lentamente em frente aos olhos do paciente. Uma pessoa normal piscará com a mudança de claro para escuro.”

“Certamente os médicos responsáveis já realizaram esse exame.”

“Sim, já fizeram. Várias vezes”, concordou o médico. “Uma vez, depois da internação da sua esposa, e novamente mais tarde, após as cirurgias dela. Mas podemos certamente pedir o exame novamente, se o senhor desejar, embora...”

"Embora . . . "

“Bem, eu imaginaria que, se sua esposa pudesse ver, ela faria tudo ao seu alcance para nos avisar.” Casey ouviu um suspiro profundo. “Você está sugerindo que sua esposa possa estar fingindo deliberadamente o que está sentindo?”

"O quê? Não. Claro que não", disse Warren rapidamente. "Por quê? Isso é sequer possível?"

“Bem, existe sim uma reação neurótica ao estresse. Histeria de conversão, na qual a ansiedade elevada se manifesta fisicamente. Não é voluntária, então o paciente não está fingindo deliberadamente. Mas eu diria que poderíamos descartar essa possibilidade neste caso. Poderíamos testar a sensibilidade da córnea, suponho”, acrescentou ele após uma breve pausa.

“O que isso significa?”

"Colocamos um pedacinho de algodão na córnea. Isso provocará uma piscada muito forte, indicando se o olho está recebendo estímulos. É muito difícil suprimir uma piscada."

“Mas ela pisca, sim.”

“Um ato puramente reflexo. O que estou descrevendo é o piscar de olhos em resposta a um estímulo direto.” Casey sentiu o médico se inclinar sobre ela. Ela ouviu um clique. “Veja bem”, continuou o Dr. Keith, “estou projetando esta luz diretamente nos olhos da sua esposa. Uma pessoa normal piscaria. Uma pessoa em coma não pisca.”

“O que significa que ela não consegue ver nada”, afirmou Warren.

“O que não significa que isso não possa mudar amanhã.”

“E para descobrir se ela consegue ouvir? Li sobre algo chamado 'calorias da água gelada'?”

“Vejo que alguém andou navegando na internet”, comentou o médico, com um sorriso indulgente na voz.

“Dr. Keith, a ideia de que minha esposa pudesse estar consciente, mas incapaz de se comunicar, que ela pudesse ser prisioneira do próprio corpo, presa dentro da própria mente, desesperada para nos dizer...”

“Entendo sua frustração, Sr. Marshall, mas o teste que o senhor está mencionando é um tanto drástico. Consiste em injetar água gelada diretamente no tímpano com uma seringa para estimular o sistema vestibular. O paciente reagirá vomitando, podendo até mesmo ter convulsões...”

Não me importo. Faça. Faça.

“Mas se isso significasse que descobriríamos com certeza se ela conseguia ouvir ou não...”

“Acredite em mim, as calorias da água gelada vão te ressuscitar.”

“Então talvez devêssemos fazer isso.”

Definitivamente, devemos fazer isso.

"Eu preferiria começar com algo muito menos invasivo."

Tipo o quê? Gritando no meu ouvido?

"Vou pedir um BSAEP", disse o médico. "Isso significa potencial evocado auditivo do tronco cerebral."

“Como isso funciona?”

“Colocamos fones de ouvido nos ouvidos do paciente”, explicou o Dr. Keith. “Em seguida, apresentamos uma série de tons — principalmente cliques — emitidos em diferentes ritmos e frequências, e níveis de intensidade. Registramos a resposta do cérebro com eletrodos e os resultados são enviados para um computador. Podemos realmente ver as formas de onda respondendo aos estímulos. Isso pode ser um pouco complicado porque também precisamos separar os microvolts produzidos pelo cérebro daqueles emitidos simultaneamente pelo coração, pulmões e outros órgãos. O computador precisa remover esses ruídos externos e registrar apenas os provenientes do cérebro. Se a imagem que obtemos na tela for plana, significa que a célula cerebral está morta. Se houver ondas, significa que ela consegue ouvir.”

“Tudo bem. Faça isso.”

Faça isso.

“Mais uma vez, Sr. Marshall, preciso lembrá-lo de que já realizamos esse teste...”

“Mas não ultimamente”, afirmou Warren.

“Não, não ultimamente. Diga-me, aconteceu alguma coisa que o faça pensar que

o estado de saúde da sua esposa mudou?”

“Não. Na verdade não. É só algo que a irmã da minha esposa disse semana passada e que não consigo tirar da cabeça. Ela disse que às vezes a Casey fica com uma expressão no rosto, quase como se estivesse ouvindo, como se entendesse...”

Casey sentiu o médico se aproximar novamente para examiná-la mais de perto.

"Francamente, não vejo nada em sua expressão que indique isso. Mas eu não sou da família.

Você a conhece muito melhor do que eu. E tudo é possível. Então, por que não agendo o teste de potencial evocado auditivo e vemos o que acontece?"

"Quando você pode fazer isso?", perguntou Warren.

"Acho que poderíamos resolver isso bem rápido. Amanhã ou depois de amanhã."

Quanto mais cedo melhor.

“Você precisa estar preparado para o fato de que, mesmo que o teste indique que sua esposa consegue ouvir”, acrescentou o Dr. Keith, “que Isso não significa necessariamente que ela entenda o que está ouvindo.”

“Entendo. Só preciso saber.”

“Tente não se preocupar demais, Sr. Marshall. Se sua esposa consegue ouvir, o que sabemos que não acontecia há um mês, isso significa que o quadro dela está melhorando. Pode até significar que ela está a caminho da recuperação completa.”

Uma recuperação completa, repetiu Casey. Seria possível?

“Você já pensou em para onde vai mandá-la para a reabilitação?”

"Vou levar Casey para casa", disse Warren com firmeza.

“Talvez você queira reconsiderar isso”, aconselhou o Dr. Keith. “Casey precisará de cuidados 24 horas por dia, pelo menos, por mais dois ou três meses. Ela ainda

estará conectada ao soro; precisará da sonda de alimentação; precisará ser movida a cada poucas horas para não desenvolver escaras. Cuidar dela será um trabalho em tempo integral. É

muito mais do que você pode lidar sozinha. Se quiser, minha secretária pode lhe dar uma lista de lugares...”

"Já providenciei uma enfermeira e um fisioterapeuta", disse Warren a ele, "e encomendei uma daquelas camas especiais para girá-la eletronicamente."

“Bem, então, vejo que você pensou em tudo.”

“Acho que minha esposa preferiria estar em casa, doutor.”

“Tenho certeza que sim. Boa sorte, Sr. Marshall.”

Casey ouviu o Dr. Keith sair da sala.

"E aí, Casey, ouviu isso?" Warren puxou uma cadeira para perto da cabeça dela e sentou-se.

"Vamos descobrir se o Drew estava certo, se você conseguir ouvir. Seria incrível, não é?"

Seria um começo.

“Se você puder ouvir”, continuou ele, hesitando brevemente antes de prosseguir, “se estiver prestando atenção, quero que saiba o quanto esses últimos dois anos com você significaram para mim. Você foi uma esposa incrível, Casey, a melhor amante e companheira que qualquer homem poderia desejar. Nosso tempo juntos foi o período mais feliz da minha vida. É muito importante para mim que você saiba disso.”

Eu sei disso. Eu me sinto da mesma forma.

“Sr. Marshall”, interrompeu uma voz vinda da porta.

Ah, pelo amor de Deus, Patsy. Vaza daqui.

“Desculpe interromper. Vi o Dr. Keith no corredor. Está tudo bem?”

“Está tudo bem.”

Você não tem a menor chance aqui. Vá embora.

"Tem certeza? Você parece tão triste."

“Estou bem. E, por favor, me chame de Warren.”

“Warren”, Patsy repetiu baixinho. Casey quase podia ouvi-la ronronar. “Como está a Sra.

Marshall hoje?”

“Nenhuma mudança real.”

Casey sentiu uma mudança no ar quando Patsy se aproximou. O cheiro de lavanda subitamente girou ao redor de sua cabeça, dançou sob suas narinas e penetrou em seus poros. Casey agarrou o aroma como se fosse o próprio ar. Era real? E se fosse, o que significava? Que outro de seus sentidos estava retornando? E se seu olfato estava voltando, quanto tempo levaria para que seus outros sentidos também retornassem? Quanto tempo até que ela pudesse ver, se mover e falar, até que fosse um ser humano novamente, até que pudesse abraçar seu marido com fervor e sussurrar palavras de amor em seu ouvido, como ele vinha fazendo antes da interrupção oportuna de Patsy? Quanto tempo até que ela tivesse o prazer de dizer a Patsy exatamente o que ela poderia fazer com suas falsas palavras de amor? simpatia, e onde ela poderia enfiar seus bons votos?

“Estou vendo que o cabelo dela está crescendo bem onde tiveram que raspar”, comentou Patsy, ajeitando os travesseiros atrás da cabeça de Casey. Então, perguntou: “Tem algum problema com o seu pescoço?”

Casey levou um segundo para perceber que Patsy estava se dirigindo a Warren.

“Ah, está só um pouco rígido”, respondeu Warren. “Devo ter dormido de mau jeito.”

“Deixe-me dar uma olhada. Fiz um curso de massoterapia no ano passado.”

É claro que sim, pensou Casey.

“Uma mulher de muitos talentos.”

“Gosto de pensar que sim. Onde é que isso te incomoda?”

“Bem aqui. Sim, é aí mesmo.”

“Você está muito tensa”, disse Patsy. “Este ombro também.”

“Não tinha percebido que estava tão tenso.”

"Você está brincando? O que você esperava? Você está aqui todos os dias, sentado nessa cadeira desconfortável, se preocupando até a morte com a sua esposa. Aposto que você não está dormindo o suficiente. Suas costas devem estar um desastre."

Warren gemeu.

“Apenas relaxe nos meus dedos. Isso mesmo. Agora respire fundo.”

Warren inspirou profundamente.

“Agora solte devagar. Isso é bom. E de novo.”

Outra inspiração profunda, seguida de uma expiração prolongada.

“O que você precisa é de uma massagem adequada para se livrar de todas essas tensões.”

"O que eu preciso é que minha esposa fique bem", disse Warren.

“Se você ficar doente, isso não vai fazer com que ela melhore. Você precisa cuidar de si mesmo, Sr. Mar— Warren. Caso contrário, como vai se virar quando ela voltar para casa?”

“Bem, conto com a sua ajuda nisso. Isso, claro, se a oferta que você fez antes ainda estiver de pé.”

Oh, não. Isso não é uma boa ideia.

Casey não precisava ver para perceber o sorriso que se espalhou pelo rosto de Patsy. "Claro que sim. Minhas malas já estão prontas para ir. Assim que souber a

data de soltura da Sra.

Marshall, me avise. Estarei lá."

“É uma casa grande. Você terá um quarto muito bom, bem ao lado do da Casey.”

O que você quer dizer? Onde você vai dormir?

"Você acha que é seguro?", perguntou Patsy, timidamente.

"Seguro?"

“Você não acha que quem tentou matar Casey possa tentar de novo, acha?”

O suspiro de Warren ecoou no ar ao redor. "Acho que o acidente de Casey foi apenas isso mesmo", disse ele, tristemente. "O resto não passa de coincidência e conjectura."

Será que Warren estava certo? Casey se perguntou. Seria mera coincidência que a pessoa que a atropelou tivesse entrado no estacionamento logo depois dela, que o detetive Spinetti tivesse formulado sua teoria com base em pura conjectura?

“Nossa, isso é muito bom”, dizia Warren. “Alguém já te disse que você tem mãos mágicas?”

“O que está acontecendo aqui?”, interrompeu uma voz. “Eu tinha a impressão de que quem estava na cama era o paciente.”

“Janine”, disse Warren, com a voz ecoando pela sala. “Eu estava com um pouco de torcicolo.

Patsy estava apenas—”

“A Patsy pode ir”, disse Janine, enfaticamente.

Um movimento apressado. O aroma de lavanda se dissipando.

"Tem certeza de que é só o seu pescoço que está rígido?", perguntou Janine, com ironia.

"Um café me cairia bem", disse Warren secamente. "Quer que eu lhe traga

alguma coisa?"

“Não, obrigada.” Janine sentou-se na cadeira que antes era ocupada por Warren e passou as unhas compridas suavemente pela testa de Casey. “O que foi isso?”, perguntou.

11

“ O QUE É ISSO?” Casey se ouviu exclamar, uma adolescente de dezesseis anos com os olhos marejados, agitando o jornal da manhã diante do rosto perplexo do pai. “Eu não entendo.

Como vocês deixam eles escreverem essas coisas? Por que vocês não processam?”

O pai dela minimizou a indignação de Casey com uma risada. "Que digam o que quiserem.

Palavras não ferem. Eles não têm provas de nada ilegal."

"Ilegal?", repetiu Drew, de seu lugar entre eles na mesa da cozinha. "Você fez algo ilegal?"

Ronald Lerner ignorou sua filha mais nova, como se ela não estivesse ali.

Casey gemeu silenciosamente enquanto dormia, lembranças distantes de seu pai roçando em sua cama de hospital. Ela sempre pensou que, se houvesse uma palavra para descrever Ronald Lerner, seria "demais". Ele era bonito demais, rico demais, charmoso demais, atlético demais, bem-sucedido demais. Seu cabelo era macio demais, suas mãos grandes demais, sua voz suave demais, seu sorriso sedutor demais. Tudo — mulheres, dinheiro, prêmios, poder — sempre esteve ao seu alcance. Seus feitos — que remontavam ao ensino médio — eram lendários: a vez em que ele Ele seduziu a secretária do diretor para que ela o deixasse dar uma espiada na prova final de química; a vez em que não só se livrou de uma multa de estacionamento, como acabou na cama com a agente de trânsito; a vez em que namorou a garota mais popular da escola, só para trocá-la pela mãe dela.

O avô paterno de Casey fora um corretor de sucesso no mercado de ações e deixara para seu único filho uma herança de vários milhões de dólares, que o filho transformou em uma fortuna considerável, próxima de um bilhão. Ao longo do caminho, Ronald Lerner adquiriu a merecida reputação de ser astuto, sagaz e não avesso a atalhos. Havia rumores constantes sobre suas aventuras amorosas, que ele nunca negou, e sussurros ocasionais sobre tramoias um tanto obscuras,

que ele sempre descartava como murmúrios de mentes invejosas e mesquinhas.

"Você percebeu que ele não negou?", observou Drew depois que o pai terminou o café e saiu de casa.

“Cala a boca, Drew.”

“Cale a boca.”

"Você acha mesmo que ele sabia que aquela empresa estava prestes a falir?", perguntou Casey à sua irmã de doze anos. "Como ele poderia saber disso?"

“Como é que eu vou saber?”

“Você não sabe de nada”, insistiu Casey com firmeza.

“Nem você.”

“Eu conheço o nosso pai.”

"É mesmo?" Engolindo o resto do suco de laranja, Drew saiu pisando duro da sala.

Casey ficou sentada ali por alguns segundos, sem se mexer, depois baixou a cabeça até o tampo de vidro da mesa e começou a falar. Lágrimas. Não era a briga com a irmã que a fazia chorar. Brigar com Drew tinha se tornado um ritual diário, como escovar os dentes e pentear o cabelo. Não, Casey chorava porque sabia que Drew tinha razão: apesar da indiferença fingida do pai e do sorriso fácil demais, ele nunca negara ter feito nada ilegal.

Casey percebeu outra coisa em que Drew estava certo: ela não conhecia o pai de verdade.

Ela havia deixado suas fantasias dominarem seus instintos. Um hábito difícil de quebrar, pensou ela agora, abrindo os olhos.

Casey levou alguns segundos para perceber que a escuridão que via não era tão densa quanto antes de adormecer. E levou ainda menos tempo para notar que conseguia distinguir formas: o pé da cama, a cadeira no canto, a luz tênue da lua que se infiltrava entre as ripas da grossa persiana veneziana, projetando um foco

de luz sinistro na pequena TV suspensa acima dela.

Ela conseguia ver.

Lentamente, Casey percorreu o olhar de um lado para o outro. Havia uma cadeira ao lado da cama e outra encostada na parede oposta. Um pequeno banheiro ficava à direita da porta do quarto, com o vaso sanitário parcialmente visível. A porta para o corredor estava fechada, embora uma fina faixa de luz fluorescente fosse visível na parte inferior. Do lado de fora, ela podia ouvir os sons familiares do hospital à noite: pacientes gemendo, enfermeiras correndo pelo corredor, relógios marcando os minutos para o amanhecer.

Casey ouviu passos se aproximando e viu uma sombra interromper a linha de luz na parte inferior da porta. Havia alguém ali? Iriam entrar? Quem era? O que queriam com ela no meio da noite?

A porta se abriu. Casey estremeceu com o clarão repentino e ofuscante, como se o próprio sol tivesse explodido diante de seus olhos. Uma figura entrou no quarto e se aproximou da cama, deixando a porta se fechar atrás de si. Seria um de seus médicos? Um dos monitores aos quais ela estava conectada teria, de alguma forma, alertado a equipe de que ela conseguia enxergar?

"Ora, ora, que bagunça você está", disse uma voz, com um tom vagamente familiar e choroso.

Quem estava ali? Casey se perguntou, uma onda de pânico a invadindo à medida que a figura se aproximava.

“Todos esses tubos e fios. Não é exatamente um lugar agradável. Mas, como diz o ditado, tudo que vai, volta.”

Do que você está falando? Quem é você?

“Você me fez passar pelo inferno, sabia?”

Alguém pode me dizer o que está acontecendo? Quem é esse homem?

“Você sabia que a polícia já me interrogou três vezes desde que você foi atropelado?”

Eu fui atropelado!

“Aparentemente, a palavra de uma mãe não basta para os nossos estimados homens de azul. Aparentemente, as mães mentem pelos seus filhos o tempo todo, um oficial teve a audácia de me dizer isso, como se eu não estivesse familiarizada com o conceito. Afinal, sou apenas uma advogada. Embora, atualmente, desempregada.”

Meu Deus—Richard Mooney.

“Pelo que te agradeço.”

O que você está fazendo aqui? O que você quer?

"Pensei em ver com meus próprios olhos em que estado você estava. O horário normal de visitas não me pareceu uma boa ideia, com a polícia ainda por perto. E vejo que você ainda está respirando."

Ainda respirando, Casey repetiu, perguntando-se se ele realmente conseguia ouvir as batidas aceleradas do coração dela.

"Acho que teremos que cuidar disso."

O quê? Não!

“Minha mãe sempre dizia para terminar o que se começa.” Ele puxou o travesseiro de trás da cabeça de Casey e rapidamente o abaixou até o rosto dela, pressionando-o com força contra seus olhos, nariz e boca.

E de repente Casey começou a gritar, gritar o mais alto e o mais longo que podia, gritando até não ter mais ar nos pulmões e nenhuma força em seu corpo debilitado. "Alguém me ajude!", gritou ela, sentindo o último suspiro escapar de seus pulmões enquanto ouvia os passos de Warren correndo pelo corredor, e sabia que seria tarde demais para salvá-la.

• • •

Casey estava deitada na cama, com os olhos vidrados fixos no teto, e percebeu que estivera sonhando. Richard Mooney não estava lá. Warren não estava correndo para resgatá-la.

Não havia nada além de escuridão.

• • •

As noites eram as piores.

Foi então que os sonhos começaram, os pesadelos vieram à tona e os fantasmas apareceram. Quantas vezes ela sonhou que podia ver, apenas para acordar no mesmo buraco negro em que havia caído naquela tarde de março? Quantas vezes ela sonhou que podia falar, apenas para acordar no silêncio? Quantas vezes ela fantasiou que podia se mover, andar, correr, dançar, apenas para se encontrar presa à cama por correntes invisíveis, seu corpo, antes forte e vibrante, transformado em uma masmorra da qual não havia escapatória?

Quanto tempo se passou antes que ela enlouquecesse, antes que sacrificasse voluntariamente sua sanidade para escapar deste inferno na Terra? Quem fez isso com ela e por quê? Que diferença fez tudo isso? O pai dela não insistia sempre que os resultados eram tudo o que importava?

“É assim mesmo, Casey”, ela ouviu o pai dizer, a voz filtrando-se pelo ar da noite. “Transfira o peso. Abaixe o quadril direito antes de balançar o taco.”

Como tudo tinha sido fácil para ela — a transferência de peso sem esforço de um pé para o outro, o movimento instintivo do quadril direito para baixo, o balanço gracioso do taco de madeira 5, como se seus braços e o taco fossem uma coisa só, o leve arqueamento das costas enquanto suas mãos levavam o taco para cima e sobre o ombro esquerdo.

"É um jogo estúpido", reclamou Drew, observando Casey no campo de treino. Casey acabara de concluir seu primeiro ano em Brown e voltara para casa para as férias de verão.

Ronald e Alana Lerner partiram três dias depois para a Espanha, deixando as meninas com a governanta.

“Meu pai sempre diz que golfe não é um jogo—”

"Ah, por favor", resmungou Drew, interrompendo Casey no meio da frase. "Se eu tiver que ouvir mais besteira sobre o golfe ser um símbolo da vida, acho que vou vomitar."

“É verdade. Dá para saber muito sobre o caráter de uma pessoa pela maneira como ela joga golfe.”

"Meu pai trai", disse Drew, sem rodeios.

“Meu pai é um jogador de golfe de nível profissional. Ele foi campeão do clube por cinco anos consecutivos. Ele não precisa trapacear.”

“Ninguém disse que ele tinha que fazer isso. Ele faz porque quer.”

“Isso é ridículo. Você não sabe do que está falando.”

"Eu sei o que dizem sobre ele", disse Drew com um sorriso presunçoso. "Eu ouvi esses caras conversando na boate." Disseram que sempre que o pai perde uma bola na floresta, ele simplesmente deixa cair outra e diz que a encontrou.”

“Eles estão apenas com inveja...”

"Disseram que uma vez ele acertou uma bola num par três, e ninguém viu onde ela caiu, e meu pai disse que viu a bola passar por cima do green e foi procurá-la. Enquanto ele procurava, um cara encontrou a bola do meu pai no buraco. Ele fez um hole-in-one! E bem na hora em que o cara ia gritar a novidade, meu pai gritou 'Achei!' e mostrou outra bola.

Então, o cara simplesmente guardou a bola do meu pai no bolso e não disse uma palavra."

"Meu pai fez um hole-in-one, e esse cara não contou para ele?"

“Quem trapaceia nunca prospera.”

“Provavelmente foi um erro honesto.”

"Por que você está sempre defendendo ele?", perguntou Drew.

"Por que você está sempre atacando ele?", retrucou Casey.

"Você é tão cego", disse Drew, deixando Casey sozinho no campo de treino.

Casey ainda conseguia ver Drew caminhando cabisbaixa em direção ao clube, seu corpo de quinze anos começando a se desenvolver e ganhar forma. Logo, os

moletons largos e as calças jeans surradas seriam substituídos por camisetas justas e decotadas e shorts tão curtos que atraíram a ira de algumas das sócias mais velhas, resultando na proibição dessas roupas no clube, que foram consideradas inapropriadas. Assim como um dos jovens profissionais, que foi flagrado com Drew em uma posição decididamente inadequada para o golfe.

Ronald Lerner ficou devidamente constrangido. "Lembre-se", repreendeu ele sua filha mais nova. "Meninos serão meninos, mas meninas serão vadias se não tomarem cuidado." Drew não foi cuidadosa, mas estava feliz. Ela finalmente havia encontrado uma maneira de chamar a atenção do pai.

Mas isso não durou muito. Nada prendia a atenção de Ronald Lerner por muito tempo.

"Onde está seu pai?" Casey ouviu sua mãe perguntar, a voz de Alana vindo do canto mais distante do quarto do hospital.

“Acho que ele saiu.” Casey parou de arrumar suas coisas e se virou para a mãe, que estava parada na porta. Era incomum a mãe sair do quarto, embora a bebida em sua mão continuasse tão constante como sempre.

“O que você está fazendo?”, perguntou a mãe. “Você vai a algum lugar?”

“Vou me mudar para a cidade”, lembrou Casey. “Para o meu próprio apartamento.” Ela não deu mais detalhes. Não havia necessidade. Sua mãe não se lembraria. Ela já havia lhe dito várias vezes que o negócio que ela e Janine tinham começado juntas estava começando a decolar, e ela queria morar na cidade. “Eu já te disse.”

"Todo mundo sempre me abandona", disse Alana, conseguindo soar como a parte lesada.

“Tenho certeza de que papai chegará em casa em breve.”

"Por que nunca fazemos nada juntas?" Havia mais do que uma pitada de recriminação no tom arrastado das palavras de sua mãe.

Porque você nunca pergunta, respondeu Casey em silêncio. Porque você está sempre bêbado, dormindo ou viajando. Porque você nunca demonstrou o menor interesse em mim.

Nunca. Em todos esses anos.

Porque . . .

Porque . . .

Porque.

“Você me odeia”, disse a mãe dela.

Casey não disse nada. Ela estava pensando que aquela tinha sido a conversa mais longa que já tivera com a mãe.

Foi também a última.

Três meses depois, Alana Lerner morreu, falecendo ao lado do marido quando o pequeno avião que ele pilotava caiu na baía em uma tarde de céu nublado. A autópsia revelou altos níveis de álcool na corrente sanguínea de ambos.

"E agora?" perguntou Drew, puxando uma cadeira para perto da cama de hospital de Casey e colocando as mãos atrás da cabeça. "Dividimos o espólio?"

“Não exatamente.” Casey se preparou para a explosão que sabia que viria a seguir.

"Por que não gosto disso?" Drew abaixou as mãos e inclinou-se para a frente na cadeira.

Estava grávida de Lola, quase no quarto mês, e a barriga ainda não estava aparente, embora seus seios estivessem visivelmente mais cheios sob o suéter branco. "Você está dizendo que ele deixou tudo para você?"

“Não, claro que não. A herança está dividida de forma bastante igualitária.”

"Mas?"

“Existem condições”, começou Casey.

“Que tipo de condições?”

“São para sua própria proteção...”

“Deixe de lado as enrolações. Vá direto ao ponto.”

“A questão é que meu pai me nomeou executor do testamento.”

“Ele te nomeou ”, reconheceu Drew, batendo o pé inquieto no chão.

"Eu gostaria que ele não tivesse feito isso."

"Aposto que sim." Drew se levantou de um pulo e começou a andar de um lado para o outro. "Então, você pode simplesmente liberar meu dinheiro, certo?"

“Papai queria que você recebesse uma mesada mensal”, desconversou Casey.

“Uma mesada?”

“É uma quantia bastante considerável.”

“Uma mesada”, repetiu Drew. “Como uma mesada de criança.”

“Você tem apenas vinte e um anos, Drew.”

“E você mal tem vinte e cinco anos. Que tipo de mesada ele te deu?” Seus olhos se encheram de lágrimas amargas. “Eu imaginei. Isso é um absurdo, e você sabe disso.”

“Por que não nos sentamos, respiramos fundo algumas vezes... ”

"Toda essa situação seria muito mais fácil se você simplesmente tivesse morrido", disse Drew.

"Nossa!", exclamou Janine, saindo do banheiro com uma camada fresca de batom vermelho-sangue nos lábios. "Que tipo de coisa é essa que você diz para a sua irmã?"

“Ela tem todo o direito de estar com raiva”, disse Casey enquanto Drew se encolhia contra a parede do outro lado.

"Por que você simplesmente não dá o dinheiro para ela?", sugeriu Gail, surgindo de repente perto da janela para podar as flores murchas de um vaso de gerânios laranja brilhantes.

"Eu tentei isso", lembrou Casey à amiga. "Dei a ela mais de cem mil dólares para investir naquela franquia de academia que ela tanto queria. Faliu em menos de um ano."

“Se bem me lembro, você também lhe deu mais cinquenta mil...” Janine começou.

“E subiu direto pelo nariz dela”, disse Gail.

"Talvez você pudesse torná-la sócia do seu novo negócio", sugeriu Janine, com um resquício de amargura ainda presente em seu sorriso radiante.

“Vamos lá, Janine. Pensei que já tivéssemos superado isso.”

“E eu que pensava que éramos amigos.”

“Somos amigos .”

“Não tenha tanta certeza.”

Não, não, não. Não quero ouvir isso.

“A paciente é uma mulher de trinta e dois anos que foi vítima de um atropelamento com fuga há aproximadamente três semanas”, anunciou o Dr. Peabody repentinamente, lendo de sua prancheta enquanto entrava na sala seguido por Warren e Drew, ambos vestindo uniformes do hospital.

“Como está a paciente hoje?”, perguntou Warren, examinando o prontuário dela.

"Toda essa situação seria muito mais fácil se ela simplesmente tivesse morrido", disse Drew para ele.

Acorde. Por favor, acorde.

“Deveríamos ir embora”, disse Gail. “Deixem os médicos fazerem o trabalho deles.”

“Este exame pode demorar um pouco”, explicou o médico.

"Vamos tomar um café. Podemos oferecer algo para você, Warren?", perguntou Janine.

Casey ouviu o marido soltar um suspiro profundo de nervosismo. "Não, nada, obrigado."

“Tente não se preocupar”, insistiu Gail. “Como disse o médico, se ela consegue ouvir, pode significar que está a caminho de uma recuperação completa.”

“Esperemos que sim”, disse Warren.

Espere. Do que você está falando?

Segundos depois, Casey ouviu equipamentos sendo levados para a sala. Ela escutou o zumbido das vozes dos médicos e o rabiscar de anotações. Minutos depois, sentiu mãos em sua cabeça e fones de ouvido sendo colocados em suas orelhas.

Naquele instante, ela compreendeu que não era mais noite e que todos os fantasmas tinham voltado para casa. Era manhã e ela estava completamente desperta.

Isso estava realmente acontecendo.

12

“Quem se importa muito?” Quem se importa em conhecer a história da humanidade e como essa misteriosa mistura se comporta sob as variadas experiências do Tempo? Não se deteve, ao menos brevemente, na vida de Santa Teresa? Não sorriu com certa ternura ao pensar na menina caminhando certa manhã de mãos dadas com seu irmão ainda menor, para buscar o martírio na terra dos mouros?' Hein? Pode repetir?', perguntou Janine. 'Certo.

Mais uma vez. 'Quem se importa em conhecer a história da humanidade e como essa misteriosa mistura se comporta sob as variadas experiências do Tempo...' Não me admira que você sempre tenha odiado este livro. Li apenas a primeira frase e já estou totalmente confusa. Está em inglês? Pensei que George Eliot fosse inglesa.'

O som de páginas sendo viradas.

Sim. Está escrito aqui mesmo na introdução que Eliot nasceu em 22 de novembro de 1819, em Nuneaton, Warwickshire, Inglaterra, e é considerado o melhor dos romancistas ingleses da era vitoriana. Melhor até do que Henry Fielding, pelo menos segundo Henry James, que fez uma resenha. O livro foi publicado em 1873. Há várias comparações com Guerra e Paz e Os Irmãos Karamazov , e um professor chamado Geoffrey Tillotson diz que Middlemarch é

"facilmente o melhor dos seis melhores romances do mundo". Claro que ele disse isso em 1951, quando O Vale das Bonecas ainda não havia sido escrito. Enfim, continuando: "Eles saíram cambaleando da acidentada Ávila, de olhos arregalados e com aparência indefesa como dois filhotes de cervo, mas com corações humanos, já pulsando por uma ideia nacional." Ai, ai. Não sei não. Ideias nacionais nunca foram meu forte.

Mais páginas sendo viradas.

“Você sabia que George Eliot era, na verdade, uma mulher cujo nome verdadeiro era Mary Anne Evans? Claro que sabia! E que seu objetivo ao escrever Middlemarch era ilustrar todos os aspectos da vida provinciana às vésperas da Lei da Reforma? Aparentemente, ela queria mostrar 'os efeitos das ações e opiniões sobre indivíduos de diferentes classes sociais'. O que, suponho, poderia

ser interessante, se Mary Anne Evans tivesse um pouco mais de Jacqueline Susann nela. Vamos ver. Onde eu estava? '... já se aproximando de uma ideia nacional.' Blá, blá, blá. Na verdade, esta parte não é muito interessante. Acho que podemos pular. 'Alguns acreditam que essas vidas desastradas se devem à inconveniente indefinição com que o Poder Supremo moldou a natureza das mulheres: se houvesse um nível de incompetência feminina tão estrito quanto a capacidade de contar até três e nada mais, a condição social das mulheres poderia ser tratada com certeza científica.'" Não tenho a mínima ideia do que ela está falando. É melhor você acordar logo, ou eu vou entrar em coma bem ao seu lado. Vamos lá, Casey. Você não quer mesmo ter que ouvir mais seiscentas páginas disso, quer?

Uma risada, seguida de passos. Alguém se aproximando da cama.

Uma risadinha. "O que você está fazendo?", perguntou Gail. Outra risadinha.

“Cumprindo minha ameaça.”

“Você vai ler tudo isso para ela?”

"Espero não ter que fazer isso. Espero que ela fique tão irritada que acorde e me bata com isso na cabeça."

Você acha que ela entende o que você está lendo?

“Se ela conseguir, estará um passo à frente de mim”, admitiu Janine. Um suspiro profundo.

O som de um livro fechando com um baque. “Mas agora que os exames indicam que Casey definitivamente consegue ouvir, os médicos acham que devemos fazer ainda mais para tentar estimular o cérebro dela, e o que poderia ser mais estimulante, pergunto eu, do que Middlemarch ? Droga, não sei se isso é uma boa ou má notícia.”

"O que você quer dizer?"

Janine baixou a voz. "Eu sei que o fato de Casey conseguir ouvir significa que o estado dela definitivamente melhorou e que ela pode voltar para nós. Mas, ao mesmo tempo"—sua voz tornou-se um sussurro—"não consigo deixar de pensar em como é terrível para ela ter ficado deitada aqui todo esse tempo, sem poder

ver, falar ou se mexer, mas conseguindo ouvir tudo. E se ela entender tudo o que ouve? E se ela souber que alguém tentou matá-la?"

“O que você está querendo dizer com isso?”

O sussurro assumiu uma certa urgência. "Você acha que existe alguma chance de ela pensar que sou eu?"

“Não seja ridículo.”

“Nós dois sabemos que Casey e eu nem sempre nos demos bem.” Para ficar de olho em tudo. As coisas ficaram bem tensas quando ela decidiu dissolver nossa parceria, e admito que tive alguns pensamentos bem ruins.”

"Como?"

"Eu rezava ativamente para que o novo negócio dela falisse, para que ela perdesse todo o seu dinheiro, até mesmo para que seu cabelo caísse."

"Você rezou para que o cabelo dela caísse?", perguntou Gail, com a voz quase tão alta quanto incrédula.

“Shhh! Eu não quis dizer isso.”

"Ainda . . ."

"Eu não desejaria isso nem para o meu pior inimigo", disse Janine.

Será possível que seja exatamente isso que você é? Que todo esse último ano tenha sido uma farsa? Que você me odeie a ponto de querer minha morte? Que você simplesmente estivesse esperando o momento certo, fingindo ser meu amigo? Que você seja, de alguma forma, responsável por este inferno em que estou vivendo?

"Você sabe que eu te amo", disse Janine com um tom de súplica. "Você não sabe, Casey?"

Será?

“Acho que temos que manter o otimismo”, dizia Gail. “Temos que acreditar que

o fato de ela conseguir ouvir é uma coisa boa, que significa que Casey está a caminho da recuperação. E

Casey, se você consegue entender o que está ouvindo, por mais assustador e frustrante que isso deva ser, então pelo menos você sabe o quanto todos nós nos importamos com você, o quanto Warren te adora e o quanto todos estão torcendo por você, então se apresse e melhore logo."

Ah, Gail. Doce, generosa, ingênua, confiante Gail. Sempre vendo o lado bom em todos. Pelo menos eu sempre posso contar com você.

"Mas e se passarem anos?", Janine perguntou em voz baixa. "e não há mais mudanças, e ela está presa assim, possivelmente para sempre... "

"Ela não vai. Casey é forte. Ela já passou por muita coisa na vida..."

"Ah, por favor", interrompeu Janine, mudando de tom de forma rápida e perceptível. "Sim, Casey não teve os melhores pais do mundo, mas pelo menos os dela tiveram a decência de morrer e deixá-la uma jovem obscenamente rica. Além disso, ela não foi exatamente mal azarada em termos de aparência. Sem mencionar que ela é inteligente, culta e—"

"Em coma."

"Sim, ela está em coma." Janine inspirou profundamente, audível. "Sinto muito, Casey. Se você entendeu alguma coisa disso, eu realmente sinto muito. Não era minha intenção falar dessa forma. Sei que provavelmente parece que estou reclamando, e não é assim que me sinto de verdade."

Não é?

"Ela sabe disso", disse Gail.

Pareceu-me bastante convincente.

"Você se lembra da primeira vez que nos encontramos?", perguntou Janine, e Casey se perguntou por um instante se ela estava falando com ela mesma.

"Claro", respondeu Gail. "Foi ódio à primeira vista."

“Você me odiava?”

“ Você me odiava ”, corrigiu Gail.

“Era tão óbvio assim?”

“Apenas para aqueles de nós que estávamos respirando.”

“É, bem, acho que me senti ameaçada”, admitiu Janine. “Quer dizer, você e a Casey eram amigas há anos. Eu era a novata na cidade.”

“Você era colega de quarto dela, amiga da faculdade. Eu era a amiga de infância que escolheu o casamento em vez da universidade.” que jamais poderia aspirar a competir com você em um nível intelectual —”

“Poucos conseguem”, interrompeu Janine, e teve a gentileza de rir.

Gail deu uma risadinha. "Acho que todo mundo que conhece a Casey quer ela só para si."

“Então, como é que nós dois acabamos sendo amigos?”

“Acho que Casey não nos deu muita escolha. Ela foi muito persistente. Não foi, Casey? 'Ela é uma pessoa muito legal' ”, Gail imitou. “'Só leva um tempinho para conhecê-la melhor'.”

“Não a subestime. Ela é muito inteligente. Você tem que dar uma chance a ela”, continuou Janine.

“Todos aqueles almoços...”

"Doloroso."

“E aquelas noites das garotas.”

"Excruciante."

“Então, quando seus sentimentos mudaram?”, perguntou Gail.

“Quem disse que eles têm? Eu ainda não gosto de você.” Janine riu. “Você sabe que estou brincando, não sabe?”

"Eu sei."

Não tenha tanta certeza.

“Acho que foi durante a última estadia do Mike no centro de cuidados paliativos”, continuou Janine, sem que ninguém perguntasse. “Você era tão amorosa e forte que era difícil não te admirar. A maneira como você simplesmente aceitava o que estava acontecendo, como você nunca se irritava ou amaldiçoava seu destino. Diferente de mim, que passei a maior parte da vida amaldiçoando uma coisa ou outra. Achei isso incrível. E

acho que isso se transformou em achar você incrível.”

"Não sou", respondeu Gail, hesitante.

Você são .

“Por fim, percebi que Casey tinha razão, que eu tinha Subestimei você, que por baixo do cabelo frisado e do sorriso tímido, você era uma verdadeira força da natureza, e eu tive que admirá-la. Mas chega de falar de você”, continuou Janine, rindo novamente. “Quando você percebeu que estava enganada a meu respeito?”

Gail riu. "Mais ou menos na mesma época", admitiu. "Eu estava correndo de um lado para o outro como uma barata tonta, tentando fazer todos os preparativos necessários, estar presente para a mãe do Mike, que estava um verdadeiro desastre, e me manter firme quando eu estava praticamente desmoronando. E, claro, Casey estava lá, sendo a pessoa solidária de sempre, o que era exatamente o que eu esperava. Mas o que eu não esperava era você . Você estava bem ali ao lado dela. A cada instante que eu me virava, lá estava você, ajudando com isso, organizando aquilo. E depois do funeral, você estava na minha cozinha, preparando um prato de sanduíches e, em seguida, silenciosamente colocando a louça na lava-louças e guardando as coisas, enquanto eu conversava com os convidados na sala de estar."

"Eu só não queria que Casey levasse todo o crédito."

“Por que você tem tanto medo de deixar as pessoas verem quem você realmente é?”

Quem é você de verdade, Janine?

“Talvez porque eles vão descobrir que não há muito o que ver.”

Ou em excesso.

O som das páginas virando. “Como George Eliot tão sabiamente observa: 'Quem se importa em conhecer a história do homem e como essa mistura misteriosa se comporta sob as variadas experiências do Tempo, não se deteve, ao menos brevemente, na vida de Santa Teresa... ' ”

"O que?"

“Aquela espanhola que viveu trezentos anos” Anos atrás, certamente não foi a última de sua espécie”, Janine continuou lendo. “Muitas Theresas nasceram sem encontrar para si uma vida épica onde houvesse um desenrolar constante de ações de grande impacto...”

“Você está se comparando a Santa Teresa?”

“... talvez apenas uma vida de erros, fruto de uma certa grandeza espiritual que não se encaixa na mesquinhez das oportunidades.”

"Isso é realmente encantador", comentou Gail. "Eu acho."

“E acho que já li literatura de qualidade suficiente por hoje. Devo ir embora.”

O som de uma cadeira sendo empurrada para trás. Um aroma de perfume francês caro. A sensação dos lábios de Janine na bochecha de Casey.

Tudo está voltando, pensou Casey, quase explodindo de emoção, embora permanecesse imóvel. Ela conseguia ouvir. Ela conseguia cheirar. Ela conseguia sentir. Certamente, a qualquer momento, seu corpo não seria mais capaz de conter suas emoções e ela seria capaz de se mover, de falar, de gritar aos quatro ventos.

"Me liga mais tarde?", perguntou Janine.

“Com certeza.”

Um abraço abafado, o som dos saltos altos batendo no chão duro, uma porta abrindo e fechando, a cadeira sendo ocupada novamente, puxada para mais perto

da cama.

“Espero que você não tenha levado nada disso a sério, Casey”, disse Gail. “A Janine fala grosso, mas no fundo, ela é um doce. Você sabia que ela está aqui todos os dias desde o seu acidente?”

Segundo o detetive Spinetti, não foi um acidente.

“Por que ela viria todos os dias se não te amasse?”

Talvez para monitorar meu progresso, procure uma oportunidade para terminar o trabalho que ela começou?

Casey sentiu uma mão macia roçar sua testa. Ela inspirou o aroma fresco do sabonete Ivory.

Poderia haver um aroma mais maravilhoso?

“De qualquer forma, estamos todos muito animados com a notícia. Warren ligou para todo mundo ontem à noite. Ele estava radiante. 'Ela consegue ouvir!', gritou ele quando atendi o telefone. Antes mesmo de eu dizer alô. 'O teste mostrou que ela consegue ouvir.' Ainda não sabemos se isso significa que ela consegue entender alguma coisa, mas ele disse que os médicos estão muito esperançosos e que há motivos para um otimismo cauteloso. Essa é a expressão que os médicos usam: otimismo cauteloso. Mas é melhor do que um pessimismo cauteloso, não é? Eu acho que sim. Enfim...”

Sua voz foi diminuindo até parar por um instante.

“Não vou ler para vocês. Deixo isso para a Janine. Vou apenas sentar aqui e conversar com vocês, se não se importarem, e contar o que tem acontecido na minha vida nessas últimas semanas. E acreditem, vocês não vão querer perder uma palavra sequer, prometo. É uma história bem interessante. Bem”, ela esclareceu, “interessante para mim.”

Ela respirou fundo antes de continuar. A respiração flutuou pela sala em ondulações, como uma onda suave.

“Eu conheci esse cara.”

Outra pausa. A cadeira aproximou-se lentamente da cama. Uma combinação excitante de morangos e limão pairou sob o nariz de Casey. Provavelmente o xampu da Gail, pensou Casey, deliciando-se com seu aroma maravilhoso.

Um risinho discreto, e então: “O nome dele é Stan. Talvez você já tenha me ouvido falar dele para a Janine. Enfim, eu realmente não contei muita coisa para ela. Você conhece a Janine —

ela ia querer saber de tudo e me bombardear com perguntas.” perguntas, e ainda é tão cedo, tenho medo de dar azar. Estou me fazendo entender?” Outra risadinha. “Ok, então vamos lá. O nome dele é Stan Leonard, e ele tem trinta e oito anos. A esposa dele morreu de câncer de mama há três anos, e ele tem dois filhos, William, de dez anos, e Angela, de sete.

Ele é programador de computador, tem uma casa — quitada — em Chestnut Hill, e gosta de filmes, teatro e viagens, embora não tenha conseguido fazer muito disso desde que a esposa morreu. E o que mais?

“Vamos ver. Ele não é tão alto assim, talvez uns dois centímetros mais alto do que eu, o que para mim está ótimo. O Mike também não era muito alto. E ele provavelmente poderia perder uns quilinhos, embora não muitos. Na verdade, eu até que gosto dele do jeito que ele é — não tão perfeito. É só que eu sei que a Janine diria que ele podia perder uns quilinhos, o que talvez seja um dos motivos pelos quais eu não tenha falado muito com ela sobre ele. Eu não quero que ela o julgue. Ou talvez seja a mim que eu não quero que ela julgue. Não sei.

Só sei que acho ele muito fofo. Sim, ele tem uma barriguinha, e o cabelo está ficando um pouco ralo no topo, mas ele tem os olhos verde-acinzentados mais lindos que você já viu; são realmente incomuns. E quando ele sorri, os cantos dos lábios se curvam para baixo em vez de para cima, e eu acho isso estranhamente encantador, não me pergunte por quê.” Ela riu de novo, o som suave ecoando pelo resto da descrição. “Mas, surpreendentemente, ele é bem musculoso. Ele malha com pesos, então tem uns bíceps realmente incríveis. Não como o Arnold Schwarzenegger nem nada do tipo. Mas certamente mais do que você esperaria de um nerd de computador. É assim que ele se descreve, um nerd de computador, embora eu não ache que ele seja nerd de jeito nenhum, e acho que você também não acharia.”

"Acho que você o acharia muito fofo."

“E ele é muito legal, Casey. Sei que você gostaria dele. Ele tem um jeito de se inclinar para a frente, apoiando-se nos cotovelos, quando está te ouvindo, como se você fosse a única pessoa na sala. Mas não é fingimento. Ele está genuinamente interessado. E eu percebo que posso contar coisas para ele, coisas que não contei para ninguém além de você, sabe, coisas

sobre o Mike, e ele entende, porque a esposa dele também morreu muito jovem, então temos essa tristeza em comum. Isso soa piegas? Porque não é. Não é como se ficássemos sentados chorando e nos lamentando o tempo todo, porque não fazemos isso. Na verdade, rimos o tempo todo. Isso me faz parecer insensível? Espero que não.”

Você jamais conseguiria parecer insensível.

“No começo, eu me senti muito culpada. Sabe, no início. Era como se eu estivesse sendo desleal com o Mike, mesmo depois de todo esse tempo. Sabe, eu só namorei algumas vezes desde que o Mike morreu, e mesmo assim, foram só caras por quem eu nunca senti nenhuma atração de verdade. Então eu nunca me senti culpada. Mas com o Stan, é diferente. Eu já te contei como a gente se conheceu?”

Diga-me.

“Foi na Rittenhouse Square, perto daquela escultura do leão esmagando uma serpente. Era final do mês passado, hora do almoço. Eu estava terminando um sanduíche de atum que tinha trazido de casa, tentando não fazer muita bagunça, e um cara — Stan — se aproximou, estudou a escultura por alguns minutos e depois sentou no banco ao meu lado.

Ele perguntou se eu sabia o que ela representava. Então eu disse: foi feita por um francês há mais de cem anos e simboliza o triunfo da monarquia sobre a ralé da democracia. O que parece uma frase tirada diretamente de Middlemarch, pensando bem. Enfim, começamos uma longa conversa sobre arte, e ele me perguntou se eu gostaria de Para ir à nova exposição no Instituto de Arte, e me ouço dizendo sim.

"Ainda não consigo acreditar. Deixei um completo estranho me dar uma carona. Em uma praça pública, de todos os lugares. Quer dizer, eu nunca faço coisas assim."

Então, algumas noites depois, fomos à exposição — era sobre os expressionistas alemães e era muito boa — e depois ele me levou a um restaurante mexicano na Lancaster. A academia do Warren fica na Lancaster, certo?

“Enfim, acabamos conversando a noite toda. Ou pelo menos até as onze horas, porque era a hora que a babá dele tinha que ir embora. Mas antes de se despedir — e ele nem tentou me beijar nem nada — ele me chamou para sair de novo, e eu me ouvi dizendo sim. E antes que eu percebesse, ele estava ligando todo dia, e estávamos saindo de novo, e no terceiro encontro, ele finalmente me deu um beijo de boa noite. E foi ótimo. Casey, foi tão ótimo. A quantidade certa de língua. Ai, meu Deus, não acredito que estou falando isso em voz alta.

Será que estou parecendo muito patética?”

Você parece uma mulher se apaixonando.

“Mas agora ele está falando em talvez viajar no fim de semana, o que significa que provavelmente espera que eu durma com ele. Quer dizer, não imagino que ele esteja pensando em quartos separados, né? Não que eu não queira dormir com ele. Não me entenda mal. Eu quero. Não penso em quase nada além disso. Mas faz anos que não fico

com um homem. Desde o Mike, pelo amor de Deus. E mesmo que digam que é como andar de bicicleta, eu nunca fui muito boa em andar de bicicleta. Lembra quando éramos crianças, como eu vivia perdendo o equilíbrio e caindo? E a ideia de tirar a roupa na frente desse homem, bem, eu simplesmente não sei se consigo. E se ele me olhar nua e pular no rio Schuylkill?”

“Então, preciso que você, meu melhor amigo na Terra, me diga o que fazer, porque eu realmente não sei. E não consigo acreditar que estou aqui falando sem parar sobre isso, porque sei que tudo isso é tão trivial comparado ao que você está passando. E me sinto mais ou menos como me sentia com o Mike. Fico pensando: como posso sair e me divertir enquanto você está aqui em coma? Como posso rir? Como posso me permitir o luxo de me divertir?”

Porque você merece. Porque a vida continua. Porque só temos uma chance e nunca sabemos o que o destino nos reserva.

"Saiba apenas que eu te amo, preciso de você e sinto sua falta mais do que as palavras podem expressar."

Oh, Gail. Eu também te amo.

“Por favor, volte para nós, Casey. Por favor, volte.”

Sons de fungadas.

"Está tudo bem por aqui?", perguntou uma voz da porta.

“Sim. Desculpe. Você é o médico da Casey?”

“Não. Sou Jeremy, o fisioterapeuta dela.”

“Prazer em conhecê-lo, Jeremy. Sou Gail, amiga dela.”

“Prazer em conhecê-la, Gail.”

“Como ela está?”

“Ficando um pouco mais forte a cada dia.”

“Que ótimo! Você ouviu isso, Casey? Você está ficando mais forte a cada dia.”

Estou ficando mais forte.

“Vamos continuar trabalhando para reativar esses músculos.”

"Acho que já vou indo", disse Gail. "Deixe você se ocupar."

“Posso lhe dar mais alguns minutos, se quiser.”

“Obrigada.” Uma pequena pausa, uma risadinha tímida. “Nossa, que homem bonito. Você precisa mesmo acordar.” "Já volto, Casey. Ele definitivamente vale a pena conferir. Uma mistura de Denzel com Brad. Quase tão perfeito quanto o Warren." Ela se inclinou para frente e beijou Casey na bochecha. "Te vejo amanhã."

"Até logo", Casey repetiu em silêncio, as palavras ecoando na caverna de sua mente até se transformarem em uma oração.

13

“L. ESTER WHITMORE, VENHA PARA CIMA!” anunciou o locutor. “Você é o próximo participante do The Price Is Right .”

"Ai, meu Deus, olha só aquele cara!", exclamou Drew ao lado da cabeça de Casey. "Ah, desculpa. Eu sempre esqueço que você não consegue ver. Droga, borrei as unhas."

O cheiro forte de esmalte fresco indicou a Casey que sua irmã provavelmente estava fazendo as unhas. Ela se perguntou quanto tempo Drew estava no quarto.

“Você devia ver esse cara”, continuou Drew. “Ele parece que vai ter um ataque cardíaco, de tanta empolgação. Está suando tanto que a camisa havaiana feia dele está encharcada, pulando para cima e para baixo como um louco e abraçando os outros participantes, nenhum dos quais parece exatamente feliz por estar recebendo tantos abraços.”

"O Preço Certo" , pensou Casey. Ela havia crescido assistindo àquele programa. O fato de ainda estar no ar era estranhamente — e imensamente — reconfortante para ela.

“Olha só. Eles têm que adivinhar o preço de um conjunto de tacos de golfe, incluindo a bolsa.”

“Quatrocentos dólares”, ofereceu o primeiro participante.

“Quatrocentos dólares?”, repetiu Drew. “Você está…? ” Loucura? Até eu sei que valem muito mais do que isso.”

“Setecentos e cinquenta dólares”, foi a segunda oferta.

“Mil”, veio a terceira.

“Mil e um”, disse Lester Whitmore.

“O que você acha, Casey? Aposto que você sabe a resposta.”

Supondo que sejam bons tacos e que a bolsa seja razoável, eu diria que custaria

uns mil e seiscentos dólares.

“A resposta é mil seiscentos e vinte dólares!” anunciou o apresentador. “Lester Whitmore, você é o vencedor do The Price Is Right .”

"Então, quão perto você chegou?" perguntou Drew. "Bem perto, aposto. Não tem como te vencer em nada relacionado a golfe, né?"

“Nossa, que tacada!”, Casey ouviu Warren exclamar, maravilhado, de um recôndito distante de sua mente, com a voz repleta de admiração desenfreada. Ela o observou emergir da escuridão de sua cabeça e entrar na luz brilhante de um belo dia de primavera. “Onde você aprendeu a bater numa bola de golfe assim?”

“Meu pai me ensinou”, disse Casey, assumindo seu lugar ao sol ao lado dele.

“Quem é seu pai? Arnold Palmer?”

Casey riu e começou a caminhar pelo campo de golfe, puxando seu carrinho atrás de si.

"Acho que você pode ter me superado na distância", disse Warren enquanto se aproximavam das duas bolas brancas com covinhas, que estavam a poucos centímetros uma da outra, a aproximadamente duzentos metros do tee de saída.

Casey, na verdade, havia ultrapassado seu belo acompanhante na estrada.

"O quê? Você nem vai me dizer que foi só um tiro de sorte? Acalmar meu ego masculino ferido?"

“Precisa de algum consolo?”

“Talvez algumas palavras gentis.”

“Você fica tão fofo quando está inseguro”, respondeu Casey, aliviada quando Warren riu.

Ela não queria parecer maldosa nem arrogante. Quando Warren ligou alguns dias antes para convidá-la para sair e perguntou timidamente se ela jogava golfe, ela se conteve e não contou que era sócia do campo mais chique da cidade e que

tinha handicap 9. Disse simplesmente que adoraria jogar. Desde aquela manhã, ela vinha debatendo consigo mesma se deveria jogar muito abaixo do seu nível natural, para que Warren se sentisse adequadamente masculino e superior.

Ela havia decidido que não.

Casey observou Warren se preparar para a próxima tacada com uma série de movimentos lentos e hesitantes, e então o viu mandar a bola para o belo riacho que serpenteava pelos primeiros nove buracos de Cobb's Creek, o campo de golfe público que a revista Golfweek havia recentemente nomeado o sexto melhor campo municipal do país. Ela pensou em seu pai. "Sempre dê o seu melhor quando tiver a chance", ele costumava dizer. Mesmo assim, ela não tinha nenhuma vontade de dar o melhor de si, pelo menos não no que dizia respeito à bela retaguarda de Warren. Qual seria o problema em deixá-lo ganhar? Seria tão fácil se desequilibrar, dobrar o cotovelo esquerdo ou tirar os olhos da bola, juntando-se a ele na água. Em vez disso, ela assumiu sua postura correta sobre a bola, certificou-se de estar alinhada corretamente, ignorou a voz do pai junto com todos os outros pensamentos conscientes e deu a tacada. Segundos depois, ela viu a bola voar sem esforço sobre o riacho para aterrissar no meio do green, a aproximadamente três metros do buraco.

"Por que tenho a sensação de que você já fez isso antes?", perguntou Warren, com seu terceiro tiro passando raspando pelo dela.

“Na verdade, sou uma golfista muito boa”, admitiu ela, dando um putt para birdie.

“Não me diga!”

"Recusei uma bolsa de golfe na Duke", disse ela a ele dois buracos — e dois pares — depois.

"Porque . . . "

"Porque eu acho que o esporte deve ser divertido, não um trabalho."

“Então, deixe-me ver se entendi direito: em vez de passar seus dias jogando golfe ao ar livre, você prefere passá-los dentro de casa, procurando empregos para advogados descontentes.”

"Eu preferiria estar decorando os escritórios deles", respondeu Casey.

“Então por que você não está?”

Casey pegou sua bola do buraco e a guardou no bolso, depois caminhou rapidamente em direção ao próximo buraco, com Warren lutando para alcançá-la. “Meu pai considerava coisas como decoração de interiores fúteis e indignas do meu tempo. Ele insistia que, se eu não fosse aceitar a bolsa de estudos em Duke, o mínimo que eu poderia fazer era ter uma educação mais completa, e foi assim que acabei me formando em psicologia e inglês em Brown, apesar de eu não entender absolutamente nada sobre comportamento humano, e George Eliot literalmente me dá vontade de arrancar os cabelos pela raiz.”

“Isso ainda não explica como você acabou administrando uma agência de recrutamento de advogados.”

“Para ser sincera, eu mesma ainda não sei exatamente como isso aconteceu. Você teria que perguntar para a Janine. Foi ideia dela.”

“Janine?”

“Minha parceira, Janine Pegabo. A mulher com quem você deveria estar se encontrando na manhã em que nos conhecemos.”

“Aquela que quebrou o dente comendo um bagel”, disse Warren, relembrando.

“É essa mesmo.”

“Como ela está?”

“Ela precisa de uma coroa nova.”

“Ai.”

“Ela não está feliz.”

“E você?”, perguntou Warren.

“Não preciso de uma coroa nova.”

Você está feliz?

Casey refletiu sobre a pergunta por um instante. "De forma razoável, eu acho."

“De forma razoável, ou além de qualquer dúvida razoável?”

"Existe mesmo isso?" Casey esperou que o grupo à sua frente deixasse o green do complicado par três antes de dar a tacada inicial. A pergunta de Warren ainda ecoava em seus ouvidos enquanto ela fazia o movimento, e, como resultado, seu swing foi um pouco rápido demais, e a bola voou baixa e para a esquerda, parando na armadilha de areia no fundo do green.

“Aha! Agora é a minha chance.” Warren pegou seu ferro sete e deu uma tacada, a bola voando alto no ar e aterrissando delicadamente no green. “Isso!” gritou ele, apenas para ver a bola rolar para a direita e se enterrar em um monte de folhas. “Droga. Isso não parece justo.”

“Uma advogada que espera que a vida seja justa. Interessante”, disse Casey enquanto caminhavam pelo centro do estreito campo de golfe. “Na verdade, tenho feito vários cursos noturnos de design de interiores nos últimos anos. Espero me formar em breve.”

“E o que seu pai pensa disso?”

"Meu pai está morto." Seria possível que ele não soubesse quem era o pai dela?

"Desculpe."

“Ele e minha mãe morreram em um acidente de avião particular há cinco anos.”

Certamente isso já era uma pista suficiente.

"Sinto muito", disse Warren novamente, como se ainda não tivesse ideia. "Isso deve ter sido terrível para você."

“Foi difícil. Principalmente com a imprensa nos perseguindo daquele jeito.”

“Por que a imprensa te perseguiria?”

“Porque meu pai era Ronald Lerner”, disse Casey, observando a reação de Warren. Não houve reação alguma. “Você nunca ouviu falar de Ronald Lerner?”

"Será que eu deveria ter feito isso?"

Casey fez uma careta que dizia que provavelmente deveria ter feito isso.

“Cresci em Nova Jersey e fiz faculdade de direito em Nova York”, lembrou ele. “Mudei-me para Filadélfia quando entrei para a Miller, Sheridan. Talvez você possa me contar o que eu perdi.”

“Talvez mais tarde”, disse Casey, entrando na armadilha de areia com formato vagamente de coração enquanto Warren cruzava para o outro lado do green. Ela fincou os calcanhares na areia macia e firmou os pés antes de olhar para cima para conferir a linha. Pelo canto do olho, viu Warren esperando para bater na bola, que estava perfeitamente posicionada sobre um pequeno monte de folhas. Será que sempre fora tão visível?, pensou, repassando mentalmente a tacada inicial dele. “Droga”, ouviu-o dizer quando a bola desapareceu de vista. “Isso não é justo.” Claramente, a bola não havia afundado tanto nas folhas quanto pensaram inicialmente. Afinal, ela estava vendo de um ângulo diferente. “Preocupe-se com o seu próprio jogo”, repreendeu-se, falando baixinho enquanto tentava acertar a bola e errava completamente, algo que não acontecia desde criança, quando aprendeu a jogar golfe.

Ela acabou fazendo 85, muito respeitável, mas ainda assim Quatro tacadas acima do que seu handicap indicaria. Warren fez 92, embora, segundo os cálculos silenciosos de Casey, o resultado fosse na verdade 93. (Ela não estava anotando a pontuação dele deliberadamente; era apenas algo que fazia automaticamente.) Mesmo assim, ela poderia estar errada. Ou poderia ter sido um erro honesto da parte de Warren. Havia muita conversa, e seria fácil esquecer uma tacada. Ou talvez ele só quisesse impressioná-la.

"Ele trapaceia no golfe", ela ouviu a irmã dizer.

"Fica quieto, Drew", murmurou Casey.

“Desculpe”, disse Warren. “Você disse alguma coisa?”

“Eu perguntei: você sabe por que chamam isso de golfe?”

“Não. Por quê?”

Casey sorriu ao se lembrar da velha piada que tinha certeza que Warren já ouvira

pelo menos uma dúzia de vezes, mas que fora educado demais para admitir. "Porque todos os outros palavrões já estavam em uso."

“Droga”, Drew praguejou novamente, tirando Casey de seus devaneios. “É isso que acontece quando você tem que recorrer a fazer as próprias unhas. Normalmente, a Amy faz para mim. Você se lembra da Amy — aquela com o piercing de diamante no meio da língua? Ela trabalha naquele lugar na Rua Pine — You've Got Nails! Enfim, ela é a melhor manicure da cidade, sem dúvida, e eu vou lá uma vez por semana desde sempre, até que, claro, você

apareceu aqui, e parece que eu não posso mais me dar ao luxo de gastar vinte e cinco dólares por semana, míseros vinte e cinco dólares por semana ”, Drew repetiu para enfatizar, “para manter minhas mãos apresentáveis. Enfim, chega de manicure para mim, a menos que eu queira que minha filha passe fome, o que não seria tão ruim, se você me perguntar, porque a pequena Lola está começando a ficar um pouco gordinha. E sim, Eu sei que ela só tem cinco anos e que ainda tem muito tempo para começar a se preocupar com dietas e essas coisas, mas uma menina nunca é demais ser cuidadosa.” Drew deu uma risadinha de desdém. “Acho que não preciso te dizer isso. Se você tivesse olhado para os dois lados, não estaríamos nessa enrascada.”

“Angela Campbell, venha cá! Você é a próxima participante do The Price Is Right !”

Drew continuou tagarelando, sua voz competindo com os gritos do último participante sortudo, e depois de alguns minutos, Casey se viu desligando. Estava exausta com o fluxo constante de conversa que pressionava seus ouvidos como um ferro quente desde que os médicos anunciaram que ela podia ouvir e que seria benéfico se todos falassem com ela o máximo possível. Desde então, vozes a bombardeavam sem parar, num esforço bem-intencionado, ainda que desnecessário, para estimular seu cérebro a uma atividade ainda maior. O barulho começava logo de manhã, quando os internos chegavam para a visita matinal, continuava o dia todo com a chegada de médicos e enfermeiros, depois familiares e amigos, e se estendia até altas horas da madrugada, quando os auxiliares de enfermagem entravam para limpar. Se não estavam falando com ela, estavam lendo para ela: as enfermeiras liam a primeira página do jornal da manhã; sua sobrinha recitava orgulhosamente a história do Chapeuzinho Vermelho; Janine continuava sua excruciante jornada pelas ruas de Middlemarch do século XIX .

E então veio a televisão, com seu desfile de programas matinais de entrevistas imbecis, programas de jogos repletos de histeria e novelas vespertinas obcecadas por sexo. Depois vieram Montel, Dr. Phil, Oprah e Ellen, seguidos pelos especialistas forenses de CSI , os médicos libidinosos de Grey's Anatomy ou os advogados bizarros de Boston Legal . Todos competindo por sua atenção total e exclusiva.

E, claro, havia Warren.

Ele vinha todos os dias. Sempre, beijava sua testa e acariciava sua mão. Depois, puxava a cadeira para perto da cama e sentava-se, falando baixinho com ela, contando-lhe sobre o seu dia, relatando suas conversas com os vários médicos. Dizia que esperava que houvesse outros exames que pudessem fazer, exames que pudessem dizer o quanto, se é que ela entendia alguma coisa do que estava ouvindo. Certamente havia uma maneira de avaliar sua capacidade cerebral, ela o ouvira discutir com o Dr. Zarb . Quanto tempo levaria para ela recuperar o uso dos braços e das pernas?, ele perguntara a Jeremy. Quanto tempo levaria para ele poder levá-la para casa?

Ela o imaginou olhando fixamente para seus olhos abertos e vazios, com um olhar de desejo. Qualquer um que estivesse observando provavelmente desviaria o olhar, não querendo interromper um momento tão íntimo. Qualquer um, exceto Janine, que não via

problema algum em invadir o quarto deles regularmente, ou Drew, que era alheio a tudo que não lhe dizia respeito diretamente.

Seria possível que Drew fosse menos alheia do que deixava transparecer?

Seria possível que sua irmã tivesse tentado matá-la para reivindicar a fortuna que acreditava ser sua por direito?

“'Achei certo te dizer, porque você continuou como sempre, sem nunca olhar para onde está e pisando no lugar errado'”, Janine havia lido. “'Você sempre vê o que ninguém mais vê; no entanto, você nunca vê o que é óbvio.'”

Teria ela ignorado o óbvio em relação à sua irmã? Teria ela estado a agir em terreno indevido, recusando-se a reconhecer o que era bastante claro?

Isso era óbvio, Casey foi obrigado a reconhecer: Drew tinha tanto o motivo

quanto a oportunidade para matá-la.

Não, eu não vou fazer isso. Não vou deixar que as suspeitas do Detetive Spinetti envenenem minha mente. Warren ainda está convencido de que foi um acidente. Confie nos instintos dele. Concentre-se em algo mais agradável. Preste atenção na maldita TV. Descubra quanto vale aquele tubo gigante de pasta de dente.

"Então, me conte algo sobre você", incentivou o apresentador de TV à participante que gritava sem parar.

“Então, me conte mais sobre Casey Lerner”, ela ouviu Warren dizer, sua voz suave acariciando a nuca dela, convidando-a a voltar para um passado não tão distante, para aquela época em que o relacionamento deles estava se desenvolvendo, quando cada encontro era uma fonte de novas e maravilhosas descobertas e o amor se escondia por trás de cada suspiro, pairando tentadoramente em cada pausa da conversa.

“O que você gostaria de saber?”

Eles estavam passando a manhã na feira de produtores em Lancaster, uma cidadezinha agradável a cerca de noventa e seis quilômetros a oeste da Filadélfia, com uma população de pouco menos de sessenta mil habitantes. Originalmente chamada de Gibson's Pasture, foi fundada por menonitas suíços por volta de 1700 e hoje é um centro urbano agradável para pedestres, onde prédios históricos antigos competem com uma série de novas lojas de departamento. A feira de produtores, onde muitos agricultores amish locais traziam suas carnes, frutas, verduras, pães e artesanatos para vender, funcionava desde o início do século XVIII, e o prédio de tijolos vermelhos que a abrigava era um dos mercados cobertos mais antigos da América.

“Quero saber tudo”, disse Warren.

"Isso é tudo?"

“Não sou muito exigente.”

Casey sorriu. "Eu não sou muito complicada."

"De alguma forma, duvido disso."

“É verdade. Sou bem direta. O que você vê é geralmente o que você tem.” Ela fez uma pausa, inclinou a cabeça para o lado, seus longos cabelos loiros caindo sobre o ombro direito.

“Então, me diga você — o que você vê?”

Outra pausa. Warren aproximou-se lentamente, de modo que seu rosto ficou a poucos centímetros do dela. "Vejo uma mulher linda com olhos azuis tristes."

"O que?"

“E não consigo deixar de me perguntar o que a deixa tão triste”, continuou ele, ignorando a interrupção dela.

“Você está errado”, Casey contestou. “Eu não estou—”

“E eu quero pegá-la nos meus braços, abraçá-la e dizer que tudo vai ficar bem...”

"-triste."

“E eu quero beijá-la e fazer tudo ficar bem.”

"Bem, talvez só um pouco triste." Casey ergueu o queixo quando os lábios dele se aproximaram dos dela, pousando como uma pluma suave em sua boca. "Pensando bem, na verdade estou bastante perturbada", sussurrou ela, envolvendo-o em seus braços enquanto ele a beijava novamente.

Eles passaram a noite — a primeira noite juntos — no King's Cottage, uma mansão em estilo espanhol que havia sido transformada em uma das duas pousadas da região.

Construída em 1913, tinha oito quartos com banheiros privativos, móveis antigos e camas grandes e confortáveis. "É adorável", disse Casey enquanto a proprietária ruiva entregava a chave.

“ Você é linda”, disse Warren, envolvendo-a novamente em seus braços. Eles fizeram amor, a primeira de muitas vezes que fizeram amor ao longo daquele dia. aquela noite e as semanas que se seguiram, e cada vez era "mágica", como Casey confidenciou mais tarde a Janine e Gail.

“É como se ele pudesse ler meus pensamentos”, disse ela.

“É tão romântico”, disse Gail.

"Com licença, vou ali vomitar", disse Janine.

O assunto de crianças surgiu durante mais uma de suas escapadas de fim de semana, desta vez para a histórica Gettysburg. Eles estavam quase terminando a caminhada de um quilômetro e meio pela trilha Big Round Top Loop Trail quando três adolescentes passaram correndo por eles, quase derrubando Casey. "Então, quantas crianças você quer?", perguntou Warren, segurando-a pelo cotovelo para evitar que caísse.

“Não sei. Nunca pensei muito nisso”, mentiu Casey. Na verdade, ter filhos era algo em que ela havia pensado bastante. Ela frequentemente se perguntava que tipo de mãe seria —

ausente e indiferente, como sua própria mãe fora, carente e desatenta, como Drew, ou talvez, quem sabe, mais parecida com a mãe “de verdade” que ela se lembrava de ver no parquinho quando era criança, uma mulher que gostava dos filhos e queria nutri-los e cuidar deles. “Acho que dois seriam legais. E você?”

“Bem, eu sou filho único, lembra? Então sempre imaginei uma casa cheia de crianças, mas duas parece bom.” Ele sorriu, como se tivessem acabado de chegar a um consenso sobre um ponto importante e tomado uma decisão.

Casey fingiu não notar. "Como eram seus pais?"

“Bem, eu nunca realmente conheci meu pai”, disse Warren com naturalidade. “Ele morreu quando eu era criança. Minha mãe, por outro lado...” Ele riu. “Ela era feroz. Uma força a ser reconhecida.”

“De que maneira?”

“Bem, para começar, ela foi casada cinco vezes.”

“Você está brincando!”

“Não, não estou brincando. Segundo a lenda da família, ela se divorciou do primeiro marido depois que ele a jogou escada abaixo, e do segundo quando ele

foi preso por peculato. O

terceiro marido, meu pai, o único bom de todos, segundo minha mãe, morreu de ataque cardíaco aos 49 anos. Não me lembro muito bem do quarto ou do quinto, já que eu estava estudando fora durante esses dois desastres. No entanto, minha mãe conseguiu sair dessas duas últimas aventuras com dinheiro suficiente para manter o estilo de vida ao qual sempre aspirou. Aliás, receio que terei que insistir em um acordo pré-nupcial."

"O que?"

"Antes de prosseguirmos com essa conversa sobre casamento..."

"Que conversa de casamento?"

"No seu escritório, no dia em que nos conhecemos. Você já se esqueceu da minha proposta?"

"Você não estava falando sério", disse Casey, embora ela soubesse — sempre soubesse —

que ele estava.

"Quero que você consulte um advogado e peça a ele para elaborar um acordo pré-nupcial à prova de falhas", disse ele a ela. "Em caso de divórcio, o que, acredite, nunca vai acontecer, porque pretendo fazer de você a mulher mais delirantemente feliz do planeta, quero garantir que todos os seus bens estejam completamente protegidos. Ninguém — e eu digo ninguém — jamais questionará minhas intenções em relação a você, ou me acusará de ter me casado com você por dinheiro."

"Então, você tem meu dinheiro?", perguntou Drew.

Instantaneamente, Casey voltou ao presente. Com quem Drew estava falando?

"Como já expliquei, esta é uma situação muito complicada", começou Warren.

"Qual é a complicação? É o meu dinheiro."

"Sim, é. Mas estava sob o controle de Casey, e agora Casey está—"

“Tirando uma soneca com os peixes. Conte-me algo que eu não sei.”

"Estou tentando."

Casey imaginou sua irmã cruzando um braço sobre o outro, os dedos estendidos para não borrar as unhas recém-pintadas, e recostada na cadeira, o maxilar cerrado em expectativa.

"Estou ouvindo, Conselheira", disse ela. "Dê o seu melhor."

14

“ Como eu disse, esta é uma situação muito complicada.” Warren fez uma pausa, como se esperasse que Drew o interrompesse novamente. Ela não o fez, então, após alguns segundos, ele continuou. “Conversei com William Billy, um dos meus sócios...”

“Esse é o nome verdadeiro dele?”

“William Billy, sim.”

"O nome dele é Willy Billy?", Drew riu.

Você acha isso engraçado?

“Não é?”

“Não particularmente.”

É mais ou menos isso, pensou Casey, imaginando o homem. Com mais de um metro e noventa e cinco de altura, ele tinha ombros largos e um pescoço grosso como um tronco de árvore, ambos contrastando com o timbre quase feminino de sua voz. Tinha cabelos ruivos ralos, e sua pele branca fantasmagórica ficava vermelha como um carmesim sempre que ele estava agitado ou chateado, o que, infelizmente, acontecia na maior parte do tempo, em grande parte devido ao seu nome. William Billy. Billy Billy. Willy Billy. Willy Nilly.

“William Billy é um dos melhores advogados de direito sucessório e fiduciário da cidade.”

"Ele teria que ser."

“Posso continuar? Pensei que você estivesse com pressa para receber essa informação.”

“Sim, estou. Por favor, prossiga.” Ela riu novamente.

Você está drogado?

"O que?"

“Você está chapado, não está?”

“Não sou.”

“ Não sou ?” Warren repetiu. “Você tem cinco anos?”

“Não, essa seria Lola, sua sobrinha, que você parece estar determinado a deixar morrer de fome.”

“O que você está usando? Cocaína? Êxtase?”

“Ah, por favor. Quem me dera.”

“Você certamente está sob o efeito de alguma coisa.”

“Não estou sendo julgado aqui, Warren. Não me trate como se eu fosse uma dessas testemunhas... Como é que se chamam mesmo?”

"De Jeová?", perguntou Warren, com a maior seriedade.

Mais risadas. "Viu só? Isso foi engraçado. Eu sabia que você tinha senso de humor. Mas não, não é disso que estou falando."

“Você sabe do que está falando?”

“Hostil”, disse Drew. “Essa é a palavra que estou procurando. Eu não sou uma testemunha hostil. Bem, talvez eu seja hostil. Uma Testemunha de Jeová hostil.” Ela riu novamente.

“Nem vou tentar conversar com você quando você está nesse estado.”

“Eu não estou drogada, Warren”, insistiu Drew. “E você acha que poderia falar um pouco mais baixo? Não precisa todo mundo ouvir isso. Talvez eu tenha fumado um pouco de maconha antes de chegar aqui”, admitiu ela, agora sussurrando. “Você pode me culpar por querer relaxar um pouco? Não é nada agradável descer aqui e ver minha irmã nesse estado...”

"Quem você pensa que está enganando?", perguntou Warren, finalmente perdendo a paciência. "Você não consegue enxergar além do próprio nariz."

"Você consegue?" perguntou Drew, de forma incisiva. "Quer dizer, deixe-me tentar adivinhar o que você vai me dizer. Posso fazer isso?"

Casey imaginou Warren virando as duas palmas das mãos para cima, como se estivesse passando a palavra para Drew.

“Você conversou com o estimado William Billy, um dos melhores advogados de direito sucessório e patrimonial da Filadélfia — o Willy Billy da Filadélfia! Que coincidência perfeita!” Ela riu novamente. “Desculpe. Desculpe. Não resisti. Além disso, Casey também acha engraçado.”

"O que?"

“Olha para o rosto dela”, disse Drew. “Ela está rindo. Eu percebi.”

Casey percebeu que ela tinha razão. "Philly's Willy Billy" tinha funcionado. Apesar de tudo, sua irmã tinha conseguido fazê-la rir, mesmo que Drew fosse a única pessoa capaz de perceber.

“Você não sabe do que está falando”, disse Warren, com desdém.

“Eu estava certo sobre a Casey conseguir ouvir”, lembrou Drew. “E estou certo sobre isso também. A Casey está rindo. Ela entende. Então, é melhor você ser legal comigo, porque quando ela recuperar a consciência, vai ficar muito irritada se você não me tratar bem.”

“Estou tentando te ajudar, seu idiota.”

“Como? Roubando meu dinheiro?”

“Eu não... Olha, eu não quero discutir. Eu falei com meu parceiro...”

“E você é o novo executor do testamento dos meus pais”, exclamou Drew triunfante. “Estou certo?”

“Não é tão simples assim.”

“Então, sem dúvida, simplifique-o.”

ausência de Casey, fui nomeado executor temporário do espólio. É apenas

temporário”, enfatizou ele, como se esperasse que Drew se opusesse, “até que tenhamos uma compreensão mais clara do que está acontecendo com Casey, momento em que um tribunal terá que decidir—”

“Então, podemos estar falando de anos”, interrompeu Drew.

“Poderíamos ser, sim.”

“Anos com você temporariamente no comando do meu dinheiro.”

“Você receberá seu dinheiro, Drew. Pretendo seguir à risca os desejos da sua irmã. Você continuará recebendo sua mesada mensal.”

“Isso é péssimo, e você sabe disso.”

“Nada mudou.”

“ Tudo mudou. Minha irmã está em coma. Quem manda é você.”

“O que você quer de mim, Drew?”

“Eu quero o que é meu. Por que você tem o direito de participar do processo de tomada de decisão?”

“Porque sou o marido da Casey.”

“Você é marido dela há... dois anos, no máximo? Eu sou irmã dela desde sempre. E mesmo que meu pai não tivesse confiado sua preciosa herança a mim, com certeza ele não ia querer você no comando.”

“Isso é apenas temporário, até que—”

“Até que os tribunais decidam. O que pode levar anos. Eu entendo. E Casey entende. Você não entende, Casey?”

Se você está insinuando que Warren está atrás do meu dinheiro, você está enganado.

“Olha, isso não nos leva a lugar nenhum”, disse Warren. “De qualquer forma, é um ponto discutível.”

“Significa que está sujeito a discussão ou debate.”

“Significando que é algo acadêmico, sem valor ou consequência prática.”

“Quer dizer que você está falando besteira. Eu mesmo vou falar com esse tal de Willy Billy...”

“Claro que sim. Terei o maior prazer em marcar uma consulta para você.”

“Não preciso que você faça nada por mim. Você já fez mais do que o suficiente. Vou contratar meu próprio bobo da corte e depois vou processar você. Entendeu?”

“Faça isso, Drew. E enquanto você estiver ocupado me processando, lembre-se de que ir ao tribunal é muito caro e que esses casos demoram muito para chegar a julgamento. Você também deveria pensar no resultado final de um processo desses, considerando que eu não sou apenas o marido e tutor legal da Casey, mas também um advogado muito bom. E você é uma mãe solteira com um longo histórico de abuso de drogas e promiscuidade.”

“Uau. Que argumento final, Conselheiro. Casey já viu esse seu lado?”

“Você obviamente tira o melhor de mim.”

“Desculpe, você disse 'melhor' ou 'fera'?”

“Olha, faça o que achar que precisa fazer”, continuou Warren, ignorando a pergunta. “Por todos os meios, contrate um advogado e me processe. Se é assim que você quer desperdiçar seu dinheiro, a escolha é inteiramente sua. Acho que é melhor do que enfiar o dinheiro no seu nariz.”

Silêncio, exceto pelo som da respiração ofegante.

Casey não conseguia distinguir quem respirava mais fundo, Warren ou Drew. Ela se pegou sentindo pena da irmã mais nova. Ela não era páreo para Warren. Ele não se deixaria ser atropelado da maneira como Casey tantas vezes fora dominada pela irmã.

“Quem é você para me dizer o que eu posso ou não posso fazer?” Casey se lembrou de Drew gritando com ela certa tarde, do outro lado da sala em forma

de L do apartamento escuro de um quarto de Drew em Penn's Landing, com vista para o rio Delaware. Cortinas pesadas, cor de mostarda, com o cheiro rançoso de maconha impregnado em suas dobras profundas, impediam que o sol do fim da tarde iluminasse com muita intensidade o espaço apertado e desarrumado, embora Casey não tivesse dificuldade em distinguir os diversos apetrechos para uso de drogas — um velho cachimbo preto, alguns pedaços soltos de papel branco fino, uma nota de vinte dólares amassada, uma fina camada de pó branco — espalhados sobre o tampo da mesa de centro retangular de vidro.

“Você está usando drogas de novo”, afirmou Casey sem rodeios. “Como você pode sequer pensar em ter um bebê?”

“Agora você também vai tentar me impedir de pensar?”

“Sou sua irmã. Só quero o melhor para você.”

“Você quer dizer que deseja o que é melhor para você .”

“Você não está em condições de ter um bebê.”

“Pelo contrário”, rebateu Drew. “Eu estava na posição perfeita — deitado de costas.”

“Este não é o momento para piadas ruins.”

“Não achei que fosse tão ruim. De qualquer forma, esse bebê definitivamente não é brincadeira. É real. E eu vou tê-lo, quer você goste ou não.”

“Você sequer sabe quem é o pai?”

"Isso importa? Serei eu quem criará essa criança."

“Como? Com o quê? Você acha que vai ser fácil criar um filho sozinha?”

"Quando é que a minha vida alguma vez foi fácil?"

"Ah, chega dessa história de 'coitadinho de mim'. Já está ficando um pouco cansativa."

“Desculpe se estou te entediando.”

“Não se trata de mim. Trata-se de trazer um bebezinho indefeso para o meio desta”—os braços de Casey descreveram amplos círculos no ar, espalhando o odor adocicado e enjoativo do haxixe—“bagunça”.

"Você acha que eu serei uma mãe tão horrível assim?"

"Acho que você será uma ótima mãe", disse Casey sinceramente, "quando chegar a hora certa. Quando você estiver limpa, sóbria e pronta para se estabelecer."

“Talvez eu esteja pronto agora.”

“Acho que não.”

“Talvez você não saiba de tudo.”

“Eu sei que você teve todo tipo de problema quando era bebê por causa de todo o álcool que a Alana bebeu quando estava grávida...”

“Você está me comparando com a nossa mãe? Que feio, Casey. Nada feio mesmo.”

“Pelo amor de Deus, Drew, esse bebê não terá a menor chance. Vai nascer viciado em drogas.”

“Não se eu me internar em uma clínica de reabilitação. Não se eu ficar limpo.”

Você está disposto a fazer isso?

"Farei o que for preciso." Drew enxugou as lágrimas do rosto e limpou o nariz com as costas da mão. "Eu quero muito esse bebê, Casey. Você entende? Quero algo meu, algo que ninguém possa tirar de mim, algo que eu possa amar e que me ame de volta.

Incondicionalmente." Ela cruzou os braços sobre o peito e começou a se balançar para frente e para trás, como se estivesse embalando um bebê.

“Sempre há condições”, disse Casey à irmã. “E não é uma coisa , Drew. É um ser humano.”

“Eu sei disso. Você acha que eu não sei?”

“O que você vai fazer quando o bebê ficar acordado a noite toda chorando?”

"Vou cantar essa música até dormir."

“E se não voltar a dormir, se estiver com cólicas e irritadiço e—”

“Vou amar ainda mais. Vou ser tão boa para esse bebê, Casey. Vou dar muito amor a ele.

Não me importo se for menino ou menina. Vou amá-lo de qualquer jeito. E vou cuidar muito bem dele. Eu sei que você acha que eu não consigo...”

"Acho que você pode fazer qualquer coisa que se propuser a fazer", argumentou Casey, percebendo a evidente falta de convicção em sua voz e sabendo que Drew também a percebia. "Só não acho que agora seja o melhor momento para tomar esse tipo de decisão."

"Não me interessa o que você pensa", gritou Drew. "Sabe o que eu acho? Acho que você deveria ir para o inferno. Ouviu? Vá para o inferno!"

E então, como era de se esperar, menos de um ano depois, sua irmã estava andando de um lado para o outro naquele mesmo quarto, com um bebê chorando nos braços. "O que eu vou fazer, Casey? Ela me odeia."

“Ela não te odeia.”

“Ela chora o tempo todo.”

“Ela é um bebê. É o que elas fazem.”

“Eu me esforço tanto, Casey. Eu a pego no colo. Eu canto para ela. Eu troco suas fraldas. Eu a alimento. Nada do que eu faço faz diferença. Ela chora o dia todo. Ela chora a noite toda. Ela chora quando eu a coloco no berço. Ela chora ainda mais alto quando eu a pego no colo.”

“Ela provavelmente está com gases.”

"Eu deveria tê-la amamentado", disse Drew, agora também chorando. "Os

médicos do hospital tentaram me convencer de que eu deveria — disseram que seria melhor para ela

—, mas eu estava preocupada que ainda pudesse haver drogas no meu organismo, mesmo estando limpa há meses. Juro que estou." Eu só estava sendo cautelosa, porque não queria fazer nada que pudesse prejudicá-la. E agora é tarde demais. Meu leite secou.

“A Lola não tem problema nenhum com a garrafa, Drew. Ela está engordando. Ela é linda.”

“Ela é linda, não é?”

“Igualzinha à mãe dela.”

“Eu a amo muito.”

“Eu sei que sim.”

"Por que ela me odeia?", perguntou Drew, com um tom de súplica.

“Ela não te odeia.”

"Você devia ver a cara que ela faz às vezes, parece que está totalmente enojada de mim."

“Ah, Drew. Ela não está enojada...”

“Você não viu o olhar dela, Casey. Ela faz uma careta e fica toda vermelha, parecendo um balão velho e enrugado. E aqueles olhos grandes e escuros me encaram, como se ela pudesse me ver por dentro. Como se estivesse me julgando.”

“Os bebês não conseguem pensar, Drew. Eles não conseguem fazer julgamentos de valor.”

"Tudo o que eu queria era que ela me amasse."

“Ela te ama.”

“Não”, insistiu Drew. “Ela sabe que sou uma fraude.”

“Você não é uma fraude. Você é a mãe dela.”

“Sou uma mãe horrível.”

“Não, você não é.”

“Sim, sou. Às vezes, quando ela chora, fico tão brava que dá vontade de sufocá-la com um travesseiro. Não que eu jamais faria algo assim”, acrescentou ela apressadamente.

"Eu sei que."

“Mas até mesmo ter tais pensamentos...”

“Você está exausto”, disse Casey.

“Não durmo há dias”, confirmou Drew. “Talvez mais de uma semana. Toda vez que me deito, toda vez que eu Fecho os olhos e ela começa a chorar. É como se ela soubesse, como se estivesse fazendo de propósito.”

“Ela não é.”

"Eu estou tão cansado."

"Que tal contratar uma babá?", Casey sugeriu com cautela. Ela já havia feito essa proposta várias vezes, e todas foram recusadas veementemente.

"Você quer dizer uma babá?" Drew cuspiu a palavra como se fosse um palavrão.

"Quero dizer, alguém que te dê uma mãozinha para que você possa recuperar o sono. Todo mundo precisa de uma pausa de vez em quando."

“Não permitirei que meu filho seja criado por estranhos.”

“Ninguém está dizendo que precisa ser para sempre.”

“Não tenho condições de contratar uma babá.”

Casey balançou a cabeça. Eles já tinham passado por isso antes. "Eu pago por isso."

“Não quero sua caridade.”

“Não é caridade.”

"Só porque vai sair do espólio. Porque é o meu dinheiro", gritou Drew por cima do choro cada vez mais desesperado do bebê.

“Isso é ridículo, Drew. Você não vê que eu só estou tentando ajudar? Por que você sempre tem que transformar tudo em questão de dinheiro?”

“Porque é sempre disso que se trata! Você é mesmo tão cego, ou é apenas estúpido?”

"Ah, pelo amor de Deus", disse Casey, completamente exasperada. "Por que você simplesmente não cala a boca?"

"Por que você não vai para o inferno?", respondeu Drew, irritado.

"Então, quando posso receber meu dinheiro?", perguntou Drew, com a voz baixa e abafada, como se seu queixo estivesse pressionado contra a garganta.

"Posso lhe passar um cheque agora mesmo, se quiser", disse Warren.

Casey ouviu o rabisco de uma caneta esferográfica.

“Confira. Certifique-se de que é a quantia correta”, aconselhou Warren.

"Está tudo bem." Uma pausa de um segundo. "Acho que vou sair do seu caminho. Cuide-se, Casey", disse Drew.

E então ela se foi.

15

"Que bom ver que você ainda não perdeu o jeito com as mulheres", disse uma voz da porta segundos depois.

Warren levantou-se de um salto. "Que diabos você está fazendo aqui?", perguntou, visivelmente perturbado.

Quem é?

“Só queria saber como está a evolução do paciente.”

"Você está louco?"

“Relaxe. Respire fundo algumas vezes. Você está exagerando.”

"Estou exagerando? E se o Drew voltar? E se alguém entrar?"

“Então eu sou apenas um amigo da academia, prestando minhas condolências.”

O que há de errado? Por que Warren está tão chateado? Quem é esse homem?

“Você precisa ir embora agora mesmo.”

“Não vou a lugar nenhum”, disse o homem calmamente, caminhando em direção à cama enquanto a porta se fechava atrás dele. “Já faz mais de dois meses, Warren. Você não liga.

Não retorna minhas ligações. Não apareceu na academia.”

"Tenho estado um pouco ocupado ultimamente."

“O marido dedicado e amoroso.” A voz do homem destilava sarcasmo, como água gelada saindo da geladeira. Casey sentiu um arrepio repentino até a alma, embora não soubesse bem porquê.

“Você não me deixou muita escolha”, disse Warren.

O que isso significa? Que tipo de escolha?

“Então, como vai a Bela Adormecida?”, perguntou o homem.

"Eu diria que isso é bastante óbvio."

“Na verdade, ela está melhor do que eu esperava. A polícia está mais perto de descobrir o que aconteceu?”

Warren zombou. “Não. Eles não têm a mínima ideia. Olha, podemos conversar sobre isso mais tarde? Não é hora nem lugar para isso...”

"O que é?"

O momento e o lugar para quê?

“Você sabe que isso não é culpa minha”, continuou o homem após uma pausa.

"Não é?" perguntou Warren.

"Não."

“Minha esposa está em coma, ligada a um tubo de alimentação. Ela pode ficar assim para o resto da vida. E você não acha que é sua culpa?”

Não entendo. Do que você está falando? Está dizendo que esse homem tem alguma ligação com o que aconteceu comigo?

"Ei", protestou o homem. "Sinto muito pelo que aconteceu. Mas eu a atropelhei a quase oitenta quilômetros por hora. Uma pessoa normal estaria morta depois de uma colisão dessas."

O quê? O quê?! O QUÊ?!

“Pelo amor de Deus, cale a boca!”

O que está acontecendo? Isso é real ou eu adormeci de novo? Será um sonho, ou talvez mais um filme para a televisão?

“Olha”, Warren sussurrou roucamente. “Você tem que falar mais baixo. Eles fizeram testes.

Os testes indicam que Casey consegue ouvir...”

"Ela consegue?" Casey sentiu o peso do homem enquanto ele se inclinava sobre sua cama, o braço roçando na lateral do seu, o hálito mentolado quente contra seu rosto. "Você consegue me ouvir, Bela Adormecida?" Ela o sentiu recuar. "Você está dizendo que ela entende o que estamos dizendo?"

“Provavelmente não. Mas é possível.”

Um estalo de admiração relutante. "Tiro o chapéu para você, Bela", disse o homem. "Você é durona."

Não, isso não pode estar acontecendo. Estou sonhando. Ou então estou delirando.

Quantas vezes ela já havia se perguntado a mesma coisa nos últimos meses?

“Olha”, implorou Warren. “Você precisa sair daqui.”

“Só quando chegarmos a um entendimento.”

“Entendimento sobre o quê?”

“Não se faça de desentendido, Warren. Isso não combina com você.”

“Se for por dinheiro...”

“Claro que tudo se resume a dinheiro. Eu não sou diferente de você. É sempre uma questão de dinheiro. Cinquenta mil dólares, para ser preciso.”

Cinquenta mil dólares? Para quê?

“Eu não dou cinquenta mil dólares para pessoas que fazem besteira.”

“Eu não estraguei tudo.”

“Então, o que estamos fazendo aqui?”

O que estamos fazendo aqui? Casey repetiu, com os pensamentos girando descontroladamente em sua cabeça, como roupas em uma secadora. O que eles estavam dizendo?

"Acho que estamos esperando", respondeu o homem, dando de ombros.

"Obviamente, é só uma questão de tempo."

“É uma questão de tempo”, repetiu Warren, com um tom de cansaço. “Segundo os médicos, ela pode sobreviver a todos nós.”

Uma longa pausa.

“Então acho que teremos que acelerar um pouco as coisas.”

Que coisas? Do que você está falando?

“Como você propõe que façamos isso?”

"Ei, cara, eu sou só um personal trainer. Você é que tem diplomas caros."

"Sim, bem, quando conversamos na academia, você me deu a nítida impressão de já ter feito esse tipo de coisa antes. Pensei que estava lidando com um especialista."

O homem riu. "Já pensou em desconectar alguns desses tubos e talvez injetar uma bolha de ar no soro dela? Eu vi isso na TV uma vez. Foi bem eficaz."

Ai, meu Deus! Alguém me ajude! Drew! Patsy! Alguém!

“É mesmo? Ninguém suspeitaria de nada de errado ali.”

“Desfavorável? Que palavra impressionante, Conselheiro.”

“Só para um idiota.”

"Ei, cara, relaxa. Eu sei que você está chateado, mas não precisa ficar irritado."

“Eu costumo ficar irritado , como você disse, quando as pessoas que contrato não fazem o seu trabalho.”

Warren contratou esse homem para me matar? Ele ofereceu cinquenta mil dólares para que ele me atropelasse? Não, não pode ser. Não pode ser.

"Vai ser feito."

“É aí que você receberá seu dinheiro.”

Um suspiro de resignação. "Então, qual é a história? Ela está aqui para ficar?"

“Não. Devo conseguir levá-la para casa muito em breve.”

“E depois disso, tudo pode acontecer.”

Não. Isso não está acontecendo. Me deram uma droga nova. Ela está me causando alucinações.

“Não vai ser fácil”, disse Warren. “A polícia já suspeita que não foi um acidente. Tenho que ter muito cuidado.”

“Não se preocupe, cara. Não há nada que te prenda a isso.”

“Exceto Casey. Se ela entender . Se ela recuperar a consciência.”

Casey sentiu dois pares de olhos queimando sua pele como ácido.

“Então, teremos que garantir que isso não aconteça.”

Meu Deus.

“E como exatamente fazemos isso?”

“Você é um cara esperto”, disse o homem. “Tenho certeza de que você vai pensar em alguma coisa.” Mais uma vez, Casey sentiu a boca do homem parar a poucos centímetros da sua, a respiração dele roçando provocantemente seus lábios, como se ele fosse beijá-la.

“Tchau, tchau, gata. Se cuida.” Ele deu uma risadinha, o som borbulhando fundo em sua garganta, como óleo sob a superfície da terra.

“Saia daqui agora mesmo!”

Você me liga quando tiver alguma ideia?

“Pode apostar.”

“Tente não esperar muito tempo.” Passos se afastando, seguidos pelo som de uma porta abrindo e fechando.

Isso não pode estar acontecendo, pensou Casey novamente. Não está acontecendo. Ela realmente não tinha ouvido o marido e outro homem discutindo sobre a tentativa fracassada. para assassiná-la, e o plano deles de tentar novamente. Era ridículo. Não tinha acontecido.

Não havia a menor possibilidade de Warren fazer algo para machucá-la, muito menos contratar alguém para matá-la. Era ridículo. Totalmente, absolutamente, absurdamente ridículo. O que havia de errado com ela? Primeiro, ela desconfiou de Janine. Depois, foi a vez de Drew. E agora... Warren? Como ela podia estar tendo pensamentos tão insanos?

Qual é o meu problema? Warren é um homem bom, um homem cujo trabalho é defender a lei, não quebrá-la. Não destruí-la, pelo amor de Deus.

Era aquela maldita TV. Como ela poderia pensar direito com aquela tagarelice constante?

Warren me ama.

Ela sentiu movimento, um corpo se aproximando. Quem? Warren ainda estava ali? Havia alguém ali?

“Era o Nick”, disse Warren casualmente. “Tenho certeza de que você já me ouviu falar dele.

Ótimo treinador. Péssima pessoa. Maldade pura . O tipo de cara que gosta de arrancar as asas de borboletas. Um dia, eu estava brincando com ele, disse que ele estava perdendo tempo torturando idiotas como eu, que ele deveria considerar uma carreira como assassino de aluguel. Ele me disse para dizer a hora e o lugar.” Warren zombou. “Eu provavelmente não deveria estar falando sobre isso, mas que se dane? O segredo foi revelado.” Ele se aproximou ainda mais para sussurrar em seu ouvido. “Por que você simplesmente não morreu quando deveria?”

E então tudo ficou em silêncio. Era como se o ar no quarto tivesse subitamente parado de circular, e ela estivesse prestes a parar de respirar completamente. Uma onda de pânico percorreu as veias de Casey, como uma injeção de adrenalina. Seria possível que ele tivesse injetado uma bolha de ar em seu soro, como seu cúmplice havia sugerido?

Por que você não morreu quando deveria?

"Vou tomar uma xícara de café", disse Warren, com a voz falhando enquanto caminhava em direção à porta. "Não suponho que você queira nada", respondeu ele.

Assim, o mistério foi resolvido.

Como isso era possível? Eles eram tão felizes. Nunca brigavam, raramente discutiam. A única vez em que discordaram foi quando ela quis deixar a mansão que herdara dos pais e se mudar para um apartamento na cidade, e Warren relutou em abandonar seu bairro tranquilo e abastado. No fim, chegaram a um acordo e concordaram em procurar uma casa menor, mas permanecer na Main Line. Logo depois, começaram a falar sobre formar uma família.

E durante todo esse tempo, ele estava planejando a morte dela.

Teriam esses impulsos assassinos surgido em sua mente apenas recentemente, ou ele vinha planejando matá-la desde o início? Será que o homem apressado teria tido paciência suficiente para esperar dois anos inteiros antes de colocar seu plano em ação?

Mas por quê? Por que ele a quereria morta?

Por que você acha isso?, ela se perguntou.

Dinheiro.

"É sempre uma questão de dinheiro", disse Nick.

Mas Warren nunca se interessou pela minha fortuna, argumentou Casey. Foi ele quem insistiu no acordo pré-nupcial. E não há apólices de seguro de vida para mim...

Ela percebeu que ele não precisava de nada disso. Como marido, ele herdaria uma boa parte de seus bens, mesmo sem testamento. No mínimo, provavelmente ficaria com mais de cem milhões de dólares. Como advogado, ele certamente sabia disso.

“Ninguém se torna advogado para ficar rico”, ela o ouviu dizer. “Considerando

as despesas, os impostos e os custos indiretos, certamente você não vai se aposentar aos quarenta anos.”

Era isso que ele queria, afinal? Se aposentar aos quarenta? Não . De jeito nenhum . Warren tinha uma carreira brilhante que adorava. Tinha tudo o que precisava. Eles tinham uma vida maravilhosa juntos. Não havia a menor possibilidade de ele fazer isso.

Ele me ama.

Cem milhões de dólares poderiam comprar muito amor.

"Então, como está nosso paciente hoje?", perguntou alguém.

O quê? Quem disse isso?

“Vejo que você está assistindo Gaslight . Um ótimo filme antigo.”

“Acho que nunca vi esse”, disse uma segunda voz. “Sobre o que é?”

“O de sempre: um marido sem escrúpulos tenta convencer a esposa de que ela está perdendo a cabeça. Que Ingrid Bergman era uma beleza, não era?”

Adeus, beleza.

“A pressão arterial dela está um pouco mais alta que o normal. O que está acontecendo, Sra.

Marshall? A senhora está sentindo dor?”

Você precisa me ajudar. Estou tendo pensamentos terríveis e perturbadores.

“Vamos aumentar a dose dos remédios dela.”

Não. Por favor, não aumente nada. Já estou grogue o suficiente, acredite. Você só deveria saber das coisas estranhas que andam acontecendo na minha cabeça abalada. Se eu não estivesse em coma, recomendaria que me internassem.

“Tenho um favor a lhe pedir”, disse um médico ao outro enquanto caminhavam em direção à porta.

“O que é isso?”

"Se eu for trazido para cá nesse estado, você simplesmente coloca um travesseiro sobre meu rosto e acaba com tudo ali mesmo, entendeu?"

“Só se você prometer fazer o mesmo por mim.”

“Está fechado.”

Eles saíram da sala.

Não. Não vá. Não vá. Alguém, por favor, me ajude antes que eu enlouqueça.

Do que ela estava falando? Sua mente já estava perdida. Como se não estivesse em apuros suficientes, agora ela imaginava que a pessoa que a amava mais do que qualquer coisa no mundo, a pessoa que ela amava mais do que jamais pensara ser possível amar alguém, era um sociopata de sangue frio que contratara um homem para atropelá-la e que, mesmo agora, estava tomando uma xícara de café e pensando em maneiras de terminar o serviço.

Seria possível que ela não estivesse alucinando?

"Eu confiei em você, Warren", pensou ela, incapaz de ignorar por mais tempo o que era

"bastante óbvio".

Eu confiei minha vida a você.

16

“Ele tinha sido deixado para trás” “ Ele era órfão logo que saiu de uma escola pública”, leu Janine. “Seu pai, um militar, tinha feito poucas provisões para três filhos, e quando o menino Tertius pediu para estudar medicina, pareceu mais fácil para seus tutores atender ao seu pedido, colocando-o como aprendiz de um médico do interior, do que apresentar objeções com base na dignidade da família. Ele era um daqueles raros rapazes que desde cedo demonstram uma inclinação decisiva e decidem que há algo específico na vida que gostariam de fazer por si só, e não porque seus pais o fizeram.”

"O que você está lendo para ela?", perguntou Patsy, ajeitando a cabeça de Casey no travesseiro. O aroma de lavanda zumbia ao redor do rosto de Casey, como uma mosca teimosa.

“Middlemarch.”

Vai embora, Patsy. Eu estava começando a gostar desse livro idiota.

“ Middlemarch ? O que isso significa?”

“É o nome da cidade onde a história se passa.”

“Sobre o que é?”

"Vida."

Isso me ajuda a me distrair da minha lamentável desculpa de ser humano.

Patsy emitiu um som entre um resmungo e uma risada. "Está bom?"

“É considerada uma obra-prima.”

“Parece comprido”, disse Patsy.

O som de páginas sendo viradas. “Seiscentas e treze páginas.”

“Seiscentos e treze! Oh, não, isso é muito longo para mim. E veja o tamanho dessa letra. Eu ficaria cego.”

“Você gosta de letras grandes, é?”

Casey imaginou um sorriso generoso iluminando as bochechas delicadas de Janine.

"Eu não leio muito", confessou Patsy.

“Bem, o tempo é limitado. Tenho certeza de que você está muito ocupado.”

Casey imaginou o sorriso de Janine se espalhando pelos seus olhos, fazendo com que suas sobrancelhas bem desenhadas se arqueassem.

"Eu gosto de histórias de mistério com assassinatos", disse Patsy. "Elas sempre rendem boas risadas."

Você acha assassinato engraçado?

"Bem, não é engraçado, não", ela corrigiu rapidamente. "Mas pelo menos é divertido."

"Divertido?"

“Bem, interessante então. Tipo, o que está acontecendo com a Sra . Marshall?” Patsy respirou fundo, audível. “Você acha que alguém realmente tentou matá-la?”

Houve uma pausa de alguns segundos antes de Janine falar. "Bem, a polícia praticamente descartou todos os principais suspeitos. Aparentemente, nenhuma das pistas levou a nada.

Então, parece que pode ter sido um atropelamento com fuga, afinal."

Como assim, a polícia eliminou todos? Quais são os principais suspeitos? Você está dizendo que eles encerraram a investigação?

“Bem, desculpe interromper. Continue. Leia mais um pouco.”

Casey imaginou as costas de Janine enrijecendo enquanto ela endireitava os ombros e tirava o livro do colo. Ela sempre odiou que alguém lhe dissesse o que fazer.

“'A maioria de nós que se dedica a qualquer assunto com amor'”, continuou Janine, após uma longa pausa durante a qual Casey pensou que ela provavelmente estava ponderando as consequências de atirar o pesado tomo na cabeça de Patsy, “'lembra-se de alguma manhã ou noite em que subimos num banquinho alto para alcançar um volume desconhecido, ou sentamos com os lábios entreabertos ouvindo um novo interlocutor, ou, por falta de livros, começamos a escutar as vozes interiores, como o primeiro vislumbre do nosso amor.'”

"O que isso significa?", perguntou Patsy.

"Acho que se trata de lembrar a primeira vez que percebemos que amávamos algo. Ou alguém."

“Então por que ele simplesmente não diz isso?”

“Ela”, corrigiu Janine.

"Huh?"

"Deixa para lá."

"Eu soube que estava apaixonada por Warren no instante em que o vi", pensou Casey.

Embora os especialistas, sem dúvida, insistissem que era apenas atração física. O amor, argumentariam eles, veio depois, quando ela o conheceu melhor.

Só que ela não tinha tido a oportunidade de conhecê-lo. Não de verdade.

Quem era esse homem com quem ela se casou? Warren Marshall era mesmo seu nome verdadeiro? Quanto, se é que algo, do que ele lhe contou sobre si mesmo era verdade? A mãe dele realmente se casou cinco vezes? O pai dele morreu quando ele era menino? Os dois últimos casamentos da mãe foram... O casamento existia principalmente para mantê-la no estilo de vida ao qual ela tanto desejava estar acostumada? Teria sido dela que Warren herdara o gosto pelas coisas boas da vida?

E agora ele buscava uma herança própria.

Não havia dúvida de que ele era advogado, e dos bons. "Mais esperto que Deus" fora a avaliação admirada de William Billy. Certamente esperto o suficiente para saber como manipulá-la. Esperto o suficiente para não exagerar. Esperto o suficiente para enganar a polícia.

A polícia praticamente eliminou todos os seus principais suspeitos.

“Sabe como todos esses coitados acabam sendo pegos?”, ela se lembrou dele dizendo certa manhã, não muito tempo atrás, enquanto liam o jornal na espaçosa cozinha. Ele se referia a um artigo sobre um homem que havia assassinado a esposa um dia depois de contratar um seguro de vida de um milhão de dólares para ela. “Não é porque são gananciosos. Isso é óbvio. É que são estúpidos demais. Quem contrata um seguro de vida de um milhão de dólares para a esposa um dia antes de matá-la? Não pensam que isso pode levantar suspeitas? Pelo amor de Deus, podiam muito bem publicar um anúncio no jornal dizendo

'Eu fiz isso!' Pensem um pouco, rapazes”, ele dissera, e ela riu, concordando.

Ela riu muito durante o tempo que passaram juntos.

"Adoro ouvir você rir", ele lhe disse em mais de uma ocasião.

Claro que sim, pensou Casey agora. Isso significava que ela havia caído na lábia dele.

"Eu te amo", ele lhe dizia todos os dias de seu casamento.

"Eu te amo ", ela respondia sem hesitar ou precisar ser incentivada.

"Meu Deus, Casey, que saudades de você", ele dissera não faz muito tempo, sentado ao lado da cama dela.

"Você precisa sair dessa", seus amigos supostamente lhe disseram. "Você precisa viver sua vida."

“Continuo dizendo a eles que minha vida está aqui”, ele respondeu. “Neste hospital.”

Todas aquelas coisas maravilhosas que ele havia dito a Patsy sobre ela. Será que ele realmente acreditava em alguma delas? Ou será que ele estava apenas

encenando, bancando o marido enlutado e amoroso para o benefício dela? E, claro, para o seu próprio.

Como qualquer sociopata de verdade, pensou Casey, dando às pessoas o que elas precisavam ouvir.

A polícia praticamente eliminou todos os seus principais suspeitos.

"Quero que você saiba o quanto esses últimos dois anos significaram para mim", ele lhe disse. "Você foi uma esposa incrível, Casey, a melhor amante e companheira que qualquer homem poderia desejar."

Será que ele estava falando sério? Casey se perguntou agora. Será que ele estava confessando seus verdadeiros sentimentos ou apenas fazendo cena para agradar Patsy?

"Desculpe. Não percebi que você estava aí", ela o ouviu dizer — quantas vezes? — para a auxiliar de enfermagem que observava da porta.

"O tempo que passamos juntos foi o período mais feliz da minha vida", disse ele. "É muito importante para mim que você saiba disso."

Por quê? Seria essa a maneira dele de dizer a ela que não deveria levar a tentativa de assassinato para o lado pessoal, que não deveria interpretar o desejo dele de matá-la como um sinal de insatisfação com o desempenho dela como esposa?

Quão decepcionado ele deve ter ficado ao saber que ela realmente havia sobrevivido ao atropelamento, quão atônito. Descobrir que ela poderia envelhecer em coma, que ela poderia, nas palavras dele, "sobreviver a todos eles". E então, descobrir que ela não só estava melhorando a cada dia, como também ficando mais forte — que pílula amarga de engolir, especialmente quando exames posteriores determinaram que ela realmente conseguia ouvir.

Será que essa informação o manteve acordado à noite? Será que ele ficou deitado na cama pensando, como ela, qual seria seu próximo passo e qual seria o melhor momento para dá-lo?

"Então, suponho que você e a Sra. Marshall sejam amigas há muito tempo, né?" A voz de Patsy interrompeu seus pensamentos.

“Desde a faculdade.”

E, no entanto, eu também duvidei de você. Que tipo de amigo eu sou?

“O Sr. Marshall disse que vocês costumavam ser sócios.”

"Sério? Quando foi que ele te disse isso?"

“Depois da sua última visita, eu estava comentando sobre você e aquela outra mulher... qual é o nome dela?”

“Gail?”

“Gail, é verdade. É ótimo ter amigos tão bons.”

"Meus únicos amigos, na verdade", reconheceu Casey. Ela tinha muitos conhecidos, sem dúvida, mas seu círculo de amigos íntimos havia diminuído ao longo dos anos, especialmente desde seu casamento com Warren. O tempo era limitado, como Janine havia comentado antes, e Warren preenchia grande parte dele.

"Então, o que mais o Sr. Marshall disse sobre mim?", perguntou Janine.

“Foi basicamente isso.”

“Basicamente isso”, repetiu Janine distraidamente. “Então, o que você acha dele?”

"O que você quer dizer?"

“Como ele está se sentindo?”

"Eu acho ele incrível."

“Incrível, sem dúvida.”

"Acho que eles eram realmente loucos um pelo outro, né?"

“O que te leva a dizer isso?”

“Ah, dá para perceber. Pelo jeito que ele olha para ela. Pelo jeito que ele está

sempre segurando a mão dela e sussurrando coisas. Deve ser muito difícil, não acha? Quer dizer, num minuto você é um homem feliz no casamento, e no minuto seguinte, bem...”

“A vida é cheia de pequenas surpresas desagradáveis”, disse Janine.

Conte-me sobre isso.

"Pobre Patsy", pensou Casey, quase sentindo pena da garota. " Warren está te enganando, assim como me enganou. Claro, você também o está enganando. Talvez vocês dois se mereçam."

“Então, que tipo de advogado ele é?”, perguntou Patsy.

“Por quê? Você está com algum problema?”

“Eu? Não. Claro que não. Eu só estava puxando conversa.”

“Não é realmente necessário”, disse Janine.

Patsy pigarreou. "Acho que já vou indo."

Casey sentiu Janine sorrir radiante em resposta. "Não deixe que eu te prenda."

“Bem”, disse Patsy, permanecendo ali por um instante. “Foi um prazer conversar com você.”

"Tenha um bom dia", foi a resposta rápida.

“Ah, olá, Sr. Marshall”, exclamou Patsy de repente, elevando sua voz em pelo menos meia oitava. “O senhor está atrasado hoje.”

Então é por isso que você anda por aqui.

“Tive uma reunião com os médicos de Casey”, disse Warren. Aproximando-se da cama e beijando a testa de Casey. "Oi, querida. Como você está se sentindo esta manhã?"

Melhorar um pouquinho a cada dia. Não é disso que você tem medo?

“Olá, Janine. Como vão as coisas em Middlemarch?”

"Marchando firmemente em direção ao centro", brincou Janine.

Patsy riu. "Seu amigo é muito engraçado."

Casey sentiu cada músculo do corpo de Janine se tensionar.

“Sim, ela está”, disse Warren, com um brilho travesso na voz. “Casey está muito bonita hoje, não acha?”

“A traqueostomia dela está cicatrizando muito bem”, disse Patsy. “Agora que o ventilador foi retirado e os tubos foram removidos, eu diria que é só uma questão de tempo.”

E tempo é exatamente o que você não tem, não é, Warren? Pelo menos, não se eu estiver realmente a caminho de uma recuperação completa.

"Hora de quê?", perguntou Janine.

"Pretendo levar Casey para casa", respondeu Warren.

"Sério? Você acha que isso é uma boa ideia?"

"Acho uma ótima ideia. Não consigo imaginar nada melhor do que Casey em sua própria casa, em seu próprio quarto, cercada pelas coisas que ela ama."

Se não se importar, prefiro ficar onde estou.

“O que dizem os médicos dela?”

“Eles concordam que agora que os ferimentos de Casey cicatrizaram e ela consegue respirar sozinha, não há motivo real para mantê-la aqui.”

Só que, assim que me libertarem, estarei praticamente morto.

“Ela ainda está com a sonda de alimentação”, lembrou Janine.

“Isso não será um problema.”

“Ela ainda está inconsciente”, insistiu.

“E pode ser por algum tempo.” Um traço de impaciência passou pela voz de

Warren. “Mas isso é irrelevante neste momento.”

Irrelevante?

"Irrelevante?"

“Os médicos fizeram tudo o que podiam aqui, e eles precisam desesperadamente da vaga. A questão agora é se Casey vai para uma clínica de reabilitação ou se volta para casa.”

Não deixe que ele me leve para casa. Por favor, Janine. Ele só quer me levar para casa para terminar o que começou.

“Mas como você vai cuidar dela? Ela vai precisar de enfermeiras 24 horas por dia.”

"Ela terá tudo isso", disse Warren. "Também contratei uma governanta em tempo integral e combinei com Jeremy, o fisioterapeuta dela, para que ele venha à casa três vezes por semana."

Sem falar do assassino de aluguel que ele contratou para me matar.

"E eu estarei lá", disse Patsy animadamente.

"Você?" perguntou Janine.

“Casey vai precisar de todo o amor e carinho que puder receber”, disse Warren.

“Bem”, disse Janine. “Parece que você pensou em tudo.”

Não exatamente. Ele ainda não definiu os detalhes finais. Sabe que não pode agir com muita pressa, mas também não pode se dar ao luxo de esperar demais. Não pode fazer nada que levante suspeitas da polícia, mas também não pode arriscar que eu acorde, não se eu tiver entendido alguma coisa do que ouvi. É uma situação delicada, um equilíbrio frágil. Ele precisa proceder com muita cautela.

Com premeditação.

“Então, quando está prevista a grande mudança?”

“Assim que toda a documentação necessária for processada.” Warren se

aproximou, acariciando delicadamente a bochecha de Casey com os dedos. “Se Deus quiser, poderei levar minha esposa para casa já amanhã.”

Casey sentiu o olhar dele fixo no dela.

“Não é maravilhoso, Casey? Você está voltando para casa.”

17

Eles vieram buscá-la às dez horas da manhã seguinte.

"Bem, este é um dia muito importante para você", disse uma das estagiárias, irradiando a falsa alegria que todas pareciam adotar ao falar com ela, como se ela fosse uma criança de três anos não muito inteligente.

Casey achou que a voz pertencia à Dra. Slotnick, mas não tinha certeza. Um novo grupo de internos havia chegado apenas na semana passada, e ela não tivera tempo de associar os nomes às respectivas vozes. " Preciso de mais tempo", pensou ela.

"Aposto que você está louco para sair daqui."

Não, você está enganado. Eu não quero ir. Por favor, não deixe que me levem. Preciso de mais tempo.

Mas Casey sabia que era tarde demais para qualquer adiamento de última hora. Os preparativos já estavam todos feitos. As finanças estavam resolvidas, os termos de quitação assinados. Durante toda a manhã, enfermeiras e auxiliares de enfermagem entraram para se despedir e desejar-lhe melhoras. Estagiários, residentes, cirurgiões e especialistas passaram por lá para prestar suas homenagens.

Como se eu já tivesse morrido, pensou Casey.

“Boa sorte, Casey”, disse outra estagiária, tocando seu braço.

“Bem, acho que é tudo”, anunciou Warren de repente, entrando na sala aos pulos. “Está tudo assinado, selado e pronto para partir. Eles devem chegar a qualquer minuto com a maca, e então poderemos ir embora.”

"Você nos manterá informados sobre o progresso dela?", perguntou o Dr. Keith.

Alguém chamou a polícia? O detetive Spinetti sabe que estou prestes a ser libertado?

“Claro”, respondeu Warren. “Qualquer pequena melhoria, você será o primeiro a

saber.”

“Se houver algum problema, se em algum momento você sentir que assumiu mais do que podia suportar...”

“Entrarei em contato com seu escritório imediatamente.”

“O Hospital Lankenau em Wynnewood tem um centro de reabilitação maravilhoso, ou então tem o Moss Rehab ali perto—”

“Tenho certeza de que isso não será necessário, mas obrigado. Muito obrigado a todos”, disse Warren, com a voz embargada. “Vocês foram tão gentis com Casey e comigo, e palavras jamais poderão expressar adequadamente minha gratidão por tudo que o Hospital da Pensilvânia fez por nós durante este período extremamente difícil.”

Casey ouviu soluços e percebeu que as pessoas estavam se esforçando para conter as lágrimas.

“Mas agora é a minha vez de cuidar da Casey”, continuou Warren. “Espero que na próxima vez que eu vir algum de vocês, minha esposa esteja ao meu lado e possa agradecer a cada um de vocês pessoalmente.”

"Vamos torcer", concordaram várias pessoas.

“Amém”, acrescentou alguém.

Parece que a casa está cheia, pensou Casey, imaginando a pequena multidão reunida ao redor de sua cama. Será que era Patsy? Entre os visitantes? Ela se perguntou, ao ouvir o rangido de uma maca correndo pelo corredor e batendo contra a porta do seu quarto. As vibrações reverberaram por todo o corpo de Casey, subindo pela espinha e se instalando, como uma cãibra surda, no fundo do estômago.

“Bem, aqui estamos”, disse Warren.

“Abram espaço, pessoal”, aconselhou o Dr. Keith.

Casey sentiu o ar no quarto agitar-se enquanto as pessoas se moviam, disputando novas posições. Ela sentiu corpos pairando sobre sua cabeça e lençóis sendo

empurrados para o lado.

"Cuidado com a cabeça dela", alertou alguém, enquanto mãos fortes a seguravam pelos tornozelos, quadris e ombros.

Não. Não me mova. Por favor, você não sabe o que está fazendo.

“No três. Um... dois... três.”

O corpo de Casey deslizou sem esforço da cama estreita que fora seu lar nos últimos três meses para a maca ainda mais estreita. No segundo seguinte, ela estava sendo amarrada e levada para fora do quarto.

Talvez tudo isso seja um sonho. Logo vou acordar e Drew estará sentado ao meu lado assistindo ao programa "The Price Is Right".

"Adeus, Casey", ela ouviu várias enfermeiras gritarem enquanto sua maca era empurrada pelo corredor, o cheiro de doentes e moribundos invadindo seu nariz e acompanhando-a até o elevador.

“Boa sorte, Casey”, disseram outras vozes.

Não, eu não quero ir. Por favor, não deixem que me levem.

E de repente tudo parou. Será que eles a tinham ouvido? Será que ela realmente tinha dito aquelas palavras em voz alta?

"Esses elevadores demoram uma eternidade", comentou alguém.

Então, ela percebeu que eles estavam simplesmente esperando o elevador chegar. Ninguém a tinha ouvido. Casey escutou . Ao som de fios distantes sendo puxados e repuxados, ela sabia que um elevador estava a caminho. Sua audição havia se tornado tão aguçada nas últimas semanas, e seu olfato estava ficando mais forte a cada dia. Ela sabia quando estava sendo tocada. Sentia dor e desconforto, conseguia distinguir entre quente e frio.

Reconhecia quando sua cabeça doía e seus músculos precisavam de massagem.

Aos poucos, tudo foi voltando ao normal.

Ela só precisava de mais tempo.

Quanto tempo mais levaria para que sua visão retornasse, para que ela recuperasse o uso dos braços e das pernas, para que pudesse falar, para que pudesse contar a todos o que realmente lhe havia acontecido — que seu amado marido havia contratado um homem para matá-la e que era apenas uma questão de tempo até que ele tentasse novamente?

E desta vez, Casey compreendeu com uma certeza nauseante, ele iria conseguir.

A menos que ela conseguisse encontrar uma maneira de falar com alguém.

Por favor. Tem que haver um jeito.

"Aqui está."

“Finalmente”, disse Warren quando as portas do elevador se abriram e várias pessoas saíram.

Um homem e uma mulher, pensou Casey, a julgar pela mistura enjoativa de loção pós-barba e perfume que sentiu quando passaram por ela. Será que algum deles percebeu sua presença, ou instintivamente viraram a cabeça e desviaram o olhar, como a maioria das pessoas faz quando confrontada com a própria fragilidade da mortalidade? Estariam eles sussurrando uma pequena oração — "Por favor, que eu continue saudável, que nada disso me aconteça" — enquanto se apressavam pelo corredor? Teriam noção da sorte que tinham?

Porque, no fim das contas, tudo se resumia à sorte, concluiu Casey enquanto as portas do elevador se fechavam atrás dela. Algumas pessoas tinham sorte; outras não. Era simples assim. Algumas pessoas desfrutavam de uma vida inteira de boa fortuna, outras tinham apenas alguns momentos fugazes. Outras ainda... como era aquela música mesmo? — Se não fosse pelo azar, eu não teria sorte nenhuma?

Ela sabia que a maioria das pessoas a considerava uma das poucas muito afortunadas.

Nascida em berço de ouro, dotada de beleza e inteligência, ela havia alcançado sucesso em tudo o que se propunha a fazer. Ela tinha o toque de Midas, como Janine já havia comentado em mais de uma ocasião.

Até que numa tarde de um dia atipicamente quente no final de março, sua sorte repentinamente acabou, o ouro se transformou em serragem e o céu passou de um azul radiante para um negro sem esperança.

O elevador deu solavancos e parou bruscamente em cada andar, deixando as pessoas entrarem e saírem. "Desculpe", disse um homem ao perder o equilíbrio e cair contra a maca dela. O pedido de desculpas foi seguido por uma tosse e uma pigarreada. Casey imaginou o homem se endireitando rapidamente e olhando para frente, fixando o olhar nos números acima das portas, até o elevador parar de vez, aos solavancos. Ele não consegue me olhar, pensou ela, lembrando-se do comentário anterior de Drew. Onde estava sua irmã? Estaria em outro cruzeiro sem rumo? Ou estaria deitada na cama de algum estranho, completamente drogada? Estaria cuidando de si mesma, da filha?

“Certo, por favor, abram espaço, pessoal”, instruiu o enfermeiro enquanto empurrava a maca para fora do elevador e pelo longo corredor em direção à saída. “O senhor irá com sua esposa na ambulância, Sr. Marshall?”

"Com certeza", respondeu Warren, enquanto uma densa camada de calor e umidade descia sobre a cabeça de Casey como um sudário.

“Ufa”, comentou o enfermeiro. “Está um calorão hoje.”

“Mais de noventa”, concordou outra voz.

“Nós podemos continuar a partir daqui”, anunciou mais uma voz.

Quem eram todas aquelas pessoas? Casey se perguntou enquanto sua maca era transferida para a parte de trás da ambulância. Warren estava bem ao lado dela, com a mão sobre a dela.

“Boa sorte com tudo, Sr. Marshall”, disse o enfermeiro ao fechar a porta da ambulância.

“Obrigado”, disse Warren, acomodando-se ao lado de Casey.

Um minuto depois, a ambulância já estava a caminho.

“Vamos até a Main Line, é isso mesmo?” perguntou o motorista.

Casey percebeu que era a mesma voz que havia comentado sobre a temperatura.

“Mil novecentos e vinte e três na Old Gulph Road”, explicou Warren. “A cidade de Rosemont. Logo depois de Haverford. Cerca de meia hora de carro. Provavelmente é melhor seguir para o norte pela Ninth Street, depois virar à esquerda na Vine até chegar à Schuylkill Expressway.”

"Vamos torcer para que não seja o estacionamento de Schuylkill", acrescentou a segunda voz, a mesma que havia dito ao enfermeiro que eles podiam assumir o controle da situação.

Então havia dois homens no banco da frente, concluiu Casey.

“Não deve estar tão ruim a esta hora do dia”, disse Warren a eles. “A propósito, meu nome é Warren Marshall.”

“Ricardo”, disse o motorista. “E este aqui é Tyrone.”

“Obrigado por fazerem isso, pessoal.”

“Sem problema. É o que fazemos. Sinto muito pela sua esposa, cara.”

"Obrigado."

“Há quanto tempo ela está em coma?”, perguntou Ricardo.

“Desde o final de março.”

“Nossa! Como isso aconteceu?”

“Atropelamento com fuga.”

"É mesmo? Eles pegaram o cara?"

"Ainda não."

"Sabe o que eu acho, cara? Acho que caras como esses deveriam levar um tiro."

“Você acha que todo mundo deveria ser fuzilado?”, disse Tyrone.

"É, então, se você começar a atirar em algumas dessas pessoas, estou falando de

pessoas que dirigem bêbadas e pessoas que fogem do local de um acidente, se você começar a tirá-las dos carros e atirar nelas na hora, você vai ver muito menos gente bebendo e fazendo coisas ruins antes de dirigir. Elas vão pensar duas vezes. Entende o que eu tô dizendo?"

"Você acha mesmo que as pessoas pensam com clareza depois de terem bebido um pouco?", argumentou Tyrone.

"Estou dizendo que eles vão pensar duas vezes antes de tomar aquela bebida. Se souberem que há uma boa chance de serem baleados, podem simplesmente chamar um táxi em vez de dirigir para casa. Tudo o que é preciso é um pouco de planejamento cuidadoso."

Um pouco de planejamento cuidadoso.

“Você dá muito crédito às pessoas.”

"Cara, se as pessoas são tão estúpidas assim, merecem levar um tiro. Claro, aí metade de Hollywood estaria morta."

Eles dirigiram por vários minutos em silêncio, Casey absorta na conversa. A cada solavanco na estrada. Ela ficou surpresa ao descobrir que estava realmente gostando da sensação, gostando do fato de estar fora do hospital, fora da cama, e dirigindo em alta velocidade pela rua. Ela sentiu seu corpo alçar voo e planar acima do trânsito, em perfeita harmonia com o ar. Por alguns minutos, ela se deleitou na ilusão de liberdade. Por alguns minutos, ela se entregou à possibilidade da felicidade.

“Em vez disso, o que acontece é que pessoas inocentes, como a Sra. Marshall aqui, são as que acabam se machucando”, continuou Ricardo. “Aposto que o cara que a atropelou está ótimo. Sem nenhum ferimento. Não, são sempre os inocentes que sofrem. Como o senhor está aí atrás, Sr. Marshall?”

“Estou bem, obrigado, Ricardo.”

“Alguém disse que você é advogado(a). É verdade?”

“Culpado como acusado”, disse Warren. “Quem te disse isso?”

“Uma das auxiliares de enfermagem. Patsy alguma coisa. Lukas, acho que é esse

o nome dela.”

“Aquele com o grande—” Tyrone começou, mas parou, seja porque percebeu que tais comentários poderiam ser considerados inadequados, seja porque sentiu que não precisava dizer mais nada.

“É essa mesmo”, disse Ricardo.

“Ela é muito gata”, disse Tyrone.

“Se você gosta desse tipo.”

“O que há para não gostar?”

“Na verdade”, interrompeu Warren, “contratei a Patsy para ajudar a cuidar da minha esposa.”

"Não me diga!", disse Tyrone, sem jeito.

Casey imaginou Tyrone encolhido em seu assento, com o queixo escondido dentro do paletó.

“Ela tem sido maravilhosa com a minha esposa.”

Você quer dizer que ela tem sido maravilhosa com você.

“Ela estará nos esperando em casa”, disse Warren.

Ah, ótimo. Algo para aguardar com expectativa.

O resto do trajeto foi relativamente tranquilo, com os homens no banco da frente obviamente concluindo que o silêncio, aliado à discrição, era a melhor opção. A ambulância entrou na via expressa sem incidentes, e Casey se viu mentalmente enumerando as saídas.

Montgomery Drive... City Avenue... Belmont Avenue... Eles passaram pela cidade de Gladwynne e seguiram por Haverford até Rosemont, finalmente chegando à saída para a Old Gulph Road.

A Old Gulph Road era uma rua larga e sinuosa, ladeada por muitas árvores altas e frondosas, onde mansões imponentes se erguiam em vários hectares, bem

afastadas da estrada, e trilhas sinuosas para cavalos substituíam as calçadas. Entre 1775 e 1783, soldados da Revolução Americana se alojaram em muitas das casas mais antigas, assim como em outras residências ao longo da Main Line. Mais tarde, a Old Gulph Road tornou-se lar de soldados de um tipo completamente diferente: soldados da fortuna, homens de dinheiro.

Homens como Ronald Lerner.

O pai de Casey comprou a casa na Old Gulph Road, apesar das fortes objeções de sua esposa. Alana Lerner não tinha nenhuma intenção de deixar sua propriedade maior e ainda mais suntuosa em Brynnmaur pela residência um pouco menor na Old Gulph Road, e as discussões entre eles que antecederam a compra foram numerosas e acaloradas.

“Não vamos vender esta casa”, Casey se lembrou de sua mãe gritando enquanto ela tapava os ouvidos e tentava estudar para uma prova que se aproximava. Ela só tinha voltado para casa no fim de semana a pedido do pai. Ele os havia inscrito no torneio de golfe para pais e filhos no clube. clube, onde eram os campeões do ano passado. Drew estava em um internato.

“Qual é o seu problema?”, gritou o pai de volta. “As meninas estão na escola. Passamos mais tempo viajando do que aqui. Não precisamos mais de uma casa tão grande. E eu gostaria de morar mais perto de Merion.”

"Você espera que eu me mude para que você fique mais perto da sua namorada?" A indignação de Alana quase fez o lustre de cristal do hall principal tremer.

"Campo de golfe Merion, sua idiota!", berrou o pai dela, e Casey teve que tapar a boca com a mão para não rir alto.

"Não vou sair daqui", insistiu a mãe, batendo a porta do quarto atrás de si.

“Está tudo resolvido”, foram as palavras finais do pai dela.

Ele levou Casey para ver a casa logo depois de terem vencido o torneio. Ela ficava no meio de um terreno de três acres bem cuidado, tinha quatorze cômodos grandes, sete banheiros completos e um lavabo, e ostentava tetos com quase seis metros de altura. Casey sabia que nenhuma quantidade de móveis jamais faria aquela casa parecer um lar.

"O que você acha?", perguntou Ronald Lerner à sua filha.

“É bastante formidável.”

“É quase 3.000 pés quadrados menor do que a casa em que moramos agora.”

“Ainda é bem grande.”

"Como você o decoraria?" Havia um brilho misterioso nos olhos do pai dela.

"Eu colocaria uma mesa Biedermeier perto daquela parede", ela disse imediatamente, "e um par de sofás estofados ali, outro sofá acolá, e talvez um piano de cauda naquele canto."

“Parece ótimo. Fique à vontade.”

"Sério? Você está dizendo que eu posso decorar? A casa inteira? Não só o meu quarto?"

“É isso que estou dizendo.”

Casey estava tão animada que teria abraçado o pai se ele já não estivesse se afastando.

É claro que não tinha sido assim. Na vez seguinte em que Casey voltou para casa, com uma pasta cheia de ideias e recortes de revistas, a nova casa já estava nas mãos de decoradores profissionais. Ela não teve voz em nada.

Após a morte de seus pais, o testamento de seu pai estipulava que a casa fosse mantida até que Drew completasse trinta anos, momento em que deveria ser vendida e o lucro dividido.

Enquanto isso, uma ou ambas as filhas poderiam morar nela, e o espólio arcaria com os impostos e a manutenção geral.

Inicialmente, nenhuma das duas queria morar naquele horrível “mausoléu”, como Drew o havia apelidado, e foi somente depois do casamento de Casey que Warren conseguiu convencê-la de que deveriam experimentar. “Agora é a sua chance de decorá-lo exatamente do jeito que você sempre quis”, disse ele. “Considere isso o seu grande experimento.”

Casey havia aceitado o desafio, mas, depois que se mudaram, ela se viu estranhamente relutante em mudar qualquer coisa. Aquela não era realmente a casa dela, concluiu rapidamente, tentando convencer Warren a voltar para a cidade. Mas ele adorava morar em Rosemont, então ela concordou em ficar na região. Eles poderiam levar o tempo que precisassem para encontrar a casa perfeita para a família. Afinal, Warren a lembrou, eles não precisavam se mudar até Drew completar trinta anos.

Casey percebeu, quando a ambulância começou a diminuir a velocidade, que isso aconteceria em pouco mais de um ano.

“São apenas duas casas depois dessa curva na estrada”, instruiu Warren.

“Sim. A Patsy está esperando na porta da frente”, disse Ricardo enquanto manobrava a ambulância na longa entrada circular.

"Está ótimo", acrescentou Tyrone em voz baixa.

Warren apertou os dedos de Casey. "Chegamos, querida", disse ele. "Lar, doce lar."

18

"Posso lhe oferecer algo, Sr. Marshall?", perguntou Patsy. "Posso pedir à governanta que prepare um café fresco antes de sair."

“Que tal algo um pouco mais forte?”

“Você escolhe.”

"Um gim-tônica cairia muito bem agora."

“Então, que seja um gim-tônica.”

“Por que você não se serve um copo também?”

"Realmente?"

“Foi um dia agitado. Acho que nós dois merecemos uma pausa.”

“Obrigado, Sr. Marshall. Já volto.”

“Patsy...”

“Sim, Sr. Marshall?”

“Não tínhamos combinado de dispensar as formalidades? Insisto que me chame de Warren.”

Um suspiro de satisfação. "Já volto, Warren."

“O gim está no armário ao lado do bar”, gritou Warren atrás dela. “E deve haver bastante água tônica na geladeira.”

"Eu vou encontrar", respondeu Patsy, enquanto seus passos se afastavam escada abaixo.

"E você, querida?", perguntou Warren, passando uma mão carinhosa pela testa de Casey.

"Gostaria de poder te dar alguma coisa. Você está bem? Sabe onde está?"

Casey sentiu o coração acelerar com o toque do marido, como sempre acontecia. Só que antes, era o desejo que impulsionava esse ritmo. Agora era o medo.

“Você deve estar exausta”, continuou ele. “Toda essa movimentação. Todo esse empurrão.

Um dia bem corrido para você. Mas agora você está quentinha como um passarinho no

ninho. Não é o que dizem? Espero que goste da sua cama nova. Parece bem confortável. E

com certeza deveria ser — custou uma pequena fortuna. Deixei os entregadores levarem a cama velha. Achei que não precisaríamos mais dela. De qualquer forma, sempre achei um pouco feminina demais para o meu gosto. E quando você estiver totalmente recuperada, podemos começar a procurar casa de novo. Aí a gente compra tudo novo. Você vai poder ter tudo exatamente do jeito que você quer. Muitas cores vibrantes e estampas de animais.

O que acha?”

"Que maravilha", pensou Casey, imaginando por que seu marido estava sendo tão gentil com ela. Será que havia mais alguém ali?

“Mudei-me para o quarto principal”, continuou ele. “Sei que você nunca gostou daquele quarto, mas obviamente ele não tem as mesmas lembranças para mim que tem para você, então transferi minhas coisas para lá, temporariamente.”

Você se mudou para o quarto dos meus pais?

"Acho que seu pai não se importaria muito. E pensei que você deveria ter seu próprio espaço. Eu só atrapalharia aqui. Posicionei sua cama de forma que ela fique de frente para a janela dos fundos, e se você esticar um pouquinho o pescoço, consegue ver o riacho atrás do salgueiro-chorão. Bem, talvez eu esteja exagerando um pouco." Pouco. Provavelmente, se você quiser ver o riacho, terá que sair da cama. Então, é algo a que se pode aspirar. Você está me ouvindo, Casey? Você entende o que estou dizendo?

Eu te entendo. Não entendo nada.

Ela estava em casa. Disso ela tinha certeza. No quarto lilás e branco que era seu desde o final da adolescência, o mesmo quarto que ela e Warren dividiam desde o dia em que voltaram para cá.

Só que ele se desfez da cama king-size deles e se mudou para o quarto principal. Ela dormiria sozinha nessa cama nova.

Onde Patsy estaria dormindo?, ela se perguntou.

O telefone tocou. Casey sentiu Warren se levantar da cadeira ao lado da cama. Qual cadeira?, ela se perguntou. A poltrona listrada em tons de malva e creme que normalmente ficava encostada na parede oposta, ao lado da lareira a gás, ou uma das duas poltronas floridas que normalmente ficavam em frente à grande janela saliente?

"Alô?" disse Warren. "Ah, olá, Gail. Sim, Casey está bem. Chegamos em casa por volta da hora do almoço e, desculpe, eu sei que disse que ligaria, mas tem sido muito corrido."

Tem?

Na verdade, tinha sido bem tranquilo, pensou Casey. Depois que os paramédicos levaram a maca escada acima e a acomodaram em sua nova cama, ela ficou praticamente sozinha pelo

resto da tarde. Patsy a visitava regularmente, ligando a grande TV de tela plana na parede oposta, monitorando sua pressão arterial e instalando o cateter intravenoso para alimentação. Warren colocava a cabeça para dentro da porta de vez em quando para ver como ela estava e dizer olá, mas além do zumbido constante do Na televisão, tudo estava muito silencioso. Claro, ela havia adormecido no meio de Guiding Light e só acordou com o som das sirenes do noticiário das cinco, então talvez tivesse sido mais agitado do que ela imaginava.

“Sim, ela parece estar descansando confortavelmente. A pressão arterial dela subiu um pouco quando a trouxemos para casa, mas já está praticamente normal e, com sorte, continuará assim. Por isso, gostaria de adiar as visitas por pelo menos alguns dias, se não se importar. Sei o quanto você está ansiosa para vê-la, e as flores que você e Janine enviaram são lindas, como sempre. Coloquei- as na

mesa ao lado da cama da Casey.”

Casey farejou o ar e detectou a fragrância sutil dos lírios-do-vale.

“Só queria dar um tempo para a Casey se adaptar à mudança”, continuou Warren. “Sabe, para garantir que ela esteja se alimentando direito, essas coisas. Se você pudesse esperar mais um ou dois dias... Obrigado . Eu sabia que você entenderia. Claro que vou entender. E

se você não se importar de ligar para a Janine... Obrigado . Ok. Ótimo. Vou contar para ela.

Claro. Tchau.” Ele desligou o telefone. “A Gail manda um beijo para você, diz que está louca para te ver, que tem muita coisa para te contar. Seja lá o que isso signifique. Ela também me pediu para te dar um beijo.” Warren se inclinou e deu um beijo delicado na bochecha dela.

“Qualquer desculpa para beijar minha garota”, disse ele, enquanto o som de cubos de gelo tilintando em um copo ecoava pelo quarto.

"Está tudo bem?", perguntou Patsy, aproximando-se.

“Está tudo bem”, respondeu Warren. “Casey parece estar descansando confortavelmente.”

"E você?"

“Eu? Vou ficar bem depois de tomar um gole disso. Obrigada.”

“Espero que não seja muito forte.”

“Não existe tal coisa.” Casey o ouviu tomar um gole. “Absolutamente perfeito.”

“A Sra. Singer disse que o jantar está no forno aquecido. Eu disse a ela que podia ir para casa.”

“Obrigada. Não me dei conta de que era tão tarde. Ela costuma sair às cinco.”

Quem é a Sra. Singer?

"Ela está com você há muito tempo?", perguntou Patsy.

“Desde o acidente da Casey, eu estava tendo dificuldades para me virar sozinha.”

“Não tenho dúvidas. Esta casa é enorme. Você não tinha ajuda em tempo integral antes?”

“Casey nunca quis isso. Ela cresceu numa casa cheia de empregados. Isso lhe traz más lembranças.”

"Entendo", disse Patsy, embora claramente não entendesse.

“Na verdade, estávamos nos virando muito bem. Tínhamos uma faxineira que vinha duas vezes por semana. Era o suficiente. Estávamos bem”, disse ele, enquanto o gelo em seu copo tilintava.

“Quem preparou a comida?”

"Bem, nós jantávamos fora com frequência, principalmente quando ambos trabalhávamos na cidade. Em outras ocasiões, improvisávamos. Se a Casey estivesse em casa, ela preparava um macarrão. Se eu saísse do trabalho mais cedo, eu colocava uns bifes na churrasqueira."

"E como você gosta do seu bife?", perguntou Patsy.

“Raro”, disse Warren. “Quase azul.”

“Eita!”

"Eita?", repetiu Warren, rindo.

“Receio ser um daqueles filisteus que gostam da carne bem passada.”

"Não!" Um tom de falso horror preencheu a voz de Warren. "Assim você cozinha e perde todo o sabor."

“Foi o que me disseram.”

“Você precisa experimentar um dos meus bifes.”

"A qualquer momento."

“Mas apenas se for algo raro.”

“Oh, céus. Podemos chegar a um acordo sobre o meio?”

“Que tal ao ponto para malpassado?”, ele retrucou.

“É um encontro”, disse Patsy.

Bem, isto é muito agradável e aconchegante.

"Desculpe", Patsy se desculpou imediatamente. "Não era essa a minha intenção."

"Eu sei que."

Você não sabe nada disso.

“Espero que você goste de alho”, disse Warren.

"Eu amo isso."

“Ótimo. Porque meus bifes estão recheados com isso. Não estou brincando. Você só vai poder beijar seu namorado daqui a alguns dias.”

“Então acho que é uma coisa boa eu não ter um.”

Nossa, isso está ficando cada vez melhor. Com certeza é muito melhor que Guiding Light.

"Por que acho isso difícil de acreditar?", perguntou Warren.

“Não é tão fácil conhecer pessoas nesta cidade. Acredite em mim.”

É mesmo?

“Sim. Acho que você tem que ter sorte.”

“Como você era”, disse Patsy.

Casey sentiu dois pares de olhos se voltarem em sua direção.

“Sim”, concordou Warren. “Como eu era.”

"Eu fui casada uma vez", disse Patsy após uma pausa. "E o casamento foi

anulado", acrescentou rapidamente.

"Sério? O que aconteceu?"

"Nada." Patsy riu. "Aconteceu absolutamente nada. E digo isso literalmente. O casamento nunca foi consumado."

“Agora eu sei que você está me enganando.”

"Eu achava que ele era tímido", disse Patsy, com um toque de melancolia na voz. "Mas descobri que ele era gay."

"Sinceramente? E você não fazia ideia?"

“Eu era muito jovem. Mal tinha dezoito anos. O que eu sabia? Quer dizer, a gente acha que sabe tudo nessa idade, mas... Que boba eu fui, pensei que o fato dele nunca ter tentado passar da primeira base significava que ele me respeitava. Dá para acreditar?”

“Onde ele está agora?”

“Não sei. Perdemos o contato. Acho que ele se mudou para Los Angeles. Ele era muito bonito. Todo mundo sempre dizia que ele devia ser ator ou algo assim.”

“Bem, obviamente ele era um ator muito bom se conseguiu te enganar.”

“Não sei. Às vezes posso ser bastante ingênuo.”

O telefone tocou novamente.

“Com licença”, disse Warren, atendendo. “Alô?” Uma pequena pausa. “Oi, Janine. Tudo bem?”

Casey o imaginou revirando os olhos em direção ao teto alto.

"Gostaria que eu lhe servisse mais bebida?", sussurrou Patsy.

“Seria ótimo, obrigada”, disse Warren. “Sim, Janine, era a Patsy mesmo. Ela acabou de se oferecer para me trazer uma xícara de chá. Tudo bem para você? Ok, ok. Desculpe o tom.

Foi um dia longo... Sim, eu sei que disse que ligaria. A Gail ligou aqui mais cedo. Pedi para ela te avisar... Sim, é verdade... Porque acho que a Casey precisa de um tempo para se adaptar ao novo ambiente. Ela ficou muito tempo no hospital. A mudança certamente foi um choque para o organismo dela. A pressão arterial dela estava um pouco alta... Sim, já está quase normal, mas acho que ela se beneficiaria com algumas... dias de descanso, e então a maratona de Middlemarch pode ser retomada... Sim, sábado seria perfeito... Parece ótimo. Ok. Sim, prometo ligar se algo mudar até lá. Ah, e obrigada pelas flores. São lindas.

Como sempre. Ok, ótimo. Nos vemos com você e Gail no sábado. Tchau.” Ele desligou o telefone.

“Essa era a Janine”, disse ele a Casey. “Acho que ela não é a maior fã da Patsy.” Um suspiro lento. “Ah, bem. Não dá para agradar a todos. Então, como você está, querida? Está com fome? Acho que a Patsy vai trazer seu jantar daqui a pouco. É muito interessante como ela faz isso, aliás. Eu a observei mais cedo. Ela abre a pinça do seu tubo de alimentação — a pinça se chama torneira de três vias, acredite ou não — e então conecta o tubo no seu estômago ao acesso intravenoso. É tudo muito fácil. As maravilhas da ciência moderna e tudo mais. Enfim, assim que você começar a engolir sozinha, podemos remover o tubo de alimentação completamente, o que será um grande alívio, tenho certeza. Aí podemos começar a te dar comida de verdade, colocar um pouco de gordura de volta nesses ossos.

Talvez você até possa se juntar a mim e à Patsy para um dos meus famosos bifes.” Ele pegou a mão de Casey e a levou aos lábios enquanto Patsy retornava ao quarto.

“Aqui está”, disse Patsy, e Casey a imaginou entregando a bebida a Warren. Novamente, o som de cubos de gelo tilintando contra o copo.

“Hum. Ainda melhor que o primeiro.”

“Obrigada. Como está Janine?”

“Ela é indestrutível. Quando chegar o Armagedom, tudo o que restará serão as baratas e a Janine.”

“Não parece que você goste muito dela.”

“Digamos apenas que um pouco dela já basta para fazer muita diferença.”

Patsy riu quando o telefone tocou novamente.

"Meu Deus", disse Warren. "Parece a Estação Central de Nova York aqui esta noite."

"Você gostaria que eu pegasse?", ofereceu Patsy.

“Não, tudo bem. Eu atendo. Alô”, ele disse em tom ríspido no telefone. Após uma longa pausa, ele sussurrou para Patsy: “Ah, sim, Steve. Desculpe. Eu tinha me esquecido completamente da reunião. É o meu escritório”. “Sim. Se você me der só meio minuto para localizar aquele arquivo...”

"Posso ajudar?", ofereceu-se Patsy.

“Minha pasta está no meu escritório, lá embaixo”, ele a instruiu. “Na sala com a grande escrivaninha de carvalho e os móveis de couro cor de vinho.”

“Já volto.”

“Desculpe por fazer você ficar subindo e descendo as escadas.”

“Sem problema. Posso usar o exercício.”

Casey ouviu os passos apressados de Patsy descendo o corredor.

“Sim, alguém acabou de ir buscar minha pasta... Que diabos você pensa que está fazendo ligando para cá?” Warren disparou de repente, a voz num sussurro tão agudo que fez a sala tremer.

O que acabou de acontecer?

“Não, eu não vou me acalmar. Como você ousa me ligar em casa! Qual é o seu problema?

Você não sabe que as ligações podem ser rastreadas?”

O que está acontecendo? Quem é?

“Sim, ela está aqui”, continuou Warren. “Aliás, estou com ela neste momento.

Ela está ficando mais forte a cada dia.”

O som de passos subindo as escadas correndo. "Aqui está", exclamou Patsy, visivelmente ofegante ao entrar novamente na sala. Casey a imaginou entregando a maleta para Warren.

"É bem pesada."

"Obrigado."

Você gostaria que eu fosse embora?

“Desculpe, sim. Isto é altamente confidencial.”

"Claro."

“Se não se importar de fechar a porta... Sim, desculpe por isso, Steve. Obrigado pela sua paciência. Se me permitir um minuto para analisar o contrato...”

A porta se fechou. Os passos de Patsy recuaram pelo corredor.

O tom de Warren mudou instantaneamente. “Olha, não posso falar com você agora. Não, não sei quando nem onde. Preciso retornar a ligação. Não vai demorar, eu prometo. É tudo o que posso dizer agora. Enquanto isso, não ligue mais para cá. E nem pense em aparecer por aqui. Entendeu? Ligo para você daqui a alguns dias.” Ele desligou o telefone com força.

“Jesus!” exclamou, e Casey o imaginou passando a mão pelos cabelos. “Meu Deus, as pessoas são tão estúpidas.”

Esse era o homem que te visitou no hospital, não era? O homem que você contratou para me matar. Você não vai perder tempo, vai? Vai terminar o serviço o mais rápido possível.

Ela ouviu Warren andar de um lado para o outro em frente à cama, compreendendo que seu tempo estava quase acabando.

Alguém me ajude. Me tirem daqui. Janine, Gail, Drew! Alguém, por favor. Não deixem ele escapar impune. Porque ele vai, vocês sabem. Ele é mais esperto que o detetive Spinetti, mais esperto que toda a polícia.

Mais esperto que Deus, proclamou Willy Billy.

"A pressão arterial dela está subindo de novo", Casey ouviu Patsy dizer.

O quê? Quando Patsy voltou?

“Qual é a altura?”, perguntou Warren.

“Cento e setenta sobre cem.”

“Ela está com febre?”

"Não."

“Devemos chamar o médico?”

“Não acho que seja necessário. O Dr. Keith disse que isso era esperado. Vou verificar a pressão dela novamente daqui a pouco. Se subir mais, ligarei para o hospital. Mas tenho certeza de que é apenas uma oscilação temporária. Deve se resolver até amanhã de manhã.”

“Eu me sinto tão inútil”, disse Warren.

“Você está fazendo tudo o que é humanamente possível para ajudar Casey. Ninguém poderia ser mais solidário.”

"Eu realmente pensei que, ao trazê-la de volta para casa, isso a ajudaria a melhorar."

"Ele vai."

Você realmente acredita nisso?

"Você só precisa dar tempo ao tempo."

Não tenho tempo.

“Obrigada. Você é muito gentil.”

“Não precisa agradecer.”

O telefone tocou.

"Deixa a secretária eletrônica atender", disse Warren, cansado. "Provavelmente é a Drew de novo. Deve ser aquela época do mês. A mesada dela", ponderou. O telefone parou depois de três toques.

“Por que você não vai comer alguma coisa?”, disse Patsy. “Eu fico aqui com o Casey.”

Casey percebeu a hesitação de Warren. "Provavelmente é uma boa ideia. Volto logo, querida", disse ele, tentando tranquilizá-la. Após uma pausa, acrescentou: "Você acha que ela tem noção do quanto eu a amo?"

"Tenho certeza de que ela sabe", foi a resposta inequívoca de Patsy.

19

“MEU DEUS, MAIS FLORES!”, disse Patsy , entrando na sala.

Que dia é hoje? Casey se perguntou, despertando de repente. Onde estou?

“Parece uma funerária aqui dentro.” O som de um vaso pesado sendo colocado sobre uma mesa. “O que, de certa forma, é mesmo”, continuou Patsy, animada. “Não conte para o seu marido que eu disse isso.” Ela deu uma risadinha. “Enfim, este último lote é dos bons médicos e enfermeiros do Hospital da Pensilvânia. Acho que eles estão com saudades de você.”

Então ela estava em casa, Casey percebeu. Ela não tinha sonhado com a mudança. Ela estava realmente aqui.

“Foi muito atencioso da parte deles te mandarem flores, se me permite dizer. Não que alguém faça isso com frequência. Perceba que não mencionaram as auxiliares de enfermagem no cartão. Ninguém nunca pensa em nos incluir. Acho que eu deveria ter continuado estudando, ter me formado em enfermagem, mas eu pensei... Sei lá, quem sabe o que eu estava pensando? Provavelmente não estava pensando em nada. É o que minha mãe diria. É o que ela diz sobre tudo que me diz respeito.” O som de cortinas sendo abertas.

“Digamos que entre um pouco de luz aqui. Pronto. Ficou muito melhor. Que vista linda você tem.”

Casey concordou. Ela sempre adorara a vista daquela janela. Era por isso que escolhera aquele quarto em vez de qualquer um dos outros sete. Drew também queria aquele quarto, mas Casey chegara primeiro. Ela sempre chegava primeiro, reconheceu Casey, sentindo a pontada aguda de culpa que sempre acometia ao pensar na irmã mais nova.

"Acho que não posso realmente culpá-la", continuou Patsy, visivelmente satisfeita com a conversa unilateral. “Minha mãe, quero dizer. Tomei algumas decisões bem estúpidas na minha vida. Perder a virgindade aos treze anos com aquele cara nojento, Marty Price.

Abandonar a escola aos dezesseis. Casar com o Jeff aos dezoito. Não me formar

em enfermagem. Perder dois anos inteiros esperando o Johnny Tuttle largar a esposa, o que, claro, ele nunca teve a intenção de fazer. E caso a gente esqueça — e acredite, minha mãe nunca vai me deixar esquecer essa — recusar um encontro com o David Frey, que era um nerd com acne e dentes ruins que morava no final da nossa rua e que inventou um jogo de tabuleiro idiota que — acredite se quiser — virou um sucesso estrondoso e lhe rendeu milhões. E claro, a pele dele melhorou, ele colocou facetas em todos os dentes e até que está um gato. Claro que agora ele só namora estrelas de cinema e herdeiras. Ele estava na revista Us Weekly há algumas semanas, de braço dado com aquela patricinha daquele

programa de TV onde todo mundo está... " Naufragaram na costa da África. Minha mãe teve a gentileza de me enviar uma cópia." Patsy riu. "Mães... não há nada como elas."

Você não encontrará nenhuma objeção da minha parte.

Imagens de Alana Lerner rondavam sua cabeça como moscas zumbindo: Alana com uma taça de champanhe de cristal na mão; Alana passando distraidamente uma escova pelos seus longos cabelos loiros; Alana empurrando Casey impacientemente quando esta tentou se aconchegar a ela; Alana toda arrumada e pronta para sair; o cadáver inchado de Alana quando a retiraram das águas da Baía de Chesapeake.

Casey queria amar sua mãe; ela tentara repetidamente, apenas para ser repetidamente rejeitada. Mesmo assim, ela chorou quando foi chamada para identificar o corpo de sua mãe.

Ao contrário de Drew.

"Ah, qual é, Casey. Você espera que eu seja hipócrita?", disse Drew.

“Espero que você demonstre um pouco de respeito.”

“Então você está esperando demais.”

Será que tinha mesmo? Casey se perguntou agora. Será que ela esperava demais de Drew?

Será que ainda esperava demais? Ou talvez fosse o contrário. Talvez ela não

esperasse o suficiente. Talvez nunca tivesse esperado.

“Sua mãe era uma verdadeira beleza”, dizia Patsy, levantando bruscamente a cabeça de Casey para afofar o travesseiro e depois deixando-o cair. “Warren me mostrou umas fotos antigas dela. Tem uma foto em que ela está usando um vestido longo, todo bordado com miçangas, e uma tiara de diamantes na cabeça. Uma tiara, pelo amor de Deus! Como se ela fosse a rainha da Inglaterra.” Ela riu de novo. “Pelo que entendi, ela era mais dramática.”

Outra imagem surgiu subitamente na tela escura dos olhos de Casey: Alana Lerner, seu longo vestido bordado manchado de champanhe derramado, sua tiara ligeiramente torta, inclinada para a orelha direita, traços de rímel azul-escuro tremulando em suas bochechas enquanto ela cambaleava. em direção à cama, Ronald Lerner atrás dela, a criança Casey logo atrás, a poucos passos deles, silenciosa e despercebida.

“Pelo amor de Deus, você poderia simplesmente se ouvir?”, dizia o pai dela.

“Nem pense em me dizer que estou imaginando coisas. Nem pense. Eu não imaginei ver você com a língua na metade da orelha da Sheryl Weston. A sala inteira viu.”

“Não havia língua nenhuma, pelo amor de Deus. Eu estava contando uma piada para ela.”

"É mesmo? Bom, acho que a piada é comigo, então." Alana riu, uma risada estridente que fez Casey tapar os ouvidos. "Droga, de qualquer forma. Precisa ser tão óbvia? Todo mundo em Rosemont precisa saber da sua última conquista? Você sempre tem que me humilhar na frente de todos os meus amigos?"

“Não há necessidade”, disse Ronald Lerner calmamente. “Você faz um ótimo trabalho sozinho.”

“Você é tão convencido.”

“Você está muito bêbado.”

"Miserável desgraçado."

"Vadia patética."

Casey observou sua mãe cambalear em direção ao criado-mudo ao lado da cama, tropeçando em seus sapatos de salto agulha prateados e batendo o quadril enquanto lutava para abrir a gaveta de cima.

"Que diabos você está fazendo agora?", perguntou o pai dela.

“Então eu sou patética, é isso?” retrucou a mãe, finalmente conseguindo abrir a gaveta, e sua mão direita vasculhando às cegas o conteúdo. “Eu sou patética? Quão patético é isso?”

O que será que a mãe dela estava segurando? Casey se perguntou. Aproximando-se aos poucos. Parecia a pistola de água que Kenny Yaeger tinha levado para a escola na semana passada para mostrar aos colegas.

“Pelo amor de Deus, Alana. Guarde essa coisa antes que você machuque alguém.”

“Vou te mostrar quem é patético.”

“Guarde a arma, Alana.”

Uma arma? A mãe dela tinha uma arma?

“Vou nos matar. Vou matar nós dois.”

O quê? Não!

“Você não fará tal coisa.”

E de repente o pai de Casey derrubou a arma da mão da mãe dela com as costas da própria mão e depois deu-lhe uma bofetada, uma bofetada forte no rosto. E depois de novo, e de novo.

"Vadia patética", ele repetia, chutando a arma em direção à janela e empurrando Alana para a cama. Então ele estava em cima dela e eles começaram a lutar, a mãe dela socando as laterais da cabeça dele enquanto ele se debatia para manter as mãos dela acima da cabeça.

Depois, ele começou a mexer no vestido dela, e ela puxava o paletó dele, e logo os gritos de raiva se transformaram em grunhidos e guinchos, e até risadas.

"Maldito", murmurou sua mãe, enquanto Casey saía lentamente do quarto.

Ao acordar na manhã seguinte, Casey passou pelo quarto dos pais e os viu tomando café da manhã juntos na cama. O pai acenava com o braço livre, enquanto o outro repousava sobre o ombro da mãe, em direção ao seu seio. Eles sorriam e cochichavam. Uma rápida olhada no chão não revelou nenhuma arma. Casey concluiu que todo o episódio havia sido um pesadelo e o apagou da memória.

Até agora.

Casey se perguntou: " Quanto tempo da sua vida ela passou negando o que estava bem diante dos seus olhos?"

“'Achei certo te dizer, porque você continuou como sempre, sem nunca olhar exatamente para onde está e pisando no lugar errado'”, ela ouviu Janine ler. “'Você sempre vê o que ninguém mais vê; é impossível te satisfazer; e, no entanto, você nunca vê o que é óbvio.'”

Casey se perguntou se ela realmente tinha visto uma arma na mão da mãe .

E se ela tivesse, onde estaria a arma agora? Teriam levado com eles quando se mudaram?

Seria possível que a arma estivesse aqui, nesta casa?

“Não que eu não seja um pouco dramática também”, disse Patsy. “Tenho meus momentos, com certeza. Só não com o guarda-roupa.” Ela deu um suspiro exagerado. “Aposto que você tem um guarda-roupa bem bacana, não é? Aposto que seu armário está abarrotado de roupas de grife caras, tipo as que sua amiga... Como é o nome dela? Aquela chata... Janine?

Acho que ela não gosta de mim... enfim, tipo as roupas que ela sempre usa. Posso dar uma olhadinha?”

Casey ouviu Patsy caminhar pesadamente em direção ao grande closet à direita de sua cama.

“Você não se importa, né? Eu queria dar uma olhada aqui desde que cheguei, mas não queria que o Warren pensasse que eu estava sendo indiscreta. Você não

se importa que eu chame seu marido de Warren, né? Não que importe se você se importa ou não."

Casey ouviu a porta do armário abrir, seguida pelo som do interruptor de luz sendo acionado.

"Bem, que grande decepção. Você não é exatamente uma pessoa ligada em moda, né, Casey?

Quer dizer, tudo o que tem aqui é muito bonito, embora um pouco conservador para o meu

gosto." Mas não é exatamente o que eu esperava. Quer dizer, esta jaqueta Armani é bonita, e estas calças são até boas — Prada, ok, é uma marca muito boa —, mas, sinceramente, Casey, que diabos são essas roupas? Da Gap? O que você está fazendo comprando na Gap, pelo amor de Deus? E tudo precisa ser preto ou marrom? Pensei que você fosse uma estilista renomada. Você não sabe que as cores estão super em alta na primavera e no verão?

Embora eu imagine que você tenha perdido a mudança de estação este ano, não é? Não teve tempo de reorganizar seu guarda-roupa antes de ser atropelada. Você provavelmente guarda todas as suas roupas de verão em um dos outros três mil quartos, não é? Vou ter que explorar bastante na próxima vez que o Warren for à academia. Aliás, é onde ele está agora. Na academia. Disse que estava inquieto e se sentindo todo mole porque não malha há meses. Não que ele pareça minimamente mole. Ele está em ótima forma, e eu disse isso a ele, mas também o incentivei a se exercitar. Disse a ele que não podia ficar grudado em você 24 horas por dia, que isso não era saudável, que você gostaria que ele saísse e vivesse a vida dele.

"Ele está pensando em tirar uma licença do trabalho, você sabia? Ele diz que não consegue se concentrar, que simplesmente não está mais motivado. Eu disse a ele que entendo." Ela suspirou. "Sim, sou eu — sou muito compreensiva. Ah, que lindo", disse ela em seguida.

"Um lenço Hermès. É original? Claro que é. Você nunca compraria uma dessas imitações horríveis, compraria? Não, você não precisaria. Não quando pode comprar o original.

Quanto custam essas coisas, afinal? Trezentos dólares? Mais? Por um pedaço de

seda vagabundo. Você se importa se eu usar por um tempo? Amarelo e preto não são exatamente minhas cores, mas, ei, não parece muito bom.” Ruim. O que você acha? Ah, desculpe. Você não consegue pensar, consegue? Mas não se preocupe com essa sua cabecinha vazia. Estou pensando o suficiente por nós dois. Sim, estou. E acho que estou progredindo um pouquinho a cada dia, pelo menos na opinião do seu marido.

"Quer dizer, ele vive falando o quanto te ama e tudo mais, mas, pessoalmente, acho que ele só está tentando se convencer. Eu não sou cega. Vejo o jeito que ele me olha. Uma garota sempre sabe quando um cara a acha atraente, e eu percebo que ele está interessado. E ele é um homem, pelo amor de Deus. Ele só consegue ficar até certo ponto sem um pouco de...

conforto. É, essa é uma boa palavra. Ele precisa de conforto, o nosso Warren precisa. E já que você não está em condições de oferecer isso, vou ter que entrar em cena e ocupar o seu lugar."

"Por falar nisso, você tem pés enormes. Que número são esses? 39? Muito grandes para mim. Eu calço 37, o que é uma pena, porque, tenho que admitir, você tem ótimo gosto para sapatos. Embora você tenha sapatos baixos demais aqui para o meu gosto. Quer dizer, eu sei que são confortáveis, práticos e melhores para os pés e tudo mais, mas você não sabe que os homens preferem salto alto? Honestamente, como você conseguiu fisgar um homem como o Warren usando todos esses sapatos baixos? Ah, esqueci — você é rica."

Patsy puxou uma cadeira para perto da cama e sentou-se, com a boca próxima ao ouvido de Casey. "Você acha que é verdade o que dizem sobre o tamanho do pé do homem corresponder ao tamanho de... você sabe, das partes mais interessantes? Você acha que isso

é verdade? O do seu marido é o quê... 42? Talvez até 44?" Ela deu uma risadinha. "Não importa. Tenho certeza de que ele é mais do que suficiente nesse quesito. Assim como tenho certeza de que vou descobrir em primeira mão num futuro não muito distante.

Entendeu?" "Você entendeu alguma coisa do que eu estou dizendo?" Ela riu de novo, dessa vez mais alto. "Eu meio que espero que sim."

O som da porta da frente abrindo e fechando.

Graças a Deus, pensou Casey. O fim desse tormento.

"Acho melhor guardar esses sapatos no lugar certo", disse Patsy rapidamente, correndo de volta para o armário e fechando a porta assim que o som de vozes irritadas chegou aos ouvidos de Casey.

"O que você estava fazendo? Escondido nos arbustos a manhã toda, esperando para me emboscar?", perguntou Warren, lá de baixo.

“Você não atende minhas ligações. Você não abre a porta.”

Quem é esse? É o Drew?

“Parece que sua irmã está aqui”, disse Patsy.

“Eu te disse que seu cheque já foi enviado pelo correio.”

“Sim, essa é boa.”

“Se preferir levantar os cheques pessoalmente, posso facilmente combinar isso com o meu escritório, a partir do próximo mês.”

“Isso é muito generoso da sua parte, Warren. Até quando você vai prolongar isso?”

"Ai, a coisa ficou feia", sussurrou Patsy, com um sorriso na voz. "Aqui, vou abrir a porta mais para que possamos ouvir melhor."

“Certo, Drew. Acho que já abordamos esse assunto mais do que suficiente”, disse Warren.

“Agora, com licença, gostaria de subir e cumprimentar minha esposa.”

“E por incrível que pareça, é exatamente por isso que estou aqui.”

“Você veio ver a Casey?”

“Ela é minha irmã. Eu nem sabia que ela tinha saído do hospital, pelo amor de Deus.”

“Talvez porque você não a visita há mais de um mês.”

“Eu ainda tenho o direito de vê-la. Tenho o direito de ser mantido informado.”

“Ela está igualzinha à última vez que você a viu, Drew. Nada mudou.”

“Gostaria de verificar isso pessoalmente, se não se importar.”

“Sim, eu me importo. Vá para casa, Drew.”

“Esta é a minha casa”, disse Drew, mantendo-se firme em sua posição. “Pelo menos metade dela.”

“Só depois do seu trigésimo aniversário.”

“O que, caso você tenha se esquecido, não está tão longe assim. Quatorze meses, segundo meus cálculos.”

“Muita coisa pode acontecer em quatorze meses”, disse Warren.

O que isso significa? Casey perguntou em silêncio.

"O que isso significa?", perguntou Drew em voz alta.

"Preciso mesmo explicar tudo nos mínimos detalhes?"

“Sim, você tem.”

Você realmente precisa.

“Bem, vejamos. Você usa drogas; bebe em excesso; aposto que até dirige bêbado, sem falar que dirige muito rápido. Eu diria que há cinquenta por cento de chance de você não estar aqui para o seu trigésimo aniversário.”

Você está me ameaçando?

“Eu não preciso te ameaçar, Drew. Não preciso fazer nada. Você está fazendo um ótimo trabalho em arruinar sua vida sozinho.”

"Você vai mesmo me impedir fisicamente de subir as escadas?", perguntou Drew, exigindo resposta.

“Se for preciso.”

“Vou obter uma ordem judicial.”

"Fique à vontade", disse Warren, desafiando Drew.

“Que tal eu ir à polícia e dizer que você não me deixa ver minha irmã?”

Sim. Vá à polícia.

“Ou talvez eu simplesmente vá aos jornais.”

Não. Vá à polícia!

"Você não acha que essa família já não teve publicidade negativa suficiente?", perguntou Warren.

"O que dizem mesmo?", perguntou Drew em resposta. "Não existe publicidade ruim?"

“É isso que você vê aqui? Uma tentativa de chamar a atenção? Seus quinze minutos de fama?”

"Eu só quero ver minha irmã."

Um breve silêncio. Casey imaginou o marido dando alguns passos para trás e apontando para a escada no centro do corredor circular.

“Obrigado”, disse Drew.

O som de passos furiosos subindo as escadas.

"Preparem-se", avisou Patsy, com uma alegria mal disfarçada. "Lá vem problema."

20

Segundos depois, Drew entrou correndo na sala.

Casey imaginou sua irmã mais nova, com os braços gesticulando, as pernas longas caminhando com determinação pela soleira da porta, os cabelos loiros escuros esvoaçando atrás dela, as bochechas normalmente pálidas coradas de raiva, os dentes mordendo o lábio superior enquanto marchava em direção à cama. " Oh, Drew. Estou tão feliz que você esteja aqui. Você precisa me ajudar. Você precisa me tirar daqui."

"Quem é você?", perguntou Drew.

Como assim? Meu nome é Casey. Você não me reconhece?

"Sou a enfermeira da Casey", respondeu Patsy, e Casey suspirou aliviado por dentro. "Você deve ser o Drew. Eu sou Patsy Lukas."

“Por que você está usando o cachecol da minha irmã?”

"O que?"

Ela ainda está usando meu cachecol!

Casey imaginou a mão de Patsy flutuando rapidamente em direção ao seu pescoço, um rubor de constrangimento se espalhando por seu rosto até a raiz do cabelo.

"Tire isso", ordenou Drew.

Você que diz isso para ela, irmãzinha.

Casey imaginou Patsy deslizando o cachecol do pescoço lenta e relutantemente, com os olhos brilhando em desafio.

“Não quis dizer nada com isso. Eu só estava...”

“...se apropriando dos pertences da minha irmã?”

“Não. Claro que não. Eu só estava...”

O quê exatamente?

"O quê?", Drew repetiu em voz alta.

"O que está acontecendo aqui?", perguntou Warren da porta.

“Parece que, enquanto o diabo pode usar Prada”, disse Drew a ele, com um sorriso irônico audível na voz, “a empregada usa Hermès. Hermès da minha irmã, nada menos.”

"Sinto muito", disse Patsy. "Eu só estava tentando encontrar algo para animar um pouco a Casey, para que ela ficasse bonita quando você chegasse em casa."

"Nossa, você é boa mesmo", exclamou Drew, com genuína admiração substituindo o sorriso irônico em sua voz. "Diga-me, você é tão boa enfermeira quanto é mentirosa?"

“Já chega, Drew...” disse Warren.

“Embora isso não explique exatamente como o cachecol foi parar no seu pescoço e não no da minha irmã”, continuou Drew, ignorando a interrupção de Warren.

“Eu estava prestes a colocar a arma nela quando ouvi você subindo as escadas”, disse Patsy, sentindo-se cada vez mais à vontade com a mentira. “Sinceramente, Warren. Eu não estava tentando—”

"Warren?", interrompeu Drew, agarrando o nome como se fosse um rato e ela o gato.

"Então, já nos tratamos pelo primeiro nome, é isso?"

“Você está sendo muito grosseira”, disse Warren para ela.

"Sério? Desculpe. Só estou tentando entender o que está acontecendo aqui, Warren ", disse Drew de forma provocativa.

Casey pensou que sua irmã sempre fora geniosa. Ela apreciou a interação entre

Warren e Drew e percebeu que estava realmente se divertindo.

“Isso não é da sua conta”, disse Warren.

“Minha irmã é, sem dúvida, da minha conta.”

"Sério? Desde quando? Perdoe meu cinismo, mas não me lembro de você ter demonstrado muita preocupação antes do acidente de Casey."

“Não havia motivo para preocupação naquela época.”

“Assim como não há agora”, disse Warren a ela. “Casey está sendo muito bem cuidada.”

"Será?"

O aroma de lavanda envolveu repentinamente a cabeça de Casey. Mãos firmes agarraram a nuca dela enquanto um pedaço de seda deslizava sobre sua pele, como uma cobra longa e fina, antes de se enrolar na base de sua garganta.

“Pronto”, disse Patsy. “Assim está melhor.”

"Você acha?", perguntou Drew. "Pessoalmente, não acho que o cachecol faça muita diferença para 'animar um pouco a Casey'. Ela ainda me parece muito pálida."

“Sua irmã está bem”, disse Warren. “Tivemos um pequeno susto outro dia, mas...”

“Que tipo de susto?”

“A pressão arterial dela subiu um pouco. Mas já voltou ao normal. O médico disse que provavelmente foi por causa da transferência do hospital.”

“Ele estava aqui? Ele mesmo a examinou?”

“Não havia necessidade. Patsy tinha tudo sob controle.”

"Nossa, você não é a melhor coisa desde o pão fatiado?"

"Atraiu . . ."

“Perdoe meu cinismo”, disse Drew, devolvendo as palavras de Warren para ele, “mas quando entrei na sala, Florence A Nightingale estava usando o cachecol da minha irmã como se fosse dela, então me desculpe se eu não estiver tão impressionada com ela quanto você parece estar.”

“Sinceramente, Sr. Marshall, o cachecol era para Casey...”

“Ah, então agora é Sr. Marshall, é isso?” perguntou Drew. “Boa, Patsy. Você aprende rápido.”

“Você não precisa explicar nada”, disse Warren à auxiliar de enfermagem.

“Acho que sim”, disse Drew.

“Acho que ela já fez isso.”

Drew soltou um suspiro profundo. "Certo. Se é assim que você quer jogar."

“Ninguém está brincando, Drew. Isso não é um jogo.”

“Não, infelizmente não. ” Drew se jogou na cadeira mais próxima. “Sabe, eu bem que precisava de uma xícara de café.”

“Há um Starbucks não muito longe daqui.”

“Há uma cozinha ainda mais perto. Patsy, querida, você se importaria de... ”

“Ok, Drew, chega.”

"Está tudo bem", disse Patsy. "Fico feliz em fazer isso."

"Não", protestou Warren. "Esse não é o seu trabalho."

“Não tem problema nenhum”, disse Patsy. “Vou pedir para a Sra. Singer colocar água limpa no fogo.”

“Quem diabos é a Sra. Singer?”

“Contratei uma governanta para me ajudar com a Casey.”

“Claro. Tenho certeza de que uma governanta é exatamente o que Casey precisa

neste momento.”

"Como você gosta do seu café, Drew?", perguntou Patsy.

“Quente e preto.”

"Posso lhe trazer uma xícara?", perguntou ela a Warren.

"Não, obrigado."

“Ah, e se a Sra. Singer tiver feito um bolo para Casey ou "Qualquer outra coisa que ela não tenha absolutamente nenhuma utilidade", disse Drew docemente, "eu adoraria algo doce para beliscar."

“Drew...” disse Warren.

"Vou ver o que tem lá", disse Patsy rapidamente.

"Muito obrigado."

“Você pode perder a atitude”, alertou Warren depois que Patsy foi embora.

“A mulher estava roubando do armário da minha irmã.”

“Tenho certeza de que ela não estava fazendo nada disso.”

“Certo. Ok. Mas o que ela faz exatamente ?”

“Ela é enfermeira, Drew. O que você acha que ela faz?”

“Acho que essa era a minha pergunta.”

“Quer saber os detalhes macabros?”

“Quero uma resposta.”

Casey sentiu Warren começar a andar de um lado para o outro em frente à sua cama. “Tudo bem, então. Ela monitora a pressão arterial da sua irmã, coloca e retira o tubo de alimentação, dá banho nela, verifica se há escaras, ajusta o cateter...”

“O cateter dela?”

“Você realmente quer que eu continue?”

Não. Por favor, chega.

"Não", disse Drew baixinho.

“Não é exatamente a ideia de diversão de ninguém, e eu tive muita sorte — nós tivemos muita sorte — de Patsy ter concordado em assumir essa responsabilidade. Então, talvez você pudesse ser gentil o suficiente para lhe pedir desculpas...”

“Quem assume o lugar de Patsy quando ela vai para casa?”

Uma pausa. Um pequeno suspiro, seguido de um mais profundo. "Ela não vai para casa. Ela está morando aqui."

“Que aconchegante. E a Sra. Singer? Ela também mora aqui?”

“Não. Não faço ideia de onde ela mora.”

“Mas Patsy mora aqui .”

“O que você está querendo dizer com isso, Drew?”

"Eu simplesmente não gosto do tipo de vibração que estou sentindo."

“E que tipo de vibrações seriam essas?”

“Aquele tipo de vibe de ‘minha irmã está em coma e alguma vadia está usando as roupas dela’”, respondeu Drew.

Casey riu em silêncio.

"Isso seria engraçado se não fosse tão patético", disse Warren.

"Achei muito engraçado."

“Eu amo sua irmã, Drew.”

Silêncio.

Não, não acredite nele. Eu sei que ele parece tão sincero, mas, por favor, não acredite nele.

“Eu sei que sim.”

“Então por que estamos discutindo?”

Drew riu. "Você chama isso de discussão? Quando a Casey acordar, você vai ter que perguntar a ela sobre algumas das brigas que a gente tinha. Aquelas sim eram discussões."

"Quando Casey acordar", repetiu Warren, conseguindo soar quase melancólico, "acho que encontraremos coisas melhores para conversar."

Você realmente acredita que ela vai melhorar?

“Eu preciso acreditar nisso.”

Não acredite em nada do que ele disser. É tudo uma farsa. Não acredite em nada disso.

"A polícia entrou em contato com você recentemente?", perguntou Drew.

“Não. E você?”

“Não. Acho que eles perderam o interesse. Olha, detesto ficar tocando nesse assunto...”

“Você quer respostas sobre o seu dinheiro”, afirmou Warren.

“Acho que tenho sido bastante paciente.”

“Lamento que as coisas estejam demorando tanto, mas você precisa entender que esta é uma situação muito incomum e não há respostas fáceis nem soluções rápidas. Vai levar mais tempo...”

“Quanto tempo mais? Meses? Anos?”

Casey conseguia ouvir a raiva voltando a aparecer na voz da irmã.

"Não sei."

“Não gosto disto, Warren. Não gosto disto nem um pouco.”

“Olha, eu sei que você está chateada, mas eu não sou a pessoa com quem você deveria estar brava. Não foi ideia minha nomear sua irmã como inventariante do testamento. Não foi ideia minha que você fosse mantida sob rédeas curtas e com uma mesada rigorosa. Essas foram as instruções do seu pai, e eu só estou garantindo que esses desejos sejam respeitados e que Casey esteja protegida.”

“Um pouco tarde para isso, não acha?”

Uma pausa, seguida de um suspiro pesado. "O que você quer de mim, Drew? Estou fazendo tudo o que posso. Se você pudesse ter um pouco mais de paciência, talvez eu consiga te dar algo a mais até que tudo se resolva."

“Isso seria ótimo.”

“Vou ligar para o meu escritório na segunda-feira e ver o que consigo combinar.”

Não. Não se deixe apaziguar tão facilmente. Por favor. Não reduza isso apenas a uma questão de dinheiro.

“Mas ainda estou sentindo umas vibrações estranhas”, disse Drew.

Muito bem, Drew! Essa é a irmãzinha que eu conheço e amo.

Warren suspirou novamente. "Tudo bem. Tanto faz. Que seja como você quiser. Agora, com licença, preciso terminar um trabalho para segunda-feira."

Você poderia perguntar à Patsy o que aconteceu com o meu café?

Ele riu novamente. "Seu desejo é uma ordem."

"Você se importaria se eu abrisse uma janela aqui?", Drew gritou atrás dele. "O cheiro de perfume barato está sufocante."

"Quando estiver pronto para ir embora, simplesmente se retire", respondeu Warren.

O som de uma alça de latão rangendo enquanto gira. "Pronto, agora sim. Acabou

com esse cheiro horrível. Eu sempre achei lavanda enjoativa, não acha? Quer dizer, eu sei que dizem que relaxa e tudo mais, mas me dá arrepios."

Casey sentiu uma mão delicada em seu pescoço, sentiu o lenço de seda deslizar de sua garganta.

“Assim está melhor”, disse Drew. “Não sou muito fã da Hermès. Você precisa de algo com um pouco mais de estilo. Eu sei — você pode usar este.” Ouviu-se um leve som de batidas, e Casey imaginou Drew dando um tapinha na garganta. “Acabei de comprar.”

Mais uma vez, Casey sentiu Drew apoiando a nuca enquanto se inclinava para a frente, pressionando a lateral do seio contra a bochecha de Casey enquanto ajeitava algo acima da cabeça. Casey sentiu o algodão macio da blusa de Drew contra a pele e inalou o aroma fresco e limpo de talco de bebê. Ela se lembrou de como costumava segurar Drew nos braços quando era bebê e a aconchegar durante uma tempestade quando estava com medo, de como costumava afundar o nariz nos cabelos macios da irmã e assegurar-lhe que tudo ficaria bem.

Quando é que essas garantias cessaram?

“É um colar”, explicou Drew, deitando a cabeça de Casey de volta no travesseiro. “Não é nada demais, na verdade. Só uma correntinha de prata com um sapatinho de salto alto prateado pendurado. Me lembrou meus Manolos, então comprei. Não era caro nem nada.

Eu só gostei.” " De qualquer forma, pode ficar com ele. Fica melhor em você, aliás. O que acha?", perguntou ela, quase como se esperasse uma resposta. Casey imaginou Drew voltando para a janela, com os olhos vagando em direção ao enorme salgueiro-chorão no quintal. "E aí, o que houve?", perguntou ela após uma pausa de pelo menos trinta segundos.

"É, nada de muito interessante por aqui também. Ah, exceto que me livrei do Sean. Você se lembra do Sean? Ele veio ao hospital comigo uma vez. Alto, loiro, meio distraído. Tinha um quê daquele estilo do Owen Wilson. Enfim, terminei com ele. Não sei bem por quê. Ele estava começando a me irritar." Ela riu. "Parece que muita coisa está me irritando ultimamente." Ela voltou para a cama, sentou-se de lado e começou a massagear distraidamente os dedos dos pés de Casey por baixo do lençol. "Você já teve isso com algum cara? Tudo o que ele faz de repente começa a te irritar? Provavelmente não." Você nunca teve tantos

namorados assim, né? Você sempre foi bem mais seletiva nesse quesito.

Diferente de algumas irmãs mais novas que eu poderia mencionar. Enfim, dei um pé na bunda do Sean. Para ser sincera, ele não pareceu muito chateado. A única que ficou meio triste foi a Lola. Acontece que ela gostava dele. Você acha que eu sou uma mãe horrível?", perguntou Drew de repente. "Quer dizer, eu sei que não sou a melhor mãe do mundo, mas será que sou horrível?" Ela fez uma pausa, como se desse a Casey a chance de responder.

"Não é que eu não a ame. Eu amo. É só que ela está sempre aqui ... Você entende o que eu estou dizendo? Toda vez que eu me viro, lá está ela. E eu quero dizer para ela: 'Olha, você é uma menina doce e tudo mais, mas será que eu não posso ter uns dias só para mim?' Mas como eu posso fazer isso? Eu não posso", disse Drew, respondendo à própria pergunta. "E

ela fica me olhando, como se esperasse que eu fizesse alguma coisa." Só que eu nunca sei o que é ela. Ela espera que eu faça isso, então sempre sinto que estou decepcionando-a. É

uma sensação horrível pensar que você está constantemente desapontando a todos.

Embora eu imagine que já deveria estar acostumada com isso."

Ah, Drew.

"Acho que pensei que seria diferente, sabe? Pensei que se eu tivesse um bebê, ela teria que me amar."

Ela te ama , Drew.

Um suspiro pairou no ar entre elas. " Mas ela te ama. Antes do seu acidente — e acho que todo mundo já decidiu que foi isso que aconteceu — ela sempre perguntava quando poderíamos visitar a tia Casey. E desde que a trouxe para o hospital, ela não para de me perguntar quando pode te ver de novo. Ela tem um monte de livros que quer ler para você.

Bem, não sei se ela sabe ler de verdade, ou se só decorou as histórias. A Janet já leu tantos contos de fadas para ela que ela sabe todos de cor. A Janet é a babá dela. Tive que demitir a Elise depois que a peguei pegando meu estoque de

maconha. Honestamente, é tão difícil encontrar bons funcionários hoje em dia." Ela riu. "Brincadeira."

O aroma magnífico do café fresco chegou até a porta. Casey sentiu a boca salivar e saboreou o gosto rico e torrado dos grãos de café em sua língua.

“E por falar em boa ajuda...”

Os aromas díspares de café e lavanda lutavam pela supremacia ao entrarem juntos na sala, como um par de gêmeos siameses hostis.

“Aqui está seu café”, disse Patsy.

"Obrigado."

“Cuidado. Está quente.”

"Quente e preto. Do jeito que eu gosto. Obrigado", disse Drew novamente.

“Olha, eu realmente sinto muito pelo mal-entendido anterior. Eu entendo como isso deve ter parecido para você.”

“Bem, agradeço seu apreço, então vamos deixar por isso mesmo, certo?”

A campainha tocou.

"Quem é esse?" perguntou Drew.

“Provavelmente a terapeuta dela.”

"Quente e preto", disse Drew, com um sorriso malicioso na voz. "Do jeito que eu gosto."

21

“ Bem , olá”, disse Jeremy, entrando no quarto de Casey. “Faz tempo que não te vejo. Como você está?”

"Tudo bem", respondeu Drew. "Que bom te ver de novo." Casey percebeu o tom de voz casual da irmã.

“Você está um pouco atrasado”, disse Patsy para ele. “Está tudo bem?”

"Houve um acidente grave na via expressa hoje de manhã, e ainda estavam limpando quando cheguei, então fiquei preso por uns bons vinte minutos. Desculpe por isso. A boa notícia é que já cheguei, e esse café está com um cheiro ótimo. Será que você poderia me oferecer outra xícara?"

Casey imaginou um sorriso excessivamente bajulador iluminando os olhos de Patsy. "Como você reage a isso?"

“Creme de leite e bastante açúcar.”

"Branca e doce", murmurou Drew, enquanto Jeremy se aproximava de sua cama e Patsy saía do quarto.

Casey absorveu a intensidade do olhar de Jeremy enquanto ele Inclinou-se para observá-la melhor. "Olá, Casey. Como você está se sentindo hoje? Feliz por estar de volta em casa?"

Não, eu não estou feliz. Não estou nada feliz. Você precisa me tirar daqui.

"Aparentemente, a pressão arterial dela subiu um pouco", disse Drew a ele, "mas já voltou ao normal."

“Sim, isso era de se esperar.”

“Foi o que me disseram.”

“Ela parece um pouco pálida.”

“Era o que eu pensava.”

“Bem, vamos ver se um pouco de exercício não consegue trazer de volta a cor às suas bochechas.”

“Você quer que eu vá embora?”

"De jeito nenhum."

“Não quero atrapalhar.”

“Você não está. E tenho certeza de que Casey aprecia a companhia. Eu sei que eu aprecio.”

Casey sentiu a mão dele em sua testa. Será que ele conseguia sentir seus pensamentos? "

Escute", pensou ela, com toda a força que tinha. " Meu marido fez isso comigo. Ele tentou me matar e vai tentar de novo assim que achar que pode se safar. O que provavelmente acontecerá em breve, agora que parece que a polícia abandonou a investigação. Você precisa impedi-lo. Precisa me tirar daqui."

"Ela não está com febre, está?" perguntou Drew, aproximando-se.

“Não. A testa dela está fresquinha. E por falar em fresquinha, que colarzinho bonito ela está usando. Você dá para ela?”

“Sim. Como você sabia?”

“Porque se parece com você.”

"Eu pareço um sapato?", Drew riu.

"Você sabe o que eu quero dizer."

“Bem, obrigada. Acho que sim. Quer dizer, vou considerar isso um elogio.”

“Ótimo. Era essa a intenção.” Jeremy pegou a mão de Casey na sua e começou a manipular seus dedos.

"Posso te fazer uma pergunta?", perguntou Drew após alguns segundos.

“Pode atirar.”

Após um momento de hesitação, ele respondeu: "Qual a sua opinião sobre Patsy?"

"Profissionalmente?"

“Profissionalmente e pessoalmente.”

Uma breve pausa. “Pessoalmente, não a conheço muito bem. Mas ela sempre me pareceu bastante simpática. Profissionalmente, diria que ela é competente, experiente e atenciosa.

Os pacientes gostam dela. Ela certamente é dedicada à sua irmã.”

“Você acha mesmo?”

“Não?”

"Não sei."

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não tenho certeza”, disse Drew, e Casey imaginou a irmã olhando para a porta aberta do quarto, caso Patsy estivesse rondando por lá. “Quando cheguei, ela estava usando um dos lenços caros da Casey — aquele ali, aliás”, continuou, sem dúvida apontando para onde quer que estivesse, “e eu fiquei brava e mandei ela tirar, provavelmente disse algumas coisas que não devia...”.

“Ela tem alguma explicação?”

“Ela disse que estava prestes a colocar o curativo no Casey quando eu entrei.”

“Você não acredita nela?”

“Você faria isso?”

Jeremy baixou a mão direita de Casey de volta para o lado do corpo dela. Ele pegou a mão esquerda dela. "Bem, normalmente eu tenderia a dar a ela o benefício da dúvida. Mas..." Ele começou a mover os dedos de Casey para frente e para trás.

"Mas . . . "

“Mas algo me diz que seus instintos são muito bons. Então, se estão te dizendo que ela estava tentando te enganar, então eu diria que ela estava mesmo tentando te enganar.”

Casey conseguia sentir o sorriso de gratidão da irmã.

“Obrigado”, disse Drew.

“Para quê? O que pensa o Sr. Marshall? Ele sabe?”

“Ele sabe. Receio que ele não compartilhe da sua fé nos meus instintos.”

“Bem, então, vamos torcer para que tenha sido um incidente isolado.”

"Sim", concordou Drew. "Acho que o importante é que ela seja uma boa enfermeira, certo?"

Jeremy começou a massagear os músculos da palma da mão de Casey com o polegar. Se ao menos ela pudesse segurar aquele polegar, pensou Casey, tentando apertar de volta, para dar algum sinal de que estava ciente do que estava acontecendo. Se ao menos houvesse um jeito de ela avisá-lo...

“Bem, tecnicamente, ela não é enfermeira”, disse Jeremy.

“Como assim ela não é enfermeira? O que ela é?”

“Ela é auxiliar de enfermagem.”

“Não entendo. Por que Warren a contrataria para cuidar da minha irmã se ela não é enfermeira? Não é como se ele não tivesse dinheiro...”

Os dedos de Jeremy começaram a pressionar o pulso de Casey, girando-o suavemente da esquerda para a direita. “Não fique chateada. A Patsy é mais do que qualificada para o que precisa ser feito aqui”, explicou ele. “Sua irmã não precisa de uma enfermeira neste momento.” Ele começou a girar o pulso de Casey na direção oposta. “E tipo Eu disse: "A Patsy é experiente e competente. Ela costuma se esforçar ao máximo pelos seus pacientes.

Além disso, ela conhece muito bem o caso da Casey. Ela tem acompanhado ativamente os cuidados dela há meses. Não me surpreendi quando o Sr. Marshall

a contratou.

Francamente, achei que ele teve sorte de tê-la." Ele devolveu a mão da Casey à cama, pegou a outra mão dela novamente e começou a manipular o pulso. "Mas você não gosta dela."

"Eu não gosto dela", disse Drew em voz baixa.

O som de passos na escada. O cheiro de café fresco se aproximando.

"Café", anunciou Patsy alegremente da porta. "Com creme e bastante açúcar."

"Se você pudesse colocar na mesinha de cabeceira para mim, por favor, agradeceria", disse Jeremy, movendo o braço de Casey para cima e para baixo a partir do cotovelo.

Casey sentiu o passo ágil de Patsy enquanto ela atravessava o quarto para colocar o café de Jeremy na mesinha ao lado da cama.

"Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?"

“Não, obrigado. Está ótimo.”

“E você, Drew? Pronto para mais uma xícara?”

“Estou bem, obrigada. Na verdade, o Jeremy estava me mostrando alguns exercícios que posso fazer com a Casey. Talvez você queira ficar para que ele possa te mostrar também.”

“Que tal você me mostrar mais tarde? Agora o Sr. Marshall precisa que eu resolva algumas coisas para ele.”

“Eu pensei que seu trabalho fosse cuidar do Casey.”

“Casey está em ótimas mãos no momento”, disse Patsy docemente, recusando-se a morder a isca. “É só me avisar quando terminar, Jeremy.”

Com o silêncio que se seguiu, Casey deduziu que Patsy havia saído da sala.

Por favor. Você precisa me ajudar. Você precisa me tirar daqui.

“Então, tá. Eu sou uma completa megera, né?”, afirmou Drew. “Quer dizer, será que ela podia ser mais doce?”

"Não sei", disse Jeremy. "Costumo desconfiar um pouco de pessoas que são muito doces."

Mais uma vez, Casey sentiu Drew sorrir. "Então, como está a Casey? Ela está melhorando?"

“Bem, é difícil avaliar os níveis de melhora quando um paciente está em coma, mas sua irmã tem boa flexibilidade e uma excelente base muscular, então vamos continuar trabalhando. Aqui, por que você não começa pelo outro braço dela... Isso mesmo... faça o que eu te mostrei da última vez. Perfeito. E eu vou começar pelas pernas dela.”

“Quais são as chances reais dela conseguir andar novamente?”

“Bem, não há nenhuma razão física para que ela não consiga. Não houve lesão na medula espinhal e as fraturas cicatrizaram bem. Se continuarmos a exercitar esses músculos”, disse ele, levantando o lençol das pernas de Casey e começando a massagear a sola dos pés dela,

“assim que ela acordar, assim que o cérebro dela começar a enviar os sinais corretos, não vejo por que ela não recuperará completamente o uso dos braços e das pernas.”

“Mas primeiro ela precisa acordar.”

“Primeiro ela precisa acordar.”

Já estou acordado, droga! Por que meu cérebro não está enviando as mensagens corretas?

"O cérebro da paciente foi abalado", Casey lembrou-se de um de seus médicos ter dito.

Quanto tempo atrás isso tinha acontecido? Quantas semanas? Quantos meses? Quanto tempo até que seu maldito cérebro parasse de funcionar? Ela teria tempo suficiente?

Vamos lá, cérebro. Concentre-se. Comece a enviar os sinais. Sinais corretos. Dedos, aperte o polegar da minha irmã. Pés, chute as mãos de Jeremy. Faça alguma coisa. Qualquer coisa.

“Há quanto tempo você trabalha dessa forma?”, perguntou Drew.

“Não faz tanto tempo assim”, respondeu Jeremy. “Um pouco mais de quatro anos.”

“E antes disso?”

“O exército.”

“O exército?”

“É uma longa e triste história.” Ele suspirou, como se estivesse ponderando se deveria ou não contá-la. “Eu trabalhava como terapeuta. Minha esposa e eu estávamos com dificuldades financeiras. Eu tinha uma dívida enorme de empréstimos estudantis para pagar. O exército se ofereceu para quitar esses empréstimos se eu me alistasse. O oficial de

recrutamento disse que eu seria alocado em território americano, que provavelmente nunca seria enviado para o exterior e que, na remota hipótese de ser enviado, seria designado para a unidade médica e provavelmente não participaria de nenhum combate direto. Fui tolo o suficiente para acreditar nele.”

“Para onde te mandaram?”

"Afeganistão."

Ouvi um som de ar sendo inalado. "Como foi isso?"

“Não é exatamente a minha ideia de diversão.”

“O oficial de recrutamento mentiu para você sobre tudo?”

“Bem, é isso. Ele não mentiu exatamente. Não, ele foi muito cuidadoso na escolha das palavras. Disse que eu ficaria estacionado nos Estados Unidos, o que de fato aconteceu —

por cerca de seis meses. Disse que provavelmente eu não seria enviado para o exterior, que provavelmente não veria nenhum combate direto...”

“Mas você foi enviado para o exterior, você viu combate direto.”

"Sim."

“Você ficou com medo?”

"Sim."

A voz de Drew baixou para um sussurro. "Você matou alguém?"

Uma longa pausa. "Sim."

"Aquilo deve ter sido horrível."

“Sim”, disse ele novamente.

Casey sentiu-o estender a mão por cima dela para pegar o café e ouviu-o tomar um gole hesitante.

"Não acho que eu jamais conseguiria matar alguém."

Você ficaria surpreso com o que é capaz de fazer. Principalmente quando alguém está tentando te matar.

“Quanto tempo você ficou lá?”

“Vinte e três meses, uma semana e cinco dias. Mas quem está contando?” Ele tentou rir, mas o som ficou preso na garganta. Tomou outro gole de café. “Quando cheguei em casa, minha

esposa já tinha praticamente seguido em frente. Ela voltou por um tempo. Tentamos, mas não deu certo. Descobri depois que ela estava praticamente morando com outro cara enquanto eu estava fora. Enfim, o que está feito, está feito. Não adianta ficar reclamando do que não pode ser mudado.” Ele voltou sua atenção para os pés de Casey. “E você?”

"Meu?"

“Como estão as coisas para você?”

Casey sentiu Drew dar de ombros. "Acho que ainda estou em processo de evolução."

"Você ainda não decidiu o que quer ser quando crescer?", perguntou Jeremy.

“Isso é horrível? Quer dizer, eu deveria saber. Estou quase fazendo trinta anos. Tenho um filho.”

Você vai dar um jeito.

“Você acha mesmo?”

“Eu sei disso.”

“Bem, agradeço o voto de confiança. Obrigado.”

"Para que?"

"Você se importa se eu lhe fizer outra pergunta?", perguntou Drew.

"Vá em frente."

“Como é matar alguém?”

Silêncio. Então, "Não tenho certeza se posso responder a isso."

"Desculpe", Drew se desculpou rapidamente. "Não é da minha conta. Eu não deveria ter perguntado."

“Não, o problema não é a pergunta. O problema é que eu realmente não sei como respondê-la. Para ser honesto, não sei bem como me senti. Estava com muito medo.” Ele fez uma pausa e tomou outro gole de café. “Você está num país estranho, não fala o idioma, não sabe nada sobre o maldito Talibã. Tudo o que você sabe é que está longe de casa e que deveria estar levando a democracia para essas pessoas que estão tentando explodir seus miolos. E

bombas explodem, minas terrestres detonam, e no fim das contas, você não dá a mínima para democracia, Talibã ou qualquer outra coisa, a não ser sair vivo daquele inferno. Sua adrenalina está a mil, seu coração dispara sem parar, e

quando você atira e vê o corpo cair, não tem tempo para sentir nada, talvez só alívio por não ter sido você. Talvez no começo você sinta uma pontinha de euforia por ter acertado alguma coisa, ou talvez sinta um enjoo

terrível. Não sei. Toda aquela destruição. Todo aquele sangue. Como não te afetar? Mas no fim, é isso que acontece. Cedo ou tarde, você não sente mais nada.” Outra pausa, outro gole de café. “Essa é provavelmente a pior parte. Matar outro ser humano e não sentir absolutamente nada.”

Era assim que Warren se sentia? Casey se perguntou. Ele não sentiu nada enquanto planejava a morte dela? Absolutamente nada?

“Às vezes é ótimo”, dizia Drew, “não sentir nada”.

“Acho que é o que chamam de contradição em termos”, disse Jeremy.

"Acho que sim. Mas não é por isso que a maioria das pessoas usa drogas, para não ter que sentir nada?"

“É por isso que você faz isso?”

“As pessoas acham que você usa drogas para ficar chapado”, respondeu Drew, falando mais consigo mesma agora. “Mas não é tanto para ficar chapado, e sim para chegar a um ponto em que você está tão chapado que flutua acima de toda a merda e da dor, então você não sente absolutamente nada—” Ela parou de falar. “Falando como uma viciada precisando de uma dose”, disse ela, e tentou rir.

"Você está?" perguntou Jeremy, soltando a perna de Casey e devolvendo sua xícara de café para a mesinha ao lado da cama dela.

Meu Deus. Você é?

"Bem, eu não uso drogas injetáveis, se é isso que você está perguntando. Nunca usei heroína. Não porque eu não tenha tido vontade, mas tenho fobia de agulhas. Cheirei uma vez, misturei com cocaína, mas me fez vomitar, e eu odeio vomitar quase tanto quanto odeio agulhas. Você já usou cocaína?"

"Experimentei algumas vezes", disse Jeremy. "Adorei a sensação de estar chapado, mas odiei a ressaca. Decidi que simplesmente não valia a pena."

"Sim, eu mesmo já decidi isso algumas vezes." Drew riu.

"E a sua irmã?", perguntou Jeremy, voltando toda a sua atenção para Casey, dobrando a perna direita dela no joelho, esticando-a novamente e repetindo o movimento várias vezes.

“Ah, não. Casey jamais usaria drogas. Jamais. Nunca.”

Só porque eu tinha muito medo de baixar a guarda.

“Ela sempre foi tão certinha. Nunca faltou às aulas, nunca se embriagou, nunca se envolveu com qualquer um, sempre fez a coisa certa.”

Só porque eu estava apavorada de não fazer isso.

“Sempre no controle.”

Alguém da família tinha que assumir a responsabilidade.

“Ela não está no controle agora”, afirmou Jeremy.

“Não, ela não é”, concordou Drew. “Que injustiça, não é?” Ela apertou a mão de Casey. “Ela passa a vida inteira sendo a filha perfeita, a esposa ideal e a profissional consumada, e olha só onde ela termina. Você entra para o exército para pagar algumas dívidas estudantis e acaba matando gente. Eu passo metade da minha vida cheirando drogas o suficiente para matar um elefante pequeno, e aqui estou eu, viva e relativamente saudável. Então, qual é o sentido de tudo isso, eu pergunto?”

A questão é que não temos controle. A questão é que não há garantias, que nunca sabemos o que vai acontecer na vida, mas não podemos desistir. A questão é que, falíveis como todos somos, temos que continuar tentando, temos que continuar buscando ajuda uns dos outros.

"Meu Deus!" exclamou Drew.

“Qual é o problema?”

“Ela simplesmente apertou minha mão.”

“O quê? Tem certeza?”

Eu fiz isso? Apertei sua mão?

"Estou te dizendo, ela acabou de apertar minha mão", repetiu Drew, com a empolgação crescendo em sua voz.

Casey sentiu Jeremy tirar a mão dela da mão de Drew.

"Não estou sentindo nada", disse ele após alguns segundos.

“Eu não estava imaginando coisas”, insistiu Drew. “Eu juro, ela apertou minha mão.”

"Você pode fazer de novo, Casey?" Jeremy apertou os dedos dela, como se quisesse mostrar como se fazia.

Sim, eu consigo. Eu consigo. Pronto. Estou apertando. Estou apertando.

"Alguma coisa?" perguntou Drew.

"Eu não tenho certeza."

Como assim, você não tem certeza? Estou apertando seus dedos com tanta força que eles vão quebrar. Preste atenção, droga. Estou apertando.

“Vamos lá, Casey. Você consegue”, insistiu Drew.

"Fazer o quê?" perguntou Patsy da porta.

“Casey acabou de apertar minha mão”, disse Drew.

"O que?"

"Você consegue fazer de novo, Casey? Consegue?" perguntou Jeremy.

Estou tentando, droga, estou tentando.

“Nada”, disse ele.

“Você provavelmente estava imaginando coisas”, disse Patsy.

“Eu sei o que senti”, argumentou Drew.

Patsy aproximou-se da cama e segurou a outra mão de Casey. "Está bem, Casey, se você me entender, aperte minha mão."

Droga, Eu o quebraria se pudesse.

“Não sinto nada.”

“Ela apertou minha mão”, insistiu Drew. “Ela entende.”

“Mesmo que ela tenha apertado sua mão”, disse Jeremy, “isso não significa que ela estava reagindo a algo específico.”

“O que isso significa ?”, perguntou outra voz, entrando na sala.

Warren, Casey percebeu, com uma sensação de afundamento no estômago. Há quanto tempo ele estava parado ali?

“Foi muito provavelmente um espasmo muscular involuntário”, explicou Jeremy.

“Mas pode ser mais do que isso”, disse Drew. “Pode significar que Casey está começando a recuperar o uso das mãos. Pode significar que ela está tentando se comunicar. Não é possível?”

"Poderia", admitiu Jeremy. "Mas não devemos criar muitas expectativas ainda."

“O Jeremy tem razão”, disse Warren, tirando a mão de Casey da de Patsy e levando-a aos lábios, beijando delicadamente a ponta de cada dedo. “Só nos resta esperar para ver.”

22

Era meia -noite e a casa estava completamente silenciosa.

Casey permanecia imóvel na cama, completamente desperta apesar da hora avançada.

Quanto tempo havia se passado desde o episódio mais cedo naquele dia, quando ela apertara a mão da irmã? Quantas horas ela passara repassando cada detalhe do que acontecera? Ela realmente apertara a mão de Drew e, se sim, fora um ato deliberado ou apenas um espasmo muscular involuntário, como Jeremy sugerira?

Warren estava realmente curioso para saber a resposta. Ele não havia saído do lado dela a tarde toda. Ficou sentado ao lado da cabeça dela, observando-a atentamente para detectar o menor movimento, almoçando em sua cadeira e dispensando o jantar, ocasionalmente pegando a mão dela na sua e a incentivando, com uma voz suave e gentil, a apertar seus dedos se ela entendesse algo do que ele estava dizendo. "Eu te amo muito", ele sussurrou em mais de uma ocasião, alto o suficiente para ser ouvido por qualquer outra pessoa que estivesse na sala.

Será que eles foram tão facilmente enganados? Casey se perguntou, e então respondeu à própria pergunta. Claro que foram. enganado. Ele enganara a todos. E ela — a maior tola de todas.

Jeremy saiu assim que terminou sua sessão de terapia, dizendo a Warren que estava muito satisfeito com o progresso de Casey e que a veria novamente na segunda-feira. Drew ficou até o final de Guiding Light antes de beijar a testa de Casey e, depois de lembrar Warren de sua promessa de aumentar a mesada dela, ela prometeu voltar na tarde seguinte e trazer Lola com ela. Patsy entrou e saiu do quarto o dia todo, aparentemente cuidando de Casey, mas principalmente mimando Warren, até que, relutantemente, se recolheu para dormir por volta das onze horas. Warren permaneceu ao lado da cama de Casey até o final do programa do David Letterman. Então, ele apertou o botão de ligar/desligar do controle remoto da TV e mergulhou o quarto em silêncio.

Desde então, era sempre assim, pensou Casey, ouvindo os diversos rangidos e estalos que uma casa faz quando todos estão dormindo. Todos, menos eu, pensou

ela, percebendo que nas últimas vinte e quatro horas não havia perdido a consciência nenhuma vez, que estivera acordada a cada segundo, a cada minuto, a cada hora do dia. Não houve apagões misericordiosos, nenhum alívio da monotonia de ficar deitada de costas por horas a fio, ouvindo as vozes da televisão competirem com a tagarelice insana de Patsy ou as falsas declarações de amor de Warren. Só Drew lhe proporcionara a tão necessária dose de adrenalina. O fato de ela ter conseguido apertar a mão de Drew...

Será que ela tinha feito isso? Ou teria sido apenas um desejo da irmã?

E o fato de ela não estar mais perdendo muito peso era o que a diferenciava. Períodos de tempo eram algo a ser celebrado ou algo a ser lamentado? Ela estava melhorando ou estava ainda pior do que antes?

Como algo poderia ser pior?, ela se perguntou, percebendo uma leve mudança no ar.

Algo estava acontecendo.

Alguém estava chegando.

Casey sentiu seu coração acelerar. Alguém a observava da porta.

“Casey”, disse o marido dela depois de alguns minutos. “Você está acordada?”, perguntou ele, como se esperasse uma resposta.

O que ele estava fazendo ali? Casey se perguntou. Teria ele vindo terminar o que começara?

Como? Segurando um travesseiro sobre o nariz e a boca dela até que ela parasse de respirar? Injetando uma bolha de ar em suas veias com uma seringa hipodérmica? "Eu não sei o que aconteceu", ela quase podia ouvi-lo soluçando para os paramédicos que correram para o local, o marido transtornado tentando assimilar essa última tragédia. "Eu entrei para ver como ela estava e soube imediatamente que algo estava errado."

Ou ele esperaria pacientemente até que Patsy a encontrasse pela manhã?

Não era esse o seu modo de operar habitual — manter-se um passo à frente?

“Não consegui dormir”, disse Warren a ela agora, com a voz firme e calma enquanto atravessava o quarto para ficar perto da janela ainda aberta. “E você?”

Será que ele estava ali apenas para conversar? Casey se perguntou. Será que ele estava com dificuldade para dormir, como às vezes acontecia, e por reflexo se voltou para ela, como frequentemente fazia, em busca de conforto no meio da noite?

Por que você está aqui?

“O dia está lindo. Quente. Uma brisa suave. O céu está estrelado. A lua está quase cheia.

Você ia adorar.”

Eu te amei. Com todo o meu coração e alma. Como você pôde fazer isso comigo?

“Então, é verdade?”, perguntou ele, aproximando-se lentamente da cama. “Você realmente apertou a mão da Drew?” Ele pegou a palma da mão dela na sua. “E se apertou, se não foi apenas fruto da imaginação fértil da sua irmã, a questão é: foi apenas um espasmo muscular ou você estava tentando se comunicar?”

Então eles passaram as últimas horas acordados pelas mesmas perguntas incômodas, pensou Casey, atormentados pelas mesmas coisas. Eles ainda estavam em sintonia, mesmo agora.

Só que eles nunca estiveram realmente em sintonia. Tudo não passava de uma farsa.

"Preliminares", ela zombou.

Matar.

Warren apertou os dedos de Casey. "Você pode me contar, Casey", sussurrou ele sedutoramente. "Você sabe que nunca conseguiu esconder nada de mim."

Ele tem razão, pensou Casey. Ela sempre fora uma pessoa completamente transparente com ele.

“Diga-me, o que você pensa, deitado aqui o dia todo e a noite toda? Você entende alguma coisa do que está acontecendo?”

Não. Não entendo nada, muito menos você.

"Não consigo imaginar o quão frustrante isso deve ser, supondo que você entenda. Sem mencionar o quão aterrorizante. E entediante. E humilhante. E sabe-se lá mais o quê. Acho que eu já estaria furioso se fosse você. Você está furioso, Casey?"

Talvez. Talvez eu seja.

Você tem noção do tempo? Das horas da sua vida que passam lentamente por você?

A cada hora, a cada minuto, a cada segundo.

“Então, no que você está pensando? Você pensa em mim? Você pensa em como éramos felizes?” Ele sentou-se na beirada da cama dela e começou a acariciar distraidamente a coxa dela por cima do fino cobertor que a cobria.

"Ah, Warren", pensou ela, sentindo um formigamento no corpo ao toque da mão dele, apesar de tudo. " Nós éramos felizes, não éramos?"

“Tenho que admitir, sinto sua falta. Sinto falta das nossas conversas interessantes. Sinto falta da sua risada. Sinto falta de como você se aconchegava em mim na cama, do jeito que você encostava seu bumbumzinho fofo na minha barriga. E sinto falta do jeito que você me tocava.” Ele pegou a mão de Casey e a levou lentamente até sua perna. “Aqui”, disse ele, guiando a mão dela por baixo do seu roupão de seda até sua coxa nua. “E aqui.” Ele empurrou a mão dela em direção à sua virilha. “Você sente falta disso?”, sussurrou, movendo a mão dela ainda mais para cima.

O que ele estava fazendo? Casey se perguntou. Não, isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo.

“Já faz tanto tempo”, disse ele. “E eu tenho sido um bom menino. Você ficaria tão orgulhosa de mim. Na verdade, acho que tenho sido um marido melhor desde o acidente do que antes.

Mais atencioso, mais ponderado. Certamente mais fiel.”

O que você está dizendo agora? Que me foi infiel?

“Você nunca teve a menor ideia, não é?” perguntou Warren. “Aposto que nem a menor pista. Essa sempre foi uma das suas maiores qualidades — a sua ingenuidade. Apesar da sua criação, Você ainda acreditava no casamento e na monogamia. Você ainda acreditava em contos de fadas.”

Casey percebeu, com um tremor invisível, que seu marido estava falando dela no passado.

“Embora eu deva admitir que, ao contrário do seu pai, eu fui muito discreto.”

Por que você está me dizendo isso? Está esperando algum tipo de reação?

Warren se aproximou mais, seus lábios roçando o canto da boca dela. Até onde ele iria com isso? Casey se perguntou, desejando poder virar o rosto, puxar a mão e usá-la para lhe dar um tapa forte no rosto. Era isso que ele queria?

Ela sentiu de repente a mão dele em sua garganta, sentiu os dedos deslizarem por seu pescoço e pararem no espaço entre seus seios.

"Seus seios vão crescer", Gail havia dito durante o último almoço que tiveram juntas, logo depois de Casey ter lhe contado sobre seus planos de engravidar. O fato de ela realmente ter considerado ter filhos com aquele homem a fazia querer vomitar.

Será que ele conseguia sentir a repulsa dela? Casey se perguntou, prendendo a respiração enquanto a mão de Warren pairava por alguns segundos sobre seu mamilo direito, para depois se retirar silenciosamente.

“Acho que você realmente não consegue se mexer”, disse ele depois de mais alguns segundos. Ele se levantou, deixando a mão que segurava cair sobre o colchão, como um peixe morto. “Desculpe. Eu precisava ter certeza de que você não estava... qual é a palavra que o Dr. Keith usou? Fingindo? Isso, era essa. Uma palavra bem rebuscada. Enfim, esse foi o meu pequeno teste, por mais heterodoxo que tenha sido. E embora eu admita que o achei desconcertantemente mais agradável do que eu esperava, necrofilia não é bem a minha praia.” Casey sentiu o marido se mexer. inquieto, ele se movia pela sala. "Então, o que fazer, o

que fazer", murmurou. "Você é um verdadeiro enigma, Casey. Você sabe disso? O que eu vou fazer com você?"

Você já não fez o suficiente?

Ele se aproximou repentinamente, agarrou seu queixo com força e ergueu seu rosto à força.

"Você consegue ver esta luz? Consegue?"

O que ele estava fazendo? Estava apontando alguma coisa nos olhos dela?

“Nenhum sinal de alerta, nem forte nem fraco”, disse ele com evidente alívio. Casey ouviu um barulho de algo se mexendo e deduziu que ele estava guardando uma lanterninha no bolso do roupão. “Então, sabemos que você ainda não consegue enxergar. Mas é só uma questão de tempo, não é? E o timing é tudo. Certo? Certo? Droga, Casey. Você está aí?

Consegue me ouvir? Tem alguma ideia do que está acontecendo? Merda”, exclamou ele, soltando o queixo dela.

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou Patsy da porta.

Casey ouviu Warren ofegar, sentiu-o sobressaltar-se.

"Sinto muito", Patsy se desculpou imediatamente. "Não queria te assustar."

Casey imaginou os dois em pé, em lados opostos da cama, Warren com seu roupão listrado em preto e dourado, e Patsy com uma camisola longa, provavelmente fina, que sem dúvida revelava um decote considerável.

“Há quanto tempo você está aí parado?”, perguntou Warren.

“Só alguns segundos. Achei que tinha ouvido vozes.”

“Infelizmente, só o meu”, disse Warren, pontuando a frase com uma leve risada de constrangimento.

"Que gesto bonito", pensou Casey.

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou Patsy. "A Casey está bem?"

“Ela está bem. Eu simplesmente não consegui dormir”, explicou Warren. "Pensei que poderia muito bem levantar e ver como ela estava."

Tão atencioso. Sempre pensando nos outros.

“Posso preparar algo para você comer? Você não jantou. Deve estar morrendo de fome.”

"Na verdade."

“Que tal um chá?”

“Não. Obrigada. Você deveria voltar para a cama. Amanhã promete ser um dia bem agitado.

Desculpe se te acordei.”

“Não se preocupe. Eu tenho sono leve. Na verdade, você me salvou de um pesadelo muito desagradável.”

"Sério? Sobre o que era mesmo?"

“Coisas típicas de pesadelo. Um homem sem rosto, armado com uma faca, me perseguindo por um beco escuro, e eu gritando, mas ninguém conseguia me ouvir. E ele estava cada vez mais perto...”

“Ele te pega?”

“Não. Como eu disse, você me salvou.”

Muito ruim.

“Meu herói”, disse Patsy.

"Fico feliz em poder ajudar."

"Você já teve pesadelos?", perguntou Patsy.

“Não desde que eu era criança. Pelo menos não que eu me lembre.”

“Você tem sorte. Eu me lembro de todos os meus sonhos. Tem um em que estou

em um palco, prestes a fazer um discurso — só Deus sabe por quê, porque nunca fiz um discurso na minha vida — e olho para baixo e percebo que estou completamente nu."

Muito bem, Patsy. Faça com que ele se concentre em seus ativos mais tangíveis.

Warren deu uma risadinha. "Acho que esse é um sonho bastante comum."

"O que você acha que isso significa?"

Por favor, poupem-me das interpretações de sonhos pueris.

"Para mim, parece algum tipo de ansiedade de desempenho."

"Você já passou por isso? Quero dizer, no tribunal, não em... Você sabe o que quero dizer."

Tenho certeza que sim.

"Eu não vou ao tribunal."

"Não?"

"Eu não sou advogado de litígios."

"Em que área do direito você atua?", perguntou Patsy. "Uma vez perguntei para a Janine, mas ela foi um pouco vaga."

"Vago?", repetiu Warren, rindo. "Não é uma palavra que eu normalmente associaria à Janine."

Casey gemeu. Será que ela realmente tinha que ser uma ouvinte involuntária dessa sedução mútua grotesca? Será que sua condição já não era lamentável o suficiente?

"Eu trabalho principalmente com direito corporativo e comercial", continuou Warren. "E

ultimamente, também um pouco com planejamento estratégico."

"O que é isso?"

“Aconselho empresas sobre a melhor forma de atingir seus objetivos e as ajudo a elaborar um plano para concretizá-los.”

Você não é muito bom nisso, né?

“Parece muito complicado.”

“Tudo parece complicado às três da manhã.”

"Que tal algo gostoso e simples como uma xícara de chocolate quente?", sugeriu Patsy.

Bela transição, Patsy. Estou impressionado.

“Isso pode te ajudar a dormir”, acrescentou ela.

“Não quero te causar nenhum problema.”

“Não é nenhum incômodo. De verdade.”

“Claro, chocolate quente parece uma boa ideia...” Um soluço ficou preso na garganta de Warren. “Me desculpe”, disse ele, com a voz subitamente embargada pelas lágrimas. “Me desculpe.”

Acho que ele não é muito fã de chocolate quente.

Casey sentiu Patsy correr para o lado de Warren e abraçá-lo, com a cabeça dele caindo em seu ombro enquanto chorava.

"Está tudo bem", ela ouviu Patsy dizer. "Desabafe. Desabafe."

“É simplesmente horrível.”

"Eu sei."

Você não faz ideia.

"Eu sinto muito."

“Não seja.”

“Estou tentando me manter forte por Casey...”

“Ninguém consegue ser forte 24 horas por dia.”

“Às vezes me sinto tão desesperado.”

Isso é mais do que desesperador. Eu sei que são três da manhã, Patsy, mas acorda, garota. O

homem é um assassino a sangue frio.

Casey sentiu a frustração começar a corroer seu estômago. Queria agarrar Patsy pelos ombros e sacudi-la para ver se ela conseguia enxergar a realidade. Claro. Como se eu tivesse moral para julgar. Só um coma me fez acordar.

“Você está fazendo tudo o que é humanamente possível”, disse Patsy para ele.

“Mas não é suficiente, não é? Nunca é suficiente.”

"Não faça isso consigo mesmo, Warren", insistiu Patsy.

“Sinto-me um completo fracasso.”

“Você não é um fracasso. Você é o melhor homem que eu conheço.”

E de repente o quarto ficou em silêncio, e Casey pôde ver, mesmo sem enxergar, que as posições haviam se invertido, que agora era Patsy quem estava nos braços de Warren , e que os lábios dele pressionavam ternamente os dela.

"Ai, meu Deus, me desculpe", Warren se desculpou imediatamente, recuando. "Me desculpe mesmo. Por favor, me perdoe."

"Está tudo bem", Patsy apressou-se em assegurar-lhe.

Não está tudo bem. Não sei o que me deu.”

“Está tudo bem. Eu entendo.”

“Como eu poderia fazer uma coisa dessas?”

“Não aconteceu nada, Warren.”

“Eu te coloquei numa posição insustentável. Entenderei perfeitamente se você quiser ir embora.”

“Não vou a lugar nenhum.”

“Eu não tinha esse direito.”

Você estava chateado(a). Você estava extremamente preocupado(a).

“Isso não é desculpa.”

"Está tudo bem", disse Patsy novamente. "A culpa foi tanto minha quanto sua."

Outro silêncio. Então a voz de Warren: “Você é tão doce. Casey tem sorte de ter você. Nós dois temos sorte”, acrescentou ele.

Casey sentiu um sorriso lento surgir no rosto iluminado pela lua de Patsy. "Que tal eu ir preparar aquele chocolate quente agora?"

Que tal você pular de um píer e se afogar?

"Acho que devia dormir um pouco", disse Warren, caminhando em direção à porta.

"Claramente, não estou pensando direito."

"Te vejo amanhã de manhã", disse Patsy, seguindo-o.

“Sinto muito mesmo...”

"Sobre o quê?", perguntou Patsy, como se realmente não fizesse a menor ideia.

"Obrigado."

Boa noite, Warren.

Boa noite, Patsy.

Segundos depois, Casey ouviu as portas dos quartos de Warren e Patsy se fecharem.

Segundos depois disso, sentiu um movimento nos dedos e percebeu que suas mãos estavam cerradas em pequenos punhos ao lado do corpo.

23

“D OROTHEA, SENTINDO-SE MUITO CANSADA, Ela ligou e pediu a Tantripp que lhe trouxesse alguns xales. Estava sentada imóvel havia alguns minutos, mas não em recapitulação do conflito anterior: simplesmente sentia que ia dizer “Sim” à sua própria ruína: estava fraca demais, tomada por um pavor enorme só de pensar em desferir um golpe certeiro no marido, para fazer qualquer coisa além de se submeter completamente.

Permaneceu sentada e deixou que Tantripp colocasse seu gorro e xale, uma passividade incomum para ela.

“Certo”, disse Janine, interrompendo a própria leitura. “Chega por hoje. Receio que a passividade da pobre Dorothea esteja começando a me irritar. Que tal mudarmos o foco para algo um pouco mais impactante, como a edição atual da Vogue, que por acaso eu trouxe?” O farfalhar de objetos, o virar de páginas. “Você sabia que o visual hippie — Deus, que horror! — está voltando para o outono? Outono! Dá para acreditar? Mal começou o verão e já estão falando do próximo outono. Não aguento mais.” Ela colocou a revista na cama, sua mão roçando a de Casey.

Lentamente, com cuidado, Casey estendeu os dedos em direção aos de Janine.

“Temos uma visita”, anunciou Warren, entrando na sala.

Imediatamente, os dedos de Casey recuaram. Ele os tinha visto? Janine os tinha visto?

“Detetive Spinetti”, disse Janine, com a surpresa evidente em sua voz.

Detetive Spinetti? Graças a Deus que você está aqui.

“Sra. Pegabo”, respondeu o detetive. “Que bom vê-la novamente.”

Drew te ligou? Foi por isso que você veio?

Houve alguma novidade?

“Não, receio que não.”

Ah, mas você está enganado. Houve todo tipo de desenvolvimento. Há tanta coisa que eu preciso te contar.

"O que aconteceu com Richard Mooney?", perguntou Janine.

“O porteiro do prédio da mãe dele corroborou o álibi. Ele se lembrou de tê-lo visto por volta da hora do acidente de Casey, então...”

“ O acidente de Casey ?”, enfatizou Warren.

Mas não foi um acidente. Não foi.

“Ainda não estamos completamente satisfeitos...”

Estou lhe dizendo que não foi um acidente!

“...mas não temos provas de que tenha sido outra coisa.”

"Vocês nunca encontraram o SUV que a atropelou?", perguntou Janine.

“Ainda estamos procurando. Mas, sendo realista, provavelmente já virou sucata.”

"E presumo que não haja novos suspeitos?", afirmou Warren.

"Receio que não."

E quanto aos antigos suspeitos? E quanto ao homem que está bem na sua frente?

“Continuamos vigilantes.”

Não, você não está. Você está olhando diretamente para a pessoa que orquestrou tudo isso e não a vê de jeito nenhum. Será que todos estavam tão cegos quanto Dorothea? Será que ninguém conseguia enxergar o que era "bem óbvio"?

“Por favor, não pensem que estamos desistindo do caso. Não estamos. Às vezes, essas coisas simplesmente levam tempo, e precisamos ser pacientes e esperar por uma oportunidade.”

“Então, por que você está aqui, detetive?”, perguntou Warren.

"Ouvi dizer que a Sra. Marshall tinha recebido alta do hospital e pensei em dar uma passada para ver como ela estava."

“Bem, isso foi muito atencioso”, disse Warren, conseguindo soar como se estivesse falando sério. “Como vocês podem ver, não houve nenhuma mudança real.”

Pelo contrário, houve muitas mudanças. Olhe para mim, detetive Spinetti. Olhe para mim.

“Como você está se virando?”

“Estamos bem. Tivemos alguns sustos com relação à pressão arterial da Casey. Ela ainda está muito frágil, obviamente.”

Eu não sou frágil. Segure minha mão, Detetive Spinetti. Vou lhe mostrar o quão frágil eu sou.

“Mas Casey está sendo bem cuidada. Ela tem uma enfermeira e uma terapeuta, além de seus amigos a visitarem quase todos os dias.”

“E a irmã dela?”

“E quanto a ela?”

“Ela esteve aqui ultimamente?”

“Sim. Por quê?”

"Só perguntando."

Você está perguntando sobre a pessoa errada. Drew não teve nada a ver com isso.

“Bem, eu só queria dar uma passada para prestar minhas homenagens.”

“Agradeço tudo o que você fez, detetive.”

Não, não vá embora. Olhe para mim. Segure minha mão.

"Posso acompanhar o detetive Spinetti até a saída", disse Patsy.

Quanto tempo Patsy estava parada ali? Casey se perguntou, sentindo de repente o aroma de lavanda acariciar seu nariz.

“Boa sorte, Casey”, disse o detetive Spinetti.

Segure minha mão. Por favor, segure minha mão.

Os dedos dele roçaram os dela, e ela sentiu o corpo se agitar.

“Adeus, detetive”, disse Janine.

“Sra. Pegabo, Sr. Marshall”, disse o detetive Spinetti, retirando a mão e saindo rapidamente da sala.

Não! Volte. Volte.

"O que foi isso?" perguntou Janine enquanto a porta do andar de baixo se abria e fechava.

"Não sei."

“Parecia que ele ainda considera Drew um suspeito.”

"Deu certo, não é?", concordou Warren, mal conseguindo disfarçar a nota de satisfação em sua voz.

"O que você acha?"

"Já não sei o que pensar." Warren soltou um longo e profundo suspiro. "Então, como estão as coisas no trabalho? Parece que você não tem passado muito tempo lá."

“Não. Eu meio que deixei as coisas de lado.”

“Ninguém espera que você venha todos os dias, sabe?”

"Eu sei."

Outro suspiro, seguido de uma longa pausa.

“Você não tem motivo para se sentir culpado”, disse ele.

“Quem disse que eu me sinto culpado?”

“Não é?”

"Você?"

O que você está falando?

"A vida é muito curta para arrependimentos", disse Warren, enquanto o aroma de lavanda retornava.

Arrependimento de quê? Sentir-se culpado por quê?

"Alguém quer alguma coisa?", perguntou Patsy. "Um café ou talvez um chá de ervas?"

"Pensei que você tivesse uma governanta para esse tipo de coisa", comentou Janine.

“Ela não trabalha aos fins de semana.”

“Mas a Patsy faz isso?”

"Por enquanto."

“Fico feliz em poder ajudar”, disse Patsy.

“Uma verdadeira pequena Santa Teresa”, disse Janine.

"Quem?"

"Nada."

A campainha tocou.

"Eu vou conseguir", disse Patsy.

“Manhã agitada”, comentou Janine.

Segundos depois, a porta da frente se abriu e a voz aguda de uma criança subiu as escadas correndo. "Tia Casey! Cheguei!"

“Mais diversão e jogos”, disse Warren.

Um barulho alto de passos na escada, seguido por uma série de gritos alegres. "Tia Casey, espere até ver o que eu fiz para você!"

"Calma aí, Lola", advertiu Warren quando a menina entrou correndo na sala.

Casey imaginou sua sobrinha com um vestido branco cheio de babados e um laço rosa em seus longos e finos cabelos, embora, muito provavelmente, ela estivesse usando shorts e uma camiseta, com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, exatamente como sua mãe ficava naquela idade.

“Eu pintei um quadro para a tia Casey. Você quer ver?”

"Com certeza", disse Warren. "Nossa. O que é isso?"

“É uma zebra.”

“Eu pensava que as zebras eram pretas e brancas.”

“Esta é uma zebra especial. Ela é preta, branca, laranja e vermelha.”

"É muito bonito", disse Janine. "Tenho certeza de que sua tia Casey vai adorar."

"Posso mostrar para ela?" Casey sentiu o corpo da criança bater contra a lateral da cama.

“Ela não consegue ver nada agora, querida”, explicou Warren. “Mas que tal eu colar na parede, bem aqui, e assim ela verá assim que acordar?”

"OK."

“Vou buscar a fita.”

“Não vá embora por minha causa”, disse Drew, entrando na sala.

“Já volto.”

"Ele está pegando fita adesiva para a minha foto", explicou Lola enquanto subia na cama e se acomodava aos pés de Casey.

Casey sentiu um arrepio nos dedos dos pés.

“Oi, Janine”, disse Drew. “Que bom te ver de novo.”

Você acabou de perder o detetive Spinetti.

“Sério? O que ele estava fazendo aqui?”

“Aparentemente, ele só queria ver como Casey estava.”

Drew aproximou-se da cama e tocou na coxa da irmã. "Interessante. E como ela está ?" Ela retirou a mão no exato momento em que Casey começou a flexionar o tornozelo direito.

“Mais ou menos a mesma coisa.”

“Você ainda está lendo aquele livro para ela?”

“É um presente que continua a dar frutos.”

Drew riu. Casey começou a mexer os dedos dos pés debaixo do cobertor.

Olha para os meus pés, Drew. Por favor, olha para os meus pés.

“Eu também tenho um livro”, disse Lola. “Onde está o meu livro, mamãe?”

"Está em algum lugar na minha bolsa. As bolsas são tão grandes hoje em dia que dá para colocar praticamente a vida inteira dentro delas. O problema é que são tão pesadas que acabam com os ombros. Meu Deus..."

Você viu isso? Você viu meus dedos dos pés se mexendo?

"Será que meus olhos estão me enganando?", perguntou Drew. "Essa é mesmo a nova Vogue ?"

"Acabou de sair do forno."

“Não sabia que já tinha sido lançado. Posso ver?”

Olhe para mim, pelo amor de Deus.

“Cuidado. É quase tão pesado quanto sua bolsa.”

"Quero meu livro", exigiu Lola.

“Desculpe, Lola. Parece que esqueci de trazer. Você não pode improvisar?”

O que significa "improvisar"?

“Invente alguma coisa”, aconselhou Drew, sentando-se numa cadeira próxima e começando a folhear as páginas da Vogue . “Ah, ótimo. O visual hippie está voltando. Adoro isso.”

"Tudo bem, vou improvisar." Lola deu uma risadinha. "Já que a tia Casey ainda está dormindo, vou contar a ela a história da Bela Adormecida."

“Muito apropriado”, disse Janine.

“Era uma vez”, começou Lola, “um rei e uma rainha que se amavam muito. Não é, mamãe?”

"O que?"

“Você não está ouvindo.”

“Mamãe está lendo a revista dela. Mas a tia Casey está ouvindo, e isso é o que importa. Vai, conta a história para ela.”

“O rei e a rainha acabaram de ter um bebê, então decidiram dar uma grande festa”, continuou Lola, com a voz cada vez mais animada enquanto contava a história de memória.

“E convidaram todo o povo do reino, e todas as fadas vieram. Só que o rei se esqueceu de convidar uma das fadas, e ela ficou tão brava que invadiu a festa, e quando chegou a sua vez de dar a bênção ao bebê, lançou uma maldição. Disse que quando a princesa completasse dezesseis anos, espetaria o dedo numa roca de fiar e morreria. Foi uma coisa muito maldosa, não foi, mamãe?”

“Com certeza foi”, respondeu Janine quando Drew não respondeu.

“Mas, por sorte”, continuou Lola, tropeçando na palavra difícil, “uma das fadas

boas conseguiu mudar a maldição da fada má, de modo que a princesa não morreria. Ela apenas adormeceria por cem anos.”

“Olha o que eu encontrei”, disse Warren, voltando para a sala. “Uma fita adesiva mágica.”

"É mesmo mágica?", perguntou Lola, com a voz cheia de admiração.

“Bem, acho que vamos descobrir. Deixe-me ver sua foto.”

“Podemos colocar bem ao lado da cabeça da tia Casey?”

“Podemos colocar perto. Que tal bem aqui?”

“Que bom. Você acha que ela vai gostar?”

“Acho que ela vai adorar”, disse Warren.

“Lola tem nos entretido com a história da Bela Adormecida”, disse Janine.

"Mamãe esqueceu de trazer meu livro, então estou improvisando", esclareceu Lola.

A campainha tocou novamente.

"Eu pego", gritou Patsy para o andar de baixo.

“Muito útil”, disse Janine.

“Então, na esperança de afastar o feitiço maligno”, Lola recitou de memória, retomando os fios da sua história como se não tivesse havido interrupções. “O que significa 'afastar'?”

“Prevenir”, explicou Janine. “Garantir que isso não aconteça.”

“Ah. Certo. Então, na esperança de afastar o feitiço maligno”, repetiu Lola, “o rei mandou destruir todas as rodas de fiar do reino. Mas ele deixou uma de fora.”

“Primeiro ele se esqueceu de convidar uma das fadas, depois deixou passar uma das rocas.

Que rei descuidado!”, comentou Janine.

“Olá a todos”, disse Gail da porta.

"Oi, estranho", disse Janine, com um tom incisivo. "Ela está tão ocupada com o novo namorado que não a vejo mais."

"Isso não é verdade", respondeu Gail, com uma risadinha tímida. "Como está Casey?"

“Muito bom”, disse Warren. “Você se lembra da irmã do Casey, não é?”

“Claro. Como você está, Drew?”

"Tudo bem. Estou me atualizando sobre as últimas tendências da moda." Casey imaginou-se erguendo a revista para Gail dar uma olhada.

"Eu sou Lola", anunciou a filha de Drew.

“Muito prazer em conhecê-la, Lola. Você é a cara da sua mãe.”

“Estou contando a história da Bela Adormecida para a tia Casey.”

“Que ótima ideia.”

“Estou na parte em que o bebê cresce e se torna uma linda princesa”, explicou Lola. “E

como, no seu décimo sexto aniversário, ela encontrou um quartinho escondido no topo da escada, e lá estava uma roca de fiar.”

"E depois, o que aconteceu?", perguntou Gail, conseguindo parecer genuinamente curiosa.

"Bem, ela não sabia o que era, então foi se aproximando cada vez mais, estendeu a mão e então... tocou naquilo."

"Oh não."

“E, como previsto, ela espetou o dedo e caiu no chão, dormindo profundamente.”

Casey sentiu os dedos dos pés se curvarem para se agarrarem ao lençol. Ela começou a movê-los para frente e para trás.

“E então o rei e a rainha adormeceram profundamente, e depois os servos, e todo o povo do reino. E vinhas começaram a crescer nas muralhas do castelo, até que logo havia tantas vinhas que ninguém conseguia passar. E cem anos se passaram e... Ei!”

"Qual é o problema, querida?", perguntou Warren.

“A tia Casey me cutucou.”

Oh meu Deus.

"O quê?" perguntaram três vozes em uníssono, todos se lançando em direção à cama enquanto Casey prendia a respiração.

"Onde ela te cutucou?", perguntou Warren.

"Na minha bunda", disse Lola.

Lola foi rapidamente retirada da cama e o cobertor de Casey foi afastado.

“Ela segurou minha mão ontem”, disse Drew.

"Ela fez isso?", perguntaram Janine e Gail ao mesmo tempo.

“Provavelmente foi apenas um espasmo muscular”, disse Warren.

“Casey”, insistiu Drew, “se você consegue nos ouvir, mexa os dedos dos pés.”

Casey não sabia o que fazer. Mais importante, o que Warren faria quando percebesse que ela estava melhorando? Ela ainda estava a semanas, provavelmente meses, de recuperar totalmente o uso dos membros. Se Warren Sabia que estava começando a recuperar o controle dos músculos, que estava prestes a conseguir se comunicar. Será que isso aceleraria os planos dele, a tornaria um alvo fácil? Ela precisava de tempo — tempo para ficar mais forte, tempo para decidir o que fazer.

"Você consegue nos ouvir, Casey?" perguntou Drew. "Mexa os dedos dos pés."

Desculpe, Drew. Não posso correr esse risco. Ainda não. Não enquanto ele estiver por perto.

"Nada", disse Warren após alguns segundos.

"Tem certeza de que você não pisou nos dedos do pé dela?", perguntou Drew à filha, em tom de acusação.

"Não sei", admitiu Lola, com voz chorosa. "Talvez."

"Casey, você pode mexer os dedinhos do pé para nós?", perguntou Janine.

“Ainda nada”, disse Gail após mais dez segundos.

“Sabe o que eu acho?” perguntou Warren, devolvendo o cobertor aos pés de Casey. “Acho que seria uma boa hora para uma pausa para leite e biscoitos. O que você acha, Lola?”

“Que tipo de biscoitos?”

“Crocante de manteiga de amendoim.”

“Eles são os meus favoritos.”

“Achei que pudessem ser. Por que não descemos e pedimos à Patsy para pegar alguns para você?”

“Por que você não traz mais alguns para cá?”, sugeriu Drew, voltando para o seu lugar.

“Que bom que o estado de saúde da sua irmã não afetou seu apetite”, disse Warren, conduzindo Lola para fora do quarto.

Casey soltou um profundo suspiro de alívio. Ela precisava estar mais cuidadosa. Ela precisava encontrar uma maneira de contar aos outros sobre seu progresso sem alertar Warren.

“Então, o que está acontecendo com você?”, perguntou Janine à amiga. “Como estão as coisas com o Stan?”

"Ótimo", disse Gail timidamente. "Está tudo bem."

“Quando é que vou conhecê-lo?”

"Breve."

“Ela vem dizendo isso há semanas”, disse Janine a Drew. “Nem me disse o nome dele até alguns dias atrás. Não estou convencida de que esse cara sequer exista.”

"Ele existe", disse Gail, com uma risadinha nervosa entremeando suas palavras.

“Prove isso.”

“Não tenho que provar nada.”

“Vamos jantar todos juntos no próximo sábado. Você também, Drew.”

"Não posso", disse Gail rapidamente.

"Por que não?"

“Estarei ausente no próximo fim de semana.”

“Como assim, você vai ficar fora? Você nunca vai a lugar nenhum.”

“Vou viajar no próximo fim de semana.”

“Com Stan?”

A respiração de Gail tremia no ar. "Sim."

“Não acredito. Há quanto tempo você está dormindo com ele? Ele é bom de cama?”

"Você pode simplesmente ouvi-la?", disse Gail, com um riso constrangido substituindo a risadinha nervosa.

"Ele é?" perguntou Drew.

“Meu Deus, vocês dois...”

"Bem?"

“Não sei”, respondeu Gail. “Eu não... nós não...”

"Ah, não aguento mais", disparou Janine. "O que você está esperando?"

"No próximo fim de semana?", respondeu Gail.

Dessa vez, todos riram.

Mais tarde, depois que todos foram embora, Warren voltou para o lado da cama de Casey.

"Dia agitado", comentou ele, puxando novamente o cobertor de seus pés. "Você deve estar exausta. Toda essa agitação. Todo esse esforço."

Casey sentiu os dedos dele fazerem cócegas na sola do seu pé, e o pé dela recuou reflexivamente ao toque dele.

“Então me diga, Bela Adormecida. Foi só mais um espasmo muscular involuntário?” Ele apertou os dedos dos pés dela com força antes de recolocá-la sob o cobertor. “Uma pena que o Detetive Spinetti tenha perdido toda a emoção.”

Ele vai voltar. Você não vai enganá-lo para sempre.

“Você não me engana, sabia?”, disse ele. “Eu sei que você está melhorando. Sei que você entende cada palavra que eu digo. Assim como sei que você não está realmente dormindo.

A beleza nunca dorme, não é?”, perguntou ele, beijando sua testa.

Suas palavras permaneceram na sala muito tempo depois de ele ter saído.

A beleza nunca dorme, sussurravam as paredes. A beleza nunca dorme.

24

“ Bem , bem”, disse Patsy, entrando no quarto e circulando a cama, puxando os cobertores de Casey num movimento contínuo. “Como estamos nos sentindo hoje? Dormimos bem?”

dormimos nada, pensou Casey, sentindo a jovem puxar seus cobertores e lençol de cima até conseguir libertá-los do colchão. O ar frio e climatizado envolveu imediatamente as pernas nuas de Casey, e ela estremeceu, embora duvidasse que isso fosse visível, ou que Patsy percebesse mesmo se fosse.

“É segunda-feira”, anunciou Patsy alegremente. “O que significa que é dia de lavar roupa, segundo a Sra. Singer. Não que essa seja minha função, mas, como boa funcionária que sou, disse à velha que pegaria seus lençóis para ela. Embora, para chegar ao lençol de baixo, parece que teremos que tirá-la dessa cama e colocá-la nesta cadeira.” Ela suspirou, como se estivesse exausta só de pensar nisso. “Acho que vou esperar o Warren me ajudar com isso.”

Outro suspiro, este decididamente mais sensual do que cansado. “Ele está terminando o banho agora, ficando todo limpinho depois do treino. Tão dedicado, esse seu marido.

Acorda às seis.” “Às sete horas, saio daqui para ir à academia. Volto às oito e meia, pronta para começar o dia. Já te contei que ele me trouxe um cappuccino do Starbucks? Que atencioso, esse seu marido. Enfim, estou de bom humor”, continuou Patsy. “O que é uma sorte para você, porque normalmente eu odeio segundas-feiras. E odeio lavar roupa.

Principalmente a de outra pessoa. Vamos pegar essa fronha.” Sem mais delongas, ela puxou o travesseiro tamanho king de trás da cabeça de Casey, deixando o pescoço dela cair para trás, sem apoio. Casey ficou deitada de bruços na cama, imaginando se Patsy tentaria puxar o lençol de baixo debaixo dela, como se fosse uma toalha de mesa e Patsy uma mágica. O

que deixou Casey… o quê exatamente?

Um lugar à mesa? Uma fruteira?

Natureza morta, pensou ela. É tudo o que sou.

Mas já não estava tão imóvel, pensou ela, sentindo uma onda renovada de excitação e lutando contra o impulso de esticar os dedos das mãos e dos pés, com medo de que Patsy estivesse prestando mais atenção do que ela suspeitava. Quanto menos Patsy soubesse, melhor, Casey decidira nas horas em que ficara acordada depois que Warren saíra de seu lado, horas que passou avaliando sua situação e tentando descobrir o que poderia fazer.

Ela seria capaz de fazer alguma coisa?

Ela não tinha dúvidas de que seus sentidos estavam retornando e se aguçando a cada dia.

Ela podia ouvir; podia cheirar; conseguia distinguir entre quente e frio, duro e macio; conseguia diferenciar o toque indiferente de Patsy do carinho afetuoso de Gail; conseguia

identificar a delicadeza sutil dos lábios de Warren roçando sua testa; conseguia reconhecer a aspereza subjacente às suas intenções por trás da aparente gentileza de suas palavras.

E agora ela conseguia esticar os dedos das mãos e mexer os dedos dos pés. Conseguia fechar os punhos e girar os tornozelos. Em mais uma semana, talvez conseguisse levantar as mãos acima da cabeça. Alguns dias depois, talvez conseguisse tirar os pés da cama.

Talvez até conseguisse andar e, depois, enxergar e falar.

Para contar a todos o que realmente aconteceu.

"Eu sou uma mulher", pensou ela, lembrando-se da letra da antiga canção de Helen Reddy:

" Ouçam meu rugido".

Será que Patsy sabia disso?

Casey respirou fundo várias vezes, tentando acalmar o otimismo crescente, para evitar que suas esperanças se distanciassem demais da realidade. Era

perfeitamente possível que ela já tivesse feito todo o progresso que pretendia, lembrou a si mesma, que talvez nunca mais andasse, ou enxergasse, ou encontrasse sua voz, que ficasse presa assim até o último suspiro, que ninguém jamais soubesse a verdade.

Não, ela não acreditaria nisso. Não conseguia acreditar.

Cada dia trazia alguma melhora, às vezes grande, às vezes pequena, mas sempre significativa. Ela estava gradualmente retornando ao corpo do qual fora arrancada com tanta violência, à mulher que havia abandonado, por mais que contra a sua vontade.

Para si mesma.

Será que ela a reconheceria quando a encontrasse novamente?

E será que ela a encontraria a tempo de salvá-la?

Casey ouviu passos se aproximando pelo corredor.

"O que você está fazendo?", perguntou Warren, entrando no quarto e trazendo consigo uma variedade de aromas de banho: sabonete, xampu, talco.

Casey congelou. Seus pensamentos a haviam traído? Ela... Ela estava cerrando os dedos, mexendo os dedos dos pés? Sua testa estava franzida em concentração, a boca entreaberta em expectativa, como se estivesse prestes a dizer: "Por favor. Você não precisa fazer isso."

“Você não precisa fazer isso”, disse Warren, interrompendo-a.

“Ah, não tem problema nenhum”, assegurou Patsy, enquanto Casey soltava um suspiro de alívio inaudível. “Achei que pudesse ser demais para a Sra. Singer. Ela não é tão jovem quanto eu.”

Não tão jovem quanto você. Boa, Patsy. Você é bem esperta.

“Não é realmente necessário.”

“Bobagem. Casey é minha responsabilidade. Eu quero fazer isso.”

"Obrigado."

“Obrigado pelo cappuccino.”

"Não coloquei canela demais?"

“De jeito nenhum. Foi perfeito.”

“Ótimo. Precisa de ajuda com isso?”

Casey se perguntou se ele estava se referindo a ela ou aos lençóis. Será que ela havia se tornado um "aquilo"?

“Não, mas vou precisar de ajuda para colocar sua esposa na cadeira.”

“Eu farei isso.”

Casey sentiu seus braços fortes imediatamente a alcançarem por baixo do torso, agarrando sua cintura e a parte inferior de seus joelhos.

"Cuidado", alertou Patsy enquanto Warren a erguia no ar. "Não se esforce demais."

“Estou acostumado a levantar pesos muito maiores do que este”, disse Warren.

Então agora ela era "isso".

Um isto e aquilo. Casey riu, embora nenhum som tenha saído.

Warren repentinamente afrouxou o aperto em sua cintura, fazendo com que o corpo dela deslizasse para trás em direção à cama.

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou Patsy. "Você se machucou?"

"Achei que estava sentindo a Casey... Não. É muita loucura."

"O que é?"

“Não”, disse Warren novamente.

"O quê?", insistiu Patsy.

Após uma breve pausa, ele disse: "Houve um leve estrondo. Foi quase como se Casey estivesse rindo, não sei."

"Rindo?"

Você sentiu isso? Meu Deus, você sentiu isso?

"Sobre o que ela poderia estar rindo?", perguntou Patsy em voz alta.

“Eu disse que era uma loucura.”

“Provavelmente foi só dor de estômago”, disse Patsy.

“Provavelmente.” Warren apertou o abraço na cintura de Casey. “Ou talvez seja coisa da minha imaginação.”

O que aquilo significava? Casey se perguntou. Será que o fato de Warren ter conseguido detectar o riso que começava a surgir dentro dela significava alguma coisa? Será que indicava que ela estava mais perto de realmente dar uma gargalhada?

"Já que estamos nisso, provavelmente deveríamos trocar o camisolão dela", disse Patsy.

Ela ouviu Patsy vasculhar a gaveta de cima da cômoda, como uma ladra na calada da noite.

Sentiu os músculos se tensionarem de indignação e se perguntou se Warren também sentia o mesmo.

Ela teria que ser muito cuidadosa. A qualquer segundo, seu corpo — já um objeto estranho

— poderia traí-la sem aviso prévio.

“Aqui está uma bem bonita. O que você acha, Casey? Está com vontade de algo mais triste hoje?”

Warren colocou Casey delicadamente na cadeira ao lado. Na cama, Casey arrumou cuidadosamente uma série de travesseiros ao seu redor para garantir

que seu corpo estivesse totalmente apoiado em todos os lados, evitando que caísse. " Parece com a cadeira listrada", pensou ela, ajustando-se aos contornos enquanto seus braços eram erguidos acima da cabeça e o camisolão que usava era retirado.

Casey percebeu que a havia deixado nua, exceto pela fralda. Na frente do marido e da futura amante dele.

Uma onda de repulsa a invadiu ao sentir o olhar de Patsy percorrer seu corpo. Será que Warren também a estava olhando?, pensou, cobrindo mentalmente o torso com as mãos, tentando se proteger do olhar crítico deles.

"Você gostaria de um banho de esponja?", perguntou Patsy tão docemente que Casey não tinha certeza se ela estava se dirigindo a ela ou ao marido.

A ideia de que as mãos daquela mulher a tocassem enquanto o marido assistia, tornando Casey parte daquela sedução perversa e mútua, era simplesmente horrível demais para contemplar.

“Acho que não há tempo suficiente para isso agora”, disse Warren. “Jeremy deve chegar a qualquer minuto.”

“Supondo que ele não se atrase novamente.”

Casey sentiu uma camisola nova sendo rapidamente colocada sobre sua cabeça, e seus braços foram enfiados pelas aberturas. Ela sentiu a seda deslizar sobre seus seios, estômago e joelhos, para então cair, como um paraquedas, em direção ao chão.

“Você não parece gostar muito dele”, comentou Warren.

"Ele é um pouco arrogante demais para o meu gosto."

Você não gosta de gente arrogante?

Casey tentou não imaginar o brilho nos olhos de Warren, nem o brilho correspondente nos olhos de Patsy.

“Depende”, disse Patsy, rindo, enquanto a campainha tocava e ela puxava o lençol de baixo da cama de Casey. “Falando no diabo... E não é que ele chegou

na hora certa ? Vou levar esses lençóis para a Sra. Singer.”

“Se você não se importar de mandar o Jeremy para cima...”

“Seria um prazer.”

Casey imaginou Patsy balançando o corpo pronunciadamente enquanto saía da sala com elegância.

"Ela beija surpreendentemente bem", confidenciou Warren assim que ela saiu. "Quanto tempo você acha que eu deveria esperar antes de dormir com ela? Uma semana? Um mês?

Quanto tempo você considera apropriado para um homem na minha posição?"

Por que você está me dizendo essas coisas? Está tão convencido da sua própria invencibilidade que já não se preocupa em expressar esses sentimentos em voz alta? Tem tanta certeza de que eu não estarei por perto para desmascará-lo?

“Acho que realmente não deveria estar falando com você sobre essas coisas”, continuou ele, como se estivesse se dirigindo diretamente às preocupações dela. “É que suspeito que você já ouviu o pior, e eu meio que me acostumei a usá-la como confidente.”

A porta da frente abriu e fechou.

"Casey?", chamou a voz da irmã, vinda do hall de entrada.

Atraiu!

"Droga", disse Warren. "O que ela está fazendo aqui?"

"Casey!", gritou Drew novamente, subindo as escadas correndo e entrando no quarto. "Meu Deus, olha só para você! Sentada na cadeira. Uau. Você está ótima. Olha, Jeremy, ela está sentada na cadeira."

"Jeremy?" perguntou Warren quando o terapeuta seguiu Drew para dentro da sala. "Ora, que aconchegante. Vocês dois juntos?"

“Chegamos ao mesmo tempo”, explicou Jeremy.

“Que conveniente.”

"O que isso quer dizer?", perguntou Drew.

"Só estou surpreso em te ver de volta tão cedo, Drew. Você geralmente não é tão...

constante."

“Hum… constante. Acho que nunca me chamaram assim antes. Acho que gostei.” Drew se ajoelhou na frente da irmã. “Olha só para você. Você está tão bonita. Embora seu cabelo esteja um pouco bagunçado. Ninguém nunca penteia? Onde está a escova dela?”

“A Patsy pode cuidar do cabelo dela mais tarde.”

"Tenho certeza de que Patsy tem muitas outras coisas que ela prefere cuidar", disse Drew.

"Além disso, eu quero fazer isso. Casey costumava pentear meu cabelo o tempo todo quando éramos crianças, então sei exatamente como ela gosta."

“Aqui está o pincel”, ofereceu Jeremy.

Casey não precisava ver a expressão no rosto do marido para saber que ele não estava feliz.

Ela sentiu os ombros dele se endireitarem, a coluna se enrijecer, o maxilar se contrair do outro lado da sala, enquanto Drew se posicionava atrás de Casey e juntava os longos e sedosos cabelos dela nas mãos.

“A Casey sempre teve um cabelo tão bonito. Ainda bem que não precisaram raspar tudo. Só esse pedacinho aqui”, disse ela, dando um tapinha na falha raspada do couro cabeludo de Casey, “e já está começando a crescer bem. Mas precisa de um retoque”, sussurrou no ouvido de Casey. “Quem sabe da próxima vez que eu vier, eu traga tinta para retocar a raiz.

O quê? Você achou que ela era loira natural?”, perguntou, obviamente em resposta ao olhar que Warren lhe lançava.

“Acho que existem preocupações mais urgentes do que as origens de Casey.”

“É evidente que você não entende nada de mulheres.”

“Entendo que devemos sair daqui e deixar Jeremy começar a trabalhar.”

“Não estou te atrapalhando. Estou, Jeremy?”

"Atraiu . . ."

“Tudo bem. Ela não está mesmo”, disse Jeremy.

“Nesse caso, você não se importaria se eu ficasse também?”, disse Warren.

"De jeito nenhum."

“Quanto mais, melhor”, disse Drew, passando a escova delicadamente, mas com firmeza, pelos cabelos de Casey. “Na verdade, ela é loira natural”, explicou Drew, enquanto Jeremy puxava uma cadeira para perto de Casey e começava a massagear seus dedos. “Até os doze anos, o cabelo dela era como ouro fiado. A menina de ouro do papai, como ele costumava chamá-la. Lembra disso, Casey? Lembra de como o papai te chamava de menina de ouro?”

"Eu me lembro", pensou Casey, "de respirar ecos do passado, encontrando-os surpreendentemente próximos e compreendendo que nunca haviam se afastado muito."

Mesmo depois que o cabelo dela começou a escurecer, ele continuou a chamá-la de sua garota de ouro.

"Tenho certeza de que ele também tinha alguns adjetivos nada lisonjeiros para você", disse Warren.

Drew riu. "É, você tem toda razão." Suas mãos continuaram a passar a escova habilmente pelos cabelos de Casey.

"Que sensação maravilhosa", pensou Casey, enquanto as cerdas macias da escova deslizavam suavemente pelo seu couro cabeludo como centenas de dedinhos. Ela sentia cada fio de cabelo sendo esticado e separado, depois esticado e separado novamente, e novamente, a cada passada. Ao mesmo tempo,

Jeremy manipulava seus dedos e pulsos e massageava os músculos de seus antebraços. " É tão bom", pensou Casey, entregando-se à sensação. Uma mistura de sensações agradáveis, seus olhos se fechando em relaxamento.

“Ela fechou os olhos”, disse Warren.

O que?

“Agora eles estão abertos novamente.”

Casey sentiu o marido se aproximar aos poucos até que estivessem praticamente nariz com nariz, a respiração dele roçando seus lábios, como o primeiro beijo hesitante de um amante.

"É apenas um reflexo", disse Jeremy. "Não significa nada."

“É o que todo mundo fica dizendo.”

“Certas funções corporais são automáticas. Tenho certeza de que os médicos dela explicaram que Casey não tem controle sobre—”

"E se ela fizer isso?" perguntou Warren, interrompendo-o.

"O que você quer dizer?" Drew parou de pentear o cabelo de Casey, ajoelhou-se ao lado dela e colocou uma mão protetora no braço de Casey. "Você acha que Casey tem controle? Acha que ela está tentando nos dizer alguma coisa? É isso que você está tentando fazer, Casey?

Você está tentando nos dizer alguma coisa? Casey, você consegue me ouvir? Pisque uma vez para dizer que sim."

Casey manteve os olhos resolutamente imóveis. Será que ela conseguiria piscar, mesmo que quisesse?

"Nada", disse Drew, com a tristeza claramente perceptível em sua voz.

O telefone tocou. Segundos depois, Patsy apareceu na porta. "É para o senhor, Sr. Marshall.

Ele disse que é muito importante."

“Vou atender no meu escritório.” Warren se levantou e caminhou até a porta. “Já volto em alguns minutos.”

"Não tenha pressa", disse Drew, pegando a mão de Casey na sua.

Casey ouviu Patsy seguir Warren escada abaixo.

"Tem algo de errado com ele", disse Drew, quase em voz baixa.

"O que você quer dizer?", perguntou Jeremy.

“Não consigo explicar exatamente o porquê. Ele simplesmente se acomodou demais como senhor da mansão, se é que você me entende.”

“Não tenho certeza se sim.”

“Eu sei que ele está lidando com muitas coisas — Casey, seu consultório, eu. E sei que nem sempre reajo bem a crises, que não tenho sido de muita ajuda...”

“Pelo contrário. Acho você extremamente prestativo.”

"Realmente?"

“Não se subestime, Drew.”

"Obrigado", disse Drew, e então caiu em prantos.

“Ei, tudo bem?”, disse Jeremy. “O que está acontecendo?”

"Desculpe", chorou Drew. "Acho que simplesmente não estou acostumado com as pessoas sendo tão gentis comigo."

Ah, Drew.

“Espere. Vou pegar um lenço de papel para você.” Jeremy se levantou e foi rapidamente até o banheiro privativo.

"Desculpe", Drew se desculpou novamente, apertando inadvertidamente a mão de Casey.

Lentamente, deliberadamente, usando toda a força que conseguia reunir, Casey

apertou de volta.

25

“ MEU DEUS!” , exclamou Drew, enquanto Casey sentia a cabeça de Drew virar bruscamente em sua direção. Drew pulou de pé, embora sua mão ainda estivesse em volta da irmã.

“Jeremy!”

Casey apertou os dedos da irmã uma segunda vez, desta vez com ainda mais força do que da primeira. O aperto dizia Não! Você não pode contar para ele. Você não pode contar para ninguém .

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou Jeremy da porta do banheiro.

Casey apertou pela terceira vez. Por favor, não diga nada. Ele vai contar para o Warren. Isso é importante, Drew. Você não pode contar nada para ninguém. Ainda não. Não até eu encontrar um jeito de te contar o que aconteceu.

"Você achou um lenço de papel?", perguntou Drew, como se de alguma forma entendesse.

Oh, obrigada. Obrigada.

“Tenho um punhado aqui.” Jeremy rapidamente voltou para o lado dela. “O que foi? Você está um pouco pálida. Está tudo bem?”

“Não sei. Fiquei um pouco tonto por alguns segundos.”

“É melhor você se sentar.”

“Estou bem agora. De verdade.”

“Não discuta. Vamos lá.”

Drew soltou a mão de Casey com relutância, e a mão dela deslizou imediatamente para o colo de Casey. Casey ouviu Jeremy puxar uma cadeira e imaginou Drew sentando-se nela, sem nunca desviar o olhar de Casey.

“Respire fundo algumas vezes”, instruiu Jeremy, e Drew obedeceu. “Posso te

oferecer alguma coisa? Um pouco de água? Talvez um chá?”

Sim, deixe que ele lhe traga um chá.

“Chá parece uma ótima ideia.”

“Já volto.”

“Obrigada.” Assim que ele se foi, Drew voltou para o lado de Casey. Ela pegou a mão da irmã e colocou os dedos sob os de Casey. “Certo, isso não foi um acidente. Você está aqui, não está? Você pode me entender.”

Casey apertou os dedos da irmã. "Sim, estou aqui", disse ela, apertando os dedos. "Sim, eu consigo te entender."

"Tá bom, tá bom, tá bom", murmurou Drew, respirando com dificuldade. "Isso é incrível. Eu não acredito. Não sei o que fazer."

Casey apertou a mão de Drew novamente, incentivando-a a se acalmar.

“Certo, certo. Você está aí dentro, consegue me ouvir e entende o que está acontecendo, mas por algum motivo, não quer que eu conte para o Jeremy. É isso mesmo?”

Mais um aperto.

"Certo. Vou presumir que isso significa sim. Por que você não quer que eu conte para o Jeremy? Não, é muito complicado. Não vai funcionar. Você quer que eu conte para o Warren? O que eu estou querendo dizer? É claro que você quer que eu conte para o Warren."

Casey apertou os dedos de Drew com toda a força que tinha. Não, não conte para o Warren.

Faça o que fizer, não conte para o Warren.

"Certo, não tenho certeza do que isso significa exatamente. Você está dizendo que não quer que eu conte para ele ou que quer?"

Casey apertou várias vezes em rápida sucessão. Não. Não conte a ele. Não conte

a ele.

“Ok, isso não está funcionando. Precisamos de um sistema. Você pode piscar? Talvez seja mais fácil. Pisque uma vez para sim, duas vezes para não.”

Casey concentrou toda a sua energia nas pálpebras. Pisquem, ela disse a eles. Pisquem .

“Nada está acontecendo.”

Pisque, droga.

“Certo, vamos voltar a apertar”, disse Drew. “Aperte uma vez para sim, duas vezes para não.

Quer que eu avise o Warren?”

Casey apertou uma vez, depois tentou uma segunda vez, mas seus dedos se recusaram a cooperar.

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Será que Drew pensaria que ela queria dizer sim quando na verdade queria dizer não?

“Desculpe, não consegui perceber se foi uma ou duas vezes. Pode tentar novamente?”

Graças a Deus. Sim, vou tentar de novo.

"Pode tentar o quê de novo?", perguntou Warren de repente, da porta.

Oh, não. Quanto ele tinha visto?

Imediatamente, Drew soltou a mão de Casey. "Meu Deus, Warren! Você me deu um susto enorme. Eu não te vi aí."

Não conte para ele. Por favor, não conte para ele.

Warren entrou na sala. "Onde está Jeremy?"

“Ele desceu para me trazer um chá.”

“Não me dei conta de que isso fazia parte da descrição do cargo dele.”

“Fiquei um pouco tonto.”

“Entendo. E isso claramente supera o coma da minha esposa.”

“Jeremy só estava sendo gentil.”

"Acho que estou pagando a ele para ser gentil com Casey."

“Não fique com raiva do Jeremy, Warren. Ele é um cara legal. Ele não fez nada de errado.”

“Suponha que você me deixe ser o juiz disso. E se você estiver tonto, talvez devesse ir para casa e se deitar.”

“Está tudo bem. Estou começando a me sentir melhor.”

“Interessante. Tente o quê novamente?”

"O que?"

“Quando cheguei aqui, você estava pedindo para Casey tentar algo novamente.”

Calma aí, Drew. Não deixe ele te enganar.

"Eu estava?" Drew pigarreou uma vez, depois outra. "Ah, isso. Não foi nada. Eu só estava pensando alto, perguntando para a Casey se ela achava que eu deveria dar outra chance ao Sean. Você se lembra do Sean? Você o conheceu no hospital. Enfim, ele tem me ligado ultimamente, pedindo para eu tentar nosso relacionamento de novo."

"Sério? E qual foi o conselho de Casey?"

Uma longa pausa.

“Ela acha que eu deveria pecar pelo excesso de cautela.”

Muito bem, Drew.

“Bem, isso certamente seria inédito para você, não é?”

Drew riu. "Pode ser que sim."

“Embora eu não tenha certeza se concordo”, disse Warren.

"O que você quer dizer?"

"Quero dizer, cautela talvez não seja a melhor abordagem aqui. Sean me pareceu um cara bem legal. Talvez valha a pena dar outra chance a ele."

“Você acha mesmo?”

“Bem, as coisas andam bastante tensas por aqui desde o acidente da Casey. Não é exatamente um clima propício para um romance de sucesso.”

“Acho que não.”

“Talvez seja uma boa ideia você e o Sean pensarem em tirar umas férias de algumas semanas. Quem sabe fazer um cruzeiro romântico.”

“Um cruzeiro? Agora? Com a minha irmã em coma?”

“Não seria a primeira vez, Drew”, ele a lembrou.

“Agora é diferente.”

“Como assim?”

"Acho que Casey precisa de mim. Acho que ela me quer aqui."

“Por que você pensaria isso?”

“É apenas uma sensação que tenho às vezes.”

"Casey quer que você seja saudável e feliz", disse Warren a ela. "Tenho certeza de que ela entenderia."

“Você realmente acha isso?”

“Eu sei disso.”

Jeremy voltou a entrar na sala. O aroma do chá com sabor de mirtilo chegou até

o nariz de Casey.

“A menos, é claro, que haja algo mais que o esteja prendendo aqui”, disse Warren.

“Cuidado”, alertou Jeremy. “Está quente.”

“Obrigado”, disse Drew.

"Está se sentindo melhor?", perguntou Jeremy.

"O Drew está bem", respondeu Warren em nome de Drew. "Minha esposa, por outro lado, está se sentindo um pouco negligenciada."

Jeremy sentou-se imediatamente, colocando uma das pernas de Casey em seu colo e girando delicadamente o tornozelo dela. "Bem, vamos tentar corrigir isso agora mesmo."

Ele trabalhou por alguns segundos em silêncio concentrado.

“Talvez devêssemos perguntar a Jeremy o que ele acha”, disse Warren.

"Pensa em quê?", perguntou Jeremy.

Um dos ex-namorados de Drew está atrás dela para... O relacionamento deles merece outra chance. Acho que ele é um cara bem decente. Com certeza melhor do que a maioria dos canalhas com quem ela já se envolveu. Então, acho que ela deveria tentar. O que você acha?

Casey sentiu uma tensão repentina na pressão da mão de Jeremy. "Acho que Drew é a única pessoa capaz de tomar esse tipo de decisão", disse ele calmamente.

"É, bem, esse é o problema. A Drew nunca foi muito boa em raciocínio dedutivo. Ela raramente sabe o que é bom para ela. Sabe, Drew?"

“Estou aprendendo.”

Warren riu. "De qualquer forma, acho que seria uma boa ideia se ela se afastasse um pouco.

Ela está se sentindo tão fraca que você achou por bem abandonar minha esposa para ir buscar uma xícara de chá para ela, e não queremos que ela fique doente, possivelmente transmitindo algum desses vírus desagradáveis que estão circulando para a Casey."

“Não vou ficar doente com nada.”

“A Lola está naquela idade em que tem contato com muitas outras crianças, todas elas pequenos focos de doenças. Aliás, onde está sua filha?”

"Na escola", disse Drew para ele. "Só mais uma semana de aulas."

“E depois? Manda ela para um acampamento de férias, como você fez no ano passado? A maioria dos pais não gosta de mandar os filhos tão jovens. Mas não o Drew. A Lola foi a campista mais nova da história do Acampamento Arrowroot”, disse ele a Jeremy.

“ Ponta de flecha ”, corrigiu Drew. “E não, ela não vai voltar para lá este ano. Na verdade”, continuou ela animadamente, “eu estava pensando que nós duas poderíamos morar aqui com você durante o verão. O que você acha?”

Dessa vez foi Jeremy quem riu.

"Alguma coisa engraçada?", perguntou Warren.

Jeremy não disse nada enquanto passava para a outra perna de Casey.

"Acho que já chega de terapia por hoje", anunciou Warren abruptamente.

“Acabamos de começar”, disse Jeremy para ele.

“Pelo contrário, acho que seu trabalho aqui terminou.”

“Não tenho certeza se entendi.”

“Acho que você entendeu perfeitamente.”

"Você está me demitindo?", perguntou Jeremy.

“Isso é ridículo”, disse Drew.

“Isso não é da sua conta, Drew.”

“Você está demitindo ele porque ele foi me buscar um chá?”

“Estou demitindo-o porque não o contratei para lhe servir chá. Contratei-o para cuidar da minha esposa, não para usar a condição dela para se envolver com a irmã dela.”

“Ei, espere um minuto...” disse Jeremy.

“Não, espere um minuto. Eu te contratei para fazer um trabalho e, pelo que vejo, você não o está fazendo. Você tem chegado atrasado, tem sido negligente, tem sido grosseiro...”

Você está passando dos limites.

“Você tem atitude...”

“Você está falando besteira.”

"Você está fora da minha casa", disse Warren, com uma calma irritante.

“Esta casa também é minha”, lembrou Drew.

“Fique fora disso, Drew.”

“Minha irmã está progredindo. Quero que Jeremy fique.”

“Sua irmã continuará a progredir com outra pessoa. Jeremy vai embora. A menos, é claro, que você pretenda que ele vá embora.” "Para começar a pagar pelos serviços dele você mesmo." Drew não respondeu. "Eu imaginei que não."

"Ei, cara, relaxa", avisou Jeremy.

“Que parte de 'você está demitido' você não entendeu? Agora, por favor, saia antes que eu seja obrigado a chamar a polícia.”

“Warren, pelo amor de Deus. Isso é uma loucura.”

“Sugiro que você vá com ele, Drew.”

“Vou ficar aqui mesmo.”

"Como assim? Você não quer trocar números de telefone? Ou vocês já fizeram isso?"

"Vá para o inferno", disse Drew.

“Acredite, eu já estou lá.” Warren soltou um suspiro profundo. “Certo, Jeremy. Hora de ir.”

Não, por favor. Fique.

Silêncio. Então, "Acho que você me deve algum dinheiro", disse Jeremy.

“E tudo se resume ao dinheiro, não é? Bem, então, siga-me, Jeremy. Vou lhe passar um cheque pelos serviços prestados.”

“Esperem...” Drew gritou atrás deles.

"Tchau, Drew", respondeu Jeremy. "Cuide da sua irmã."

Casey ouviu enquanto os passos deles se afastavam escada abaixo.

"Jesus! Que diabos foi isso?", exclamou Drew, exasperado.

Certo, Drew. Segure minha mão. Não temos muito tempo antes que Warren volte.

"Ai, meu Deus!", exclamou Drew. "Você ouviu tudo, não ouviu? Você ouviu o que acabou de acontecer." Ela pegou a mão de Casey.

Casey apertou os dedos de Drew. Uma vez. Com força.

"Uma vez sim", disse Drew. "Certo. Então, o que fazemos agora? Me diga o que fazer. Eu não sei o que fazer."

Casey apertou a mão de Drew, segurando-a com força até sentir que seu aperto começava a afrouxar. " Você precisa se acalmar", dizia o aperto. " Você precisa se concentrar."

“Certo. Então, preciso pensar em perguntas simples. Perguntas que possam ser

respondidas com sim ou não. Que perguntas? Não sei que perguntas. Ok. Ok. Pensa . Pensa.”

Drew respirou fundo várias vezes. “Ok. Primeira pergunta. Você não quer que eu conte para o Warren? Não, desculpe, esquece. Dupla negação, né? Muito complicado. Você quer que eu conte para o Warren? Isso é melhor. Você quer que eu conte para o Warren?”

Casey apertou a mão da irmã duas vezes. Será que Drew tinha sentido?

“Isso aconteceu duas vezes. Então você não quer que o Warren saiba. Por quê? Quer dizer, admito que ele está agindo um pouco estranho, mas ele está sob muita pressão. E talvez eu estivesse flertando com o Jeremy. Não sei. Tem certeza de que não quer que eu conte para ele?”

Casey apertou a mão de Drew.

“Por que não? O que está acontecendo? Ah, droga. Isso foi estúpido. Ok, como vamos fazer isso? Como você vai me contar?”

Casey sentiu o olhar de Drew percorrendo a sala em busca de respostas.

“Muito bem. Muito bem. É o seguinte: vamos tentar soletrar as coisas. Eu vi isso uma vez na TV. Um cara era paralítico, mas soletrava as coisas piscando. Só que você não pode piscar. E

esse negócio de apertar é muito confuso. Você consegue bater? Com o dedo? Consegue bater o dedo na minha mão?” Drew posicionou a mão diretamente sob os dedos de Casey.

Casey concentrou toda a sua atenção no dedo indicador direito. Sua mente o elevou no ar, trouxe-o à tona. contra o dorso da mão da irmã. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

Drew deu um gritinho de alegria. "Ótimo. Isso é ótimo, Casey. Isso é muito ótimo."

Está funcionando. Eu consigo fazer isso.

“Certo. Certo. Então, um toque é A, dois é B, e assim por diante. Certo. Isso

pode demorar um pouco, e eu não sei quanto tempo temos até Warren voltar, mas vamos lá: por que você não quer que ele saiba?”

Casey deu dois tapinhas na mão de Drew.

“A... B”, disse Drew. “B.”

Casey bateu cinco vezes.

“A... B... C... D... E ... E”, Drew repetiu. “Certo, então temos B e E... Be... por quê?”

Casey apertou a mão de Drew com os dedos que lhe restavam. Em seguida, bateu oito vezes para formar a letra H, seguidas de mais cinco batidas para formar a letra E.

“Ele... Ele ? Porque ele... ”

Porque ele tentou me matar!

Casey apertou a mão da irmã e começou a bater os dedos, formando a letra T.

“Espera aí”, lamentou Drew. “Perdi a conta. Temos que fazer de novo. Desculpa, Casey.” Ela recomeçou a contar as batidas em voz alta. “A… B… C… D… E…”

Parecia que demoraria uma eternidade até que eles chegassem à letra T.

"T!" exclamou Drew, soltando a mão de Casey com entusiasmo, para depois pegá-la rapidamente de volta.

Casey começou a digitar a letra R. Por que todas as letras tinham que vir tão perto do final do alfabeto?

“O . . . P . . . Q . . . R . . . S?”

Casey apertou duas vezes. Não!

“Não é S?”

O som da porta da frente fechando reverberou pelo ar. as escadas, seguidas

imediatamente pelos passos de Warren nas escadas.

“Droga. Não temos tempo suficiente. Tem alguém a quem eu possa contar isso?”

Será que havia alguém? Casey se perguntou. Em quem ela poderia confiar para não contar a Warren?

Os passos estavam se aproximando.

"Warren?" Patsy chamou de repente lá de baixo.

Os passos pararam. "Sim?", ele respondeu.

“A Sra. Singer quer saber se você gostaria que ela preparasse algo especial para o jantar.”

Jeremy . Warren acabara de demiti-lo. Ela certamente podia confiar que Jeremy não contaria a Warren agora.

Casey começou a bater furiosamente nos dedos de Drew.

“Espere. Temos que fazer isso de um jeito diferente. Que tal eu dizer as letras e você apertar minha mão quando eu disser a certa? Tudo bem? Preparado? A... B... C... D...”

Mais rápido. Mais rápido.

“Diga a ela que qualquer coisa que ela queira fazer está ótimo”, gritou Warren lá de cima.

“H... I... J... J?”

Casey apertou os dedos de Drew.

“Jeremy? Ah, espere. Janine? Qual é o nome, Janine ou Jeremy?”

Passos na escada. Drew soltou a mão de Casey.

“Parece que Jeremy já foi embora”, disse Warren, sua presença preenchendo a sala. “E acho que está na hora de você fazer o mesmo.”

“Acho que vou ficar, se você não se importar.”

“Receio ter que insistir. Acho que minha esposa já teve emoção suficiente por hoje.”

Você não sabe nem metade, pensou Casey, sabendo que Drew estava pensando a mesma coisa.

"Tudo bem, eu vou", disse Drew, levantando-se da cadeira. Ela se inclinou para frente e enterrou o rosto nos cabelos de Casey. "Não se preocupe, Casey", sussurrou. "Já volto."

26

“ Você está bem?”

A voz de Patsy era calorosa e atenciosa. Casey soube imediatamente que ela não estava falando com ela.

"Não sei", respondeu Warren da cadeira ao lado da cama de Casey. "Foi um dia muito difícil."

Posso lhe oferecer algo? Um sanduíche, talvez? Um pouco de conhaque?

"Eu não acho."

“Você mal tocou na sua janta.”

“Não estou com muita fome.”

"A irmã da Casey realmente tira a gente do sério", comentou Patsy.

"A Drew sempre foi uma pessoa egoísta e desastrada, e de repente se transforma na irmã do ano. Não sei bem o que pensar disso."

“Talvez seja apenas uma fase, algo de que ela se cansará em algumas semanas.”

"Não sei. . . ."

“O que foi? Você parece preocupado(a).”

“Você não acha...”

"O quê?", repetiu Patsy.

“Você não acha que ela faria nada para magoar a Casey, acha?”

O que?

"O que você quer dizer?"

“Não, é loucura demais. Esqueça o que eu disse.”

“Você acha que Drew teve algo a ver com o que aconteceu com Casey?”

“Não. Claro que não. Quer dizer, a polícia obviamente ainda considera isso uma possibilidade, mas...”

O que você está tentando fazer aqui, Warren?

"Não consigo acreditar que estou pensando essas coisas, muito menos dizendo-as em voz alta."

Você está tentando armar uma cilada para a minha irmã? É isso que você quer, seu desgraçado?

“No mínimo, acho que as visitas dela deixaram Casey chateada”, disse Warren. “Você viu como a pressão arterial dela subiu depois que Drew foi embora.”

“Você acha que existe alguma ligação?”

“Já não sei o que pensar.”

Casey imaginou o marido escondendo o rosto nas mãos e tentou não ver o sorriso lento que se espalhava por trás de seus dedos.

“Uma parte de mim gostaria de proibir a Drew de entrar em casa de vez”, continuou ele.

“Trancar a porta da frente e me recusar a deixá-la entrar, não importa o que ela diga ou faça. E acredite, às vezes eu chego a pensar que faria exatamente isso. Mas ela é tão imprevisível que não dá para prever como ela reagiria. Ela poderia se acovardar e fugir, ou poderia cumprir a ameaça de ir à imprensa. O que é a última coisa que esta família precisa.”

A última coisa de que você precisa, você quer dizer.

“Você deveria falar com o detetive Spinetti sobre ela?”

“E como assim? Que estou preocupada porque a Drew está demonstrando sinais de preocupação fraternal?”

“Então, o que fazemos?”

"Teremos que redobrar a atenção quando ela estiver por perto. Não a perca de vista.

Certifique-se de que ela nunca fique sozinha com Casey. Acha que consegue fazer isso?"

“Farei o meu melhor.”

“Eu sei que você vai. Você é a única coisa na minha vida agora com a qual posso contar.”

Casey sentiu os dedos se mexerem debaixo das cobertas e se concentrou em mantê-los imóveis, sabendo que o menor movimento despertaria as suspeitas de Warren. Ele mal havia saído do lado dela desde que a devolveu à cama recém-arrumada, e embora alguém

como Patsy pudesse interpretar essa firmeza como preocupação com o bem-estar dela, Casey entendia que o único bem-estar que lhe importava era o seu próprio.

"Você vai denunciar o Jeremy ao conselho do hospital?", perguntou Patsy.

“Denunciá-lo? Não. Qual seria o sentido? Não quero que ele se meta em problemas.”

Você é muito gentil.

É mesmo? O bonzinho.

“Não estou em busca de sangue.”

Não dele, pelo menos.

"Você já pensou em quem vai substituí-lo?", perguntou Patsy.

“Na verdade, eu já contratei alguém.”

“Do hospital?”

“Da minha academia”, disse Warren.

Casey sentiu o corpo todo ficar dormente.

“Ele vai aparecer por aqui hoje à noite.”

O que?

O que Warren estava aprontando? Será que o tempo dela tinha acabado ? Já? Ele planejava matá-la ainda esta noite?

"Devo preparar um café?", perguntou Patsy.

“Acho que ele não é muito fã de café.”

“Que tal um sorvete?”

Warren riu. "Nossa, você é um amor."

"Eu só quero ajudar."

“Eu sei que sim. E você já está aqui, só por estar.”

Ah, por favor. Se eu tivesse reflexo de vômito, vomitaria.

“Olha, ainda é cedo”, disse Warren. “Por que você não aproveita o resto da noite para ir ao cinema ou algo assim?”

Não, não vá. Não vá.

“Estou meio cansado. Acho que vou para o meu quarto, assistir um pouco de TV e talvez ir dormir cedo.”

"Parece bom."

“Se quiser alguma coisa, é só gritar.”

"Eu vou."

Patsy fez questão de ajeitar o travesseiro de Casey. O aroma fresco de Tide explodiu como fogos de artifício ao redor de sua cabeça. "Boa noite, Casey. Até amanhã." Ela caminhou até a porta do quarto. "Boa noite, Warren."

"Bons sonhos."

"Você também."

Casey sentiu Patsy pairando na porta por alguns segundos antes de sair. "E agora, o que acontece?" , pensou ela, ouvindo o marido puxar a cadeira para mais perto da cama.

“Então, o que acontece agora?”, ele repetiu.

A decisão é sua.

Ele ficou sentado ali por pelo menos dez minutos, sem dizer nada, com os olhos queimando como buracos do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos na pele dela. Estaria ele tentando decidir o que fazer em seguida, ou qual seria a melhor maneira de implementar o que já havia sido decidido? "Como é que tudo ficou tão complicado?", perguntou ele por fim.

A campainha tocou.

"Ora, veja só! Parece que seu novo terapeuta chegou. E, ao contrário do seu antigo, ele chegou um pouco mais cedo. Claramente, ele está ansioso para começar."

"Quer que eu pegue isso?", gritou Patsy.

“Não, tudo bem”, respondeu Warren. “Eu pego.” Ele tocou o braço de Casey. “Não se levante”, disse ele antes de se afastar dela.

"Preciso me levantar", pensou Casey enquanto o marido descia as escadas. " Preciso sair daqui. Não temos mais tempo."

Ela concentrou toda a sua energia nos pés. Mexa-se, droga! Mexa-se! Milagrosamente, sentiu uma agitação quase imediata nas pernas e coxas. Seus braços se estenderam ao

máximo, suas mãos se flexionaram. Seu corpo estava respondendo. Estava reunindo forças, acumulando todas as suas reservas, preparando-se para impulsioná-la para fora da cama.

E então... nada.

Ela estava deitada de costas, com a barriga para baixo, sobre o colchão. Sua cabeça permanecia imóvel sobre o travesseiro.

Ela não ia a lugar nenhum.

O que ela estava pensando? Mesmo que conseguisse se mexer, não conseguiria enxergar.

Não conseguiria falar. Não conseguiria gritar por socorro. Além disso, quem a ouviria se gritasse? Patsy?

Será que ela realmente pensou que Patsy viria em seu socorro?

Casey ouviu vozes conversando baixinho no hall de entrada, seguidas pelo som de vários passos na escada. "Casey", anunciou Warren segundos depois. "Gail está aqui para te ver."

"Como está minha garota?", perguntou ela, aproximando-se da cama e dando um beijo na bochecha de Casey.

“Nenhuma mudança real”, disse Warren.

“Acho que ela está definitivamente melhorando”, insistiu Gail. “A cor dela está melhor do que estava até outro dia.”

“Você acha mesmo?”

“Não se deixe enganar pela aparência delicada”, disse Gail. “A Casey é forte. Ela já passou por muita coisa e, acredite, se ela conseguiu sobreviver à mãe, consegue sobreviver a qualquer coisa. Até mesmo a isso. Isso não é nada comparado à Alana, não é, Casey?”

Isso pode até superar minha mãe.

“Ela vai superar isso”, afirmou Gail. “A Casey não vai deixar uma coisinha como um coma impedi-la por muito tempo. Vai, Casey?” Gail respirou fundo. A respiração tremeu ao expirar, fragmentando-se em pequenos pedaços antes de desaparecer. “Sinto-me culpada por viajar neste fim de semana. Talvez eu não

devesse.”

“Para onde você vai?”, perguntou Warren.

“Martha's Vineyard. Acredite ou não, eu nunca estive lá.”

Você vai adorar. É lindo.

“Então Stan fica me dizendo isso, mas...”

“Mas nada. Você vai se divertir. É o que Casey gostaria.”

"Estou um pouco nervosa", confidenciou Gail.

“Sobre o quê?”

“Sabe”, disse Gail, “a Janine me convenceu a comprar uma camisola nova. É preta e esvoaçante, com o corpete de renda e decotado. É muito bonita e custou uma fortuna. Acho que fica bem em mim. Só que está um pouco fora da minha zona de conforto, e eu queria muito que a Casey estivesse aqui para me aconselhar.”

"Se me permite dar um pequeno conselho em nome de Casey", disse Warren gentilmente,

"seja você mesmo."

“Você acha que isso será suficiente?”

“Se não for, ele é um tolo que não te merece.”

Um suspiro de gratidão de Gail ecoou pelo quarto. "Obrigada." Ela se inclinou e beijou a bochecha de Casey. "Você escolheu bem, Casey", sussurrou. "Agora entendo por que você está tão apaixonada por ele. Bem, preciso ir. Até logo, Casey. Nos vemos daqui a alguns dias."

“Eu vou te acompanhar até a saída.”

E agora, o que eu faço? Casey pensou enquanto saíam da sala, cerrando os punhos. Warren havia enganado até mesmo sua melhor amiga. Ele ia assassiná-la e sairia impune. Não havia absolutamente nada que ela pudesse fazer.

Tinha que haver alguém que pudesse ajudá-la.

Mas o que mais alguém poderia fazer?

Casey tentou dobrar os joelhos, sentindo cada músculo das pernas se contrair com o esforço. Mas algo havia se movido, percebeu, sentindo um leve tremor nas coxas. Tentou levantar um pé, sentindo-o resistir à rigidez do lençol. Tentou erguer os braços, dobrando-os nos cotovelos. Tentou virar a cabeça de um lado para o outro. Será que ela havia se movido mesmo?

“Oh, meu Deus”, disse Patsy da porta. “O que aconteceu com você?”

Há quanto tempo Patsy estava parada ali?

“Parece que sua amiga chegou perto demais. Olha só o que ela fez com a sua pobre cabeça.”

Patsy caminhou até a cama e segurou a cabeça de Casey entre as mãos, ajeitando-a. “Não deve ter sido nada confortável. Ainda bem que me lembrei de dar uma olhada.”

Eu movi a cabeça? Eu realmente movi a cabeça?

Patsy deu um passo para trás, como se estivesse avaliando sua obra. "Essa foi uma visita bem rápida. Mas é assim que acontece, não é? As visitas ficam cada vez mais curtas, com intervalos cada vez maiores entre elas. Logo será uma vez por semana por cinco minutos, depois uma vez por mês por dois, depois talvez uma vez por ano, até que você nem se lembre da última vez que alguém apareceu. É assim que as coisas são." Ela suspirou.

"Movi a cabeça", pensou Casey.

“Pessoalmente, detesto quando as pessoas simplesmente aparecem sem avisar. Minha mãe é assim. Ela sempre aparece na minha porta de surpresa e fica toda chateada quando não fico feliz em vê-la. Eu fico dizendo que ela deveria ligar antes, e ela responde: 'Por quê?

Você está escondendo alguma coisa?' Imagina o que ela acharia deste lugar.” Patsy riu. “Ah, bem. Talvez um dia eu descubra. Eu poderia ser a nova dona da mansão. Vai saber. Coisas mais estranhas já aconteceram.”

"Está tudo bem?", perguntou Warren de algum lugar atrás dela.

Patsy se virou rapidamente. Casey imaginou a mão dela voando para o cabelo, numa tentativa de esconder o constrangimento. "Está tudo bem. " A cabeça de Casey estava um pouco inclinada para o lado. Provavelmente Gail a abraçou quando se despediu.

“A cabeça dela estava inclinada para um lado?”

“Agora está tudo bem.”

A campainha tocou. Quem estaria ali agora? Casey se perguntou.

"Você quer que eu responda isso?", perguntou Patsy.

“Se você não se importar.”

A porta da frente abriu e fechou. Então veio um Um cumprimento abafado do homem e uma troca discreta de gentilezas, seguidos por passos na escada.

“Olá, Warren”, disse um homem segundos depois.

Meu Deus.

Não havia como confundir aquela voz.

Socorro. Alguém, por favor, me ajude.

O homem se aproximou. "Olá, beldade", disse ele.

27

“ Como você está esta noite?” continuou o homem, pairando sobre Casey como uma cobra-rei gigante, com o corpo balançando e pronto para atacar.

“Aparentemente, ela mexeu a cabeça”, disse Warren para ele.

“O que isso significa?”

"Pode não significar nada", disse Warren. "Pode significar que a Bela Adormecida está se preparando para acordar."

Casey sentiu o olhar do homem percorrer seu corpo enquanto ele abaixava os cobertores até os joelhos dela.

“Para mim, ela parece morta para o mundo. Embora, devo dizer, ela está com uma aparência muito boa para um cadáver. Você já pensou em... ”

"Tire essa mente da sarjeta", disse Warren a ele, conseguindo soar convincentemente indignado.

O homem riu. "Já te contei daquela vez que transei com uma garota que estava tão bêbada que desmaiou bem no meio da coisa toda? Quer dizer, bem no meio, acredite se quiser. Eu estava dando tudo de mim, e de repente os olhos dela reviraram e ela sumiu." Ele riu de novo. "Uma sensação estranha, tenho que te dizer."

“Você é um doente mental.”

“Que bom para você.”

“Então, o que você fez?”, perguntou Warren.

"Com a garota? O que eu deveria fazer? Parar no meio do caminho? Continuei até terminar.

Ela já era praticamente supérflua naquele momento."

"Supérfluo? Uma palavra bem forte para você, não é?"

O homem deu de ombros, ignorando o insulto. "Ela estava deitada ali mesmo. Não foi uma mudança tão grande assim." Sua risada se transformou num murmúrio baixo. "É claro que depois eu a virei, fiz algumas coisas que ela não me deixava fazer quando estava acordada."

“Um príncipe de verdade.”

“Eu me esforço ao máximo. Aliás, aquela enfermeira baixinha lá embaixo é bem bonitinha.

Espero que não se importe, mas aceitei o convite dela para um café expresso...”

“Quando terminarmos aqui.”

“Claro. Vamos dar uma olhada. Ver exatamente o que temos.” O homem estendeu a mão e pegou a mão de Casey, movendo-a para cima e para baixo, dobrando seu cotovelo e girando seu pulso.

"E então?", perguntou Warren.

“Para falar a verdade, não estou sentindo quase nada. Certamente nenhuma resistência. É

um peso morto, cara.” Ele soltou a mão de Casey. Ela caiu na cama como um peixe moribundo.

Os dedos do homem deslizaram lentamente pelas coxas de Casey até suas pernas. Casey teve que reunir todas as suas forças para impedir que seu corpo se retraísse ao seu toque.

Ele segurou o tornozelo direito dela, trouxe o joelho direito em direção à cintura e torceu a perna dela de um lado para o outro. "Ela tem uma boa amplitude de movimento. Sem dúvida, se você continuar exercitando esses músculos, eles continuarão a ficar mais fortes.

Claro que músculos fortes não a levarão muito longe enquanto ela estiver em coma."

“E se ela sair dessa?”

“Você acha mesmo que existe alguma chance disso acontecer?”

“Acho que há uma chance muito boa.”

“E não podemos deixar isso acontecer.”

“Não, não podemos.”

“Então me diga o que você quer que eu faça. Eu farei.”

“Algo simples: você entra, coloca um travesseiro sobre o rosto dela e sai sem que ninguém veja”, disse Warren calmamente, como se estivesse lendo um livro de receitas.

Você entra, coloca um travesseiro sobre o rosto dela, Casey repetiu em silêncio, sentindo lágrimas se formarem nos cantos dos olhos. Eram reais? Warren as veria?

"Acha que consegue fazer isso?", perguntou ele.

“Quando você tinha isso em mente?”

“Este fim de semana.”

“Tão cedo assim?”

Uma lágrima escapou do olho de Casey, traçando uma fina linha por sua bochecha.

“As coisas estão acontecendo mais rápido do que eu esperava”, disse Warren, com a atenção claramente focada em seus pensamentos assassinos. “Não posso me dar ao luxo de perder mais tempo. Vou garantir que todos saiam de casa. Enquanto estivermos fora, você entra, faz o que tem que fazer e some daqui.”

“Parece um bom plano.”

“Não estrague tudo.”

“Não vou.”

“Ei, pessoal”, Patsy gritou de repente lá de baixo, no pé da escada. “O café

expresso está pronto. Podem descer.”

• • •

“Wendy Jackson, venha cá! Você é a próxima participante do The Price Is Right !”

Casey imaginou Wendy Jackson como uma mulher de quarenta anos com cabelos loiros platinados e uma dobra visível de pele flácida que balançava sob a barra de seu moletom cor-de-rosa a cada movimento de empolgação.

Onde estava Drew? Por que ela ainda não tinha chegado?

"Não acredito! Não acredito!", exclamou Wendy Jackson, sem dúvida pulando de alegria.

“Olá, Wendy”, disse o apresentador.

Olá, beleza.

“Muito bem, Wendy, tente se acalmar e preste bastante atenção”, insistiu o apresentador.

“Aqui está o próximo item que será leiloado.”

Onde você está, Drew? O que está te atrasando?

"Um novo conjunto de sala de jantar!" exclamou o locutor, para um coro crescente de

"oohs" e "aahs".

“Que monte de lixo!” exclamou Patsy da cadeira ao lado da cama de Casey, enquanto o locutor começava sua descrição exagerada dos itens em exposição. “Não acredito como ela está empolgada com essa mesa e cadeiras velhas. Embora eu provavelmente também ficasse bem empolgada com elas antes de vir morar aqui. Depois que você vê o tipo de mobília que vocês têm—” Ela parou de falar. “Nunca deixe ninguém dizer que dinheiro não compra felicidade. Compra coisas boas, e coisas boas contribuem muito para a felicidade.

Acredite em mim.”

E sabemos que tudo se resume a dinheiro.

“Dois mil e quinhentos dólares”, foi a oferta de Wendy Jackson.

“Três mil”, foi a segunda oferta.

“Você sabe que eles têm que pagar impostos sobre as coisas que ganham?”, perguntou Patsy enquanto o leilão continuava. “E eles têm que assinar um contrato prometendo que não vão vender. Então, se eles não gostarem, estão meio que ferrados.”

Onde você está, Drew? Estou ficando sem tempo.

Um alarme sonoro estridente soou.

"Esse sinal sonoro significa que todos vocês deram um lance maior do que o permitido", explicou o apresentador alegremente.

“Eu te disse que era lixo”, disse Patsy.

Os quatro concorrentes rapidamente apresentaram novas propostas, e desta vez um deles venceu, embora não tenha sido Wendy Jackson.

Adeus, beleza.

“Pobre Wendy. Ela não vai ganhar nada”, disse Patsy com desdém. “Dá para ver. Ela tem cara de perdedora.”

Ela consegue ver, consegue se mexer, consegue falar, caramba, consegue gritar. Isso a torna uma vencedora aos meus olhos, pensou Casey, se perguntando mais uma vez o que estava impedindo sua irmã.

“Eu gostava mais do Bob Barker do que desse cara novo. Ele morreu ou algo assim?”

"Você entra, coloca um travesseiro sobre o rosto dela e sai", ela ouviu o marido dizer. Ou algo parecido.

Ela realmente chorou?

E se ela tivesse visto, se lágrimas não apenas tivessem se formado, mas também caído, Warren as teria visto?

Não era provável, concluiu Casey, a julgar por suas ações subsequentes.

"O expresso está pronto", disse ele, rindo, e em seguida jogou os cobertores de Casey de volta sobre o corpo dela, como se ela já estivesse morta.

A campainha tocou.

"Pode atender, Sra. Singer?", gritou Patsy lá de cima. "Provavelmente sua irmã", disse ela para Casey. Segundos depois, Drew gritou "olá". "Eu te disse", disse Patsy, orgulhosa.

Drew, graças a Deus! Onde você esteve? Tenho tanta coisa para te contar e tão pouco tempo.

Segundos depois, Drew entrou correndo na sala e parou abruptamente. "Ah, oi, Patsy. Não sabia que você estaria aqui."

“Onde mais eu estaria?”

“Como está a Casey hoje?” Drew pegou a mão de Casey e a apertou de forma conspiratória.

“Desculpe o atraso. Houve um pequeno contratempo na escola da Lola. Parece que esqueci de assinar a autorização para ela ir a uma excursão. E quando cheguei na escola, ninguém me reconheceu. Acredita? Eles estão tão acostumados a lidar com a babá. Tive que mostrar minha carteira de motorista. Que, claro, estava vencida. Lembre-me de renová-la semana que vem. Enfim, a escola foi muito atenciosa e pediu desculpas. Foi até engraçado. Será que eu poderia tomar um café?” perguntou ela a Patsy.

“Você terá que descer e perguntar à Sra. Singer”, disse Patsy. “Recebi instruções rigorosas para não me afastar de Casey até que o Sr. Marshall volte.”

"Sério? Por quê?"

“Acho que ele está apenas sendo extremamente cauteloso.”

“Por quê? Aconteceu alguma coisa?”

“A pressão arterial dela tem estado um pouco instável. E ela tem tido esses espasmos.”

“Como assim, espasmos? Desde quando?”

“Desde ontem à noite. Primeiro, a cabeça dela estava inclinada para um lado e, depois, quando fui vê-la antes de ir para a cama, a encontrei caída de lado.” Ela riu. “O Sr. Marshall disse que parecia que ela estava tentando sair da cama.”

“Casey estava tentando sair da cama?”

“O quê? Não! Claro que não. Como ela pôde?”

“Não sei. Eu só...”

"Warren ligou para o médico logo de manhã. Ele correu para lá, a examinou e disse que talvez ela estivesse tendo espasmos musculares, que podem ser bem dolorosos. Então, ele aplicou uma injeção e receitou analgésicos e um relaxante muscular, e é aí que Warren está agora — buscando a medicação."

Não. Não quero mais drogas. Elas só me deixam grogue.

E era exatamente esse o objetivo, ela percebeu. Warren não estava disposto a correr nenhum risco.

"Bom, agora posso cuidar da Casey", disse Drew. "Tenho certeza de que Warren não se importaria se você fizesse uma pausa de meia hora."

"Chegou a hora da apresentação final do The Price Is Right !", anunciou o locutor.

"É melhor que não. Além disso, está na hora da apresentação final. Não gostaria de perder isso."

Por favor, Drew, tire essa mulher daqui. Precisamos conversar.

Drew puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, estendendo o braço por baixo das cobertas para segurar a mão da irmã. "Você está bem, Casey? Está com

dor?"

Casey apertou o polegar da irmã duas vezes, enquanto o locutor começava a descrever a primeira atração. "É uma coleção de enciclopédias!", disse ele, para um coro de aplausos exagerados.

"Como se alguém fosse se empolgar com uma coleção idiota de enciclopédias", zombou Patsy.

“Estas belíssimas enciclopédias Britannica são encadernadas em couro legítimo... e você pode usá-las para aprender sobre tudo, de A a Z, começando por... a Acrópole”, continuou o locutor. “Informações que podem ser úteis na sua viagem à... Grécia!”

Uma série prolongada de "oohs" e "aahs". Uma explosão de aplausos.

“Sim, você e um acompanhante voarão em primeira classe para Atenas, onde se hospedarão no fabuloso hotel King George II Palace por cinco noites e visitarão a Acrópole e muitos outros locais incríveis da Grécia Antiga. Depois, partirão para um cruzeiro espetacular pelas ilhas gregas.”

"Você gosta de cruzeiros, não é?", perguntou Patsy. "Você já foi à Grécia?"

“Eu estive lá há alguns anos”, respondeu Drew.

“É tão espetacular quanto ele está fazendo parecer?”

“É simplesmente incrível.”

“Eu nunca estive em lugar nenhum.”

Você deveria ir.

Você deveria ir agora mesmo.

"Não tenho dinheiro para isso." Patsy deu uma risadinha, como se soubesse de algo que eles não sabiam. "Mas quem sabe? Talvez um dia."

"Vou recusar essa apresentação", declarou a participante.

“Ela acha que a próxima apresentação será melhor”, disse Patsy.

Tem que haver um jeito de se livrar dessa mulher, pensou Casey. Tem que haver um jeito de contar para Drew o que aconteceu ontem à noite. Tem que haver um jeito de contar a ela sobre Warren.

“Tentei entrar em contato com o Jeremy”, disse Drew, repassando a notícia para Casey enquanto aparentemente falava com Patsy. “Mas o hospital não forneceu nenhuma informação pessoal dele. Então, passei lá ontem à noite e deixei um bilhete para ele.

Disseram que entregariam a ele, mas ele ainda não me respondeu.”

Sim, você precisa encontrar Jeremy.

“Sua apresentação começa com equipamentos de camping”, começou o locutor da televisão.

"Por que você gostaria de entrar em contato com ele?", perguntou Patsy.

“Só para ver se ele está bem”, respondeu Drew. Ela apertou a mão de Casey uma segunda vez. O aperto significava: “ Para contar a ele sobre Casey. Warren foi bem duro com ele ontem.”

“Não mais do que ele merecia.”

“De qualquer forma, eu poderia fazer alguns dos exercícios que ele me mostrou com o Casey”, sugeriu Drew.

“Não tenho certeza se isso é uma boa ideia”, disse Patsy.

"Por que não?"

“Porque Casey agora tem um novo terapeuta, e ele provavelmente tem seu próprio jeito de fazer as coisas.”

"E vocês podem levar todo esse equipamento no carro novo!", continuou o locutor da TV, sob uma ovação estrondosa.

"O Warren já contratou um novo terapeuta?" perguntou Drew. "Quem é ele?"

“O nome dele é Nick alguma coisa. Margolin... Margolis? Algo assim. Ele é bem

bonitinho.”

“Bem, isso é importante para um terapeuta. Onde ele o encontrou?”

“Ele é um dos instrutores da academia onde o Warren treina.”

“Warren contratou um personal trainer para cuidar da minha irmã?”

“Ele é muito qualificado.”

“E você sabe disso porque... ”

"Porque o Sr. Marshall jamais contrataria alguém que não fosse altamente qualificado para cuidar de sua esposa."

“Ele te contratou”, disse Drew.

“E se você se cansar de dormir ao ar livre,” O locutor de TV anunciou: "Você pode passar a noite no seu novo trailer!"

"Estou cuidando muito bem da Casey", respondeu Patsy, irritada. "Você não tem o direito de ser tão crítica."

“Estou preocupada com a minha irmã.”

“Você não tem ideia de como esse homem é bom para ela”, continuou Patsy, sem que ninguém lhe perguntasse. “Você deveria se ajoelhar todos os dias e agradecer a Deus pelo Sr. Marshall, em vez de ficar implicando tanto com ele.”

“Devo me ajoelhar?”

“Por que não? Pelo que entendi, é uma posição com a qual você está bastante familiarizado.”

"Ai", disse Drew. "Boa, Patsy."

"Ofereço vinte e três mil e quinhentos dólares", disse o participante.

"Muito baixo", comentou Drew distraidamente.

“Warren é um homem maravilhoso”, insistiu Patsy. “Se Casey estivesse

consciente, aposto que ficaria muito irritada com a forma como você o trata.”

"Você acha mesmo?" Os dedos de Drew se entrelaçaram nos de Casey por baixo das cobertas. "Warren é um homem maravilhoso, Casey? É isso que você pensa?"

Casey segurou os dedos de Drew.

“Ok, vamos ver quem chegou mais perto do preço da sua vitrine sem ultrapassá-lo...”

Casey apertou uma vez.

Por outro lado...

Duas vezes para não.

“Era o que eu pensava”, disse Drew.

"Você pensou o quê?", perguntou Patsy.

"Achei que a oferta dela era muito baixa. Agora aquela outra senhora tem que ir até a Grécia para ver umas ruínas antigas que não lhe interessam nem um pouco. Olha, eu te devo um pedido de desculpas", disse Drew em seguida.

“Você faz isso?”

Você faz isso?

"Eu fui muito grosseiro e peço desculpas." Drew apertou os dedos de Casey, como quem diz: " Tenha paciência comigo. " "Eu sei que você está fazendo o seu melhor por Casey. É tão difícil vê-la nesse estado dia após dia."

“Tenho certeza que sim.”

“E tenho descontado minha frustração em você e no Warren.”

“Ele merece coisa melhor.”

“Eu sei que sim.”

Casey reconheceu a falsa sinceridade na voz da irmã, lembrando-se de tê-la ouvido em muitas ocasiões. Imaginou os olhos cabisbaixos de Drew, o leve tremor nos lábios, o suave agitar das mãos, como se estivesse procurando as palavras certas para expressar seu arrependimento.

“Nossa. Não estou acostumado a pedir desculpas. Isso me deixou exausto.” Drew riu, um som desarmantemente suave que flutuou no ar como uma baforada de fumaça. “Acho que você não se importaria de me trazer aquela xícara de café.”

“Nem pensar.”

Merda.

"Vadia", murmurou Drew baixinho.

A porta da frente abriu e fechou. "Voltei", gritou Warren do hall de entrada. No minuto seguinte, ele já estava subindo as escadas e dentro da sala. "Oi, Drew. Que bom te ver."

Casey sentiu-o inclinar-se para dar um beijo na bochecha da irmã. Claramente, ele estava tentando uma nova abordagem.

"Entendo que Casey teve uma noite um pouco difícil", disse Drew.

“O médico acha que ela está tendo espasmos musculares.”

“Foi o que Patsy me contou. Ela parece estar bem agora.”

“Vamos aplicar a injeção nela mais tarde, para garantir que ela tenha uma noite tranquila.”

Não, não quero tomar nada. Preciso ficar com a cabeça limpa.

"Você acha mesmo que drogas são uma boa ideia?", perguntou Drew. "Elas não vão atrapalhar o progresso dela?"

“Não estou vendo muito progresso, Drew. E você?”

“Bem, não. Mas nunca se sabe...”

“Não quero que ela sinta nenhuma dor.”

"Nem eu."

“Então, que tal deixarmos o médico decidir? Patsy, estou morrendo de vontade de tomar uma xícara de café. E você, Drew?”

"Ah, eu não gostaria de causar nenhum problema para a Patsy", disse Drew docemente.

"Você se importaria?", perguntou Warren a Patsy.

“Claro que não.”

“Obrigado, Patsy”, disse Drew. “Você é muito gentil.”

"Então, como está minha sobrinha?", perguntou Warren a Drew enquanto Patsy saía da sala.

“Ela está bem.”

"Estava pensando que talvez pudesse levar vocês dois a Gettysburg neste domingo. Se isso for bom para vocês."

“Você quer nos levar a Gettysburg?”

Ele quer um álibi.

"Achei que você gostaria. Eu sei que eu gostaria. Casey e eu nos divertimos muito quando fomos lá. E isso me daria a chance de compensar por ter sido um idiota ultimamente."

Não. Não caia nessa.

“Eu também não tenho sido exatamente um exemplo de gentileza e bondade”, disse Drew.

“Então, o que me diz?”

Não faça isso.

Você acha que poderia me dar outra chance?

Vários segundos de silêncio.

Não. Por favor, não.

“Domingo seria ótimo”, disse Drew.

28

“D Orothea raramente saía de casa Sem o marido, mas ocasionalmente ela dirigia sozinha até Middlemarch, para pequenas tarefas como compras ou caridade, como acontece com toda senhora de posses que mora a menos de cinco quilômetros de uma cidade”, Janine lia.

Onde estou? O que está acontecendo?

“Dois dias depois daquela cena no Caminho do Teixo, ela decidiu aproveitar a oportunidade para, se possível, ver Lydgate e descobrir por ele se o marido realmente sentira alguma mudança preocupante nos sintomas que estivesse escondendo dela, e se ele insistia em saber tudo sobre si mesmo.”

Ela havia voltado para o hospital? A última semana não passou de um sonho?

“Ela quase se sentiu culpada por pedir informações sobre ele a outra pessoa, mas o medo de ficar sem elas — o medo daquela ignorância que a tornaria injusta ou insensível —

venceu todos os seus escrúpulos.”

Pavor, sim, pensou Casey. Essa era uma boa palavra para descrever o que ela estava sentindo.

“Ela tinha certeza de que havia ocorrido alguma crise na mente do marido: no dia seguinte, ele já havia começado uma novo método de organizar suas anotações, e a havia envolvido recentemente na execução de seu plano. A pobre Dorothea precisava acumular muita paciência. ' A pobre Dorothea precisa arranjar uma vida', disse Janine.

O que está acontecendo? Alguém poderia me dizer o que está acontecendo?

"Já quase terminou esse livro?", perguntou Patsy, com a voz pairando acima da cabeça de Casey.

“Página três quinze.”

“Ainda há um longo caminho a percorrer.”

“Acho que eu poderia dizer o mesmo sobre Casey”, disse Janine.

"Eu acho."

“Gail me disse que estava progredindo.”

“Acho que foi um caso de ilusão.”

“Ela não abriu os olhos desde que cheguei aqui.”

“Isso não significa nada”, disse Patsy. “E pelo menos ela não está mais sentindo dor.”

Quando é que eu senti dor?

“Acho que isso é algo pelo qual devemos ser gratos.”

Casey lutou contra a névoa em sua mente para decifrar o que estava acontecendo. As ideias surgiam aos trancos e barrancos, uma série de imagens explodindo diante de seus olhos, como se viessem de uma daquelas bolas de discoteca giratórias. Em um desses lampejos, ela viu Patsy parada ao lado de sua cama, sua voz penetrando a escuridão, comentando sobre sua pressão arterial elevada e o desconforto contínuo, assegurando-lhe que faria tudo para que ela se sentisse mais confortável. E então, a picada de uma agulha em seu braço, seguida por oscilações entre a consciência e a inconsciência.

Há quanto tempo ela estava flutuando? Que dia era?

“Casey”, ela ouviu sua irmã sussurrar. “Casey, você consegue me ouvir? Se você consegue me ouvir, aperte minha mão.”

Quanto tempo atrás foi isso? Ela conseguiu reunir forças para dizer à irmã que ainda estava consciente?

“Casey, escuta o que eu tô dizendo”, Drew tinha dito em outra ocasião.

Ou teria sido a mesma ocasião?

“Toque uma vez para sim, duas vezes para não.”

Que dia é hoje? Quanto tempo me resta?

"O Warren vai levar a Lola e eu para Gettysburg no domingo. Ele está sendo muito gentil comigo de repente. Não sei se ele está realmente tentando compensar por ter sido um idiota ultimamente, ou se está aprontando alguma coisa."

Ele vai me matar.

"Você entra, coloca um travesseiro sobre o rosto dela e sai sem que ninguém veja", disse Warren.

Quando foi que ele disse isso?

“Adorei sua camiseta”, disse Patsy. “Afinal, quem é Ed Hardy?”

Ed Hardy? Quem diabos era Ed Hardy?

“O estilista”, disse Janine.

“Camisetas de grife. Uau. Imagino que tenha sido caro, né?”

"Razoavelmente."

“O que é razoável?”

“Duzentos dólares.”

“Duzentos dólares por uma camiseta? Não me parece um preço muito razoável.”

Soou uma campainha.

“Esse sinal sonoro significa que todos vocês deram um lance acima do valor permitido.”

O que?

"O que é isso?", perguntou Patsy.

“Meu BlackBerry. Ai, meu Deus. Outra mensagem do Richard Mooney.”

Aquele pirralho?

"Quem?"

“Um cliente. Na verdade, consegui arranjar outro emprego para ele, mas ele ainda não está satisfeito. Olha, vou ligar para ele de novo e me livrar dele de uma vez por todas. Tem alguma sala que eu possa usar por alguns minutos?”

“Apenas cerca de oitenta deles.”

“Estarei ali no final do corredor.”

"Sem pressa."

Que horas são ?

Quanto tempo ela havia perdido? Casey se perguntou. Quantos dias haviam se passado desde a última vez que ela estivera totalmente consciente? Quanto tempo até que ela fosse sedada novamente?

“Seu amigo tem um gosto caro, com certeza. Imagina gastar duzentos dólares numa camiseta.”

Casey tentou mexer os dedos debaixo das cobertas, mas não sentiu nada. Tentou mexer os dedos dos pés, mas eles se recusaram a obedecer.

"Aperte minha mão", ela ouviu sua irmã insistir. "Casey, aperte minha mão."

Quando foi que ela disse isso? Hoje? Ontem? Anteontem? Quando foi a última vez que Drew esteve aqui?

“É ótimo que a Janine ainda venha aqui com tanta frequência”, disse Patsy. “E ainda por cima na hora do almoço.”

A hora do almoço dela? Isso significa que é um dia de semana.

“Embora ninguém saiba com que frequência ela virá depois que terminar aquele maldito livro.”

A porta da frente abriu e fechou. Seria Drew? Mais uma vez, Casey tentou mexer os dedos.

Se fosse Drew, ela precisava estar totalmente consciente e preparada.

"Voltei!", gritou Warren para o andar de baixo.

Não era Drew. Era Warren. Onde ele estivera?

“Oi”, disse ele da porta do quarto momentos depois. “Como está Casey?”

“Ela parece estar descansando em paz”, disse Patsy. “Como foi seu treino?”

“Não estou bem. Acho que distendi algum músculo do ombro.”

“Ah, não. Deixe-me dar uma olhada.”

“Não, tudo bem.”

“Vamos lá”, disse Patsy. “Eu sou a que tem as mãos mágicas, lembra? Agora senta essa bunda aí e deixa eu dar uma olhada. Desculpe”, ela se desculpou imediatamente. “Não queria me intrometer...”

"Você não fez isso", disse Warren, dando uma risadinha. Ele se jogou na cadeira mais próxima.

"Onde dói?", perguntou Patsy.

“Ali. E um pouco ali.”

“Certo, respire fundo e solte o ar nos meus dedos. Isso mesmo.”

“Nossa, que sensação boa. Você realmente tem mãos mágicas.”

“Esses parecem ser seus pontos problemáticos.”

"De várias maneiras", disse Janine secamente, voltando para a sala.

“Janine”, disse Warren.

“Acho que foi aí que eu entrei.”

“Não sabia que você estava aqui.”

“Com certeza. Isso já basta, Patsy.”

“Obrigado, Patsy”, disse Warren.

“Precisamos conversar”, disse Janine.

Certamente. Sobre algo em particular?

“Em particular.”

"Vou ficar no meu quarto", disse Patsy.

Segundos depois, Casey ouviu a porta do quarto de Patsy fechar.

"Há algum problema?", perguntou Warren a Janine.

"Você me diz."

"Você quer dizer além do fato de minha esposa estar em coma?"

“Qual é o seu problema com Florence Nightingale?”

“Se você está insinuando...”

“Não estou insinuando nada. Estou perguntando diretamente. Você está dormindo com ela?”

“Não seja ridículo.”

Você não respondeu à minha pergunta.

“Claro que não vou dormir com ela. Machuquei o ombro na academia. A Patsy só estava sendo gentil...”

“Tipo o quê? Tipo disponível?”

"Sério, Janine, se você pudesse se ouvir às vezes."

"Sério, Warren, se você pudesse se ver no espelho às vezes...", respondeu Janine.

“O que exatamente você viu que foi tão horrível?”

“Seja lá o que for, foi a segunda vez que vi. E não gostei nem um pouco. E, mais

importante, Casey não gostaria.”

“Casey também não teria gostado que eu dormisse com você, mas isso não te preocupava muito na época.”

O que?

Silêncio. Então, “Este não é o momento nem o lugar para falar sobre isso.”

“Talvez seja.”

Janine fechou a porta do quarto e respirou fundo. "O que aconteceu entre nós aconteceu há muito tempo."

“Menos de um ano”, corrigiu Warren.

O quê? Não, isso não pode ser. Estou tendo um pesadelo. São os remédios que o médico me receitou. Estou alucinando de novo. Nada disso está acontecendo.

“Isso nunca deveria ter acontecido”, disse Janine.

“Talvez não, mas aconteceu.”

Não acredito nisso. Não vou acreditar nisso.

O que é tão difícil de acreditar? Casey se perguntou. Se ela conseguia acreditar que seu marido era capaz de cometer um assassinato, certamente ele seria capaz de traí-la com uma de suas amigas mais próximas.

Ela percebeu que não era a traição de Warren que estava lhe causando tanta dificuldade em assimilar. Era a de Janine.

“Olha. Não me orgulho do que fiz”, disse Janine. “Eu estava passando por um momento difícil, principalmente porque Casey desistiu da nossa parceria. Eu estava com raiva, estava rancorosa, me deixei seduzir...”

“Se bem me lembro, foi você quem seduziu”, corrigiu Warren novamente.

“Eu estava flertando. Não achei que você fosse aceitar.”

“Você está se enganando, Janine.”

“Talvez. Você enganou o Casey, disso eu tenho certeza.”

“Eu adoro a Casey.”

“Você tem uma maneira interessante de demonstrar isso.”

“Estou mostrando isso agora.”

“Um pouco tarde, não acha?”

"Acho que é uma culpa com a qual ambos teremos que conviver."

“Parece que você está lidando muito bem com isso.”

“Não posso mudar o passado”, disse Warren. “O que aconteceu, aconteceu. Acabou. É hora de seguir em frente.”

“Passar para o próximo da fila?”

“É melhor do que fazer penitência em Middlemarch.”

“É tão simples assim?”

“Não é tão complicado assim.”

“Você é inacreditável.”

Você está com ciúmes.

“Garanto-lhe que a última coisa que sou é ciumenta.”

“Então por que estamos tendo essa conversa?”

Janine respirou fundo. "Estamos tendo essa conversa porque estou com o coração partido.

Doente por ter traído minha melhor amiga no mundo com aquele marido desprezível, doente porque o marido dela não é o homem que ela pensava que fosse, doente porque ela é quem está em coma quando eu é que mereço estar."

“Ah, por favor, Janine. Desista. Nobreza não combina com você.”

“E acima de tudo”, continuou Janine, ignorando a interrupção de Warren, “estou enojada com a sua falta de decência, a ponto de se envolver com outra mulher enquanto sua esposa está deitada bem na sua frente.”

"Bobagem", disse Warren friamente. "A única coisa que te incomoda é que aquela mulher não é mais você."

"Quero que ela saia daqui, Warren. Quero que ela saia daqui esta tarde."

"O que?"

“Você me ouviu. Quero a enfermeira Patsy fora daqui.”

“Com licença, mas não acho que essa seja uma decisão que lhe caiba.”

“Ou ela vai embora, ou eu juro que conto tudo sobre nós para todo mundo. E isso inclui o detetive Spinetti.”

"Por que diabos você consideraria fazer uma coisa tão estúpida?"

“Porque é tudo o que posso fazer por Casey agora.”

“E você acha que ela vai te agradecer por isso? Isso, claro, se ela acordar.”

“Não sei. Provavelmente não. Mas sei que, se ela tiver alguma chance de acordar, precisará dos melhores cuidados possíveis e, francamente, não acho que Patsy seja a pessoa certa para lhes proporcionar isso.”

Houve um longo silêncio de vários segundos. "Você pode ter razão sobre isso", disse Warren finalmente.

“Eu tenho razão.”

“E eu não sou estúpido. Nem insensível. Talvez eu nem sempre tenha sido o melhor marido para a Casey, mas, acreditem ou não, eu amo minha esposa e quero o melhor para ela.”

"O que quer dizer?", insistiu Janine.

“Vou dizer à Patsy que os serviços dela não são mais necessários.”

"Quando?"

“Logo depois que você sair”, disse ele enfaticamente. “Ah, e Janine”, continuou, enquanto Casey ouvia Janine juntando suas coisas e caminhando em direção à porta.

"Sim?"

"Acho que precisamos de um tempo. Ligue da próxima vez que você decidir aparecer. Eu me organizo para estar em outro lugar."

Janine não disse nada ao fechar a porta do quarto atrás de si.

• • •

"Olha, me desculpe", Casey imaginou Warren dizendo para Patsy algum tempo depois.

"Simplesmente não está dando certo."

"O que você quer dizer?", ela ouviu Patsy responder.

“Não foi nada que você tenha feito. Você foi maravilhosa. É que eu subestimei a quantidade de cuidados que Casey precisaria.”

“Poderíamos contratar alguém para me ajudar. Eu poderia ligar para a Donna...”

“Casey precisa de uma enfermeira, alguém com mais experiência...”

“Eu ainda poderia ajudar.”

“Não vai funcionar.”

“Não entendo. Pensei que nós...”

“É exatamente essa a questão”, Casey quase podia ouvir. Warren sussurra: "Não existe

'nós'. Não pode haver um 'nós'."

“Se isso aconteceu por causa da Janine, por causa do que ela acha que viu...”

“A Janine é uma mulher muito astuta, Patsy. Ela não vê coisas que não existem.”

"Eu sinto muito. . . ."

“Você não tem nada pelo que se desculpar. Eu é que deveria me desculpar com você. Você é adorável. Esse é o problema, em resumo. Você é linda, doce, gentil e atenciosa, e eu me vejo atraído por você de maneiras que nunca imaginei. E eu não posso deixar isso acontecer.

Ainda não”, Casey o imaginou acrescentando, estendendo a cenoura, talvez até deixando algumas lágrimas embaçarem seus olhos. “Talvez mais tarde. Se as circunstâncias mudarem...”

Ou algo parecido, pensou Casey, ao ouvir Patsy fungar enquanto carregava a mala do quarto até o topo da escada. Algo que desse esperança à jovem, um motivo para não ficar com raiva por ele estar a demitindo sem aviso prévio ou justa causa.

“Quero que você pegue isto”, disse Warren, do lado de fora da porta do quarto de Casey.

"O que é?"

“Só uma pequena ajuda para te ajudar a passar o tempo até você encontrar outra posição.”

“Não, por favor. Eu não poderia.”

“É o mínimo que se pode fazer.”

“É mais do que justo. É dinheiro demais. Não posso.”

“Você pode e você vai conseguir. Por favor. Eu quero que você tenha isso.”

Ah, pode ficar. É meu dinheiro mesmo. E eu vou morrer em alguns dias.

"Posso me despedir de Casey?"

“Claro. Fique à vontade para levar o tempo que precisar.”

Casey imaginou Warren pegando a mala de Patsy e carregando-a escada abaixo

enquanto Patsy entrava no quarto e se posicionava aos pés da cama de Casey. Ela sentiu o olhar de Patsy penetrar sua mente. "Vadia", disse ela.

E então ela se foi.

“Bem, considerando tudo, isso acabou sendo muito bom”, disse Warren minutos depois, puxando uma cadeira e se acomodando. “A Sra. Singer foi passar o fim de semana fora, Patsy está fora de cena, Gail está viajando e eu não preciso me preocupar com Janine por pelo menos alguns dias. Então, parece que está tudo pronto para domingo. Depois de amanhã, caso você esteja contando.”

Depois de amanhã, Casey repetiu. Onde estava Drew? Ela tinha apenas um dia para conseguir falar com ela.

“Já providenciei uma enfermeira particular para vir amanhã, e o médico vai passar mais tarde para te dar a injeção. Assim você não fica muito animada quando o Drew vier visitar”, disse Warren, como se seus pensamentos estivessem estampados na testa. “Então, vamos tentar relaxar, certo?”, disse ele, pegando a mão dela na sua e levando-a aos lábios, beijando a palma da mão dela. “Vai passar logo.”

29

Ela sonhou que estava no banco do passageiro de um Cessna bimotor quando este se chocou contra uma parede de turbulência e perdeu o controle, lançando seus passageiros ao ar rarefeito e frio, como se tivessem sido disparados por um canhão.

"Papai!" gritou Casey, enquanto observava sua mãe dar cambalhotas no céu em seu vestido de chiffon rosa, uma Alice bêbada desaparecendo na toca do coelho lá embaixo.

“Tente relaxar, minha querida”, insistiu a voz do pai por trás de uma nuvem acinzentada.

“Segure minha mão.”

Casey esticou o braço o máximo que pôde, seus dedos se agitando freneticamente no vazio em busca do toque reconfortante do pai. Não tocaram em nada, não se agarraram a ninguém. Seu pai não estava lá, ela percebeu. Nunca estivera.

Ele não conseguiu salvá-la.

Ninguém conseguiu.

Casey estava deitada na cama, lentamente voltando a si. Mesmo com a tontura que a dominava como uma esponja em expansão, ela entendia que, embora não estivesse mais despencando... Apesar de estar no ar rumo à sua morte, ela não corria menos risco. Ela ia morrer, percebeu, tentando imaginar como seus pais deviam ter se sentido na tarde em que o avião deles caiu na Baía de Chesapeake.

Ela percebeu que nunca havia realmente pensado nisso antes, nunca se permitiu a introspecção necessária para embarcar naquele avião condenado, para sentir o que seus pais devem ter sentido, para pensar o que certamente pensaram enquanto o avião descontroladamente cortava o céu antes de desaparecer no mar. Será que sua mãe estava se debatendo desamparadamente e chorando de medo? Será que ela estava repreendendo o marido, atacando-o em uma fúria alimentada pelo pânico, ou tentou abraçá-lo, segurá-lo em seus braços uma última vez,

mesmo enquanto as ondas se erguiam, como um coro enlouquecido, para recebê-los? Será que sua mãe estava consciente? Ou desmaiou no início do voo por excesso de álcool e cansaço, com a cabeça pendendo alheia de um lado para o outro enquanto o pai de Casey lutava freneticamente com os controles? Será que ele estava bêbado demais para compreender totalmente o perigo que corriam? Em seus últimos segundos, ele pensou em suas filhas? Alguma delas pensou?

Será que isso importava? Casey pensou naquele momento.

Fez alguma coisa?

Ela alguma vez significou algo para alguém?

O pai a amara apenas como um reflexo de suas próprias conquistas. A mãe era egocêntrica demais para compartilhar esse amor com qualquer outra pessoa. O amor da irmã sempre fora temperado por doses iguais de ressentimento. E Warren? Ele adorava o dinheiro dela, pensou Casey com pesar.

E então havia Janine. Sua ex-colega de quarto e sócia, supostamente uma de suas amigas mais próximas. Sim, elas tiveram muitos desentendimentos ao longo dos anos. Sim, elas discutiram, brigaram e, ocasionalmente, disseram coisas. Elas se arrependeram. Mas Casey jamais imaginara a dimensão da raiva de Janine, jamais compreendera até onde Janine seria capaz de ir para se vingar dela.

E, no entanto, por mais chocada e decepcionada que estivesse, Casey percebeu que não estava com raiva de Janine. Sua amiga simplesmente havia cometido o mesmo erro que Casey: Warren. Deus sabia que ela estava arrependida. E qualquer pessoa que pudesse expiar seus pecados lendo Middlemarch em voz alta dia após dia, semana após semana, merecia não apenas compaixão, mas uma segunda chance.

Que pena que ela não estaria aqui para dar o presente, pensou Casey, e esses pensamentos se voltaram para Gail. Gail, a única pessoa que sempre estivera ao seu lado, que a amara incondicionalmente desde a infância. Ela estava em algum lugar em Martha's Vineyard com o novo homem em sua vida, e ficaria devastada ao saber da morte de Casey quando voltasse.

Sinto muito, Gail, disse ela então.

"Sinto muito por tudo", ela chorou em silêncio, tentando se imaginar dois dias à

frente, tentando visualizar como seria ter alguém colocando um travesseiro sobre seu nariz e boca até que ela parasse de respirar. Ela engasgaria e lutaria para respirar? Levaria muito tempo para morrer ou a morte seria misericordiosamente rápida? Haveria um anjo esperando para recebê-la? Como seria a morte?

Será que poderia ser pior do que isso?

E, no entanto, apesar do horror dos últimos meses, apesar das revelações, das mentiras e das traições, apesar da perda da visão, da fala, da mobilidade e de tudo que a definia, Casey percebeu que não estava pronta para morrer.

Agora não. Não quando ela estava tão perto de recuperar tudo o que havia perdido.

Certamente não sem luta.

Claro, que luta, pensou ela no instante seguinte, como uma Uma onda de tontura a atingiu, resultado dos fortes medicamentos em seu organismo. Não era exatamente uma luta justa.

"Qual é a graça de brigar se a briga é justa?", ela ouviu o pai perguntar, com uma risada estrondosa que o seguia enquanto entrava na sala para olhar pela janela com vista para o quintal.

"Oi, papai", disse Casey, sentando-se na cama.

"O que você ainda está fazendo na cama?" Ele se virou bruscamente e encarou Casey com desaprovação.

“Não estou me sentindo muito bem.”

"Bobagem. Você só está tendo pena de si mesmo. A mente controla a matéria, Casey.

Simplesmente coloque um pé na frente do outro. Veja aonde isso te leva."

“Mas eu não consigo ver.”

“Então abra os olhos”, disse o pai dela simplesmente, antes de desaparecer na noite.

Casey abriu os olhos.

A primeira coisa que ela viu foi a luz da lua entrando pela janela onde seu pai estava parado.

Ela piscou uma vez, duas vezes, uma terceira vez.

A cada instante, a luz ficava mais forte.

Certo, tente não se animar muito, ela se advertiu. Você obviamente ainda está sonhando.

Só que não parecia um sonho.

Você está tendo alucinações.

As alucinações pareciam mais reais do que os sonhos.

Só que desta vez não se parecia com nenhuma das suas alucinações anteriores.

São as drogas. Elas estão pregando peças na sua mente. Você fica tonto. Você fica com vertigem.

Não estou tão tonto. Não estou tão zonzo.

"Eu consigo ver", pensou ela, piscando novamente.

O poderoso piscar de olhos.

Não seja ridícula, disse a si mesma. Você está se estressando à toa. Está escuro. É plena madrugada. Você está apenas imaginando a curva da lua espiando pela grande janela

saliente. Você não consegue distinguir as cortinas lilás abertas de cada lado da janela, nem as poltronas floridas em frente a ela. Você não consegue ver a cadeira listrada ao lado da cama, nem a grande TV de tela plana na parede oposta, ladeada por pinturas de orquídeas e narcisos. Você não consegue ver a lareira, nem a cama em que está deitada, com seus lençóis brancos e impecáveis visíveis mesmo no escuro. Você não consegue ver o cobertor lilás aos seus pés, nem a marca dos seus dedos se mexendo sob ele.

Não consigo. É impossível.

Os olhos de Casey se moviam freneticamente dentro das órbitas, percorrendo o corpo de um lado para o outro, depois para cima e para baixo, e então para frente e para trás. " Eu consigo ver", ela compreendeu, "uma euforia se espalhando por todo o seu corpo como fogo em lenha seca."

Não se empolgue muito. Isso já aconteceu antes. São as drogas. A qualquer momento você vai acordar.

"Relaxa, Casey", ela ouviu Warren dizer. "Tudo isso vai acabar logo."

Não. Agora não. Não quando estou tão perto. Ela estava deitada na cama, sentindo a respiração ficar cada vez mais ofegante, e encarando o lustre redondo no meio do teto, tentando se acalmar.

Eu vou sair dessa. Eu vou. Eu vou.

Ela ouviu os passos de Warren no corredor e soube que ele estava vindo ver como ela estava. Disse a si mesma para fechar os olhos, pois mesmo na penumbra, Warren perceberia imediatamente que ela podia ver, e ela não podia se dar ao luxo de correr esse risco. E, no entanto, ela... Não conseguia fechá-los, tão aterrorizada estava com a ideia de que, ao fazê-lo, sua visão desapareceria novamente, e que, ao reabri-los, tudo seria escuridão, como antes.

Warren entrou na sala.

Casey respirou fundo, fez uma oração silenciosa e fechou os olhos.

“Oi, querida. Como você está?” Ele se sentou na beirada da cama, e Casey sentiu o cheiro de bebida em seu hálito. “Estava com dificuldade para dormir de novo, então pensei em vir ver o que você estava fazendo. Parece que já estou com saudades das nossas conversinhas.” Ele acariciou a perna dela. “Sua respiração parece um pouco ofegante. O que foi? Você não vai morrer, vai?” Ele riu. “Quer dizer, não seria irônico? Você simplesmente morrer sozinha, depois de tudo que me fez passar nesses últimos meses.” Casey sentiu ele balançar a cabeça negativamente. “Isso seria realmente algo, não é? Mas se for isso que vai acontecer, eu agradeceria se você pudesse esperar até amanhã de manhã, quando a enfermeira chegar.

Acha que consegue esperar até lá? Talvez até eu sair de casa? Assim, ninguém pode ter nenhuma suspeita sobre mim ou me acusar de fazer algo impróprio." Ele se levantou e

caminhou em direção à janela. "A lua está quase cheia. É um espetáculo e tanto. O que dizem sobre a lua cheia? Que ela desperta o lado mais selvagem das pessoas?" Dessa vez, seu riso foi mais um encolher de ombros. "Você sabia que é fato que mais crimes são cometidos durante a lua cheia do que em qualquer outra época do mês? Interessante, não é? Ninguém nunca conseguiu explicar exatamente por quê."

"Então, sua irmã ligou mais cedo", continuou ele após uma pausa. "Ela estava pensando em passar aqui amanhã com a Lola. Eu disse a ela que seria ótimo, que talvez Eu pedia pizza e fazíamos um piquenique no quintal. Ela achava ótimo, e sabe de uma coisa? Eu também.

Quer dizer, por que perder tempo e energia brigando quando todos sabemos que sou um amante, não um brigão?" Ele riu de novo, um "hah!" estrondoso que ecoou pelas paredes e bateu na lateral da cabeça de Casey como uma bola de borracha perdida. "Tenho pensado muito sobre a situação com a Drew, e de repente percebi que é muito simples, e não sei por que não vi isso antes. Provavelmente eu estava muito irritado com tudo. Mas agora vejo que a Drew é como uma cachorrinha triste que só quer ser amada, mas todo mundo sempre a chuta para o meio-fio. Então, em vez de me juntar à multidão, em vez de tratá-la como um lixo vestido de Gucci, do jeito que ela está acostumada a ser tratada pelos homens da vida dela, decidi tratá-la como uma princesa em um dos contos de fadas da Lola." Vou lustrar minha armadura, chegar montado no meu cavalo branco e conquistá-la.

"Como, você pode perguntar? Bem, eu vou te contar, embora a prudência me diga para ficar de boca fechada. Quem é essa Prudência, afinal, e como ela ousa me dizer o que fazer?" Ele riu. "Mas que se dane. Estou bêbado, e você não vai estar por aqui depois de domingo. E

quando você estiver morta e enterrada, caberá a mim oferecer à sua irmã um ombro amigo para chorar. O viúvo em luto consolando sua cunhada aflita. Tão compreensivo. Tão compassivo. Como ela conseguirá resistir? Como ela não se apaixonará?"

“E quem condenaria um amor assim?”, continuou ele, como se estivesse fazendo um discurso final perante um júri. “Um amor que nasce da dor, de um sentimento compartilhado de perda. É perfeito, não acha? Vamos com calma, claro, esperar pelo menos um ano antes de anunciar nosso noivado, seguido de um casamento rápido, mas de bom gosto, com Lola como madrinha.” daminha de honra. Talvez até peçamos à Gail e à Janine para serem madrinhas. Bem, talvez não à Janine.

"Bem, Drew e eu nos casamos e vivemos felizes para sempre. Ou pelo menos felizes para sempre por um ou dois anos. E então, outra reviravolta horrível do destino. Mãe e filho perdem a vida quando o veleiro em que estavam vira em águas traiçoeiras na costa do México; o marido, desesperado, quase se afoga tentando salvá-los. Já consigo imaginar as manchetes."

“É claro que provavelmente haverá alguns rumores sobre as mortes delas. Você sabe como as pessoas falam. Você não é estranha a fofocas e insinuações. Aliás, você cresceu com isso.

E qual era a filosofia do seu pai? Que se dane a fofoca e as insinuações! Mostre-me as provas concretas. Então, embora eu espere que haja quem questione a probabilidade de um raio cair duas vezes no mesmo lugar, de duas jovens ricas morrerem em acidentes

separados, mas igualmente trágicos, muito antes da hora, e o Detetive Spinetti sem dúvida volte a investigar, suspeito que a investigação dele vai esbarrar no mesmo muro que a anterior. E acho que posso aguentar alguns meses de suspeita em troca de uma vida inteira de luxo. E desta vez, nem terei que dividir. Será tudo meu. Tudo pelo que seu pai trabalhou.

E trapaceou. E roubou. Porque seu pai realmente não era uma pessoa muito boa, Casey. No caso dele, os rumores e as insinuações eram todos verdadeiros. Eu sei porque acompanhei a carreira dele por anos. Estudei tudo sobre ele. Não consigo descrever o quanto o admirava, o quanto queria ser como ele. Cheguei a escrever um trabalho sobre ele na faculdade de direito. Acho que nunca te contei isso, né? Não, claro que não. Até onde você sabia, eu nunca tinha ouvido falar de Ronald Lerner antes de te conhecer.

Casey sentiu as pálpebras tremerem de indecisão. Ela queria ver aquele homem, aquele homem que amara e com quem se casara, que a enganara e ludibriara, que

a manipulara e a usara, e que, por fim, tentara destruí-la. Se nada mais, ela precisava olhar para o rosto dele

— ver o ogro grotesco por trás da máscara de Príncipe Encantado — uma última vez antes de morrer.

Era arriscado, ela sabia. E se ele não estivesse mais olhando para a lua? E se estivesse olhando diretamente para ela? Será que ela conseguiria enganá-lo, fazendo-o pensar que seus olhos não viam nada? Será que ela conseguiria enganá-lo por alguns segundos com a mesma facilidade com que ele a enganara por mais de dois anos?

Lentamente, com cautela, Casey abriu os olhos.

Ele estava parado junto à janela, embora já não estivesse olhando para a noite. Em vez disso, seu olhar estava fixo na parede oposta do quarto, seu belo perfil iluminado pela luz arredondada da lua.

Ele parece exatamente o mesmo, pensou Casey, reprimindo um suspiro de saudade tão profundo que quase a fez exclamar. Saudade de quê?, perguntou-se impacientemente.

Saudade da vida que tivera, da vida que perdera? Uma vida construída sobre mentiras e enganos? Como poderia sentir saudade de um homem que só desejava a sua morte?

E, no entanto, lá estava — o anseio, embora misturado com medo, raiva e aversão, mas anseio mesmo assim. Havia alguma dúvida de que Drew sucumbiria àquela mesma atração magnética? Afinal, ambas eram filhas de Ronald Lerner, e ele as havia preparado muito bem para homens como Warren Marshall.

Warren suspirou e passou a mão pelos seus grossos cabelos castanhos, que estavam mais compridos do que da última vez que Casey os vira. Apertou o cinto do seu roupão de seda, um dos doze presentes que Casey lhe dera no Natal passado. E então suspirou novamente.

"Então, qual a sua opinião sobre meu plano mais recente, Casey?", perguntou, virando-se bruscamente.

Casey fechou os olhos imediatamente.

"Acha que vai funcionar?" Ele caminhou até a lateral da cama. "Acha que a Drew vai cair na minha lábia de príncipe encantado do mesmo jeito que você caiu? Acha que ela vai aceitar se tornar a Sra. Warren Marshall número dois? Acho que sim", disse ele sem hesitar. "Certo, então. Acho que vou voltar para a cama agora. Toda essa autoelogio me deixou bem cansado." Ele se inclinou para a frente e beijou o canto dos lábios de Casey.

Casey se perguntou se os olhos dele estavam fechados e teve que lutar contra a vontade de abrir os seus.

"Vou sentir muita falta dessas nossas conversinhas", disse ele.

Casey permaneceu acordada pelo resto da noite, com os olhos abertos e resistindo à tontura ou ao cansaço, enquanto ouvia os badaladas do relógio de parede no hall de entrada anunciarem a passagem de cada quarto de hora. Observou a lua perder o brilho, enquanto o céu trocava seu tom escuro por algo mais pastel. Viu o azul pálido das primeiras horas da manhã se transformar em um cinza-aço por volta das sete horas, quando o céu se encheu de nuvens ameaçadoras que prometiam chuva. Quando ouviu Warren cantarolar no chuveiro uma hora depois — “Quando eu chegar em Phoenix, ela já estará dormindo...” —

relâmpagos cortavam o céu, como se tivessem sido desenhados por um cartunista, e trovões sacudiam o quarto.

Um espetáculo de luzes e sons só para mim, pensou Casey, apreciando o show apesar de tudo. Ou talvez por causa disso. Quando foi a última vez que ela sentiu tanto prazer ao ver a chuva batendo forte na janela? Ela pensou em Drew e se perguntou se ela ainda estava dormindo, ou talvez o trovão e os relâmpagos a tivessem acordado.

Drew sempre teve pavor de tempestades. Quando eram pequenas, costumava correr para o quarto de Casey no meio da noite e se enfiar na cama dela, se enterrando debaixo das cobertas e cravando os dedos na carne abaixo das costelas de Casey enquanto o trovão rugia. E Casey beijava o topo da cabeça de Drew e a assegurava de que a tempestade logo passaria. Invariavelmente, Drew adormecia nessa posição, enquanto Casey permanecia acordada, protegendo a irmã mais nova até que a tempestade, de fato, tivesse passado. De manhã, Drew

saía da cama sem dizer uma palavra e voltava para o seu próprio quarto, seu orgulho se recusando a permitir que sequer um indício de agradecimento chegasse à irmã.

Conforme foram crescendo e se distanciando cada vez mais, Drew parou completamente de ir ao quarto de Casey. Eventualmente, encontrou outros braços para confortá-la, outras camas para compartilhar.

O telefone tocou.

Casey ouviu Warren atender a ligação em seu quarto. "Sim, sou Warren Marshall. Certo.

Estávamos esperando você. Há algum problema?" Uma pequena pausa, e então: "Bem, não posso dizer que estou surpreso, com esse tempo. Não, acho que vocês estão meio presos.

Espero que a polícia resolva logo. Certo. Ok. Acho que consigo me virar com o Casey até lá.

É uma pena. Vocês estão a apenas uma saída de distância. É, não há muito o que possamos

fazer. Ok. Venham o mais rápido possível. Obrigado." Momentos depois, parado na porta do quarto de Casey, ele anunciou: "Acidente na Schuylkill Expressway."

Por causa dos trovões, Casey não o ouviu se aproximar e não teve tempo de fechar os olhos.

"Por favor, não entre", ela rezou. " Por favor, não olhe para mim."

“A enfermeira está presa a um quilômetro e meio da saída de Rosemont. Aparentemente, a polícia está ocupada limpando a bagunça agora.”

Pelo canto do olho, Casey o viu balançar a cabeça negativamente.

“Não sei o que acontece com as pessoas quando cai uma chuvinha”, disse ele, acompanhado por outro estrondo de trovão. “Elas esquecem como dirigir. De qualquer forma, ela deve chegar em meia hora. Você pode esperar até lá para comer, não é?”

O telefone tocou.

“Provavelmente a enfermeira Friedlander de novo”, disse ele, indo até o criado-mudo enquanto Casey fechava os olhos. “Ah, olá, Drew”, disse ele segundos depois, com a voz tão suave quanto cashmere. “Sim, consigo ver o que está acontecendo lá fora. Está horrível. E, segundo o meteorologista, só vai piorar. Mas a boa notícia é que o tempo deve melhorar no final da noite, então devemos estar bem para Gettysburg amanhã. Não, eu não dirigiria hoje se fosse você.” “ Claro. Entendo perfeitamente. Você também não me veria dirigindo com esse tempo. Não se preocupe. Vamos comer pizza amanhã.” “Com certeza. Ligo mais tarde com todas as informações. ” “Certo. Tente não se preocupar e dê um grande beijo na Lola por mim... Bem, diga a ela que também estou ansioso.” Ele desligou o telefone.

“Essa era sua irmã”, disse ele, afundando na cadeira ao lado da cama de Casey e ligando a TV. “Ela não virá hoje.”

30

“ Bem , bem”, disse uma voz feminina suave. “Como a senhora está se sentindo nesta linda manhã de domingo, Sra. Marshall? A tempestade de ontem a incomodou? Vejo que sua pressão arterial ainda está um pouco alta.”

Casey reconheceu a voz de Harriet Friedlander da tarde anterior e acolheu seu toque gentil.

Como era diferente do de Patsy, pensou ela, enquanto Harriet retirava o aparelho de pressão arterial apertado de seu braço e, em seguida, afastava delicadamente os cabelos da testa de Casey com a palma da mão. Ela continuou com seus cuidados, passando uma toalha morna no rosto e nas mãos de Casey e, em seguida, cuidando de seu tubo de alimentação.

"Pronto", disse ela quando terminou tudo. "Agora você está pronta para enfrentar o dia."

"Para encarar a morte", acrescentou Casey, ouvindo a outra mulher caminhar em direção ao banheiro privativo e abrindo os olhos o suficiente para vislumbrar rapidamente cabelos grisalhos bem cuidados e um uniforme rosa impecável.

"Como está minha esposa esta manhã?", perguntou Warren, entrando no quarto e aproximando-se da cama, pegando as duas mãos de Casey, que a Sra. Friedlander havia deixado sobre os cobertores.

“A pressão arterial dela ainda está mais alta do que eu gostaria. Talvez você devesse consultar o médico dela.”

“Ligarei para ele amanhã de manhã, assim que possível. A menos que você ache que eu deva levá-la ao hospital agora mesmo...”

“Não, não. Não acho que seja necessário. Domingo nunca é um bom dia para ir ao hospital.

Você só vai encontrar internos e residentes. Casey não corre nenhum perigo imediato.”

É aí que você se engana, pensou Casey.

Completamente errado.

“Então, ela está preparada até esta noite?” perguntou Warren.

“Voltarei às cinco horas para trocar o tubo de alimentação dela.”

“Perfeito. Até lá.”

“Há mais alguma coisa que eu possa fazer enquanto estiver aqui?”

“Não, obrigada. Você já foi extremamente generosa com o seu tempo. Foi muita gentileza sua ter vindo hoje, especialmente com tão pouco aviso prévio.”

“Fico feliz por ter podido ajudar. Adeus, Casey. Até mais.”

Por favor, não vá.

“Deixe-me acompanhá-lo até a saída”, ofereceu Warren.

"Obrigado."

Assim que eles saíram, Casey abriu os olhos. Um sol de verão espetacular invadia o quarto, fazendo-a piscar várias vezes em rápida sucessão. Era um dia de tirar o fôlego, daqueles que vemos nas capas de folhetos. Uma pena desperdiçá-lo morrendo, pensou Casey, flexionando os dedos das mãos e dos pés e girando os tornozelos e pulsos. Lentamente, com muito cuidado, começou a virar a cabeça para um lado, parando apenas quando ouviu a porta da frente fechar. Warren estaria de volta lá em cima em segundos, Casey sabia, retornando cuidadosamente a cabeça à posição anterior.

“Essa sim é uma senhora muito simpática”, comentou Warren. reaparecendo na porta. “Ela vai ficar muito chateada quando voltar esta tarde e descobrir que você faleceu.

Provavelmente vai se culpar por não ter insistido para que eu o levasse ao hospital. Ah, bem. O que se pode fazer?” Ele fez uma pausa, como se esperasse uma resposta. “Certo. Eu adoraria ficar e conversar, mas preciso terminar de me arrumar para o meu encontro. Não gostaria de deixar sua irmã esperando. Então,

com licença.”

Casey manteve os olhos fechados durante os dez minutos que seu marido levou para fazer o que precisava fazer e voltar para ela. Quando ele retornou ao quarto, cheirava a enxaguante bucal e colônia.

"Como estou?" Ele se sentou na beirada da cama, segurando as mãos dela entre as suas mais uma vez. "Não, acho que você tem razão. Não é hora para piadas de mau gosto. O Nick chega daqui a algumas horas. Espero que ele não fique muito tempo. Espero estar te enviando para um lugar melhor. Então, cuide-se na sua jornada." Warren se inclinou para a frente e a beijou na boca.

Casey lutou contra a vontade de morder os lábios dele. Será que ela conseguiria?, pensou.

Será que ela teria forças?

“Adeus, Casey.”

Ela o sentiu se afastar e parar na porta para um último olhar. Será que ele tinha algum arrependimento?, pensou. Segundos depois, a porta da frente se fechou. Só então Casey se arriscou a abrir os olhos. O cômodo ficou imediatamente nítido e claro.

Preciso sair daqui.

Como? O que ela poderia fazer?

Casey tentou virar-se de lado. Mas seu corpo se recusou a cooperar, permitindo-lhe apenas movimentos limitados enquanto lutava para trazer o braço direito em direção ao corpo.

lado esquerdo. Após vários minutos frustrantes e infrutíferos, Casey desistiu, com os olhos cheios de lágrimas enquanto olhava para o teto.

Se ela conseguisse ao menos sair da cama, pensava. Se conseguisse alcançar o telefone, ligaria para o 911. Mesmo que não conseguisse falar, a polícia seria alertada e enviada.

Alguém viria. Alguém a salvaria.

Mas como ela conseguiria sair da cama se não conseguia nem se virar de lado, se seus músculos maiores haviam atrofiado devido a meses de inatividade e se sentia tão impotente quanto um recém-nascido?

Tem que haver um jeito.

Ela não podia simplesmente ficar ali deitada, esperando passivamente que um estranho sem coração a sufocasse até a morte. Warren tinha dito que ela tinha algumas horas.

Certamente, com esforço concentrado suficiente, ela conseguiria sair daquela cama, chegar ao telefone e sair daquela casa.

Depois do que pareceu uma eternidade, Casey finalmente conseguiu virar a cabeça alguns centímetros para a esquerda. Lentamente, observou o cômodo deslizar diante de seus olhos, o azul intenso do céu desaparecendo no lilás sutil das cortinas e no tom suave de malva da parede. Ela continuou tentando, seus olhos percorrendo a TV de plasma na parede oposta, passando pela cadeira listrada e pousando no criado-mudo ao lado da cama quando sua bochecha tocou o travesseiro. " Consegui", pensou, avistando a hora no relógio digital sobre a mesa: 11h15, anunciavam em negrito os grandes números vermelhos.

"Tenho muito tempo", Casey se tranquilizou, recomeçando o árduo processo, lutando contra a tontura e a náusea enquanto conseguia trazer a cabeça de volta à posição original no travesseiro, e então continuava. Para o outro lado, ela avistou a porta fechada do seu closet e a porta aberta para o corredor.

Tudo que eu preciso fazer é sair desta cama, pegar o telefone e discar 911.

Seus dedos já tamborilavam no ar enquanto Casey, com cuidado, levava a cabeça em direção ao telefone na mesinha de cabeceira à sua esquerda. Ela imaginou a mesinha ao lado da cama da mãe e se perguntou se a arma dela ainda estaria na gaveta de cima, onde sempre a guardava.

Era possível?

Ninguém havia usado aquele quarto até Warren.

Drew sempre resistiu à ideia de vasculhar os pertences dos pais, considerando aquilo macabro e adiando uma visita após a outra, até que a urgência se dissipou.

Casey, por sua vez, também não estava ansiosa para mexer nas coisas dos pais. Eles chegariam lá eventualmente, pensava ela. Tinham muito tempo.

E agora o tempo havia acabado, ela percebeu, tentando se obrigar a sentar-se, sentindo cada músculo do seu corpo se contrair em protesto e se recusar a obedecer. Além disso, mesmo que a arma ainda estivesse lá, mesmo que ela conseguisse alcançá-la, teria força suficiente para puxar o gatilho?

Será que a consciência dela permitiria, mesmo que ela pudesse?

"Meu Deus", pensou Casey, enquanto seus olhos se fixavam no relógio ao lado de sua cabeça — 11:52, marcavam os números. Não podia estar certo. Não era possível que tivesse passado mais de meia hora desde a última vez que ela verificara. Não era possível que tivesse levado tanto tempo para fazer tão pouco.

O que eu devo fazer? Alguém pode, por favor, me dizer—que diabos eu devo fazer?

Continue tentando, ela disse para si mesma enquanto o telefone tocava. Começou a tocar.

Uma, duas, três vezes. Você estende a mão e atende o maldito telefone. Quatro vezes. Cinco.

Alô? Alô? Só que, mesmo enquanto Casey estendia a mão no ar em direção ao som, o toque parou.

Isso não é justo. Isso não é justo.

"Ah, cresça", ouviu Janine repreendê-la de um canto distante de sua mente. "Quem disse que a vida é justa?"

"Você acha que eu estava pronto para morrer?", perguntou o pai dela.

"Você acha que eu gostei de mergulhar nas águas geladas da Baía de Chesapeake?", perguntou sua mãe.

“Meu marido morreu de leucemia quando ainda era jovem”, lembrou Gail. “Que injustiça, não é?”

Você tem razão, Casey reconheceu em silêncio, voltando a apoiar a cabeça no travesseiro.

Justiça nunca tinha sido parte da equação. Se você se perguntava "Por que eu?" quando as coisas iam mal, tinha que se perguntar a mesma coisa quando iam bem. No fim das contas, você tinha que jogar com as cartas que tinha na mão. No caso dela, podia aumentar a aposta ou desistir. E eu não estou pronta para desistir, pensou.

Ainda não.

Ela começou os exercícios que Jeremy havia feito com ela, dobrando os braços nos cotovelos e tentando dobrar os joelhos. Só que estava tão bem aconchegada que suas

pernas quase não tinham espaço para se mover. Mesmo assim, continuou pressionando os dedos dos pés contra os lençóis, determinada a afrouxar o aperto firme da cama. Depois de mais dez minutos, Casey sentiu os lençóis finalmente começarem a ceder. Fechou os olhos, exausta.

Quando ela os abriu novamente, eram dez minutos depois da doze.

Não, não pode ser. Não pode ser.

Como ela pôde ter adormecido, mesmo que por alguns instantes? Minutos? O tempo estava se esgotando. Ela precisava sair da cama. Precisava sair de casa.

Mais uma vez, Casey tentou levantar as pernas. Desta vez, conseguiu trazer os joelhos até a metade do peito antes de desabar de exaustão. Seu coração batia descompassadamente no peito. Ela não tinha dúvidas de que, se a Sra. Friedlander estivesse ali naquele momento para verificar sua pressão arterial, estaria altíssima.

Preciso levantar. Preciso sair da cama.

“Eu odeio...”

Casey ouviu o som estranho como se viesse de algum lugar do outro lado do quarto. Quem estava ali? Será que Warren tinha chegado em casa enquanto ela dormia? Será que ele estava sentado numa cadeira perto da janela, observando-a

e rindo de suas tentativas frustradas de fuga?

Casey virou lentamente a cabeça em direção às cadeiras em frente à janela.

Não havia ninguém lá.

Uma análise cuidadosa do quarto confirmou que ela estava sozinha.

“O quêêêêê... ”

Meu Deus! Meu Deus!

Casey percebeu que os sons vinham da própria boca dela e rapidamente emitiu mais sons.

A maioria se dissipou instantaneamente ao contato com o ar, emergindo mais como uma série de grunhidos e sussurros roucos.

Eu não posso morrer agora. Eu não posso.

“Eu possoooo . . .”

O telefone tocou novamente. Casey moveu a cabeça na direção do som. Não rapidamente, mas também não tão lentamente quanto da última vez.

Continue em movimento. Continue em movimento.

Quem estava ligando? Era Nick, o homem horrível que Warren contratara para matá-la? Ele estava ligando para dizer... Ele não conseguiu chegar, ficou preso no trânsito na Schuylkill Expressway? Ou talvez tivesse mudado de ideia, que uma coisa era atropelar alguém com uma máquina pesada, e outra bem diferente era sufocar essa pessoa com as próprias mãos, sentir o último suspiro dela roçando seus dedos? Certamente, até mesmo assassinos de aluguel têm seus limites.

O telefone parou de tocar, desta vez depois de apenas quatro toques.

Você não tem tempo para isso, Casey repreendeu-se, forçando um joelho de volta ao peito e depois o outro. Mas quando tentou levantar as duas pernas ao mesmo tempo, provou-se impossível.

Tudo bem. Tudo bem. Continue tentando. Continue tentando.

“Fiquem assim...”

Na próxima vez que Casey olhou para o relógio, marcava 12:30.

Continue tentando. Continue tentando.

12:35. 12:42. 12:47.

O telefone tocou novamente.

Talvez alguém suspeitasse que ninguém atendia o telefone. Talvez essa pessoa fosse até lá para investigar. Talvez alertasse a polícia, pedindo que verificassem a casa e se certificassem de que estava tudo bem.

Mais quatro toques, e então o toque parou.

Cinco minutos depois, foi a vez da campainha tocar, seguida por fortes batidas na porta.

Graças a Deus, pensou Casey. Alguém estava ali. Alguém tinha vindo resgatá-la.

Socorro. Alguém, por favor, me ajude.

“Inferno...” Casey suspirou, o som fraco acompanhando a onda de sua respiração enquanto a porta da frente se abria e fechava.

Ele está aqui, Casey percebeu. Seu assassino estava na casa.

Mas por que ele tocaria a campainha e bateria na porta? Claramente Warren lhe dera uma chave. Por que toda essa farsa?

"Olá?", perguntou uma voz feminina vinda do hall de entrada do andar de baixo. "Tem alguém em casa?"

Patsy?

"Alô?", ela chamou novamente.

O que Patsy estava fazendo ali? Ela fazia parte do plano? O que estava

acontecendo?

“Warren? Você está em casa?” perguntou Patsy, chegando ao topo da escada e se virando em direção ao quarto dele. “Warren?”

Casey abaixou as pernas enquanto suas mãos voltavam para cima dos cobertores, sua cabeça encontrando seu lugar familiar no meio do travesseiro. Ela manteve os olhos abertos e olhou fixamente para frente. Acontecesse o que quer que fosse acontecer, decidiu, ela queria ver.

“Ora, ora, ora”, disse Patsy, entrando no quarto de Casey e deixando cair sua grande bolsa de lona no chão. “Você está aqui! Pensei que talvez tivessem te levado de volta para o hospital ou algo assim. Onde está todo mundo, afinal? Não acredito que todos saíram e te deixaram sozinha. Não foi nada legal da parte deles, foi? Embora você não possa dizer que eu não avisei.” Ela riu, inclinando-se sobre a beirada da cama e bloqueando o campo de visão de Casey.

Ela era muito parecida com a descrição de Warren, embora fosse mais bonita do que Casey esperava. Seus olhos eram de um castanho intenso, um tanto apagados pelo cinza da sombra e pelo preto do rímel aplicado em abundância. Sua pele era pálida, e seus cabelos loiro-avermelhados estavam presos em um coque desajeitado no alto da cabeça. Seios fartos se destacavam entre o decote em V profundo de sua blusa roxa vibrante. Seu umbigo, Um pequeno anel de ouro perfurava sua orelha, que era visível acima da cintura baixa de suas calças jeans brancas justas.

“Onde está o Warren? Malhando?” perguntou Patsy. “Ele não conseguiu encontrar ninguém para cuidar de você? Talvez ele não devesse ter me dispensado tão rápido. É difícil encontrar alguém do meu nível.” Ela riu novamente, embora a risada fosse mais amarga do que doce. “Você está parecendo um pouco corada. Está suando?” Patsy se inclinou para mais perto, depois recuou bruscamente.

Será que ela percebe que eu consigo vê-la? Casey se perguntou. Será que eu deveria contar para ela?

"O que estou fazendo?", perguntou Patsy, recuando. "Você não é mais meu trabalho." Ela caminhou em direção à janela. "Essa vista é realmente linda. Vou sentir falta. Ah, bem.

Talvez eu volte." Ela suspirou. "Você provavelmente está se perguntando o que estou fazendo aqui agora ."

Esse pensamento me passou pela cabeça.

"Parece que deixei um suéter meu no fundo de uma gaveta do meu quarto sem querer . Sem querer, claro. Então, meu plano original era passar aí, pedir para o Warren me ajudar a achar, tentar ele com umas palavrinhas bonitas e um pouco de decote, e, quem sabe, acabar na cama dele. Tentei ligar, só para ver se tinha alguém em casa, mas ninguém atendeu.

Liguei até quando estava bem na porta da frente. Bati, bati, esperei, esperei. Quase fui embora. Aí pensei: 'Qual o sentido de vir até aqui e sair de mãos vazias?' Então resolvi entrar. Ainda tenho a chave. Esqueci de devolver sem querer . Enfim, como eu disse, imaginei que você já estivesse no hospital. Nunca me passou pela cabeça que você estaria aqui sozinha."

“Mas aqui está você, e aqui estou eu . E já que Não parece que vou conseguir dormir com aquele seu marido lindo tão cedo — o que significa que você ganhou a aposta — então acho que posso ir embora com alguns presentinhos de despedida. Como fazem naqueles programas de jogos que a gente assistia juntos na TV.

Ela caminhou até o closet de Casey, abriu a porta e entrou.

“Como este lenço de seda, por exemplo”, disse ela, voltando momentos depois com o lenço Hermès amarelo e preto que havia admirado antes. “Aquele que deixou sua irmã tão irritada.” Patsy o enrolou frouxamente em volta do pescoço. “Quer dizer, o que você vai fazer com ele? Além disso, fica muito melhor em mim. Não acha?”

Pode ficar com o maldito cachecol. Leve o que quiser. Só me tire daqui.

"Me ajude", Casey implorou baixinho, o apelo quase inaudível escapando de sua boca como uma folha que cai de uma árvore.

Patsy congelou. Seus olhos se arregalaram. Seu lábio inferior caiu em direção ao queixo. "O

quê?"

Casey tentou formar as palavras novamente, mas elas se recusaram a cooperar, as letras se debatendo em sua língua, incapazes de se reagrupar.

Patsy olhou para ela por vários longos segundos, depois caiu na gargalhada. "Meu Deus, você me deu um susto danado. Sabia disso? Eu realmente achei que você tinha dito alguma coisa. Nossa, quase me mijei nas calças. O que há de errado comigo? Droga, preciso sair daqui."

Não. Não, espere. Por favor.

“Vou pegar só mais algumas coisas”, disse Patsy, desaparecendo mais uma vez dentro do closet. “Quer dizer, essas calças da Prada estão muito pequenas, mas talvez eu consiga encontrar algo que sirva no eBay. E eu gostei desse Armani.” jaqueta, embora eu provavelmente tenha que alargá-la um pouco no busto.”

Você tem que me ajudar. Você tem que me levar com você. Você não pode me deixar aqui.

Casey começou a chutar freneticamente os pés debaixo das cobertas, como se estivesse atravessando água. Ela empurrou a cabeça para fora do travesseiro e levantou a mão direita, agarrando o ar como se fosse uma tábua de salvação.

Me ajude. Você precisa me ajudar.

"Ok, acho que é tudo", disse Patsy, saindo do armário com os braços cheios de pertences de Casey. "Meu Deus!", exclamou, largando tudo no chão ao encontrar o olhar de Casey.

Casey recostou-se no travesseiro, exausta pelo esforço que acabara de realizar, enquanto Patsy desabava no chão.

31

Patsy ? Patsy? Onde estão? Você? Que diabos aconteceu?

Ela tinha fugido? Casey tentou levantar o tronco da cama para ver melhor, mas seu corpo não obedecia.

Patsy, pelo amor de Deus, onde você está? Volte aqui. Você precisa me ajudar. Você precisa me tirar daqui.

Passaram-se mais alguns minutos antes que Casey conseguisse reunir forças suficientes para levantar a cabeça novamente. A princípio, tudo o que ela viu foram suas roupas espalhadas, como folhas rasteiras, sobre o tapete cor de marfim.

E então ela a viu.

Patsy estava meio sentada, meio deitada no chão, com as costas encostadas na porta aberta do armário, a cabeça pendendo para o ombro direito e os olhos fechados.

Nem pense em desmaiar aqui, seu ladrãozinho idiota! Acorde! Está me ouvindo? Acorde!

"Não acredito nisso", pensou Casey, incapaz de manter a posição e desabando de volta no travesseiro.

Não, não, não, não, não, não, não.

Patsy gemeu.

Sim! Acorde. Acorde, seu maldito!

O gemido transformou-se num lamento. Será que Patsy estava a recobrar a consciência ou a afundar-se ainda mais? O que estava a acontecer?

“Jesus”, Patsy sussurrou alguns longos segundos depois. No minuto seguinte, ela se levantou rapidamente, seus olhos percorrendo lentamente, e com evidente relutância, a direção de Casey. “Não acredito nisso”, disse ela sem se mexer.

“Você consegue me ver, não consegue? Você está consciente.” Ela deu dois passos hesitantes em direção à cama de Casey. “Quando isso aconteceu? Onde está Warren? Alguém ligou para o hospital?” Ela caminhou em direção ao telefone, com a mão estendida.

Oh, obrigada. Obrigada.

E então, o clique inconfundível de uma chave girando na fechadura. A porta da frente se abrindo.

"Warren", Patsy exclamou, ofegante, olhando para trás, para a pilha de roupas de Casey que ela havia jogado no chão.

Não era Warren, Casey percebeu ao ouvir a porta fechar.

Morte.

Casey viu a confusão passar pelos olhos de Patsy como raios.

O som de passos enquanto subiam a escadaria.

“Droga”, murmurou Patsy, correndo de volta e recolhendo todos os pertences de Casey do chão, atirando-os para dentro do armário. “O que eu vou dizer para ele? Como vou explicar... ”

"Beleza?", sussurrou a voz sedutoramente do corredor. "Seu príncipe chegou."

Casey observou os olhos de Patsy se estreitarem, as sobrancelhas se franzindo em direção à ponta do nariz. O que está acontecendo? Seus olhos perguntaram a Casey. Esse não é o Warren. O que eu devo fazer agora?

Basta fazer-se notar. Isso será suficiente para o deter. Ele ficará tão perturbado quanto você.

"Socorro!", gritou Casey em silêncio.

Patsy cambaleou em direção a ela, estendendo as mãos para Casey e depois caindo ao lado do corpo à medida que os passos se aproximavam.

Não. O que você está fazendo?

Patsy virou-se de repente e correu para dentro do armário, fechando a porta atrás de si.

Quase imediatamente a porta se abriu novamente e Patsy saiu correndo mais uma vez.

Teria ela mudado de ideia? Teria seu treinamento de enfermeira finalmente triunfado sobre seus instintos mais primitivos?

Graças a Deus. Graças a Deus.

Mas, no fim das contas, o instinto de Patsy era apenas o de se salvar. Ela pegou a bolsa do chão e correu de volta para dentro do armário. Dessa vez, não teve tempo de fechar a porta atrás de si.

Será que ela estava observando? Casey se perguntou. Será que ela veria o que estava prestes a acontecer? Ainda havia alguma chance de ela vir em seu socorro?

Pelo canto do olho, Casey viu a silhueta musculosa de Nick aparecer na porta. Ele ficou parado ali por alguns segundos, sem se mexer. Casey rezou para que ele estivesse repensando suas intenções, que agora que estava ali, agora que tinha que encarar o que viera fazer, talvez percebesse que não conseguiria levar aquilo adiante.

Por favor, não se aproxime mais.

Mas ele já estava caminhando em sua direção. Avançou com facilidade, depois parou aos pés da cama, seus olhos percorrendo todo o seu corpo, parando ao chegarem ao seu rosto.

"Você é realmente uma gracinha", disse ele. "É uma pena que eu tenha que fazer isso."

Casey se viu encarando o homem que seu marido contratara para matá-la, avaliando-o de forma distante, quase clínica. Ele tinha estatura mediana, talvez Ele tinha cerca de um metro e setenta e cinco ou um metro e setenta e oito de altura, com um peito largo e bíceps notáveis que quase ofuscavam seus quadris esguios. Seu cabelo era escuro e bem curto, seu nariz reto e fino, seus olhos castanhos com reflexos dourados travessos, seus lábios surpreendentemente

carnudos e delicados. Em circunstâncias normais, ela poderia tê-lo considerado atraente.

Ela o observou enfiar a mão nos bolsos e tirar um par de luvas de látex. Seus olhos se arregalaram de medo, embora o homem estivesse muito ocupado colocando as luvas para perceber. "Não posso deixar nenhum vestígio de DNA", disse ele, contornando a cama para ficar ao lado da cabeça dela. "Agora, fique quietinha e seja uma boa menina, e eu tentarei fazer isso o mais rápido e indolor possível." Sem mais delongas, ele estendeu a mão e agarrou a ponta do nariz de Casey, apertando suas narinas com os dedos da mão direita enquanto cobria sua boca firmemente com a esquerda.

Casey lutava desesperadamente para respirar enquanto o cheiro de látex atingia seu nariz e o quarto começava a girar. Seus braços se estenderam reflexivamente ao lado do corpo, seus pés se debatendo inutilmente sob os lençóis. Ela ouviu um suspiro alto escapar de seus lábios.

Mas o suspiro não tinha vindo dela, percebeu, pois a pressão em seu nariz e boca diminuiu repentinamente e as mãos do homem se retiraram rapidamente.

"Que diabos foi isso?", perguntou ele, afastando-se de Casey.

A boca de Casey se abriu de repente, sugando o ar ao redor para dentro de seus pulmões como um poderoso aspirador. Ela observou o cômodo girando descontroladamente, o chão trocando de lugar com o teto, as poltronas perto da janela saliente deslizando de um lado para o outro, os vários quadros se movendo pela parede.

Nick caminhou decididamente em direção ao armário. Deu dois passos para dentro e reapareceu, arrastando Patsy, que soluçava, para o centro do quarto. "Que diabos você está fazendo aqui?"

"Por favor", ela chorava. "Não me machuque. Não me machuque."

Sua resposta foi jogá-la contra a beirada da cama de Casey. "Você só pode estar brincando comigo", rosnou ele, dando-lhe um tapa forte no rosto.

Patsy gritou enquanto tentava escapar de suas garras assassinas. Ela agarrou a poltrona listrada, tentando arrastá-la entre eles, mas Nick era rápido e forte demais. Ele empurrou a poltrona para o lado como se fosse um brinquedo de

pelúcia, depois agarrou Patsy pela garganta, torcendo o lenço Hermès na base e apertando-o com força. As mãos de Patsy se ergueram num instante, rasgando as luvas de látex do homem e arranhando seu rosto.

"Merda!" ele gritou quando as unhas compridas de Patsy encontraram seu alvo, fazendo-a sangrar. Em um acesso de fúria, ele puxou o cachecol com tanta força em volta do pescoço de Patsy que este desapareceu entre as dobras de sua pele.

Casey observou horrorizada enquanto Patsy levantava os pés do chão e chutava freneticamente o ar, seus dedos se esforçando para soltar a seda mortal em sua garganta, seus olhos se arregalando diante da visão de sua própria morte iminente.

Não, por favor, não.

Então Casey ouviu um estalo, e de repente Patsy parou de se debater. Seus pés pararam de chutar; suas mãos pararam de se agitar. Casey fechou os olhos, compreendendo que Patsy estava morta.

Quando ela abriu os olhos novamente, Nick estava afrouxando o aperto no cachecol, permitindo que o corpo de Patsy deslizasse desajeitadamente até o chão. "Droga", ele praguejou repetidamente, andando de um lado para o outro enquanto enxugava a bochecha com... Ele passou a mão pelas costas, estremecendo ao ver o sangue no látex branco. "Olha o que você fez com a minha cara, vadia. Merda!" Ele chutou o corpo inerte de Patsy. "E você rasgou minhas luvas." Arrancou as luvas das mãos, jogando-as no chão, e encarou Casey com raiva.

Casey forçou o rosto a ficar inexpressivo, com os olhos fixos à frente.

Nick ficou completamente imóvel por pelo menos dois minutos, claramente avaliando suas opções e tentando decidir o que fazer. "Certo", disse ele, como se tivesse chegado a uma conclusão. "Parece que você ganhou um alívio, beldade. Estou sangrando. Minhas luvas estão rasgadas. A vadia tem meu DNA debaixo das unhas. E não tem a menor chance de eu fazer dois pelo preço de um. Isso definitivamente não fazia parte do acordo original. Acho que precisamos renegociar antes de prosseguirmos."

Casey tentou conter um grito de gratidão que não lhe escapou da garganta.

Ela observou enquanto ele começava a arrumar o quarto, recolocando a poltrona em seu lugar e certificando-se de que tudo estivesse em seu devido lugar. Então ele parou e olhou ao redor, como se procurasse algo em particular. "Ela deve ter uma bolsa por aqui em algum lugar", disse ele, com os olhos percorrendo o chão. Ele passou por cima do corpo de Patsy a caminho do armário e voltou segundos depois, com a grande bolsa de lona de Patsy nas mãos. Revirou-a, encontrando a carteira dela. "Eu me perguntava de quem era aquele carro velho estacionado lá fora", comentou, guardando as chaves do carro de Patsy no bolso. "Isso significa mais um carro para me livrar. Diria que meu bônus acabou de aumentar um pouco." Ele voltou para a cama, dedicando um minuto para ajeitar os cobertores de Casey e até mesmo limpando um pouco de saliva que havia respingado na lateral dela. boca. “Até mais, beldade.” Então ele voltou para Patsy, pegando seu corpo sem vida nos braços e jogando-o sem cerimônia por cima do ombro, o lenço ainda firmemente preso em seu pescoço. Sem sequer olhar para trás, a Morte saiu da sala.

Só quando ouviu a porta bater atrás dele e teve certeza de que ele tinha ido embora, Casey soltou um lamento baixo e gutural, tão primitivo quanto a própria vida.

• • •

Duas horas depois, a porta da frente se abriu e Lola entrou correndo, seguida por Drew e depois por Warren, os três rindo de alguma piada interna que compartilhavam. Já uma pequena família feliz, pensou Casey, imaginando como Warren reagiria ao vê-la ainda viva.

“Tia Casey!”, gritou Lola, subindo as escadas correndo. “Tia Casey, cheguei!”

"Eu também", disse Drew, rindo enquanto seguia a filha.

Será que Warren estava logo atrás deles? O que ele faria ao vê-la? Casey percebeu que, na verdade, estava ansiosa para descobrir.

Sua sobrinha correu em direção à cama, subindo na lateral e se aconchegando ao seu lado.

"Nós fomos a Gettysburg", anunciou ela. "Foi tão divertido. Não foi, mamãe?"

“Foi muito divertido”, concordou Drew. “Ah, que bom. Seus olhos estão

abertos.”

“A tia Casey está acordada?”

"Não sei, querida. Você está acordada, Casey?" Drew segurou a mão de Casey.

Casey apertou com toda a força que pôde.

“Sabe de uma coisa, Lola?”, disse Drew. “Tenho uma ideia. Por que você não desce até a cozinha e pinta?” Sua tia, uma foto de algumas das coisas que vimos em Gettysburg.”

“Vimos um monte de pedras enormes”, disse Lola. “Como elas se chamam, mamãe?”

“Rochas.”

“Posso pintar as pedras de verde e azul?”

“Não vejo por que não.”

Lola saltou da cama e correu em direção à porta do quarto, esbarrando nas pernas de Warren na soleira.

"Aconteceu alguma coisa?", perguntou ele.

“Vou pintar um quadro de pedras para a tia Casey.”

Casey percebeu a confusão de Warren enquanto ele entrava lentamente na sala. Será que eles não tinham se dado conta de que a esposa dele estava morta? Ela quase podia ouvi-lo pensando.

"Como está Casey?", perguntou ele, hesitante.

“Ela abriu os olhos de novo”, disse Drew. “Quer dizer, eu sei que dizem que isso não significa nada, mas...”

Warren se aproximou e afastou a mão de Casey da de Drew, verificando discretamente seu pulso enquanto segurava seu pulso com firmeza, obviamente tentando assimilar o que estava vendo. "Mas você acha que é um bom sinal", disse ele, completando a frase de Drew.

"Talvez isso simplesmente me faça sentir melhor."

"Eu também." Warren devolveu a mão de Casey à cama e olhou diretamente nos olhos dela.

Casey retribuiu o olhar, sem piscar.

"Onde está Patsy?", perguntou Drew de repente.

"Tive que deixá-la ir." Os olhos de Warren não se desviaram de Casey.

“Você demitiu a Patsy?”

“Ela não estava conseguindo se exercitar.”

“Nossa. Primeiro o Jeremy, depois a Patsy. Você andou fazendo uma faxina geral.”

“Você tenta aprender com seus erros.”

“E Patsy foi definitivamente um erro”, disse Drew, examinando a sala. “Então, quem está cuidando de Casey?”

“Contratei uma enfermeira temporária.”

“Onde ela está?”

“Eu disse para ela voltar às cinco”, disse Warren, como se a tivesse dispensado. “Com licença, por alguns minutos? Preciso fazer uma ligação.”

“Não tenha pressa”, disse Drew, estendendo a mão para Casey enquanto Warren saía da sala. “Certo, você ainda está aí?”

Casey apertou a mão de Drew. "Me ajuda", ela conseguiu sussurrar, as palavras se aglomerando na base da sua língua como arroz grudento.

“Meu Deus! Você acabou de dizer alguma coisa?”

"Me ajude", disse Casey novamente, com mais firmeza na segunda vez, embora as palavras permanecessem confusas, indecifráveis até mesmo para ela.

“Ai, meu Deus! Warren!” gritou Drew. “Volta aqui.”

"Não!" disse Casey. Desta vez, a palavra foi cristalina.

“Não entendo. Por que você não quer que eu conte para o Warren? Ele te ama tanto, Casey.

Ele não parou de falar de você o dia todo. E nós nos divertimos tanto. Ele foi tão legal com a Lola. Eu percebo o quanto fui injusta com ele.”

"Não!" Casey repetiu. " Vocês têm que me tirar daqui. Ele vai me matar. Chamem a polícia.

Liguem para o 190. Me tirem daqui."

"Por que você não quer que eu conte para o Warren?", perguntou Drew novamente.

Porque ele tentou me matar. Porque você é o próximo. Porque precisamos sair daqui.

Mas as palavras se recusavam a se formar, escapando de seus lábios como uma série de vogais e consoantes desconexas.

"A tia Casey está cantando?", perguntou Lola, voltando saltitante para o quarto.

"Pensei que você fosse pintar um quadro da sua tia", disse Drew, visivelmente constrangido.

“Não consegui encontrar as tintas.”

“Acho que estão no armário debaixo da pia.”

“Eu olhei para lá.”

"Olhe de novo", disse Drew com firmeza enquanto Lola subia novamente na cama.

“Eu não quero. Quero que a tia Casey cante uma música para mim.”

“Ela não sabe cantar, querida.”

“Sim, ela pode. Eu a ouvi.”

"Você me ligou?", perguntou Warren de repente, vindo do corredor.

“A tia Casey está cantando!”

Não!

“Lola . . .”

"O que?"

“Ela não estava cantando”, disse Drew.

“Sim, ela estava. Eu a ouvi.”

Não. Não.

"O que exatamente ela estava fazendo?" Warren caminhou até a cama em dois passos largos.

"Na verdade, foi mais um gemido do que qualquer outra coisa." Drew lançou um olhar cauteloso para Casey.

“Por que você está olhando para ela desse jeito?”, perguntou Warren, indignado. “Você acha que ela consegue te ver?” De repente, ele estendeu a mão, arrancou o quadro de zebra que Lola havia desenhado da parede e começou a agitar as listras coloridas bem na frente dos olhos de Casey. “Você consegue ver isso? Consegue?”

"Você está estragando minha foto!", gritou Lola.

Casey tentou fechar os olhos, mas era tarde demais.

"Você piscou", disse Warren. "Meu Deus, você piscou."

"O que isso significa?", perguntou Drew.

“Significa que ela consegue ver.”

“É verdade? Casey, você consegue ver?” Drew segurou a mão de Casey. “Aperte

uma vez para dizer sim.”

"O que você está fazendo?" O rosto de Warren demonstrou primeiro choque, depois espanto. "Você está dizendo que ela está respondendo? Pelo amor de Deus, Drew. Se você sabe algo sobre o estado da minha esposa que eu não sei, me diga. Você não acha que eu tenho o direito de saber?"

Houve uma longa pausa.

Não. Não conte para ele. Por favor, não conte para ele.

“Casey está consciente”, disse Drew finalmente.

Não. Oh, não.

“O quê? Por quanto tempo?”

“Não tenho certeza. Provavelmente apenas alguns dias.”

“Alguns dias?”, repetiu ele. “Como você sabe?”

“Ela está apertando minha mão, soletrando palavras.”

"Soletrando palavras?", repetiu Warren, sem ânimo. "Por que você não me contou isso?"

"Não sei", disse Drew novamente. "Sinto muito."

Warren afundou na poltrona ao lado da cama e baixou a cabeça entre as mãos.

“Por favor, não fique com raiva”, disse Drew. “Esta é uma notícia maravilhosa. Deveríamos estar comemorando. Casey consegue enxergar. Ela consegue entender. Ela está começando a se comunicar. Logo ela estará andando, falando e como nova. Não é incrível, Warren?

Casey voltou para nós.”

32

" Ela está dormindo?", perguntou Warren ao lado da cama de Casey algumas horas depois.

Drew entrou na sala. "Apagou na hora. Acho que ela estava bem cansada, com Gettysburg e toda a agitação com Casey."

“Foi um dia e tanto”, concordou Warren.

“Com certeza. Como está minha irmã?”

“Ela parece estar descansando confortavelmente. Parece que o Valium que a enfermeira lhe deu finalmente está começando a fazer efeito.”

"Você acha mesmo que era necessário?", perguntou Drew, aproximando-se da cama da irmã. "Quer dizer, parece um desperdício sedá-la justo quando ela está começando a recobrar a consciência."

“A Casey estava muito agitada, Drew. Você viu como ela estava quando a Sra. Friedlander estava aqui. Ela está confusa e apavorada. Não quero que ela caia da cama e se machuque.”

“Acho que você tem razão. Você conseguiu entrar em contato com algum dos médicos dela?”

“Ainda não. Liguei para o hospital; deixei recados por toda a cidade. Até agora, nada. É

domingo à noite — o que se pode esperar? Vou continuar tentando.”

“Sinto muito por não ter te contado antes.”

"Como você pôde esconder uma coisa dessas de mim?", perguntou Warren, com voz incrédula.

“Não sei. Acho que eu estava muito brava com você. Não estava pensando direito. E aí hoje, estávamos nos divertindo tanto, e você foi tão maravilhosa com a Lola, e eu queria te dizer, eu ia te dizer ...”

“Está tudo bem”, disse Warren após uma pausa de alguns segundos. “O importante é que agora eu sei.” Outra pausa. “Então, você acha que um pouco de champanhe seria apropriado?”

"Champanhe?"

“Para celebrar a ótima notícia.”

Drew hesitou. "Não sei. Eu realmente não deveria..."

“Vamos lá. Você vai dormir aqui esta noite. Você não vai dirigir. Um copo. Não vou deixar você beber mais do que isso.”

“Você realmente acha que é uma boa ideia?”

"Acho que Casey merece um brinde em sua homenagem."

Drew riu alegremente. "Acho que sim."

"Volto logo."

Assim que ele se foi, Casey estendeu a mão através da densa neblina que envolvia sua cabeça e agarrou a mão de Drew.

Drew deu um suspiro de susto. "Casey, meu Deus! Você me assustou! Pensei que você estivesse dormindo."

"Me ajude", disse Casey, abrindo os olhos, sem ter certeza se havia dito alguma coisa.

“O quê? Não entendi.”

Ele está tentando me matar.

“Você não está falando coisa com coisa. Tente relaxar. Quer que eu chame o Warren?”

Casey se contorceu de um lado para o outro, apertando a mão de Drew com toda a força que conseguia reunir. Não!

“Ok, ok. Por favor, tente se acalmar. O Warren tem razão. Você vai se machucar

se continuar se debatendo assim.”

Warren não ligou para o hospital. Ele não tem a menor intenção de tentar contatar meus médicos. Ele vai te embebedar bastante e depois vai me matar. Hoje à noite. Depois, ele vai dar um jeito de colocar a culpa em você.

“Sinto muito. Não consigo entender o que você está tentando me dizer.”

Ele vai me matar! Você precisa me tirar daqui.

“Por favor, tente se acalmar, Casey. Eu sei que isso é frustrante, mas você não está falando coisa com coisa. Durma um pouco e, quando acordar de manhã, prometo que você se sentirá muito melhor.”

Não vou acordar amanhã. Vai ser muito tarde.

“Ah, acho que estou ouvindo o Warren chegando com o champanhe.” Drew olhou em direção à porta do quarto.

Não beba nada. Por favor, Drew. É importante que você se mantenha sóbrio.

"Há algum problema?", perguntou Warren, entrando na sala.

Casey fechou os olhos e soltou a mão da irmã.

“A Casey estava gemendo um pouco, mas parece estar bem agora. Deixa eu te ajudar com esses óculos.”

Por favor, Drew, pensou Casey, recusando-se a ceder ao sono que pairava sobre sua cabeça como um saco plástico. Não beba nada.

“Dom Pérignon”, disse Drew. “Que bom.”

“Estava guardando esta garrafa para uma ocasião especial”, disse Warren.

“Com certeza é isso”, concordou Drew, enquanto Casey ouvia um estalo alto, seguido pelo som da irmã dela. Risadas agudas. "Cuidado. Está derramando no tapete."

“Então vamos comprar um tapete novo”, disse Warren, agora também rindo. “Estenda seu copo.”

Não . Não faça isso. Por favor, não dê um gole. Um gole leva a outro. Você sabe que vai levar.

Você sabe o que vai acontecer.

"E então? Qual é o veredicto?", perguntou Warren.

“Absolutamente fabuloso.”

"Você ouviu isso, Casey? É absolutamente fabuloso", disse Warren. "Para o amor da minha vida."

“Bem-vinda de volta, Casey”, concordou Drew.

Casey imaginou o marido e a irmã erguendo os copos em sua direção.

“Melhore logo”, insistiu Drew, “para que você possa experimentar um pouco deste champanhe incrível.” Casey imaginou a irmã esvaziando rapidamente o conteúdo da taça.

“Nossa, eu tinha me esquecido de como um bom champanhe pode ser.”

“Vamos fazer outro brinde”, sugeriu Warren. “Sua vez de começar.”

“Minha vez”, repetiu Drew. “Acho que preciso de um pouco mais de champanhe primeiro.

Obrigada. Bom, vamos ver. Para minha irmã, a quem amo de todo o coração, mesmo que nem sempre saiba como demonstrar.”

“Aqui, aqui”, disse Warren. “E à saúde, à prosperidade e...”

“...o jeito americano.”

Warren riu. "Ao estilo de vida americano."

"Não creio que eu consiga convencê-lo a encher meu copo novamente", disse Drew momentos depois.

Não, Drew. Por favor, não faça isso.

“Acho que posso te dar só mais um pouquinho.”

“Você é um verdadeiro esportista. Ah, qual é, Warren. Você consegue fazer melhor do que isso, não consegue? Minha irmã voltou dos mortos. Deveríamos estar comemorando.”

“Muito bem. Mas é isso.”

Casey ouviu o som de um líquido sendo despejado em um copo.

“Ao amor verdadeiro”, disse Drew.

“Amor verdadeiro”, concordou Warren.

Casey sentiu o sono massageando suavemente suas têmporas e seus olhos revirando.

Precisou de toda a sua concentração para não adormecer.

"Acha que algum dia vou encontrá-lo?", perguntou Drew, com um tom melancólico.

“Amor verdadeiro? Não vejo por que não. Você é uma garota linda...”

“Uma garota rica e bonita”, corrigiu Drew.

Warren riu. "E você é engraçada, espirituosa e..."

"Fabuloso."

“E fabuloso.”

"Gosto deste champanhe", disse Drew, rindo baixinho. "Que tal só mais uma taça? Prometo que não vou pedir mais."

“Tudo bem. Mas chega, absolutamente nada.”

“Desce muito bem para algo com tantas bolhas.”

“Sim, faz sentido.”

"Gosto de coisas que acontecem sem problemas." Drew riu baixinho novamente.

“E por falar em ir para o buraco”, disse Warren, “o que aconteceu entre você e Sean?”

"Quem?"

“Sean? Seu ex-namorado? Aquele que queria voltar com você?”

"Ele fez isso?"

"Ele não fez isso?" perguntou Warren.

"Provavelmente sim", disse Drew, e riu novamente. "Quer dizer, por que não faria isso? Eu sou engraçado, espirituoso e... o que mais eu sou?"

Você é fabulosa.

“Eu sou fabulosa.”

“Sim, você é. E bebe muito rápido. Não acredito que seu copo já esteja vazio.”

“Isso porque você serve muito devagar.”

“Bem, então, deixe-me corrigir isso.”

“Você é um homem gentil e generoso.”

“E você é uma mulher doce e sensível.”

“Obrigado. Não me deixe beber demais.”

"Nem em sonho isso seria possível."

“Eu tenho uma tolerância muito alta ao álcool, sabe?”

“Eu consigo ver isso.”

“Já faço isso há muito tempo.”

“Todo mundo precisa de um hobby.”

Drew riu como se fosse a coisa mais hilária que já tinha ouvido. "Você é muito engraçada.

Sabia disso? Engraçada e espirituosa."

“O que aconteceu com o fabuloso?”

“Você é realmente fabulosa.”

"Obrigado."

Novamente o som de líquido enchendo um copo.

“Então, você teve notícias do Jeremy?”, perguntou Warren.

"Quem?"

“Jeremy. O antigo terapeuta de Casey. Eu tinha certeza de que ele entraria em contato.”

“Ah, sim. Ele. Na verdade, ele ligou. Ontem, aliás.”

“Ele não perdeu muito tempo.”

“Acho que você o conhecia bem.”

“O que ele queria?”

"Deixei um bilhete para ele no hospital, pedindo que ligasse. Sabe, só para ver se ele estava bem."

“E ele era mesmo?”

"Ele disse que ficou bastante chateado no início, então tirou alguns dias de folga. Agora ele está bem."

“Homem bom.”

“Ele é um bom homem.”

“Beba tudo”, disse Warren.

“Você também é um bom homem.”

Warren riu. "Então, para onde ele vai te levar no primeiro encontro?"

“Quem disse que ele vai me levar para algum lugar?”

“Eu já o tinha decifrado, lembra?”

Drew riu novamente. "Ainda não decidimos. Ele disse para eu pensar em algo inusitado. Eu preciso ligar para ele."

“Você vai mesmo?”

"Talvez."

“Tome outra bebida.” Warren encheu o copo dela novamente.

“Não me diga que essa garrafa está quase vazia.”

“Tudo bem. Eu tenho outro.”

“Por que isso não me surpreende?”

"Ele não é bom o suficiente para você, sabia?", disse Warren.

“O quê? Quem?”

“Jeremy.”

“Provavelmente não. Mas você tem que admitir que ele é muito bonitinho.”

“Não é exatamente o meu tipo.”

Drew riu.

Você pode fazer melhor.

Você tem alguém em particular em mente?

"Eu poderia."

"Espere aí... não me diga. Será que o nome dele é Willy Billy?" Drew deu uma gargalhada estrondosa.

“Posso garantir que o nome dele definitivamente não é Willy Billy.”

"Por que não? Tem alguma coisa errada com o pênis do Willy Billy?" Drew caiu na gargalhada.

“Algo me diz que você já bebeu champanhe o suficiente.”

“Ah, vamos lá, tio Warren. Podemos terminar a garrafa.”

“Parece que esta é a última vez.”

“Mas você disse que tinha outro.”

“Eu fiz, não fiz?”

Drew levantou-se de um salto. "Onde está? Vou buscar."

“Não sei se isso é uma boa ideia.”

“É uma ótima ideia. Estamos comemorando.”

“Sim, estamos. Está na geladeira. Cuidado com a escada.”

“Estou bem. Não se preocupe comigo.”

“Não vou.” Warren afundou na cadeira ao lado da cama de Casey. “Já tenho preocupações suficientes no momento. Não acha, Casey? Com aquele velho Nick estragando tudo de novo.” Ele começou a acariciar o cabelo dela. “Liguei para ele mais cedo. Estava cheio das desculpas de sempre: eu não o avisei que poderia haver mais alguém aqui; o que ele deveria fazer? Ele não teve escolha a não ser matar a Patsy.” Sua mão parou, repousando na testa dela. “E agora ele espera receber o dobro. Dá para acreditar? Ele faz besteira e eu acabo tendo que pagar pelo erro dele. O que diabos a Patsy estava fazendo aqui, afinal?

Garota estúpida.”

Casey abriu os olhos e viu Warren olhando para ela. Quem é esse homem?, pensou, observando sua imagem se dividir em duas, depois se duplicar e girar

em torno de sua cabeça.

“'Você sempre vê o que ninguém mais vê'”, ela ouviu Janine ler.

“Pare de lutar contra isso, Casey”, disse Warren, com a voz baixa e carinhosa como a pelagem de um gatinho. “Você só está tornando as coisas mais difíceis para todos.” Ele se inclinou e voltou a acariciar seus cabelos. “Receio que esta realmente tenha que ser a última de nossas conversinhas. O que foi que você disse para Janine? Que era hora de seguir em frente? Bem, parece que essa hora está quase chegando de novo.”

Casey observou dois Warrens beijarem o dorso de dois pares de mãos enquanto suas pálpebras ficavam cada vez mais pesadas. “'Mas você nunca vê o que é tão óbvio'”, ouviu Janine ler. Segundos depois, sua força de vontade já não era suficiente para sustentá-los, ela cedeu ao peso deles.

“Essa é a garota”, disse Warren enquanto fechava os olhos.

Casey lutou para se manter consciente. Fique acordada, disse a si mesma. Não facilite as coisas para ele. Ele vai esperar até Drew desmaiar e então... o quê? Vai jogá-la escada abaixo e tentar fazer parecer um acidente? Ou vai sufocá-la com um travesseiro, talvez até estrangulá-la com as próprias mãos, enquanto dá um jeito de colocar a culpa em Drew?

Eu estou tão cansado.

Ele não tinha se dado conta da extensão da inimizade de Drew em relação à irmã dela, ela o ouviu dizendo em lágrimas ao Detetive Spinetti, enquanto se repreendia por sua estupidez.

Drew obviamente havia se cansado de esperar pela herança que considerava ser sua por direito, especialmente agora que Casey estava mostrando sinais reais de melhora. E ela havia bebido — estava tão bêbada, aliás, que ele insistiu para que ela passasse a noite lá.

Como ele pôde ser tão descuidado?

Drew estaria tão bêbado que não se lembraria de muita coisa. qualquer coisa. E mesmo que ela se virasse e jogasse as acusações na cara de Warren, seria a palavra dela — a palavra de uma jovem festeira e bêbada com motivos e

oportunidade — contra a dele, um advogado com reputação impecável e um caso irrefutável de dúvida razoável.

Drew não tinha a menor chance contra ele.

E ela também não.

Você tem que continuar lutando. Não pode deixar ele vencer.

Ela percebeu que ele já tinha vencido. Ele tinha vencido no instante em que Drew tomou o primeiro gole de champanhe.

Warren saltou da cadeira de repente e caminhou até a porta. "Drew", chamou ele, como se ela tivesse dito o nome da irmã em voz alta. Será que tinha? "O que você está fazendo aí embaixo? Bebendo a garrafa inteira sozinha?"

"Já estou indo", gritou Drew de volta. "Pronta ou não", ela cantou da escada segundos depois. "Aqui estou eu."

“Por que demorou tanto?”

Drew deu uma risadinha enquanto voltava para o quarto. "Sentiram minha falta?"

“Senti falta do Sr. Pérignon.”

“Então, ainda bem que o encontrei. Não foi fácil. Ele estava escondido lá no fundo da geladeira. Aqui está.”

"Obrigado."

“Parece que Casey finalmente se acalmou.”

“Parece que é ali. Afastem-se”, disse Warren. Um estalo alto se seguiu, como o estampido de um tiro.

“O que vamos brindar agora?”, perguntou Drew.

“Que tal a paz mundial?”

“Sempre uma das minhas favoritas. Pela paz mundial.”

“Pela paz mundial.”

“E Madonna”, disse Drew.

“Madonna?”

“Ela é meu ídolo, pela maneira como continua se reinventando.”

“Para Madonna”, disse Warren, dando uma risada.

“E para Angelina Jolie. Aquela mulher é uma santa.”

“Para Angelina.”

Drew tropeçou na lateral da cama de Casey, caindo na cadeira que Warren ocupava antes.

"Ops. Alguém derramou champanhe no cobertor da Casey."

“Aqui. Deixe-me servir mais um pouco.”

“Para Casey.”

“Para Casey”, disse Warren. Então, “Drew, o que é isso no seu nariz?”

“Meu nariz?”

O que? Não. Por favor, não.

"O que exatamente você estava fazendo lá embaixo?" Havia um sorriso na voz de Warren.

“Você sabe o que eu estava fazendo”, disse Drew na defensiva. “Eu estava pegando o champanhe.”

“O champanhe produz bolhas, não pó branco.”

Casey sentiu a irmã recuar quando o marido estendeu a mão em direção ao rosto de Drew.

Não, pensou Casey. Não, não, não.

"É só bicarbonato de sódio", disse Drew, fungando alto. Casey a imaginou tapando o nariz com os dedos.

“Bicarbonato de sódio? Você realmente espera que eu acredite nisso?”

“Talvez eu estivesse fazendo um bolo.”

“O que você tem feito, Drew?”

"Nada."

“Não acredito em você.”

“Você está se estressando demais por causa de...”

"Nada?"

"Certo, é só uma coisinha. Só para aliviar um pouco a tensão ." fora. Muita coisa aconteceu.

E o que dizem mesmo? As coisas melhoram com ...

Meu Deus, Drew. O que você fez?

“Quanto você fez?”

“São só algumas linhas. Não é nada demais.”

"Atraiu . . ."

Você caiu direitinho na armadilha dele.

“Sinceramente, Warren. Não é nada demais. Vamos lá. É para estarmos comemorando.

Vamos tomar outra taça de champanhe.”

Você assinou minha sentença de morte.

“Acho que talvez você já tenha tido o suficiente.”

"Você está brincando? Isso não é nada. Vamos lá. Não seja estraga-prazeres. Me sirva outra taça."

Warren suspirou. "Tem certeza de que é isso que você quer?"

“Tenho certeza. E já que está aí, sirva-se de mais uma taça.”

"Vou te fazer uma proposta. Terminamos esta garrafa, depois vamos para nossos respectivos quartos e tentamos dormir algumas horas. O que acha?"

“Parece um bom plano.”

Em algum momento na hora seguinte, enquanto sua irmã e seu marido ainda brindavam ruidosamente à sua recuperação, Casey desistiu da luta, rendeu-se ao inevitável e caiu inconsciente.

33

Quando Casey acordou algum tempo depois, ela estava sozinha.

Que horas são?, perguntou-se ela, sonolenta, virando a cabeça em direção ao relógio em seu criado-mudo.

2:07, anunciaram os grandes números vermelhos.

Duas da manhã, pensou ela, assimilando os números e se perguntando o que a havia acordado.

E então ela ouviu — o leve rangido dos degraus que avisava que alguém estava se aproximando.

Quem seria desta vez? Casey se perguntou, enrijecendo sob os lençóis. Warren, ou o homem que ele contratara para fazer o trabalho sujo? Será que seu marido ainda dormia em sua cama, esperando que a Morte a pegasse e a atirasse escada abaixo como roupa suja?

Ou talvez fosse o próprio Warren, que facilmente seduziu Drew, levando-a a um torpor causado por drogas e álcool, para terminar o serviço ele mesmo.

Casey caminhou com dificuldade pela escuridão em direção à porta do seu quarto, a luz da lua que entrava pela janela envolvendo o cômodo numa névoa suave. Uma figura apareceu na porta, preenchendo a moldura. Ele parou por um instante, depois rastejou rapidamente pelo tapete como um grande Os olhos de Casey se encheram de lágrimas, embaçando sua visão. Será que ela teria forças para gritar?, pensou, enquanto o homem se aproximava da cama, com os braços estendidos. De que adiantaria se ela conseguisse?

"Não!" Casey ouviu a própria voz gritar, o coração batendo descontroladamente, ameaçando explodir no peito, enquanto uma grande mão cobria sua boca rapidamente.

Seus olhos se arregalaram, incapazes de compreender o que viam.

“Shhh”, sussurrou o homem.

Ela estava sonhando? Como isso era possível?

"Está tudo bem", disse o homem suavemente, aliviando lentamente a pressão em sua boca.

"Não grite. Está tudo bem."

O que ele estava fazendo ali? Como ele tinha entrado na casa?

O homem puxou os cobertores e a tirou cuidadosamente da cama.

Jeremy.

“Vamos tirar você daqui”, disse ele.

Nós?

Foi somente então que Casey percebeu uma segunda figura observando da porta.

"Depressa", sussurrou Drew, incentivando-o a continuar.

Drew. Meu Deus. É o Drew.

"Aguenta firme, Casey", disse Jeremy, carregando-a para o corredor.

"Vou buscar a Lola", disse Drew, afastando-se deles enquanto Jeremy se dirigia para as escadas.

E de repente surgiu uma terceira figura. Ele entrou no corredor, bloqueando o caminho deles.

Warren.

“Vai a algum lugar?”, perguntou ele, quase casualmente. Ele estava usando a mesma camisa listrada azul e branca e a mesma calça jeans que usara mais cedo, e até mesmo Na escuridão, Casey conseguiu distinguir claramente a arma em sua mão direita.

Ela reconheceu a arma da mãe. Ele a havia encontrado.

"Solte minha esposa", ordenou Warren a Jeremy. "Agora."

Lentamente, Jeremy deitou Casey no chão, encostando-a na parede no topo da escada.

"Calma, cara..."

"Cale a boca", disse Warren. "Que diabos você pensa que está fazendo?"

"Vamos tirar minha irmã daqui", disse Drew, em tom desafiador.

“Você está sequestrando minha esposa?”

“Vamos afastá-la de você.”

“Por que você faria isso?”

“Porque é isso que Casey quer.”

“Entendo. E como você sabe disso?”

“Porque eu conheço minha irmã. E eu conheço você”, continuou Drew após uma pausa.

“E o que você acha que sabe?”

"Eu sei que você está aprontando alguma coisa. Não sei o quê, mas sei que você tentou me embebedar de propósito."

“Não me lembro de ter te forçado a nada.”

"Você quase me enganou, sabia? Eu estava começando a duvidar dos meus próprios instintos. Na verdade, eu estava me sentindo culpada por ter dado tanto trabalho a um cara tão legal. Mas aí você sugeriu que comemorássemos, e eu pensei: por que ele está me oferecendo champanhe se sabe o que vai acontecer se eu começar a beber? Embora o que você obviamente não saiba é que é preciso muito mais do que algumas garrafas de champanhe e um pouco de bicarbonato de sódio velho para me derrubar. E era mesmo bicarbonato de sódio, aliás. Eu encontrei no..." no fundo da geladeira, quando eu estava procurando o champanhe.”

“Você se acha muito esperto, não é?”

"Só estou tentando ser o fracassado mais convincente possível."

“E Jeremy?”

“Liguei para ele depois que fomos dormir e disse que tinha tido uma ideia realmente inusitada para um primeiro encontro.”

"Largue a arma", insistiu Jeremy. "Vamos sair daqui. Ninguém se machuca."

Em resposta, Warren apontou a arma diretamente para a cabeça de Drew. "Acho que não."

"Você vai atirar em todos nós?" perguntou Drew.

“Se for preciso.”

“Você nunca vai...”

"Eu nunca vou o quê? Por favor, me diga que você não ia dizer que eu nunca vou me safar.

Porque, além de ser uma expressão batida e clichê, eu absolutamente vou me safar. Quer dizer, claramente você não chamou a polícia porque sabia que não havia a menor chance de eles permitirem que você tirasse Casey de casa sem nenhuma prova de crime. Então não há chance de a cavalaria vir ao seu resgate. E, de improviso, posso inventar vários cenários para apresentar ao Detetive Spinetti quando eu ligar para ele mais tarde. Que tal este? Uma viciada em cocaína ciumenta recruta a ajuda de uma ex-funcionária insatisfeita para assassinar a irmã. O marido corajoso e altruísta, ainda lidando com o trágico acidente que deixou sua esposa em coma, confronta os dois assassinos enquanto eles tentam sair sorrateiramente de casa e é forçado a atirar neles. O que você acha? Acha que o bom detetive vai acreditar? Não é perfeito, eu sei, mas quando a polícia chegar..." Aqui será.”

"Meu Deus", murmurou Drew, com os olhos alternando entre Warren e sua irmã. "O

detetive Spinetti estava certo — o que aconteceu com Casey não foi um acidente."

“Pelo contrário”, corrigiu Warren. “O coma da sua irmã foi um acidente. Ela deveria ter morrido.”

“É isso que ela vem tentando me dizer.”

“E quase consegui. Não é nada legal esconder as coisas do seu marido, Casey”, disse ele, apontando a arma na direção dela.

“Vamos lá, cara”, disse Jeremy. “Guarde a arma antes que você machuque alguém.”

“Essa é a ideia geral, não é?” Warren apontou a arma para Jeremy e apertou o gatilho.

"Não!" gritou Casey, com os gritos de Drew ecoando os seus enquanto tiros ecoavam e Jeremy desabava no chão, sangrando. Drew correu imediatamente para o lado dele enquanto Warren apontava calmamente a arma para a cabeça dela e se preparava para atirar novamente.

"Mamãe?" perguntou uma vozinha vinda de algum lugar atrás de Warren. "Que barulho foi esse?"

Warren se virou bruscamente. No segundo seguinte, Casey viu sua irmã literalmente saltar do chão e se impulsionar em direção a Warren, suas mãos e pernas se debatendo em todas as direções ao mesmo tempo, seus pés chutando suas canelas, seus dedos arranhando seus olhos e garganta. A arma voou de suas mãos e girou pelo corredor em direção a Casey, aterrissando a poucos metros de onde ela estava sentada, encostada na parede.

Lentamente, seus dedos se estenderam em direção a ele.

Você consegue. Você consegue.

Após várias tentativas frustradas, Casey conseguiu fazer contato com o metal frio do cabo da arma. Com a ponta dos dedos, ela foi aproximando a arma, centímetro por centímetro, até que estivesse quase ao seu alcance.

Ao mesmo tempo, Warren conseguiu prender as mãos de Drew atrás das costas. Erguendo-a no ar, arremessou-a contra a parede com a mesma facilidade com que se arremessaria uma bola de tênis. Drew desabou no chão, formando um

amontoado disforme, ofegante.

"Mamãe!" gritou Lola, correndo para o lado da mãe.

Warren caminhou decididamente em direção a Casey, no exato momento em que o punho dela se fechou em torno do cabo da arma.

“Me dê a arma, Casey”, disse ele, abaixando-se e se equilibrando na ponta dos pés.

Casey ergueu a arma da cintura, apontando-a diretamente para o coração do marido. Será que ele sequer tem um?, pensou ela.

“Você sabe que não tem forças para puxar o gatilho”, disse Warren.

Ele estava certo?

"Toque uma vez para sim, duas vezes para não", ela ouviu Drew dizer.

“Mesmo que você tivesse forças, não conseguiria”, disse Warren, com a voz tão suave e hipnótica quanto uma canção de ninar. “Sou seu marido, Casey. Eu te amo. Você sabe disso.

E você me ama. Você sabe que sim. Sinto muito por tudo que te fiz passar. Você sabe disso no fundo do seu coração, não sabe? Você sabe o quanto eu te amo. Ainda não é tarde.

Podemos recomeçar. Por favor, me deixe compensar você.”

“Toque uma vez para sim, duas vezes para não”, ela ouviu Drew dizer novamente.

“Você não quer mesmo atirar em mim, quer, Casey?”

“Achei que era certo te contar, porque você continuou como sempre, sem nunca olhar exatamente para onde está, e Você está pisando no lugar errado. Você sempre vê o que ninguém mais vê; é impossível te satisfazer; no entanto, você nunca vê o que é bem óbvio.

Casey olhou nos olhos castanhos e calorosos do marido, enxergando com muita

clareza o monstro de sangue frio por trás deles. Quando ele estendeu a mão para a arma, ela bateu com força no gatilho.

Sim, uma vez por todas.

34

“ ELE NÃO SE MEXEU, “Ele se aproximou dela com mais dúvida e timidez no rosto do que ela jamais vira antes”, leu Janine. “Ele estava num estado de incerteza que o fazia temer que algum olhar ou palavra sua o condenasse a um novo distanciamento dela; e Dorothea tinha medo da própria emoção. Parecia estar sob um feitiço, que a mantinha imóvel e a impedia de soltar as mãos, enquanto um anseio intenso e profundo estava aprisionado em seus olhos.” “ Você está bem?”, perguntou Janine, colocando o livro no colo e estendendo a mão para segurar a de Casey.

"Ela é ótima", disse Gail de sua cadeira ao lado da lareira. "Você não é, Casey?"

“Ela só quer sair de Middlemarch o mais rápido possível”, disse Drew, inclinando-se para atiçar o fogo, enquanto várias faíscas escapavam da lareira em direção ao piso de madeira escura da sala de estar. Drew imediatamente as apagou com a sola de suas botas Manolo Blahnik pretas de salto alto. “Não acredito que você ainda não terminou esse livro.”

“Só faltam mais vinte e três páginas. Vamos lá, você quer descobrir o que acontece.

Admita.”

"Quer dizer que algo aconteceu nas primeiras seiscentas páginas?", disse Drew. "Ok, admito. Estou gostando. Meu Deus, será que isso significa que estou amadurecendo?"

“Acontece até com os melhores.”

“Estou longe de ser o melhor.”

“E longe de ser o pior”, disse Gail.

“Obrigado por notar.”

“Você percorreu um longo caminho nestes últimos quatro meses”, comentou Janine.

“É o que me diz a minha terapeuta.”

“A Casey diz que ela é ótima”, disse Gail. “Que ela está realmente ajudando vocês duas a se reconectarem.”

As mulheres se viraram ao mesmo tempo para Casey, com sorrisos estampados no rosto.

“Estamos resolvendo as coisas”, disse Drew. “Não é, Casey?”

"Que tal um chá?", perguntou Gail.

“Parece ótimo”, disse Janine.

"Eu consigo", ofereceu Drew.

“Não, eu faço isso”, disse Gail. “Só me diga onde você guarda tudo.”

“Os saquinhos de chá estão na despensa, as canecas estão no primeiro armário à direita do fogão, a chaleira está na boca do fogão”, disse Drew. “Dá para acreditar que sou tão doméstica?”

"O que eu não consigo acreditar é como o tempo ficou frio de repente", disse Janine.

“Sempre faz frio no Halloween.” Gail se levantou da cadeira e foi em direção à cozinha. “As crianças, coitadas, congelam todo ano. O Stan diz que os filhos dele acabam usando casacos por cima das fantasias, então ninguém nunca sabe do que eles estão fantasiados.”

"Você vai levar a Lola para pedir doces no Halloween este ano?", perguntou Janine a Drew.

“Sim. Ela vai fantasiada de gata.”

“Uma gata? Eu teria pensado que ela seria uma princesa fada.”

“Princesas fadas são tão ultrapassadas. Este ano ela quer ser uma gata.” O sorriso orgulhoso de Drew iluminou seu rosto. “Igual à mãe dela”, disse ela, radiante. “Eu sempre me fantasiava de gata no Halloween. Lembra, Casey?”

Casey sorriu ao se lembrar de algo distante.

“Então, quando a Lola chegar da escola, vamos fazer orelhas de gato.”

"Parece divertido", disse Janine, com a maior naturalidade.

“A Gail vem com a gente. E a Casey. Elas também vão ser gatas.”

Janine voltou sua atenção para Casey. "É esse o preço que você tem que pagar por ficar aqui até se recuperar completamente?"

“Ela adora este lugar. Você não gosta, Casey?”, disse Drew. “Ela nunca mais vai embora.”

“Tem certeza de que está preparado(a) para tanta atividade?”

“O Jeremy acha que sim”, respondeu Drew no lugar de Casey. “Só vamos andar alguns quarteirões.”

“Como está Jeremy?”

“Ele está ótimo. O ombro dele está quase curado. Ele espera voltar a trabalhar no início do ano.”

“E vocês dois?”

"Continuamos firmes e fortes", respondeu Drew, imitando a risadinha juvenil de Gail.

“Que bom.” Janine parecia genuinamente satisfeita. “Estou muito feliz por você. E por você também”, disse ela a Gail ao retornar para a sala de estar. “Mesmo que todo esse sexo que ela tem tido ultimamente a esteja tornando insuportável.”

“Você vai conhecer alguém”, disse Gail.

"Não está entre as minhas prioridades no momento", disse Janine, apertando a mão de Casey.

"Como vão os seus negócios?", perguntou Drew. Ela se acomodou no sofá cor de café em frente à grande janela com vista para o lago.

“Parece que está melhorando. Ah, você nunca vai adivinhar quem eu encontrei outro dia.

Richard Mooney! Aparentemente, ele conseguiu um emprego na Goodman and Francis.”

“Não são eles que representaram o Warren?”, perguntou Gail.

“Esses eram Goodman e Latimer. Eles são melhores que Goodman e Francis. Não que isso tenha adiantado alguma coisa para Warren.”

"Acho que eles ficaram meio que de mãos atadas depois que Nick Margolis concordou em testemunhar contra ele em troca de retirar a pena de morte da mesa de negociações."

"Ainda não consigo acreditar que ele tentou matar Casey e depois estrangulou aquela pobre auxiliar de enfermagem", disse Gail após uma pausa, com suspiros profundos substituindo seu riso suave habitual.

"Não sei", disse Janine. "Houve momentos em que eu mesma quis estrangular aquela garota."

"Não acredito que você tenha dito isso." Gail empurrou uma mecha rebelde para trás da orelha direita, com os olhos arregalados em choque.

“O quê? O que eu disse?”

“Pelo menos Warren teve o que merecia”, disse Gail.

"Na verdade não", respondeu Drew. "Ele ainda está vivo, não está?"

“Se é que passar o resto da vida atrás das grades pode ser considerado vida.”

"Melhor do que passar a vida em coma. Não é, Casey?" perguntou Drew. "Uma pena que minha irmã tenha uma mira tão ruim. Se aquela bala tivesse passado cinco centímetros mais para a direita, não estaríamos tendo essa conversa."

A chaleira começou a apitar na cozinha.

“Essa é a minha deixa”, disse Gail, saindo da sala.

"Eu te ajudo", disse Drew, acompanhando-a.

“Você está muito quieta hoje”, disse Janine a Casey após uma pausa de alguns segundos.

“Isso te incomoda? Nos ouvir falar sobre o que aconteceu?”

“Na verdade não”, disse Casey, com a voz lenta e pausada. Ela ainda estava se acostumando com o som da própria voz, assim como seu corpo ainda estava se adaptando à sua crescente amplitude de movimentos.

"Acho que pareci bastante insensível antes."

"Eu sei", disse Casey em voz baixa.

“Desculpe. Eu não queria dizer...”

“Sobre você e Warren”, disse Casey, ponderando. “Eu sei.”

Houve um momento de silêncio. Janine assentiu, como se não estivesse totalmente surpresa com a revelação. "Você me odeia?"

"Não."

" Eu te odiaria ", disse Janine.

“Eu sei que você faria isso.”

“Você quer que eu vá embora?”

Casey balançou a cabeça. "Como você pode ir embora agora? Você ainda tem vinte e três páginas pela frente."

Janine deu um sorriso triste, um leve arqueamento nos cantos da boca. "Você não precisa que eu leia para você."

“Pelo contrário”, disse Casey. “Sinceramente, acho que não conseguiria passar por isso sem você.”

Janine baixou a cabeça até o peito e caiu em prantos. "Oh, Casey. Me desculpe."

“Eu sei que você é.”

“Eu fui tão estúpido.”

“Sim, você estava.”

“E eu odeio estupidez.”

Casey sorriu. "Warren enganou todo mundo, Janine."

“Se ao menos eu pudesse voltar atrás...”

“Você não pode.”

"Eu sei."

“Temos que seguir em frente.”

“Se houvesse algo que eu pudesse fazer para compensar você, você sabe que eu faria.”

“Você pode vir pedir doces ou travessuras conosco hoje à noite”, sugeriu Casey.

"O que?"

“Tenho certeza de que Lola ficará feliz em fazer outro par de orelhas de gato.”

"Você realmente me odeia ", disse Janine.

Casey deu uma gargalhada.

“Que som lindo!”, disse Drew, voltando para a sala de estar com uma bandeja de esmalte laranja contendo um prato de biscoitos em formato de abóbora, quatro canecas e um açucareiro, seguida de perto por Gail com o bule de chá. Drew colocou a bandeja no pufe de couro marrom em frente ao sofá e se ajoelhou no tapete felpudo cor creme. Gail sentou-se ao lado dela. Casey se levantou de sua poltrona de veludo bege e marrom para se juntar a elas no chão.

“Cuidado”, disse Janine.

"Cuidado com o que você diz", Gail repetiu em coro.

"Estou bem", disse Casey, cruzando uma perna sobre a outra.

"Não sei como você consegue fazer isso", disse Janine enquanto Gail servia o chá de ervas de aroma doce em cada caneca. "Sempre que cruzo as pernas, meus joelhos acabam perto das minhas orelhas."

“Falando em orelhas”, disse Casey, “Janine decidiu vir conosco esta noite.”

“Fantástico”, disse Drew.

“Muito bom”, concordou Gail.

"Como eu poderia recusar a chance de me juntar ao sempre popular grupo das gatinhas?", brincou Janine, e as outras mulheres riram.

“Só não deixe que eu ouça você falar assim na frente da minha filha”, advertiu Drew, em tom protetor. “Aqui. Experimente um dos meus biscoitos. Eu mesma os fiz.”

"Meu Deus, existe algo pior do que um ex-viciado em drogas?", perguntou Janine retoricamente, dando uma mordida em um dos biscoitos. "Estes são bons", admitiu, dando outra mordida.

“É uma receita minha”, disse Drew para ela. “Manteiga de amendoim, açúcar, um pouco de haxixe. Brincadeirinha”, disse ela, provocando mais risos. “Sério, Casey. Só brincando.”

Casey juntou-se às risadas das mulheres, sentindo o calor da lareira próxima em suas costas. "À minha irmã", disse ela, segurando a caneca na mão direita e levando-a aos lábios,

"que salvou minha vida."

“Para minha irmã”, Drew repetiu suavemente, “que salvou a minha”.

Casey esfregou o pequeno sapato prateado que pendia da corrente em seu pescoço, desejando poder sempre se sentir tão segura. Ela tomou um gole lento de chá, suas papilas gustativas absorvendo o sabor sutil de morango e baunilha enquanto o líquido girava em sua língua e descia suavemente pela garganta. Respirou fundo, seus olhos percorrendo com carinho sua irmã e suas duas

melhores amigas, e respirou novamente.

CAPÍTULO UM

É assim que começa.

Com uma piada.

“Então, um homem entra num bar”, começou Jeff, já dando risadinhas. “Ele vê outro homem sentado lá, tomando um drinque e com uma expressão triste. No balcão à sua frente, há uma garrafa de uísque e um homenzinho minúsculo, não mais do que trinta centímetros de altura, tocando um pianinho igualmente minúsculo. 'O que está acontecendo?', pergunta o primeiro homem. 'Tome um drinque', oferece o segundo. O primeiro homem pega a garrafa e está prestes a se servir quando, de repente, uma grande nuvem de fumaça sai e um gênio emerge da garrafa. 'Faça um pedido', instrui o gênio. 'Qualquer coisa que você desejar, você terá.' 'Isso é fácil', diz o homem. 'Eu quero dez milhões de dólares.' O gênio acena com a cabeça e desaparece em outra nuvem de fumaça. Instantaneamente, o bar se enche de milhões e milhões de patos grasnando alto. 'Que diabos é isso?'” — O homem pergunta, irritado: — Você é surdo? Eu disse dólares , seu idiota. Não patos . — Ele olha suplicante para o homem ao lado. O homem dá de ombros, acenando tristemente para o pequeno pianista no bar. — O quê? Você acha que eu queria um pianista de trinta centímetros?

Uma breve pausa seguida por uma explosão de risos pontuou o fim da piada, o riso resumindo perfeitamente as personalidades dos três homens relaxando no bar lotado. Jeff, com trinta e dois anos, o mais velho dos três, ria mais alto. A risada, assim como o próprio homem, era quase grande demais para o pequeno cômodo, eclipsando o som alto do rock que emanava da jukebox antiquada perto da porta da frente e reverberando pela superfície de mármore preto brilhante do longo balcão, onde ameaçava derrubar copos delicados e quebrar o grande espelho forrado de garrafas atrás dele. A risada de seu amigo Tom era quase tão alta, e embora lhe faltasse a ressonância e o controle descomplicado de Jeff, compensava essas deficiências por durar mais e conter uma variedade de trinados ornamentais. "Boa", Tom conseguiu dizer entre uma sucessão de resmungos e risinhos abafados. "Essa foi boa."

O riso do terceiro homem era mais contido, embora não menos genuíno, seu sorriso de admiração estendendo-se do bico natural, quase infantil, de seus lábios

até seus grandes olhos castanhos. Will já ouvira a piada antes, talvez cinco anos atrás, na verdade, quando ainda era um universitário nervoso em Princeton, mas nunca a contaria para Jeff. Além disso, Jeff a contava melhor. Seu irmão fazia quase tudo melhor do que as outras pessoas, Will pensava enquanto fazia sinal para Kristin pedir outra rodada de bebidas. Kristin sorriu e jogou seus longos cabelos loiros e lisos de um ombro para o outro, do jeito que ele notara que as mulheres bronzeadas de South Beach sempre pareciam fazer. Will se perguntou distraidamente se esse hábito era específico de Miami ou endêmico dos climas do sul em geral. Ele não se lembrava das jovens de Nova Jersey jogando os cabelos com tanta frequência e autoridade. Mas talvez ele estivesse simplesmente ocupado demais, ou tímido demais, para perceber.

Will observava Kristin servir chope Miller em três copos altos e deslizá-los habilmente, um a um, pela superfície lisa do balcão, inclinando-se o suficiente para que os outros homens reunidos ao redor pudessem dar uma olhada rápida em sua blusa de decote em V com estampa de leopardo. Eles sempre davam mais gorjeta quando ela mostrava um pouco de pele, ela confidenciou na outra noite, alegando ganhar até trezentos dólares por noite em gorjetas. Nada mal para um bar tão pequeno quanto o Wild Zone, que acomodava confortavelmente apenas quarenta pessoas e tinha espaço para mais trinta no balcão sempre movimentado.

VOCÊ ENTROU NA ZONA SELVAGEM , um letreiro de neon laranja piscava provocativamente acima do espelho. PROSSIGA POR SUA CONTA E RISCO .

O dono do bar tinha visto uma placa parecida na beira de uma rodovia da Flórida e decidiu que Wild Zone seria o nome perfeito para o bar sofisticado que planejava abrir na Ocean Drive. Seu instinto estava certo. O Wild Zone abriu suas pesadas portas de aço em outubro, bem a tempo para a movimentada temporada de inverno de Miami, e continuava firme e forte oito meses depois, apesar do calor opressivo e da partida da maioria dos turistas. Will adorava o nome, com suas conotações de perigo e irresponsabilidade. Só de estar ali, já se sentia um pouco imprudente. Ele sorriu para o irmão, agradecendo silenciosamente por deixá-lo vir junto.

Se Jeff viu o sorriso do irmão, não reagiu. Em vez disso, pegou sua cerveja gelada que estava atrás dele. "Então, o que vocês, seus palhaços, desejariam se um gênio lhes oferecesse um desejo? E não pode ser nada ruim, como paz mundial ou o fim da fome", acrescentou. "Tem que ser algo pessoal. Egoísta."

"É como desejar um pênis de trinta centímetros", disse Tom, mais alto do que Will achou necessário. Vários dos homens que estavam por perto se viraram na direção deles, embora fingissem não estar ouvindo.

"Já tenho uma dessas", disse Jeff, virando metade da cerveja de um só gole e sorrindo para uma ruiva no outro extremo do bar.

"É verdade", reconheceu Tom, rindo. "Eu o vi no chuveiro."

"Talvez eu peça uns centímetros a mais para você", disse Jeff, e Tom riu de novo, embora não tão alto. "E você, irmãozinho? Precisa de alguma intervenção mágica?"

"Estou muito bem, obrigado." Apesar do ar-condicionado gelado, Will começava a suar por baixo da camisa azul de botões e, para não corar, fixou o olhar num grande jacaré verde de néon na parede de tijolos ao fundo.

"Ah, eu não estou te constrangendo, estou?" Jeff provocou. "Puxa, cara. O garoto tem um doutorado em filosofia por Harvard e fica vermelho como uma menininha."

“É Princeton”, corrigiu Will. “E eu ainda não terminei minha dissertação.” Ele sentiu o rubor subir de suas bochechas até a testa e ficou feliz por o quarto estar tão pouco iluminado. Eu já deveria ter terminado aquela maldita dissertação, pensou ele.

"Para com isso, Jeff", aconselhou Kristin de trás do balcão. "Não dê atenção a ele, Will. Ele só está sendo o mesmo chato de sempre."

"Você está querendo me dizer que tamanho não importa?", perguntou Jeff.

"Estou lhe dizendo que os pênis são muito superestimados", respondeu Kristin.

Uma mulher que estava por perto riu. "É a mais pura verdade", disse ela para o seu copo.

"Bom, você deveria saber", disse Jeff para Kristin. "Ei, Will. Eu te contei daquela vez que eu e a Kristin fizemos um ménage à trois?"

Will desviou o olhar, seus olhos percorrendo as tábuas de carvalho escuro do

chão e atravessando a parede oposta sem focar, até finalmente se fixarem em uma grande fotografia colorida de um leão atacando uma gazela. Ele nunca se sentira à vontade com o tipo de conversa de duplo sentido em que Jeff e seus amigos pareciam se destacar. Ele precisava se esforçar mais para se enturmar, decidiu. Precisava relaxar. Não era esse o motivo de ter vindo para South Beach em primeiro lugar — para escapar do estresse da vida acadêmica, para sair para o mundo real, para se reconectar com o irmão mais velho que não via há anos? "Acho que você nunca mencionou isso", disse ele, forçando uma risada e desejando não se sentir tão excitado.

“Ela era muito bonita, não era, Krissie?”, perguntou Jeff. “Qual era o nome dela mesmo?

Você se lembra?”

“Acho que foi a Heather”, respondeu Kristin com naturalidade, com as mãos nas laterais da sua saia preta curta e justa. Se estava envergonhada, não demonstrou. “Pronta para outra cerveja?”

"Aceitarei o que você estiver disposto a me dar."

Kristin sorriu, um pequeno sorriso cúmplice que brincava com os cantos de sua boca em forma de arco, e jogou o cabelo do ombro direito para o esquerdo. "Outra rodada do draft do Miller já vem aí."

“Essa é a minha garota.” Mais uma vez, a risada potente de Jeff ecoou pela sala.

Uma jovem abriu caminho entre os homens e mulheres que formavam três filas no bar. Ela tinha quase trinta anos, estatura mediana e era um pouco magra. de lado, com cabelos escuros na altura dos ombros que caíam sobre o rosto, dificultando a distinção de suas feições. Ela usava calças pretas e uma camisa branca de aparência cara. Will achou que provavelmente era de seda. "Posso pedir um martini de romã?"

“Já vou fazer”, disse Kristin.

“Não tenha pressa.” A jovem colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha esquerda, revelando um delicado brinco de pérola e um perfil suave e agradável. “Vou sentar ali.” Ela apontou para uma mesa vazia no canto, sob uma aquarela de uma manada de elefantes em disparada.

"Que diabos é um martini de romã?", perguntou Tom.

"Parece repugnante", disse Jeff.

“Na verdade, são muito boas.” Kristin tirou o copo de cerveja vazio de Jeff e o substituiu por um cheio.

“É mesmo? Ok, então, vamos experimentar.” Jeff fez um círculo no ar com os dedos, indicando que seu pedido incluía Tom e Will. “Dez dólares para cada um de quem terminar o martini de romã primeiro. Sem engasgos.”

"Fechado", concordou Tom rapidamente.

"Você está louco", disse Will.

Em resposta, Jeff bateu com uma nota de dez dólares no balcão. Segundos depois, Tom fez o mesmo. Ambos se viraram para Will, expectantes.

"Tudo bem", disse ele, enfiando a mão no bolso lateral de suas calças cinzentas e tirando duas notas de cinco dólares.

Kristin os observava pelo canto do olho enquanto levava o martini de romã para a mulher sentada à pequena mesa no canto mais afastado. Dos três homens, Jeff, vestido da cabeça aos pés com seu característico preto, era de longe o mais bonito, com seus traços finos e bem definidos. e cabelos loiros ondulados, cabelos que ela suspeitava que ele secretamente tingia, embora jamais perguntasse. Jeff tinha um temperamento explosivo, e nunca se sabia o que o faria perder a cabeça. Ao contrário de Tom, pensou ela, desviando o olhar para o homem magro de cabelos escuros, vestindo jeans e uma camisa xadrez, que estava imediatamente à direita de Jeff. Tudo o irritava. Um metro e oitenta e oito de fúria mal contida, pensou ela, imaginando como a esposa dele aguentava. "É o Afeganistão", Lainey confidenciou na semana passada, enquanto Jeff contava aos frequentadores do bar a história de como Tom, enfurecido com uma decisão errada do árbitro, sacou uma arma da cintura da calça jeans e atirou em sua TV de plasma novinha em folha, uma TV que ele não podia comprar e ainda não havia terminado de pagar. "Desde que ele voltou... ", ela sussurrou em meio às risadas que acompanhavam a história, deixando o pensamento incompleto. Não parecia importar que Tom estivesse em casa havia quase cinco anos.

Jeff e Tom eram melhores amigos desde o ensino médio, tendo se alistado juntos

no exército e servido em várias missões no Afeganistão. Jeff voltou para casa como um herói;

Tom voltou desonrado, tendo sido expulso do exército por agressão não provocada a um civil inocente. Era tudo o que ela sabia sobre o tempo que passaram lá, Kristin percebeu.

Nem Jeff nem Tom falavam sobre o assunto.

Ela depositou o martini rosa-claro na mesa redonda de madeira em frente à jovem de cabelos escuros, observando casualmente sua tez impecável, ainda que pálida. Seria aquilo um hematoma em seu queixo?

A mulher entregou-lhe uma nota de vinte dólares amassada. "Fique com o troco", disse ela baixinho, virando-se antes que Kristin pudesse agradecê-la.

Kristin rapidamente guardou o dinheiro no bolso e voltou para... No bar, as tiras dos seus sapatos de salto alto prateados roçavam na sua pele nua. Os homens apostavam em quem conseguiria equilibrar um amendoim no nariz por mais tempo. Tom ganharia essa fácil, pensou ela. O nariz dele tinha uma crista natural na ponta que os outros não tinham. O

nariz de Jeff era estreito e reto, tão bem esculpido quanto o resto do corpo, enquanto o de Will era mais largo e ligeiramente torto, o que só aumentava seu ar de vulnerabilidade e mágoa. Por que tão vulnerável?, perguntou-se ela, concluindo que ele provavelmente puxou à mãe.

Jeff, por outro lado, era a cópia exata do pai. Ela sabia disso porque havia encontrado uma foto antiga dos dois quando estava arrumando uma gaveta do quarto, logo depois de se mudar, cerca de um ano atrás. "Quem é esse?", perguntou ela, ao ouvir Jeff se aproximar por trás e apontar para a foto de um homem de aparência robusta, com cabelos ondulados e um sorriso convencido, cujo antebraço grande repousava pesadamente sobre o ombro de um menino de semblante sério.

Jeff arrancou o objeto da mão dela e o guardou de volta na gaveta. "O que você está fazendo?"

“Só estou tentando abrir espaço para algumas das minhas coisas”, ela disse, ignorando propositalmente o tom de voz dele que a advertia para se afastar. “São

você e seu pai?”

"Sim."

"Eu sabia. Você se parece muito com ele."

“Era o que minha mãe sempre dizia.” Com isso, ele bateu a gaveta e saiu do quarto.

"Hahaha, eu ganhei!" gritou Tom, erguendo o punho no ar em sinal de triunfo enquanto o amendoim que Jeff estava equilibrando no nariz escorria pela sua boca e queixo, caindo no chão.

"Ei, Kristin", disse Jeff, com a voz tensa o suficiente para revelar o quanto ele odiava perder, mesmo em algo tão insignificante quanto isso. "O que está acontecendo com aqueles martinis-granada?"

"Romã", corrigiu Will, e imediatamente se arrependeu. Uma fúria repentina, como um relâmpago, passou pelos olhos de Jeff.

"Afinal, o que diabos é uma romã?", perguntou Tom.

“É uma fruta vermelha, com casca dura, muitas sementes e muitos antioxidantes”, respondeu Kristin. “Dizem que faz muito bem à saúde.” Ela colocou o primeiro dos martinis rosa-claro no balcão à frente deles.

Jeff levou o copo ao nariz e o cheirou com desconfiança.

"O que é um antioxidante?", perguntou Tom a Will.

"Por que você está perguntando isso a ele?", retrucou Jeff. "Ele é filósofo, não cientista."

“Aproveitem”, disse Kristin, colocando os outros dois martinis no balcão.

Jeff ergueu o copo, esperando que Tom e Will fizessem o mesmo. "Ao vencedor", disse ele.

Os três homens imediatamente inclinaram a cabeça para trás, engolindo o líquido como se estivessem ofegantes.

"Pronto!", exclamou Jeff, colocando o copo no balcão em sinal de triunfo.

"Nossa, que coisa horrível", disse Tom, fazendo uma careta meio segundo depois. "Como é que as pessoas conseguem beber essa porcaria?"

"O que você achou, irmãozinho?", perguntou Jeff enquanto Will tomava o último gole de sua bebida.

"Nada mal", disse Will. Ele gostava quando Jeff se referia a ele como seu irmãozinho, embora, a rigor, fossem apenas meio-irmãos. Mesmo pai, mães diferentes.

"Nem um pouco bom", disse Jeff, piscando o olho para ninguém em particular.

“ Parece que ela está gostando.” Tom acenou com a cabeça na direção da morena no canto.

"Dá para imaginar o que mais ela gosta de fazer", disse Jeff.

Will se viu encarando os olhos tristes da mulher. Sabia que estavam tristes, mesmo à distância e sob aquela luz, por causa do jeito como ela encostava a cabeça na parede e olhava para o vazio, o olhar perdido e desfocado. Percebeu que ela era mais bonita do que suspeitara inicialmente, embora de uma forma convencional. Não deslumbrantemente bela como Kristin, com seus olhos verde-esmeralda, maçãs do rosto altas de modelo e corpo voluptuoso. Não, a aparência dessa mulher pendia mais para o comum. Bonita, sem dúvida, mas sem brilho. Seus olhos eram sua única característica realmente marcante. Eram grandes e escuros, provavelmente de um azul profundo como a água. Ela parece ter pensamentos profundos, pensou Will enquanto observava um homem se aproximar dela,

sentindo um alívio inesperado ao vê-la balançar a cabeça e virar as costas. "Qual você acha que é a história dela?", ouviu-se perguntar em voz alta.

"Talvez ela seja a amante rejeitada de um príncipe britânico", ponderou Jeff, virando o resto da sua cerveja. "Ou talvez ela seja uma espiã russa."

Tom riu. "Ou talvez ela seja apenas uma dona de casa entediada procurando por um pouco de ação por fora. Por quê? Você está interessado?"

Será que era mesmo? Will se perguntou. Fazia muito tempo que ele não tinha uma namorada. Desde Amy, pensou ele, estremecendo ao se lembrar de como tudo terminou.

"Só curiosidade", ouviu-se dizer.

“Ei, Krissie”, chamou Jeff, apoiando os cotovelos no balcão e fazendo um gesto para que Kristin se aproximasse. “O que pode acontecer?” "Você pode me falar sobre a senhora da romã?" Ele apontou com seu queixo quadrado para a mesa no canto.

“Não muito. A primeira vez que a vi foi há alguns dias. Ela entra, senta-se num canto, pede martinis de romã e dá uma gorjeta muito boa.”

“Ela está sempre sozinha?”

“Nunca reparei em ninguém com ela. Porquê?”

Jeff deu de ombros, em tom de brincadeira. "Estava pensando que talvez nós três pudéssemos nos conhecer melhor. O que você acha?"

Will se viu prendendo a respiração.

"Desculpe", ouviu Kristin responder, e só então conseguiu soltar o ar que prendia seus pulmões. "Ela não faz muito o meu tipo. Mas, ei, vai em frente."

Jeff sorriu, revelando as duas fileiras de dentes perfeitos e brilhantes que nem mesmo a poeira do Afeganistão conseguira apagar. "Não é de admirar que eu ame essa garota?", perguntou aos seus companheiros, que assentiram com espanto. Tom desejava que Lainey fosse mais parecida com Kristin nesse aspecto — aliás, em todos os aspectos, para ser sincero — e Will ponderava, não pela primeira vez desde sua chegada dez dias antes, o que realmente se passava na cabeça de Kristin.

Sem falar da dele.

Talvez Kristin fosse simplesmente sábia além da sua idade, aceitando Jeff como ele era, sem tentar mudá-lo ou fingir que as coisas eram diferentes. Claramente, eles tinham um acordo com o qual se sentiam confortáveis, mesmo que ele não se sentisse.

"Já sei", disse Jeff. "Vamos fazer uma aposta."

"Em quê?", perguntou Tom.

"Quem será o primeiro a entrar nas calcinhas da Srta. Romã?"

"O quê?" A gargalhada estrondosa de Tom fez a sala vibrar.

"Do que você está falando?", perguntou Will, impaciente.

“Cem dólares”, disse Jeff, colocando duas notas de cinquenta dólares no balcão.

"Do que você está falando?", perguntou Will novamente.

“É simples. Tem uma jovem atraente sentada sozinha num canto, só esperando o príncipe encantado dar em cima dela.”

“Acho que isso pode ser uma contradição em termos”, disse Kristin.

"Talvez tudo o que ela queira seja ser deixada em paz", sugeriu Will.

“Que mulher vem sozinha a um lugar como a Zona Selvagem esperando ser deixada em paz?”

Will teve que admitir que a pergunta de Jeff fazia sentido.

“Então, nós vamos até lá, batemos um papo com ela e vemos qual de nós ela deixa levá-la para casa. Aposto cem dólares que sou eu.”

"Fechado." Tom procurou no bolso, finalmente encontrando duas notas de vinte e um monte de notas de um. "Tenho o resto", disse ele, sem jeito.

“Falando em casa”, interrompeu Kristin, olhando diretamente para Tom, “você não deveria estar voltando para lá? Você não quer que se repita o que aconteceu da última vez, quer?”

Na verdade, Kristin era quem não queria que o que aconteceu da última vez se repetisse.

Lainey era tão forte quanto o marido quando estava com raiva, e não tinha vergonha de acordar metade da cidade para descobrir o paradeiro do marido

infiel.

“Lainey não tem nada com que se preocupar esta noite”, disse Jeff com confiança. “A senhorita Romã não vai se interessar pela bunda magra dele.” Ele se virou para Will.

“Topa?”

"Eu não acho."

“Ah, qual é. Não seja estraga-prazeres. Qual é o problema? Está com medo de perder?”

Will olhou para trás, para a mulher, que ainda estava com o olhar perdido, embora ele tenha notado que ela havia terminado a bebida. Por que ele simplesmente não tinha dito ao

irmão que estava interessado? Será que ele estava interessado mesmo? E será que Jeff tinha razão? Será que ele estava com medo de perder? "Vocês aceitam cartões de crédito?"

Jeff riu e deu um tapinha no ombro dele. "Falou como um verdadeiro Rydell. Papai ficaria muito orgulhoso."

“Como vamos fazer isso exatamente?” perguntou Tom, irritado com toda aquela camaradagem fraternal repentina. Durante as quase duas décadas em que ele e Jeff foram amigos, Will não passou de um espinho no pé do irmão. Ele nem era um irmão de verdade, para falar a verdade, apenas um meio-irmão tão indesejado quanto desprezado. Jeff não tinha nada a ver com ele, não falava com ele nem sobre ele há anos. E então, dez dias atrás, Will apareceu do nada na porta de casa, e de repente era “irmãozinho” para cá e

“irmãozinho” para lá e para cá, era de dar ânsia de vômito. Tom deu a Will seu sorriso mais largo, desejando que o “irmãozinho” arrumasse as malas e voltasse para Princeton. “Quer dizer, não queremos que pareça que estamos emboscando ela.”

“Quem falou em emboscada? A gente simplesmente vai lá, agradece por ela ter nos apresentado aos prazeres dos antioxidantes com vodka e oferece para comprar outra para ela.”

"Tenho uma ideia melhor", sugeriu Kristin. "Por que não vou lá, converso com ela por alguns minutos e tento sondar o terreno, ver se ela está interessada?"

“Descubra o nome dela de qualquer maneira”, disse Will, tentando Ele precisa pensar em uma maneira de se livrar da situação sem se envergonhar ou alienar seu irmão.

"Quanto você quer apostar que o nome dela começa com J?", perguntou Tom.

"Aposto cinco dólares que não", disse Jeff.

“Há mais nomes que começam com a letra J do que com qualquer outra letra.”

“Ainda faltam vinte e cinco letras no alfabeto”, disse Will. “Concordo com o Jeff nessa.”

“Claro que sim”, disse Tom secamente.

“Ok, pessoal, já estou indo”, anunciou Kristin, voltando para o lado deles do bar. “Querem que eu diga alguma coisa para a moça em nome de vocês?”

"Talvez não devêssemos incomodá-la", disse Will. "Ela parece estar com muitas coisas na cabeça."

“Diga a ela que vou dar-lhe algo em que pensar”, disse Jeff, dando um tapinha brincalhão na bunda de Kristin para que ela se afastasse. Os três homens acompanharam com os olhos o seu rebolado exagerado enquanto ela desfilava entre as mesas em direção ao canto mais afastado do salão.

Will observou Kristin pegar o copo vazio da mesa da mulher, as duas mulheres iniciando uma conversa com a mesma facilidade e naturalidade de amigas de longa data. Ele viu a Srta. Pomegranate virar-se repentinamente na direção delas, a cabeça inclinando-se provocativamente para um lado, um sorriso lento se espalhando pelo seu rosto enquanto Kristin falava. "Está vendo aqueles três caras no final do bar?", imaginou ele Kristin dizendo. "O bonito de preto, o magrelo com cara de bravo ao lado dele, o de aparência sensível com a camisa azul de botões? Escolha um. Qualquer um. É só pedir."

"Ela está voltando", disse Jeff, enquanto, momentos depois, Kristin se afastava da mulher e começava sua lenta caminhada de volta ao bar, com os três homens

se inclinando para frente em uníssono para cumprimentá-la.

“O nome dela é Suzy”, anunciou ela sem parar.

“São mais cinco que você me deve”, disse Jeff a Tom.

"Só isso?", perguntou Tom a Kristin. "Você ficou lá o tempo todo, e é só isso que você tem?"

“Ela se mudou para cá de Fort Myers há uns dois meses.” Kristin voltou para o seu lado do balcão. “Ah, é mesmo. Quase me esqueci”, disse ela com um grande sorriso na direção de Will. “Ela escolheu você.”



ATRIA BOOKS

JOY FIELDING é autora dos best-sellers do New York Times Still Life, Charley's Web, Heartstopper e Mad River. Estrada, Marionete, Perdido, Sussurros e Mentiras, Grande Avenida, O Primeiro Ela é autora de romances aclamados como "Time", "See Jane Run" e outros. Divide seu tempo entre Toronto e Palm Beach, na Flórida. Visite seu site em

www.JoyFielding.com .

CONHEÇA OS AUTORES, ASSISTA A VÍDEOS E MUITO MAIS EM

SimonandSchuster.com

A FONTE PARA GRUPOS DE LEITURA

TAMBÉM DE JOY FIELDING

Teia de Charley

Parada cardíaca

Estrada do Rio Louco

Fantoche

Perdido

Sussurros e Mentiras

Avenida Grand

A primeira vez

Peças que faltam

Não chore agora

Não me conte segredos

Veja Jane correr

Boas intenções

O Fundo do Poço

Pena de prisão perpétua

A Outra Mulher

Dê um beijo de despedida na mamãe

Transe

A Transformação

Os melhores amigos

Esperamos que você tenha gostado de ler este e-book da Atria Books.

Inscreva-se em nossa lista de e-mails e receba novidades sobre lançamentos, ofertas, conteúdo bônus e outros ótimos livros da Atria Books e da Simon & Schuster.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

ou visite nosso site para se inscrever em

eBookNews.SimonandSchuster.com



Uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

1230 Avenue of the Americas

Nova Iorque, NY 10020

www.SimonandSchuster.com

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Direitos autorais © 2009 por Joy Fielding, Inc.

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes dele em qualquer formato. Para obter informações, entre em contato com o Departamento de Direitos Subsidiários da Atria Books, 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020.

Esta edição em brochura da Atria Books é de fevereiro de 2010.

ATRIA e o colofão são marcas registradas da Simon & Schuster, Inc.

O Simon & Schuster Speakers Bureau pode levar autores ao seu evento presencial. Para mais informações ou para agendar um evento, entre em contato com o Simon & Schuster Speakers Bureau pelo telefone 1-866-248-3049 ou visite nosso site em

www.SimonandSchuster.com .

Capa criada por Jae Song. Foto © Simon Ladefoged/Getty Images ISBN 978-1-4165-8528-2

ISBN 978-1-4165-8536-7 (e-book)